

Obras

de Domingos dos Reis Quita

Vol. I

PRÓLOGO DO EDITOR

A POESIA é tão antiga como o Mundo. Teve o seu nascimento com a Natureza. O Homem, esta admirável Obra só própria do nosso Deus, apenas saiu das mãos do Criador e viu a luz do Mundo, pasmou e se admirou do maravilhoso espectáculo do Universo. Continuando os tempos da sua criação e dilatação, os Homens, ocupados e entranhadamente atacados de um objecto, o único digno de ser amado, alçaram a VOZ, publicaram a Grandeza, a Majestade, a Sabedoria, a Perfeição de Deus; procuraram todos os modos de engrandecer e louvar tantas maravilhas; valeram-se das vozes e, achando que o modo vulgar de se explicarem era pouco, recorreram a unir e a ajuntar uns poucos de sons, ainda que nos princípios tocam inarticulados, formaram ideias dos seus sentimentos, consultaram a Natureza, buscaram o grande, o sublime, inventaram expressões elevadas, e de tudo isto formaram uma espécie de Poesia, um certo número e harmonia: esta é pois a origem da Poesia. O seu único princípio e fim foi só destinado para os louvores do Altíssimo. Foi consagrado pela Religião para o seu uso, desde a origem do Género Humano. A Religião, os Usos, as Cerimónias, a Lei, a História do Mundo, a notícia das maravilhas de Deus estavam conservadas e guardadas nos Cânticos, que os Povos sabiam de cor e amiudadamente repetiam. A Escritura é a evidente testemunha desta verdade. Leiam-se com sério cuidado os Profetas, Job e os demais, Os Provérbios, os Salmos de David, o Cântico de Moisés sobre a passagem do Mar Vermelho e o Cântico dos Cânticos, e se achará quanto ela foi abraçada em todos os tempos.

Quem sossegou e domou a ferocidade e braveza de tantos Povos selvagens, ferozes tigres carniceiros e danados leões, que se nutriam com a carne e sangue de seus irmãos? Quem os ajuntou e uniu nas Cidades? Quem os limou, desbastou e poliu? Quem lhes arrancou os abusos, as superstições e as desenvolturas? Quem lhes formou as Famílias, estabeleceu as Nações? Quem lhes introduziu as Leis? Quem os sujeitou a elas? Quem lhes mostrou a bela, a cândida face da verdade e da virtude? Quem lhes a vi vou o uso da razão? Não foi a Poesia, de quem os Homens receberam tantos bens? De quem alcançaram tantos prodígios? E a quem devem tanto?

Nenhuma outra cousa eram antigamente os Poetas, senão uns sãos e sólidos Filósofos que, com a máscara do deleite e do encanto, pretendiam refrear as desordenadas paixões dos Homens; introduzir-lhes sentimentos honrados e de probidade, ideias nobres; fazê-los obedecer às Leis; respeitar as cousas Sagradas, não as misturar com as Profanas; distinguir o bem público do particular, proibir a liberdade de affectos torpes e desonestos; dar regras e económicas leis aos casados; fundar Cidades, promulgar Leis.

Os Santos Padres abraçaram e estimaram este género de Escrito. O constante uso que houve de se ensinarem os Poetas Pagãos nas Escolas, é uma prova da sua

estimação. Sabemos que uma Santa Matrona, Religiosa e respeitável pela sua piedade, a Mãe de S. Fulgêncio quis que o seu filho aprendesse de cor todo o Homero e parte de Menandro, antes que soubesse os Elementos da Língua Latina. S. Basílio e S. Gregório Nazianzeno com grande vontade se aplicaram à lição dos Autores Profanos e mormente à dos Poetas. As Humanidades, de que S. Agostinho fazia tanto apreço e tanto nelas se distinguiu, foram a causa de que ele pudesse persuadir, convencer e tocar mais os ânimos de tantos rebeldes e fugitivos da verdadeira Religião. S. Basílio prova que a Poesia não é só capaz de deleitar e instruir, porém, até de emendar os costumes e fazer abraçar a virtude; para o que cita aqueles bem conhecidos Versos de Hesíodo onde energicamente se acham pintados os dous caminhos, o do vício e o da virtude. As Verdades e Autoridades Santas são como uma árvore carregada de frutos saborosos e sadios, a cujos frutos servem de folhas e flores a Ciência Profana, que os adornam e aformoseiam. E a verdade simplesmente dita e mostrada, raras vezes, ou nunca, persuade tanto, como rebuçada com o agradável e harmonioso.

Tapem-se os ouvidos aos alaridos daqueles que, cega e inconsideravelmente, clamam que a Poesia corrompe os corações e é a causa de imensos desvarios; e citam vaidosos o lugar de Santo Agostinho no seu Livro das Confissões, no qual este Santo e Sábio Padre e arrepende de ter chorado quando fera em Virgílio a vivíssima e patética pintura da morte de Dido. Não se lembrando de que este mesmo Padre diz o mesmo, por se ter arrebatado muito pelo Cântico da igreja. E que Moral tiraremos daqui? Que se despreze a Poesia e o Cântico da igreja? Não. Que não nos devemos arrebatamos tanto por estas coisas mundanas, o que só deveríamos fazer pelas Divinas. Esta é a inteligência que se tira da letra destes dous lugares. Porque quanto a Eloquência e a Poesia são necessárias ao Orador para persuadir e mover o seu ouvinte, bem o mostra maravilhosamente este Padre no seu doutíssimo Tratado da Eloquência Cristã, nos seus admiráveis Livros de Doutrina Cristã. Logo aqui a razão nasce do abuso, porque do contrário haveria um absurdo, ou um erro, em que cairia este grande Doutor.

Não se confunda a boa Poesia com esta, aonde se encontrar com um tecido de amores lascivos, pensamentos livres e desonestos; aonde se não topa nem com a Moral, nem com a Natureza; aonde vemos Homens voando e Estátuas falando cuja dicção é bárbara, dissonante, tudo um montão de palavras inchadas e grandes; aonde não há nó, nem união, nem simplicidade. Esta qualidade de Poesia, sim, corrompe os costumes, nada ensina, e em lugar de fazer os Homens melhores, os torna piores e mais indignos. Mas, aqueles em que se descortina a Moral, a Crítica, a Virtude, que debaixo de cheirosas flores traz o veneno da invectiva e da repreensão aos maus costumes dos Homens, que está ataviado segundo os preceitos da Arte, que imita a sã Natureza, que busca a Verdade, que toca, que arrebatamos, quem dirá que nela não achamos os Homens utilidade?

Nus bons Autores Poéticos acham os Oradores Profanos, os Sagrados, todos os Homens, de que tirarem muito fruto: as palavras, os pensamentos, a Moral e o conhecimento de que são, e do que podem vir a ser. E lembrado eu destas fortíssimas razões não reimprimiria as Obras de um, que tanta estimação mereceu entre os Portugueses modernos? Domingos dos Reis Quita, cuja ocupação) o fazia desconhecido daqueles que para mais nada olham senão para uma brilhante fortuna, uma antiga e esclarecida ascendência, sem se lhes lembrarem que a sólida Grandeza consiste na virtude, nos talentos e em um bom proceder Civil e Cristão, e que o mais só para na estimação dos Homens, que esta é que faz a uns grandes, a outros pequenos; este Homem, que com razão conheceu que um bom Cidadão não só deve aperfeiçoar-se na ocupação que a Providência lhe destinou, como aumentar, polir os seus talentos, para que o pensamento nunca esteja ocioso; se aplicou esmeradamente aos Estudos

Poéticos, conseguindo à custa de muito trabalho, estudo e aplicação ganhar a estimação daqueles Homens, que todos o julgavam de Letras e ser admitido na nossa Arcádia, donde saíram produções de gosto e de crédito para nós. Fiz a primeira Edição das suas Obras em que, na verdade, há muito merecimento, muita imitação da boa Antiguidade, lição de Gregos e Latinos, amor, e afeição à nossa Língua Portuguesa. Os seus Versos estão arredados daqueles termos e frases que somente servem de encher o discurso sem utilidade, nem Verdade, nem Moral, palavras altissonantes, e só estribadas em toantes e consoantes, que tiraria a rima, tudo degenera em grosseira Prosa. Mereceram suas Obras grande aceitação dos Homens Sábios e de bom gosto; para glória sua bastava o seu Drama de Licore e a belíssima Tragédia de Hermione, em que tanto se quis moldar ao Teatro Grego. Resolvi-me, pois, a reimprimir as suas Obras, por serem já raríssimas; e sabendo a irmã do defunto Autor que eu lhe queria dar nova vida, Imortalizando mais o seu nome, me deu todos os Manuscritos que tinha de seu Irmão, e assim darei ao Público todas as Obras de um Autor nosso e moderno

Creio que o Público acolherá benignamente este meu desejo e vontade, a qual, ainda que pareça tem por mira a minha utilidade, contudo é maior o gosto que tenho de fazer mais conhecidos aqueles Autores que o merecem, e de que se possa tirar utilidade. Que reimpressões se têm feito de Obras de que se tirariam imensos proveitos para quem as faz, mas o Público nenhum alcançaria? E outras, que tanto crédito dão à Nação, estão esquecidas e enterradas em um vergonhoso silêncio. Não é justo, pois, que isto suceda às de Domingos dos Reis Quita. Com a lição das suas Obras e com a memória de quem foi no Século em que vivemos com o Reino e a Corte cheia de Homens Sábios, que desveladamente intentam aperfeiçoar e continuar os nossos bem começados estudos e gosto, se despertará em todos uma grande curiosidade de o imitarem, de o lerem e de estudarem, de maneira que em breve tempo possa contar esta Corte e Reino Sábios, que façam esquecer os dos dourados e felizes Séculos da boa Literatura Portuguesa; e, com animosidade e denodadamente, calquem e pisem a atrevida e soberba cabeça da presumida ignorância e pedantaria, para glória de Portugal; para que os Estranhos saibam que esta Nação produziu sempre Espíritos grandes, que com tanto crédito seu não só admiraram aos próprios mas até atroaram aos Estrangeiros aonde, pública e francamente, ensinaram; aonde as suas Obras são buscadas e lidas com grande alvoroço e estimação; aonde, finalmente, entre os seus Escritos são citados os Portugueses, como Mestres da primeira ordem.

Não temam, pois, os Portugueses continuar no caminho das Letras. Tudo lhes é favorável: uns Monarcas sábios e amantes das Letras; o Ministério desabusado e acolhedor dos Homens aplicados; um Tribunal que cuida seriamente no aumento das Letras, e não perde ocasião de lhes introduzir o bom gosto e arredá-los da corrupção; uma Academia em que se vigia por polir e desbastar os erros de uma louca ou superficial Literatura, e em descobrir novas produções; nada resta, pois, senão o não perder o tempo ociosamente, aplicarem-se, estudarem para conseguir a geral estimação e cumprirem com as suas verdadeiras obrigações.

EPÍTOME DA VIDA DE DOMINGOS DOS REIS QUITA,

Por Miguei Tibério Pedegache Brandão Ivo

Se a lisonja e o interesse prodigalizam louvores aos Grandes, a Justiça e a gratidão ditam os elogios que aos Homens de merecimento se concedem. E quem pode, com mais razão do que os Artistas célebres que ilustram a Pátria, pretender aos aplausos? A reverência, que à sua memória se retribui, não só é honra devida às suas cinzas, mas é tributo merecido pelas suas Obras, e que se paga ao seu talento. Ornemos, pois, de flores o túmulo que com tantas lágrimas banhámos, e levantem a amizade e o sentimento um troféu à glória e lembrança de um fiel, extremoso amigo, cuja perda irreparável, enquanto me animar a vida, chorarei saudoso.

Domingos dos Reis Quita nasceu no dia 6 de Janeiro de 1728 e recebeu a Graça Baptismal na Freguesia de S. Sebastião da Pedreira. Seu Pai, José Fernandes Quita, que contratava em panos brancos, por causa de adversidades no seu Comércio desamparou a Pátria e o deixou da idade de sete anos, com seis irmãos mais, entregues ao cuidado de Maria Rosária, sua Mulher. Enquanto da América, para onde passou, fez algumas remessas, a económica Mãe foi dando a seus filhos a educação que convinha à sua tenra idade e às suas posses; mas, cessando de todo as notícias e os socorros, faltaram os meios para as precisões da vida e, apesar do juízo perspicaz, compreensão fácil e prontidão de memória com que a Natureza dotara a Domingos dos Reis, a indigência atalhou que ele se dedicasse dos estudos, com que se cultivam os engenhos.

O desamparo em que se viu aquela infeliz Mãe carregada de filhos, a obrigou a fazer aprender a Domingos dos Reis a Ofício de cabeleireiro. Treze anos de idade contava então e, na viveza e discrição das suas respostas, dava seguros argumentos da felicidade do seu engenho, Empregava os sobejas do tempo na lição dos Livros. As Obras de Francisco Rodrigues Lobo desenvolveram o seu Estro Poético, e as do famigerado Camões o familiarizaram com as Musas. A beleza do estilo, a Natureza, brandura e cadência do metro, a fineza dos pensamentos que se admiram naqueles dous insignes Poetas, fizeram tal impressão no seu espírito, que depositou na feliz memória a maior parte das suas Composições.

Começou Domingos dos Reis a fazer Versas sem ter lido Poética alguma, nem saber as Regras da Poesia e, procurando imitar os seus modelos, se entregava ao seu génio. Na Écloga intitulada *Alcino*, que fez na puerícia, se descobre tanta suavidade e afluência, que parece o embalaram no berço as Musas para ser um dia a honra do Parnaso. Mas, era tal a desconfiança que tinha do seu talento, e a sua modéstia, que muitos anos cultivou a Poesia sem que nenhum dos seus mais íntimos amigos o sonhasse capaz de fazer Versos. Dava por Autor dos que mostrava a um Religioso das Ilhas. Aparecendo, porém, o Soneto

Begnino amor os ímpios que te ofendem,

começou a descobrir-se o segredo e, finalmente em certas se tornaram as suspeitas, num divertimento que se fez na Moita, na quinta chamada de Santo António). Desde aquele tempo, começou a dar brados o engenho de Domingos dos Reis, e todos os que eram inclinados à Poesia procuraram conhecê-lo. José António de Brito, cuja morte lamentou o nosso Poeta com tanta ternura e suavidade na Elegia

Pastores que no campo dilatado,

informando o Excelentíssimo Conde de S. Lourenço, cujo merecimento se fazia respeitável pela sua literatura, do novo fenómeno que aparecia na República das Letras, este sábio Cultor das boas Artes, desejou ouvi-lo. Na primeira conversação que com ele teve, ficou tão satisfeito da sua viveza e subtil penetração, que repetidas vezes o procurou em sua casa e lhe deu sempre depois as mais demonstrativas provas de affecto e amizade.

Revelado o segredo, que com tanto cuidado e tantos anos encobrira, se desvelou Domingos dos Reis em merecer a reputação que lhe haviam granjeado os seus ensaios e, para suprir a falta da Língua Latina, se applicou ao estudo da Espanhola, Italiana e Francesa. Corresponderam os progressos do talento, e não houve Livro bom nestas três Línguas que não lesse e meditasse.

Instituindo-se a Arcádia Olissiponense para restauração das Boas Letras e, principalmente, da Poesia inteiramente descaída, com unânime voto foi aclamado no número de seus alunos. Nas doudas Conferências, que se fizeram particulares e públicas, conheceu quanto importava estudar as Leis da Poética e os melhores Autores que desta Arte Divina escreveram. Com o socorro de elegantes traduções, leu Aristóteles e a maior parte dos seus Comentadores, assim como os Poetas Gregos, Latinos, Alemães e Ingleses de melhor nota. Aprendeu de cor a Poética de Horácio traduzida em Verso Português pelo elegante Escritor que, debaixo do nome de Cândido Lusitano, tanto illustrou a Pátria. Mas, o que a todos causava maior admiração, era o tacto subtil com que distinguia os lugares mais delicados de qualquer Poeta ou Orador. Nenhuma das suas belezas lhe escapava, e com sagacidade conhecia ainda os toques insensíveis que caracterizam o Homem de talento, e que só aos Homens profundamente eruditos, ou dotados de raríssimo engenho, são perceptíveis. Com prontidão e agudeza, percebia as questões mais difíceis, e de alguma sorte adivinhava a solução dos problemas mais complicados das Ciências que não cultivava.

Não lhe devera menor desvelo a Retórica e a Mitologia, que tanto facilitam a introdução no Parnaso sendo a sua Musa, assim Heróica como Lírica, muito aplaudida por todos aqueles a quem não cegava a inveja.

Nunca se contaminaram as suas composições com termo algum licencioso, nem se permitiu a menor expressão satírica. «A sátira», se lhe ouviu dizer muitas vezes, «é a linguagem da inveja, e tanta mais abominável que todos se inclinam a crer o Satírico sempre malévolo; e, como se persuadem que não poupa vivos nem perdoa a mortos, todos o aborrecem e contra ele conspiram; e, quando assim não fosse, sempre deveria ser dotado de são e puros costumes, porque na realidade nada é mais odioso que um Satírico dissoluto, que censura vícios alheios, ou supõe defeitos a seus émulos. Se acaso se julga permitido tudo, porque sabe com sal maligno adubar os seus Epigramas, pela mesma razão pode um Espadachim acometer e insultar os Homens mais circunspectos e honrados.» Em outra ocasião, falando-se a respeito dos Satíricos, acabou a prática com estas palavras judiciosas: «O Satírico, que com dente mordaz lacera a virtude ou os beneméritos, corre o risco de ser tratado como aqueles rapazes inconsideráveis e malignos que os cães acossam, e por eles acabam quase sempre devorados. Comparo o Satírico ao Macaco, porque só se empenha em divertir os outros; mas, no meu conceito, como ele deveria ser tentado: um instante faz rir, mas logo enfastia, e quase sempre é espancado e expulso.»

Persuadiu sempre Domingos dos Reis a seus amigos, que cultivavam as Letras, de se eximirem de altercações indecentes; porque, além de perderem a estimação e desautorizarem o carácter dos Sábios, davam liberdade aos ociosos para, com dura irrisão, mofarem deles. Atendia à Crítica, como um ridículo de mais naqueles que, pelas

suas Obras, não excediam os Escritores que censuravam.

O influxo que teve para a Poesia, principalmente Pastoril, era tão cadente e copioso, que bem mostrava haver recebido os seus preceitos menos da Arte, que da Natureza. As suas Éclogas e Idílios servirão eternamente de honorífico ornato no Templo de Apolo: neles competem a elegância e harmonia do metro, com a novidade das ideias e delicadeza dos conceitos.

Nos seus Versos Eróticos se conhece a ternura da sua Alma, e não deve admirar que um coração, que amou tão desvelado, fosse o Trono de todas as Virtudes Morais. Nos Sonetos e Odes uniu, com industriosa natureza, ao sólido dos pensamentos o sonoro das vozes. Se não soube a Língua Grega, nem a Latina, tio seu elevado engenho achava, sem trabalho, o que os outros procuram com fadiga na contínua lição de imensos Volumes.

A sua *Licore* Drama Pastoril excede a *Aminta* e *Fili* de Siro, o *Pastor Fido*, e *Alfeu*, com que os Italianos se gloriam, tanto na viveza e no interessante da acção, quanto na observância das Regras do Teatro e beleza dos pensamentos, livres daquelas argúcias epigramáticas mais duras que sólidas, tão contrárias à Natureza, e tão alheias da verdadeira expressão dos affectos, que a cada passo se encontram naqueles famigerados Dramas, pois Domingos dos Reis nunca procurou flores, quando era tempo de colher frutos. Nas Tragédias que compôs bem prova que sabia, com igual harmonia, tocar a trombeta heróica, como a fruta bucólica.

Alguns Zoilos invejosos da grande reputação, que o deu a conhecer até aos Estranhos, intentaram com petulantes Sátiras desassossegar a paz ditosa que gozava no regaço das Musas e nos braços da Amizade, deslustrando os seus Escritos e o seu nascimento; mas ele, qual experimentado viandante que se não desviava do caminho para fazer calar importunas cigarras que, com áspera gasnada, pretendem perturbar a doce melodia dos alados Cantores, a nenhuma respondeu, e soube vingar-se compondo novas Obras, que maior realce davam ao seu nome. Porém, àqueles que o arguíam de plebeia geração, podia ter perguntado quem eram seus ascendentes, e dizer-lhes vosso Pai é Homem desconhecido, e vós acrescentais a vileza do nascimento à ignorância e à fatuidade. Nunca os Homens verdadeiramente Fidalgos, ou que pensam nobremente, mas sim pelões enfronhados, desprezam o Sábio, porque de preclaros Avós não tinham a sua origem. A ciência, o merecimento, os talentos e as virtudes não são de ordinário objectos da inveja, senão para aqueles pigmeus que se levantam na ponta dos pés para adquirir uma linha mais de altura sobre aqueles que, igualando em nascimento, os excedem pelos dotes da Alma e do entendimento; e não é menos ridículo increpar um Homem da sua geração, do que arguir outro, porque nasceu aleijado. Nascer grande é acaso da fortuna: fazer-se grande pelo merecimento, esta é a verdadeira grandeza. A Nobreza herdada é Nobreza fantástica, quando a não adornam a ciência e as virtudes pessoais, pois de que vale a um cego ter tido Pais de vista muito aguda? Assim o reputava o Imperador Constantino, quando dizia que antes quisera a nobreza do saber que a do Império.

Perguntara aos assertores deste errado Sistema com que justiça pretendem que o Cidadão humilde, que por meio do estudo adquiriu as sábias disciplinas de Minerva, e pelo merecimento granjeou as estimações dos Grandes e conciliou o affecto de todos, se envergonhe de não haver nascido Fidalgo, como se dele houvesse dependido dar-se outros progenitores. Aquele, a quem a preocupação faz susceptível de semelhante fraqueza, merece o desprezo de que o seu ridículo orgulho procura obrigá-lo; mas, se com olhos filosóficos contempla no nascimento dos Homens a ordem imutável e absoluta da Providência, e por esta consideração vive contente com o seu destino, os que o desprezam não podem ser senão espíritos vis, sumamente desprezíveis eles

mesmos. Júlio César, o maior dos Romanos, admitia à sua mesa muitas vezes o Poeta Catulo e, no mesmo dia, em que triunfou das Gálias com tanta pompa, não se esqueceu no meio dos aplausos de um Povo numeroso e das aprazíveis demonstrações de júbilo do seu exército vencedor, de convidar aquele célebre Poeta a vir no Capitólio cear com ele, com todo o Senado com toda a Nobreza Romana, com muitos Reis, Príncipes e Embaixadores estrangeiros Carlos IX, neto de Francisco I, Rei de França, nas Conferências eruditas que regularmente fazia no Paço, nunca quis lugar distinto entre os Sábios que compunham aquele célebre Congresso, e se levantava logo que algum daqueles, de quem por colega se honrava, aparecia na Sala. Que vantagens, que distinções mais brilhantes, podia procurar o nascimento mais ilustre?

Aos Sábios é inútil vaidosa Genealogia; a Ciência que os adorna, ilustra a sua estirpe. Se tem merecimento, escusam preclara ascendência; se o não tem, de que lhes servem ramos *de* troncos esclarecidos Admira-se, porventura, Luís de Camões por ser descendente de Vasco) Pires de Camões, Senhor das Vilas do Sardoal, Concelho de Gestaçô, Alcaide Mor de Portalegre e Alenquer, do Concelho de El-Rei D. Fernando, ou por ser Autor dos Lusíadas? Lembra-se alguém, lendo as Obras de D. Francisca Manuel de Melo, que ele foi Comendador de Santa Maria da Assunção, do Lugar de Espichel Oiã, de Santa Maria do Hospital e de S. Simão de Viana? Pergunta quem lê a *Corte na Aldeia* e as *Primaveras* de Francisco Rodrigues Lobo, se eram seus Avós Fidalgos? Louva-se João de Barros por ser neto de Álvaro de Barros, Morgado da Moreira e descendente de Martim Martins de Barros, antiquíssimo Fidalgo, ou por ser o Tito Lívio Português? Importa a quem lê a *Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires* e a *Crónica de S. Domingos*, se os Avós de Frei Luís de Sousa eram ilustres ou plebeus? Os Ingleses, entre os Mausoléus dos seus Reis, erigiram túmulos a alguns dos Sábios que, com seus Escritos, honraram a Nação; e os Estados de Holanda bateram uma medalha em louvor de um Poeta Francês, a quem tantas vezes os fátuos arguíram a baixeza da sua origem. Se nos Grandes a Ciência realça a Fidalguia, pela mesma razão nos pequenos deve purificar as fezes da sua origem. Logo, o merecimento constitui só a verdadeira Nobreza, pois quanto à Antiguidade da Estirpe nada há mais frívolo, quando não há outro esmalte: tanto mais que forçosamente e por física necessidade é preciso que o rústico vaqueiro que hoje vive, lenha uma ascendência tão vetusta como o Mundo, sem o que não existira e ainda que, talvez seu Avô não conheça, é certo, que teve progenitores, e que do primeiro Homem descende sem interrupção e por linha recta.

Se Domingos dos Reis se não distinguiu pelo esplendor do nascimento nobilitava-se pela delicadeza do juízo, agudeza do engenho, sagacidade da penetração, profundidade do talento, energia da Alma, pureza dos Costumes e pela união das Letras com as virtudes, cujos dotes que em outros espíritos podiam influir desvanecimento, nele serviam de manifestar mais a modéstia do seu ânimo. Com sinceridade e singeleza dizia o seu voto àqueles que o consultavam, e com gratidão e docilidade adoptava o parecer alheio a respeito das suas Obras. O amor da Verdade era uma das suas primeiras virtudes aborrecia e detestava todas as simulações e artificios da mentira. Todos os seus sentimentos eram regulados pelas luzes da boa razão e dirigidos pelos ditames da prudência. Foi sempre urbano e fiel no trato civil dos Homens, e poucos possuíram em grau tão eminente as virtudes de que se compõem o vínculo da Sociedade. Extremoso e constante nas amizades, nem a ausência, nem as adversidades dos seus amigos puderam romper os laços da fé que lhes professara. Mostrando-se-lhe um Tratado sobre a *Amizade* não o quis ler, dando como desculpa que semelhantes Tratados julgava inúteis, por não emendarem as corações falsos, e os não precisarem os corações ternos e bons. A suavidade do seu ânimo, que excluía todo o ressaibo de amargor e aspereza, fazia o seu

comércio sumamente apazível. Com afectuosa e agradecida lembrança, incessante repetia os benefícios recebidos. Os ingratos, repetiu ele muitas vezes, deveriam ser castigados com aspereza por incapazes de cumprir obrigação alguma para com Deus, para com a Pátria, para com os parentes e amigos. Atendia circunspecto nas palavras de que usava para que, referindo-se ao sentido em que as dizia, a ninguém escandalizasse nem dessem lugar à maledicência de as interpretar sinistramente. Em todas as suas acções obrava com decoro, porque no seu conceito, assim como o devia ser no de todos, profanar a decência era ultrajar a honestidade e não zelar a honra própria e alheia. Era Devoto sem hipocrisia, Religioso sem superstição, Literato sem soberba.

Todos estes dotes esmaltava Domingos dos Reis com um génio afável e benigno, com que se fazia universalmente amado. A sua conversação agradável, sendo naturalmente jovial, era sempre judiciosa, e a sua vasta memória lhe representava a tempo os factos da nossa História mais interessantes, os passos dos Oradores mais instrutivos, ou elegantes os lugares dos Poetas antigos e modernos mais delicados, como testemunharam tantas vezes aqueles que familiarmente o tratavam. Era fiel para com seus amigos e compassivo para os ingratos, por ser dotado de coração cândido. Venerava com tão cordial affecto a Maria Santíssima que poucos dias antes da sua morte parafraseou a *Salve Rainha* num elegantíssimo Soneto. Dissimulava os agravos próprios e encobria os defeitos alheios. Com moderação tolerava a injustiça da fortuna, nunca mais cega que quando lhe negava os prémios merecidos ao seu grande talento e os concedia a outros, que lhe eram inferiores em engenho e merecimento. «Com pouco me satisfação», lhe ouvi dizer muitas vezes, «e sou feliz de não ter ambição e de não esperar cousa alguma da fortuna; porque, em todas as ocasiões em que me luziu alguma esperança de melhorar de estado, em breves instantes a vi desvanecida».

Sendo promovido ao Arcebispado de Braga o Sereníssimo Senhor D. Gaspar, intentou Domingos dos Reis recolher-se à sombra de tão firme e poderoso amparo. Sua Alteza, informado do seu merecimento, estava resoluta a admiti-lo na sua casa; mas um daqueles Homens austeros, que se persuade que a virtude consiste na faustosa aparência de simulada modéstia, dissuadiu o Régio e Religioso Prelado de conceder o benéfico asilo de que Domingos dos Reis havia sido esperançado, com o fútil pretexto que a sua demasiada viveza poderia dissaborear a sua Alteza. Desta sorte se frustrou a lisonjeira especiação que se julgava tão bem fundada; mas, este contratempo tão pouco diminuiu o sincero e obsequioso respeito, com que sempre venerou as virtudes de um Príncipe, mais recomendável pelo zelo de Pastor que lhe inflama a Alma, que pelo Régio Sangue que lhe circula nas veias, que em 1770 lhe consagrou aquele admirável Idílio:

*Celebremos cantando rude avena
O Grão Pastor do Cávado frondoso.*

Ouvindo ler sua Alteza os justos louvores que lhe tributava Domingos dos Reis, declarou, com alguns sinais de sentimento, o motivo porque se eximira de o alistar entre os ditosos que beneficiava. Mas a fortuna, que sempre lhe era oposta, não permitiu que das suas esperanças surtisse efeito favorável aos seus intentos, sendo o seu único fim procurar aquele Sagrado asilo para de todo, e sem cuidados nas precisões da vida, dedicar-se inteiramente a Deus.

Um Ministro de Estado poderoso e repetidas vezes elogiado por Domingos dos Reis, conhecendo o seu raro talento, quis empregá-lo; porém, foi mais dominante o fatal horóscopo do seu nascimento. Atalhou a inveja dos seus émulo os favoráveis projectos do generoso Ministro, e Domingos dos Reis, demasiadamente desinteressado para solicitar recompensas e demasiadamente modesto para se persuadir que as merecia,

nunca pensou em fazer servir ao melhoramento da sua fortuna a boa opinião em que estava conceituado o seu engenho, no espírito do benévolo Protector. Na Providência pôs sempre toda a sua confiança, e tanto mais nela esperava, quanto mais se via desfavoreado da fortuna. Deus remunerou esta Fé viva no seu amparo, pois faltando-lhe tudo, nunca em cousa alguma experimentou falta. Depois da funesta catástrofe do tremor de Terra que assolou Lisboa ~, viu-se desamparado, sem casa, sem abrigo, sem vestidos, sem dinheiro; mas, o Pai comum do Universo que nos casos mais desesperados sempre acode propício, fez achar a Domingos dos Reis na beneficência de D. Teresa Teodora de Aloim casa, abrigo, vestidos e dinheiro. Desde esta Época viveu experimentando os efeitos daquele ânimo generoso, que desvelado prevenia, não as precisões, porque nunca mais as conheceu, sim as cousas que podia apeteecer.

No ano de 1761 enfermou gravemente Domingos dos Reis de uma tísica que, debilitando-lhe as forças, o vizinharam das portas da morte. Nada pode atalhar a caridade com que D. Teresa Teodora de Aloim o tratou na sua doença, nem o perigo de se ver assaltada por um mal tão contagioso, nem o asco dos suores copiosos que comumente acometem os tísicos, nem a tenaz febre que faz exalar cheiro corrupto, que ofende o olfacto e o cérebro. Os caldos e remédios com a própria mão lhe administrava. De dia o alimentava solícita, de noite o velava cuidadosa, suavizando o tormento da moléstia com o mimoso trato, consolatórias práticas, maternal assistência. O Doutor Baltasar Tara, seu Marido, não se mostrou menos assíduo, nem menos afectuoso: medicamentos, desvelo, afabilidade, tudo empenhou para a restauração da saúde do caro amigo, que em todo este tempo se mostrou resignado à vontade do Senhor, tão sofrido e considerado, que nunca da sua boca saíram razões mais abrasadas em amor de Deus, nem louvares mais encarecidos de sua Misericórdia, que quando era maior a tribulação e o perigo. Restituiu-se, porém, quase milagrosamente depois de lutar mais de um ano entre a vida e a morte, devendo esta admirável cura à experiência e perícia do Doutor Tara, e nunca pode ser assaz louvado o zelo com que foi tratado, pois em todo este tempo nunca se desmentiu o affecto, nem desmaiou a caridade de seus Benfeitores.

Como esta consumpção do humor nutriente afecta os bofes e vicia, na sua substância, outras partes necessárias para a vida, nunca de todo convalesce quem uma vez se viu acometido por uma tão) cruel enfermidade. Domingos dos Reis, no ano de 1767, depois de umas terças impertinentíssimas de que procedeu uma febre maligna e se seguiu um ataque de peito muito forte que degenerou em febre lenta que o consumia, chegou quase à meta da mortal carreira e, segunda vez experimentou em D. Teresa Teodora de Aloim igual extremo, inalterável paciência, constante caridade, e na íntima e cordial amizade do Doutor Tara incansável zelo, especial cuidado, atenta vigilância. De noite se levantavam da cama, uma e outro repetidas vezes, D. Teresa para aplicar os remédios ou ministrar os alimentos, o Doutor Tara para observar a moléstia e reflectir no curativo. Venceram os medicamentos e assistência a rebeldia de tão grave enfermidade, e Domingos dos Reis, abaixo de Deus, duas vezes deveu a vida à caridade e affecto de seus sinceros amigos. É justo que se immortalizem estes exemplos de cândida e imperturbável amizade para confusão daqueles corações tíbios, ou empedernidos, que nunca conheceram a doçura de uma mútua benevolência, que a amizade fazem consistir no nome e aparências de amigos, e que nos apertos, ou perigos, são os primeiros a voltar costas e a deixar no desamparo os mesmos a quem na felicidade, ou por conveniência, tinham jurado constante fé.

Sendo a amizade o vínculo da Sociedade Humana e o sustento da Vida Civil, é para estranhar que uma virtude tão necessária seja tão rara. Domingos dos Reis, que tanto conhecia o preço e tão bem desempenhou às obrigações de um bom amigo, quis

antes de morrer eternizar aqueles que, com recíproco amor pagavam seu extremoso afecto e, no Idílio que intitulou a *Amizade*, celebrou o nome de seus mais íntimos amigos.

Estas virtudes, que tanto o ilustram, não são as únicas que a fazem digno do geral aplauso, e que eterna farão a nossa saudade. Na filial ternura quem o excede! Sua Mãe, cheia de anos e enfermidades, se fazia pesada a seu genro António José Cota, por causa dos numerosos filhos que tem, e das adversidades que o têm perseguido. Domingos dos Reis não só para aliviar este honrado cunhado de um ónus, com que carregava havia tantos anos, mas ainda para assistir à Mãe enferma e procurar dilatar-lhe a vida por meio de um trato mais mimoso, resolveu largar a companhia dos seus benéficos amigos e tomar casas próprias. Representando-lhe um amigo quão árdua era a empresa sem renda certa, e só na esperança, que na Providência fundava: «Como me há-de faltar a Providência Divina», responde ele, «quando assiste a todas as obras da Natureza, andando com os animais, voando com os pássaros, nadando com os peixes, correndo com os rios, luzindo com as Estrelas, vegetando com as plantas?». Mas não teve efeito o seu bom ânimo, porque o Senhor lhe deu o prémio, de que se fazia digno por aquele fiel amor.

No dia 13 de Julho de 1770 foi habitar as suas casas novas e no dia 22 de Agosto, depois de uma tormentosa noite, amanheceu muito doente por causa de uma indigestão que o saltara, e logo se persuadiu ser chegado o termo da sua vida. Acudiu o Doutor Tara ao amigo, e vendo que piorava o trouxe para sua casa no dia 23; mas, apesar dos remédios, a cada instante se ia fazendo maior o perigo e, desconfiando de que o bofe já estava gangrenado, lhe declarou o ponto em que estava; ouviu ele o desengano com semblante sossegado, testemunho certo da serenidade que lhe ficava dentro na alma, e respondeu com render graças pela lembrança e pedir os Sacramentos para a jornada que se lhe anunciava, acrescentando que, de acabar seu desterro nenhuma pena sentia, antes que, se um grande Pecador podia falar, levava muito gosto de morrer, pois na sua morte reconhecia a bondade de seu Criador, que lhe queria acabar os trabalhos que lhe estavam reservados, sendo mais dilatada a vida. No dia 26 se lhe administraram os Sacramentos Sagrados da Eucaristia e Unção, admiráveis socorros da Igreja, um para Viático da jornada, outro para esforço da luta que esperava, e os recebeu com resignada piedade e com a devoção de quem morria. Para Deus mostrar ao Mundo o como costuma premiar aos que bem o servem lhe deu, naquela terrível hora, santo acordo, e lhe conservou tão perfeito e tão desembaraçado o juízo, que respondeu a todas as Orações que se rezam no Ofício da Agonia. Recebidos os Sacramentos foi continuando com igual fervor nos Actos de Contrição: unia-se por amor ao abismo da Soberana Divindade, e se abrasava em desejos de romper as prisões da carne. Dizendo-lhe um dos assistentes que sossegasse, que talvez nos remédios que continuava a tomar acharia melhoras, respondeu com veemência, e fitos os olhos no Cristo Crucificado que tinha junto ao leito, «hoje mesmo, hoje hei-de aparecer na presença daquele Senhor.»

Andando todos os rostos, dos que o acompanhavam naquele fatal transe cobertos de nuvens de tristeza e banhados em lágrimas, resplandecia no seu o prazer e a alegria, como quem esperava com alvoroço entregar a sua alma ao Criador; a todos consolava com palavras afectuosas e agradecidas, e a todos admirava pela santa resignação com que se desapegou do Mundo, sendo o espectáculo da sua morte menos espectáculo de angústia e pesar, que de consolação e inveja.

Ia enfraquecendo e acabando por momentos, mas não enfraquecia na intensa dor de seus Pecados, mio santo temor mie Deus, e na constante confiança na sua Misericórdia. Finalmente, pelas quatro horas e meia do mesmo dia 26 de Agosto 1770, fechou o círculo da vida em idade de 42 anos, sete meses e vinte dias, ficando com tão

agradável aspecto que parecia que a um brando sono se entregara. As virtudes Cristãs, que exercitou toda a sua vida e conservou no estado de celibato, em que viveu, o dispuseram para acabar com plácida morte. Assim, dos vínculos do corpo soltou o espírito Domingos dos Reis, memorável na vida pela sabedoria, talento e discernimento; memorável na morte pela paciência com que sofreu as acerbadas dores que o atormentaram, e pela conformidade Cristã com que se sujeitou às disposições e vontade de seu Criador.

CARTA SOBRE A UTILIDADE DA POESIA,

escrita ao Autor por um seu amigo.

Amigo do coração. Muito me alegro com a notícia, que v.m. me dá, de que já as minhas persuasões têm vencido a sua repugnância e que, enfim, se resolve a consentir na Impressão das suas Obras que intentam fazer Mrs. Borel e Rohland. A razão, que até agora o tinha remisso, era quase sem fundamento. Que importa que o Vulgo repute, como v. m. diz, um Poeta por um louco ou por um Membro inútil da República, se em todo o tempo o número dos Sábios estimou a Poesia como a mais bela de todas as Artes? Como aquela que é mais capaz de fazer amável a virtude e de imprimir no coração dos Povos? Se nós estamos vendo que este género de estudo foi o esplendor da sábia Antiguidade, que criou as Artes e as Ciências, e hoje faz a principal glória das Nações mais cultas da Europa, que importa que um Rábula, que nunca abriu Outros Livros mais que alguns alfarrábios de Prática judicial, clame que a Poesia é pueril emprego de ociosos, se ele julga que o ser Poeta consiste em glosar de repente nos outeiros, ou em armar um Romance à maneira do Soares? E julga v. m. que não têm razão estes desprezadores das Musas, se eles mais não distinguem? Se eles não sabem que a Poesia foi inventada para instruir o Homem e para a sua utilidade; e que só o abuso e a ignorância a tem afastado de um tão legítimo fim; e por este meio o que era salutífero remédio, veio a ser veneno perigoso.

V.m. bem sabe que os antigos Gregos, vendo que as verdades da sólida Filosofia não tinham bastante força para moderar os corruptos costumes dos Povos, foram obrigados a procurar o remédio das suas desordens, e recorreram à Poesia, adoptando a Tragédia e a Comédia, como o meio mais seguro para rebater a sua dissolução e ensinar-lhes a Moral. E, na verdade, quem pode mais eficazmente que a Poesia mostrar a Virtude com todo o seu esplendor, a deformidade do vício e as suas funestas consequências? Só esta Arte Divina é que tem o poder de animar toda a Natureza, de abalar o coração, de mover as paixões e de ferir a imaginação; ela usa sem limite de todos os meios de agradar e de instruir. Que cousa há tão admirável, ou estranha, que não seja permitida ao Poeta? Ele pinta, anima os elementos, vivifica tudo, porque as cousas mais admiráveis do Mundo não nos interessam, se não as vemos representadas por um modo sensível. É necessário mostrá-las à nossa imaginação decoradas e cheias de ornamento, e de uma viva luz, sem a qual tudo nos é fastidioso, ou indiferente. Se não falam, por exemplo, de uma noite tempestuosa, muito pouco nos move esta ideia geral, mas se no-la pintam, como Camões nos seguintes Versos:

*A noite negra, e feia se alumia
C'os raios, em que o pólo ardia.*

nos assusta e nos faz tremer. Em uma palavra, é aquela força, aquele fogo, que faz, e fará por todos os Séculos, choram a destruição de Tróia, como nos sucede quando vemos o segundo Livro da Eneida, que nunca o lemos sem nos arrebatarmos e sem derramar lágrimas. Eis aqui o que é só permitido à Poesia; eis aqui como ela nos pinta com a mesma eficácia o vício odioso, a Virtude amável, nos instrui e refreia as desordenadas paixões do Homem.

Pois, que outra causa é o Poema Épico, senão o retrato do Heroísmo, pintado com toda a sua extensão e esplendor? Que outra cousa é a Tragédia, ou a Comédia, mais que o teatro de todas as paixões e dos costumes e, por consequência, a escola da Virtude?

Quem poderá ler Homero, que não aprenda o valor e a prudência? Quem Virgílio, sem que se sinta inflamar no vivo lume da piedade? Que coração ilustre pode ler Camões, que não inveje os trabalhos de Vasco da Gama? Que não aprenda a desprezar os perigos para ilustrar a Pátria? Quem estudará a verdadeira Tragédia, tanto antiga como moderna, que não tire utilíssimas lições? Que não veja abertos e semeados de flores os caminhos da Virtude? Ela ensina a Moral mais pura, o temor das Leis, o amor da Pátria, a submissão dos vassallos, a autoridade dos Soberanos e, mais que tudo), ensina o Homem a conter as paixões naquele certo limite em que consiste a perfeição. Ela nos mostra como os excessos da ira, do orgulho e da vingança nos precipitam em abismos de males. Ela nos adverte que os funestos acidentes da fortuna devem necessariamente suceder e que, aquilo mesmo que nos diverte sobre a cena, nos não deve parecer insuportável, quando o vimos no grande teatro do Mundo. Eis aqui um maravilhoso efeito da Poesia e uma grande utilidade, porque na Tragédia dispõem os mais miseráveis a suportar animosamente os terríveis acidentes da fortuna e julgarem-se venturosos, comparando as suas desgraças com aquelas que a Tragédia lhes representa. Em que lastimoso estado se pode achar o Homem, que não ache leves as suas infelicidades, vendo) um Édipo, um Filoctetes e um Orestes? Mas a Tragédia não nos dá só esta importante lição, ainda vai muito mais longe, porque representando-nos as faltas que precipitaram estes infelices nas misérias que toleram, nos ensina a não cairmos nelas, e a purgar, ou moderar, as paixões, que foram a causa da sua perda. Não haverá ninguém, por exemplo, que lendo o Édipo de Sófocles, não trate de corrigir em si a temeridade, a cólera e cega curiosidade que são a causa da sua ruína. Nós vemos na Tragédia a inocência exaltada, os crimes punidos, a vida sacrificada pelo amor da honra e da justiça, vemos cair sobre o ímpio o formidável poder da Divindade. E que efeito não fazem no coração humano estas alegorias sustentadas pela força da Poesia?

A verdadeira Comédia, ainda que com menos impetuosidade, também nos interessa muito, e nos dá importantes máximas, mostrando-nos a deformidade dos vícios ridículos: aqueles que fazem o Homem objecto de riso, v. g. aquele que, presume de Fidalgo, sendo de humilde nascimento, de sábio, sendo ignorante, ou aquele que julga que o saber e a Virtude consiste em uma esclarecida origem. E que prova bem sensível nos não daria o Poeta do) carácter da Comédia, se nos pusesse na cena uma destas Personagens que declamam contra a Poesia, pondo-lhe na boca os ridículos argumentos com que eles costumam sustentar a sua opinião, acomodando-lhes as risadas e gestos, com que eles festejam o seu desprezo? Haveria cousa que mais divertisse? Haveria nada mais útil para corrigir este abuso) do Vulgo.

Haverá quem negue que a Poesia aplicada ao seu verdadeiro fim é utilíssima, quando se mostra que ela pode, mais eficazmente que todas as Ciências, reformar os costumes e criar Heróis? Não) é a Poesia Dramática a escola dos Povos, e principalmente a Tragédia o mais agradável e o mais necessário de todos os divertimentos? Qual é a Arte que possa instruir deleitando senão a Poesia.

Mas, meu amigo, não condenemos tão severamente a preocupação do Vulgo. Este corpo é sempre o mais numeroso das Repúblicas, e comumente cego: é necessário mostrar-lhe as cousas sensíveis por uma utilidade palpável. E que vê ele sobre o nosso Teatro que lhe não pareça, com bem justa razão, a cousa mais inútil do Mundo, e não só inútil, mas contrária aos bons costumes? Que vê? Heróis afeminados, Damas, que atropelando todas as leis da modéstia e do decoro, exalam na presença de seus mesmos Pais suspiros e lágrimas pelos amantes; os varões, que a História nos representa como exemplo de valor e de constância, querendo morrer a cada passo, ou despenhar-se desesperados por um ciúme, ou por um desprezo; um sórdido gracioso dizendo mil equívocos lascivos capazes de escandalizar os ouvidos dos mais dissolutos – em uma

palavra, um ridículo tecido de novela sem arte e sem decoro. Estes são os espectáculos com que a Mocidade se instrui e se diverte, capazes de corromper o coração mais casto. Aqui se vê o Homem, pintado com toda a sua fraqueza, cair abatido pela veemência dos deleites, e não o vencedor do monstro das paixões. Um estilo lânguido e mole; tudo é ternura, fogos, setas e amor, e não aquele estilo viril que comove o ânimo, que arrebatava o espírito; e, além de ser o nosso Teatro o fermento dos costumes corruptos, é o monstro que Horácio pinta nos primeiros Versos da Arte Poética °. Não se vêem mais que incidentes complicados, lances inverosímeis, costumes confundidos; enfim, relógios cantando e Homens com asas, voando como pássaros. Há nada mais disforme, nem mais inútil? E não é o Vulgo bem arrazoado, se ele despreza a Poesia por semelhante princípio?

Os sábios Legisladores do Paganismo degradavam da República, não só as Fábulas que podiam corromper os Povos, mas ainda aquelas, que lhes não serviam de proveito:

*O Corpo Senatório não aprova
Assuntos, que não sejam proveitosos.*¹

Se neste caso eram tão escrupulosos os Pagãos, qual não deveria ser a severidade das Nações Cristãs contra os espectáculos contagiosos? Mais. Examinemos o Teatro Grego e veremos quanto eles eram exactos em observar as leis do decoro. Em todas as Tragédias de Sófocles não achamos um só vestígio de amor profano. Em Eurípides, sim, vemos Fedra furiosamente namorada de Hipólito, mas vemos o admirável contraste de um mancebo que, apesar das persuasões e afagos de Fedra, se conserva casto. E quanto não forceja Fedra para vencer a sua paixão desordenada, procurando escondê-la até de si mesma? Quanto nos não ensina esta Fábula a purgar, pelo meio do terror e da compaixão, este amor escandaloso, quando chegamos a ver que ele foi a causa da desgraçada morte de duas pessoas tão ilustres? Que bem diferentes quadros nos debuxa comumente a nossa cena! Nós vemos que semelhantes paixões são quase sempre os degraus por onde sobem os namorados à felicidade e ao prémio dos seus suspiros.

Finalmente, meu amigo, assentemos que o desprezo, que o Vulgo faz da Poesia, só provém do abuso que dela tem feito a ignorância, porque de outra sorte basta só ver que os Patriarcas mais veneráveis da Lei Escrita se empregaram fervorosamente nesta Arte. Nada iguala a magnificência dos Cânticos de Moisés; nada a graça e ternura do Cântico dos Cânticos. Os Salmos de David serão sempre a admiração e a consolação de todos os Séculos, e de todos os Povos em que for conhecido o verdadeiro Deus. Enfim, toda a Escritura está cheia do vivo fogo da Poesia.

Mas que grandes esperanças nos não promete o nosso vigilantíssimo Monarca, e o seu incansável Ministro, de vermos a Poesia restituída à sua primitiva? Nós os vemos ansiosamente ocupados em restaurar as Artes e as Ciências que jaziam na última decadência, erigindo Colégios para a educação da Nobreza, Cadeiras para instrução do Público e chamando os Sábios da Europa para fazer Lisboa uma nova Atenas.

Deus vos guarde a v. m. &c. &c. &c.

¹ Horat. *Art. Poét.* na Traduç. de Cândido Lusitano.

ÉCLOGAS

Márcia

Écloga I

Umbrino e Licore

Licore

Graças ao Deus das Selvas, que te vejo
À sombra deste bosque, caro Umbrino!
Quanto propício foi a meu desejo
A meu sincero voto o Deus Caprino!
Achar a terna mãe é doce e grato
A desgarrado e tenro cordeirinho,
Que erra balando pelo agreste mato.
É doce e grato ao simples passarinho
Achar a triste esposa, que escapara
Das cruéis mãos do caçador daninho.
Mas, ó Licore amante, inda é mais doce
O prazer de gozar na selva amena
De Umbrino a desejada companhia,
De tua singular, sonora Avena
Me arrebatava a suave melodia;
De teus brandos acentos a doçura
Me inspira na Alma lânguida ternura;
Mas tu, Pastor ingrato, não respondes,
E em silêncio, com riso desdenhoso
A meus ternos desvelos correspondeste?
Mas, ah, cruel Umbrino! Com desprezo
Tratas Amor tão puro, porque sentes
Por outra mais feliz o peito aceso.

Umbrino

Não, Pastora, do monstro sanguinoso,
Desse Nume cruel, Amor profano,
Fujo mais assustado e temeroso
Que a fugaz cerva do sabujo insano.
É todo o meu desvelo e meu cuidado
Brandos Versos cantar, e que da relva
Se farte na campina o manso gado
À fresca solidão da verde selva;
Os regatos do monte despenhados,
Que banham murmurando as tenras flores;
Os freixos de parreiras enredados

O meu recreio são, os meus amores.

Licore

Ah, fingido Pastor! Para que ordenas
Com atento cuidado esta capela
De cândidos jasmims e de açucenas?
Para quem encerrado tens aquela
Avezinha c'os filhos inda implumes
Entre as miúdas vergas e pintadas,
Que na mole cortiça estão cravadas?
Dizes que a seta aguda e penetrante
Do fero Amor não sentes, e preparas
Os lisonjeiros dons de um terno amante?

Umbrino

Hoje, neste sagrado bosque umbroso,
As Dríades formosas e Napeias
De Márcia o nascimento venturoso
Vêm celebrar com Versos e Coreias;
E submisso com ânimo sincero
Estes dons pelas mãos das Semi-Deas
A tão propícia Ninfa oferecer quero.

Licore

Ah, cruel! Tens a Márcia tão mimosa,
E a Licore tão triste e desgostosa.

Umbrino

Não, maligna Pastora, não entendas,
Que do tirano Amor a chama impura
Pode manchar tão cândidas ofrendas.
Um affecto inocente, uma fé pura,
Me acende o simples tributário peito.
Da gentil Márcia, a singular beleza
Não adoro, Pastora: só respeito
De suas raras virtudes a pureza.
Márcia bela é benéfica e piedosa,
Ama as campestres Musas, e entendida
Conhece a qual Cantor da selva umbrosa
A grinalda de louros é devida.
Seu ânimo sereno, como a pura
Corrente de um rio prateado,
Do celeste semblante a formosura
Lhe reveste do mais risonho agrado.
A candura co'a bela suavidade
Entre a luz de seus olhos aparece,

Como a vaga e brilhante variedade,
Que no colo da pomba resplandece.
Ama os retiros do frondoso prado,
Onde a paz santa, a simples inocência
Tem o benigno Céu depositado.
Seu brando coração ali respira
Co'as silvestres delícias encantado
Os requebros da rola, que suspira
Nos solitários vales pampinosos;
A triste filomela, que os queixosos
Ecos espalha no sombrio ulmeiro,
São de Márcia o prazer mais lisonjeiro.
A solidão dos bosques ama e preza
Para fartar seu terno e casto peito
De uma agradável plácida tristeza.
Benigna Márcia, Ninfa delicada,
Amor das Musas, glória dos Pastores,
Que nas margens do Tejo tem morada!
Ouve na minha fruta teus louvores,
Os dons aceita do sincero Umbrino.
De Márcia ao doce nome; a meus acentos
Pare a corrente o rio cristalino!
Mansos escutem os raivosos ventos!
A rouxa Aurora neste feliz dia
Com portentosa luz nos Horizontes
Estranhas maravilhas anuncia.
As despenhadas fugitivas fontes
Tão sonoras murmuram, que parece
Que modelados Versos vão cantando.
O cordeiro da grata mãe se esquece,
E sobre a fresca relva anda brincando;
Tudo prazer e júbilo respira.
Márcia, Márcia parece estar bradando
Zéfiro que suave o prado gira.
Da bela Márcia, ó Deuses da espessura!
Os dias di latai: sempre amanheçam
Serenos, sempre cheios de ventura;
Que eu sacrificarei nas Santas Aras
Duas brancas pacíficas ovelhas;
São do rebanho mísero as mais caras,
Mas eu vo-las of'reço reverente;
Propícios atendei o meu rogo ardente!

Licore

Enfim cerras, Pastor, o peito duro
Aos suspiros da mísera Licore,
Que extremosa te of'rece amor tão puro.
Oh tu Sagrado Pã, que exp'rimentaste
Os desprezos cia Ninfa fugitiva,

Que dentro na alma enternecido amaste!
Castiga o surdo ingrato, que motiva
A chama que arder sinto nas entranhas;
Faze que o seu rebanho espavorido
Por vales fundos, ásperas montanhas
Como feno c'o vento desparzido
Errando vá sem tino e desgarrado;
Despenhe-se na rápida corrente
Uma rês do rochedo levantado;
Outra do lobo o carniceiro dente
Trague na espessa mata pavorosa;
Que o ferino Pastor de terror cheio
Em lugar de repouso e paz ditosa
Ache de angústias intrincado enleio!
Adeus, cruel Umbrino; nos retiros
De Márcia canta as graças e louvores,
Que o Semi-Capro Deus os meus suspiros
Severo vingará com mil furores.

Umbrino

Vai-te; deixa-me em paz, que nesta Faia
Quero gravar o nome glorioso
Antes que a bela Márcia saia
A gozar do prazer do bosque umbroso.

A Gratidão

Écloga II

Títiro e Amintas.

Títiro

Salve, cantor do Tejo, brando Amintas,
Que à sombra destes álamos frondosos,
Enquanto as trepadoras cabras pascem
Pelas alpestres brenhas penduradas
Do mato agreste as amargosas folhas,
Queixoso tocas a silvestre avena,
Fazendo ressoar no fundo vale
O nome de Amarílis bela e dura;
Deixa de Amor os lânguidos queixumes,
Louco emprego da cega mocidade,
Que debaixo do louro, com que a fronte
As campestres Camenas te cingiram,
Já te alvejam, Pastor, as cãs primeiras;
Já teu sisudo rosto, bem que liso
A sazão mostra da madura idade.
C'os aromas da cândida inocência
Perfuma a doce fruta; brandos Versos
Canta em louvor de Ceres e Pomona,
Dos campos Divindades tutelares.
Sim, caro filho, que chamar-te filho
Bem pode o velho Títiro: tu sabes
Que eu fui quem te adestrou nos verdes anos
Os tenros dedos à delgada fruta.

Amintas

Ah, venerando velho! Que alegria
Me banha o coração? Vem a meus braços;
Já longos tempos há que te não vejo.
Como os enfermos anos te encurvaram!
O corpo enfraquecido pode apenas
No cajado nodoso sustentar-se!
A sombra destas árvores copadas
A suave repouso te convida.
Aqui te assenta sobre a mole relva;
As leves asas Zéfiro banhando
Nas claras águas da serena fonte
Refresca lisonjeiro o verde prado,
Embalsamando os respirantes Ares
C'os puros salutíferos perfumes
Do rosmaninho e do cheiroso trevo.

Mas como cantarei, Pastor antigo?
Pastor do feliz tempo da inocência.
Como dos campos cantarei os Deuses,
Que parece, que já da selva amena
Para a celeste habitação fugiram
Do contágio dos vícios temerosos?
Tu não vês as sazões desconcertadas
Os já vingados frutos malograrem,
Mudada a Primavera em frio Inverno
Os campos inundar? A voraz cheia
Do Tejo povoar as ricas margens
Co'as medonhas mortíferas serpentes,
Que desaloja das imundas covas?
Não vês dos Aquilões o bafo ardente
Aos rebanhos roubar o tenro pasto
Afugentando os húmidos Favónios
Da crestada campina sequiosa?
Ah! Que os Deuses o Mundo desamparam;
Surdos aos nossos rogos não escutam
Da humilde fruta os rústicos louvores!
Pastor! Enquanto as cândidas Virtudes
Habitavam do bosque o santo asilo,
Amalteia benéfica espalhava
O retrocido cofre pelos campos,
Sagrados Hinos e Canções devotas
As pastoris Camenas alternavam.

Títiro

Amintas as fatais calamidades,
Que mudam sobre a Terra os justos Deuses,
São como a fuzilante trovoada
No seio ardente do Verão calmoso,
Que o raio destruidor bramindo lança,
E juntamente a saudável chuva,
Que o ar refresca, as plantas vivifica.
Da fonte incorruptível da Virtude
Mil perenes regatos se derivam;
Por limosos caminhos uns correndo
Em lagoas imundas se confundem;
Mas outros, bem que poucos, sempre puros
Imaculados campos fertilizam.
Não julgues que a frutífera semente,
Que derramam dos Céus as filhas caras,
De todo se extinguiu na verde selva
Da zizânia pestífera infestada.
Olha a casta cabana do bom Sívio,
Asilo das Virtudes e das Musas;
E verás que propícios sempre os Deuses
Da habitação do Justo não se afastam.

Não vês, como seus campos frutificam
Apesar da geada e seca ardente?
Não vês, como as lanígeras Manadas
Deste sábio Pastor os montes cobrem,
Sem que o lobo faminto, ou ar corrupto
Com lastimoso dano lhas ofenda?
Não vês soprar em vão a tempestade
Contra as amenas árvores frondosas,
A cuja sombra plácido descansa?

Amintas

Caro Títiro, o nome do bom Sílvio
No brando coração impresso trago;
Desse Cantor, a quem a doce boca
Co'mel Hibleu as Musas perfumaram;
As cândidas Virtudes resplandecem,
Como na escura noite a labareda,
Que em secos ramos ateadas brilha.
O Pastor Sílvio destes campos glória,
Do pobre Alcino virtuoso amigo,
Será no pátrio Tejo celebrado,
Enquanto os montes verde pasto derem;
Porque benigno acolhe as castas Musas,
Porque a Virtude preza, bem que a veja
Mendiga errar da sorte perseguida.
Vês a planta frutífera e frondosa
Dar liberal os sazoados pomos,
E a fresca sombra ao lasso caminhante;
Assim costuma o generoso Sílvio
Servir de abrigo a tristes desgraçados.
Aquele novo Plátano, que a fonte
C'os verdes ramos a cobrir começa,
Consagrou a seu nome o brando Alcino:
E parece que em torno a sacra planta
Gira de gratidão a Divindade,
Inspirando benigna um santo medo.
Já quando o Sol tocando as brancas ondas
Com roxa luz os verdes cumes doura,
Ali cantar costuma o grato Alcino
Deste Pastor benéfico os louvores.

Títiro

Eu já cantar ouvi a bela História
Do piedoso Sílvio com Alcino;
Mas conta-me de novo, que os auspícios
Da generosa cândida Amizade
De um celeste prazer meu peito inflamam.

Amintas

O pobre Alcino, cuja doce Avena
É nas margens do Tejo celebrada,
Vive em miséria extrema, que a fortuna
Rebanho, nem cabana lhe consente.
Uma cavada brenha tenebrosa
É do infeliz Pastor o triste abrigo.
Ali sobre as agrestes secas ramas
Entregue ao sono brando, da fadiga
De seus duros cuidados descansava,
Quando mordaz serpente venenosa
Lhe fere o corpo com a boca infesta;
O veneno as entranhas contamina;
Mortais dores o mísero devoram,
E já da feia morte as tristes sombras
O plácido semblante lhe cobriam.
Sílvio então com benéfica piedade
Pronto socorre o moribundo Amigo;
Devoto se apresenta ao Deus da selva,
E diz: «Ó Sacro Pã! Livra da morte
O miserando Alcino, que eu prometo
Sacrificar-te cinco gordas cabras,
E manchadas de branco três novilhas.»
Pã o voto sincero ouviu propício;
O mísero Pastor, que enfermo geme,
Súbito respirou do risco salvo;
E Sílvio as curvas pontas enramando
Das consagradas vítimas com flores,
Sacrificou contente cinco cabras,
E manchadas de branco três novilhas.

Títiro

Amintas! As virtudes do bom Sílvio
São dignas desse eterno Monumento,
Que a gratidão de Alcino lhe consagra.
Destes Pastores a famosa História
Os olhos me arrasou de terno pranto.
Estes são os mortais que os Deuses amam,
E que apesar do tempo o Mundo chora;
Mas fica em paz; adeus, Amintas caro,
Que eu tenho que passar além da serra,
E para os tardos passos da velhice
Qualquer caminho é longo e trabalhoso.

Ao Santíssimo Natal

Écloga III

Por Silvano Ericínio e Alcino Micénio

Alcino

Oh como tardos os passos
Não igualam o desejo!
Nunca achei tão dilatada
A subida deste outeiro.

Silvano

Sossega, Alcino; eu diviso
Já por entre este arvoredos
Uma luz mais portentosa,
Que a do Sol vindo nascendo.

Alcino

Graças ao Céu, meu Silvano,
Que estamos já muito perto:
É naquela pobre gruta
O venturoso aposento.

Silvano

'Té parece que as Estrelas
Lá no alto firmamento
Para este mesmo lugar
Apressadas vêm correndo.

Alcino

Em uma escabrosa lapa,
Onde só toscos rochedos
Partidos e pendurados
Ruína estão prometendo,
Entre brutos, e deitado
Sobre palhas, mal coberto,
Em noite de tanto frio,
Que a pedaços cai o gelo,
Um Rei, um Senhor de tudo,
Que faz com poder imenso
Que se revolva, ou suspenda
O Mar, os trovões e o Vento;

Que faz medrar as espigas,
Florecer os arvoredos,
Que cria a mimosa relva
Para pasto dos cordeiros.
Olha, como a bela Mãe,
Unindo terna a seu seio,
Entre seus braços o aperta,
E lhe beija o rosto belo.
Quem será este Pastor
Cheio de um santo respeito,
Que lhe nascem novas flores
Do cajado curvo e seco?

Silvano

Vós dais os gados e a relva,
Vós fazeis os opulentos,
E sendo Senhor de tudo,
Estais sobre pobre feno.
Vós fazeis que nasça a Aurora,
E que o Sol divida os tempos,
Que o Mar não passe da praia,
Por mais que embraveça o Vento.
Sendo um Rei, a cuja vista
Treme a Terra e o triste Inferno,
Quiseste vir entre os Homens
Tomar o traje de servo.
Mais pobre estais do que nasce
O mais pobre pegureiro;
Ah Senhor, dizer não posso
Quanto a vosso amor devemos.
Olha, corno o forte boi,
Estando manso e quieto,
Com o respirar fumoso
Lhe está o ar aquecendo.

Alcino

Um novo surrão, cine fiz
De alvas peles, vos of'reço,
Aceitai-o, meu Menino,
Que de frio estais tremendo.
Estas duas novas rolas
Também of'recer-vos venho,
Não posso mais, não são minhas
As ovelhas que apascento.

Silvano

Estes dons favos de mel

Vos ofreço e brandos queijos;
E eu me ofreço também
Para vosso pegureiro.
Alcino, tempera a lira,
Este dia festejemos;
A cantar já principia
Em seu louvor brandos Versos.

Alcino

Já da paz o dia
Nos amanheceu;
Já o Sol divino,
Pastores, nasceu.
No vale e no monte,
O lírio mimoso
Junto da corrente
Não é mais formoso.
Nem mais cristalina
É na Primavera
A fonte, em que a luz
Do Sol reverbera.
Ao ver vosso rosto
Tão puro e perfeito,
Sinto de alegria
Rir alma no peito.
Correr a ternura
Sinto nas entranhas
Qual gelo desfeito
Das altas montanhas.
Já nos férteis campos
Colhereis, Pastores,
Dos próprios abrolhos
Frutos e mais flores.
No mais frio Inverno
As vacas darão
Abundante leite,
Como no Verão.
jamais não veremos
Afogar as cheias
As nascentes searas,
As doces colmeias.
Nem já nascerão
Co'a relva nos prados
As ervas danosas,
Que matam os gados.
Livres estes campos
Veremos da inveja,
Que fere a inocência
Em dura peleja.

Livres estes ares
Veremos da ira,
Que a horrenda discórdia
Raivosa respira.
Meu Deus, meu Menino,
Meu Rei, meu Senhor,
Que hoje estais tão pobre
Pelo nosso amor.
Os troncos, as penhas,
Os rios, as fontes,
As aves, os Ventos,
As feras e os montes,
Tudo enfim vos louva,
E vos engrandece,
Tudo de vós fala,
Tudo vos conhece.
As nuvens os raios
Lançando furiosas,
Ou mansas vertendo
Chuvas proveitosas.
Pelos frescos vales
Os rios vagando,
O Mar nos rochedos
As ondas quebrando.
O Sol na manhã
A sombra rompendo,
Ou dentro da noite
A luz escondendo.
A terra bramando
Nas fundas entranhas,
Despenhando as rochas
Das altas montanhas.
O vento, que faz
Os troncos gemer,
São vozes, que explicam
O vosso poder.
Tudo enfim vos louva,
E vos engrandece;
Tudo de vós fala;
Tudo vos conhece.
Canta agora tu, Silvano,
Que eu a fruta vou tangendo;
Catita tu, que melhor sabes
Em seu louvor santos Versos.

Silvano

Animais imundos,
Fugi destes prados;
Fugi, porque são

Desde hoje sagrados.
Contentes correi,
Pastores da Aldeia,
E vinde adorar
O Rei da Judeia.
Vereis sobre palha,
E em pobres panos
Um Rei, que domina
Os mais Soberanos.
Não é mais formosa
A rosa encarnada.
Na fresca manhã
Da Aurora orvalhada.
Não tem tanta luz,
Tanta graça e brio
A brilhante Lua
No fundo do rio.
Este Deus Menino
Mil favores traz,
Já goza este campo
Do fruto da paz.
As lanças e espadas
Dos feros soldados
Estão convertidas
Em ferros de arados.
Descansa o Pastor
No vale e na serra;
E nunca o desperta
A trompa da guerra.
As aves nocturnas,
Que só triste espanto
No peito infundiam,
Já têm doce canto.
Já foge do Mundo
A calamidade,
Principia agora
Outra nova idade.
Já não temerá
O novo rebanho,
Avistando o lobo
Com tremor estranho.
Os feros leões
Sempre carniceiros
Andarão brincando
C'os mansos cordeiros.
O tenro menino
Com trémula voz
Amedrontará
O tigre feroz.
Co'a mão mimosa

Alegre e contente
Tirá da cova
A fera serpente.
Nem mais se verá
Tímida a manada,
E o Pastor medroso
Pela trovoada.
Nunca mais será
Do raio incendiado
O duro carvalho
Com fúria partido.
Nem se há-de encontrar
Na relva viçosa
Jamais escondida
A cobra enganosa.
Nascerá o trigo
No vale e na serra,
Sem que o curvo arado
Rompa a dura terra.
No tronco robusto
Do carvalho anoso
Se verá correr
O mel saboroso.
Vinde enfim louvar,
Pastores da serra,
Um dia, que fez
Tão feliz a Terra.

Alcino

Olha, como vêm aos bandos
Os Pastores concorrendo,
Desejando cada qual
Ser a chegar o primeiro.

Silvano

Vê, como vem no Horizonte
A roxa Aurora rompendo;
Nunca vi que aparecesse
Nem tão bela, nem tão cedo.

Alcino

Que alegre manhã, Silvano!
Nunca um dia tão sereno
Lá dos altos Horizontes
Desceu sobre estes outeiros.

Silvano

Olha tu, como respira
O Zéfiro no arvoredos,
Que apenas meneia os ramos
De miúdo aljôfar cobertos.

Alcino

E quase aos Céus sobre a Aldeia
Se está em nuvens erguendo
O fumo, sem que o perturbe
A incerta fúria dos ventos.
Nem na fresca Primavera
São os prados mais amenos.
Oh de quantas maravilhas
Estão estes campos cheios!
Não vês aquele alto choupo,
Que estava crestado e seco
Do fogo de um fatal raio,
Como vai reverdecendo?
E a mesma vide, a que os laços
O estrago tinha desfeito,
Já lançada aos verdes ramos
O abraça em novo enleio.
Vêm às tímidas serranas
Os lobos as mãos lambendo
Tão mansos e sossegados,
Como se fossem rafeiros.
As flores os Céus perfumam
Com mais agradáveis cheiros,
E até os mesmos ciprestes
Derramam puros incensos.

Silvano

Que belas, que brancas penas
Veste agora o corvo feio;
Como tem a rouca voz
Mudada em suave acento.
Os caminhos mais trilhados
Estão de boninas cheios,
E até o cândido lírio
Nasce do duro penedo.

Alcino

Mas tu não ouves, Silvano,
Soar uns suaves ecos
De outros muito mais sonoros,
Mas pastoris instrumentos?

Silvano

São de Belém os Pastores,
Que são na lira os mais destros.

Alcino

É verdade que já cantam,
Ouçamos os seus acentos.

O Grão Pastor

Écloga IV

Alcino e Sincero

Alcino

Graças aos Céus, Sincero, que te viram
Estas margens do nosso Alfeu saudoso!
Todos estes Pastores te suspiram.
Vem, Pastor, com teu canto sonoro
Alegrar estes montes, estes vales,
Que têm chorado tão imensos males.

Sincero

Sentemo-nos, Alcino, à sombra fria,
Que espalham estes álamos frondosos,
E conta-me, que Estrela pôde ímpia
Perturbar destes campos venturosos
Aquele paz tão cheia de alegria.
Lá nos montes do Tagro nos contaram
Confusamente uns casos horrorosos,
Que espantados e absortos nos deixaram,
Tão estranhos, que os têm por mentirosos.

Alcino

De chorar a maior calamidade
Muito perto estivemos, caro Amigo;
Em tanto estrago, em tanta crueldade
Buscaríamos OS Homens para abrigo
As escondidas brenhas das serpentes;
Se o piedoso poder dos Céus dementes
Nos não viessem salvar de tantos males,
Derramariam lágrimas ardentes
As mesmas duras penhas destes vales.
Ah! Que bem receámos que o mau fado
Carregar nos queria de pesares;
Quando vimos um dia neste prado
Suceder de improviso mil azares,
Unia ovelha pariu fora de Lua
Sobre uma áspera e fria penha nua,
E qual faminta loba irada os dentes
Ensanguentou nos filhos inocentes.
Coroadas de espigas e de flores
Sobre a Ara estava a vítima, que a Ceres
Costumam consagrar os Lavradores;

Quando de um oco freixo de repente
Saiu embravecida uma serpente,
Profanou com a boca venenosa
A vítima sagrada e sequiosa
Bebeu o sangue, que no Altar ondeava,
Três vezes sibilou medonha e brava.
Lá dos vales as brenhas pavorosas
No silêncio maior da noite fria
Se ouviram lançar vozes espantosas,
E como derramados os rafeiros
Morderam os Pastores e os cordeiros.
Mas ah, Sincero! Que inda mais horrendo
Foi o caso terrível, que o ameaço
Não pode as bravas íras acendendo
Erguer mais a maldade o ímpio braço;
Tão maldito veneno a ambição cega
Introduziu nos peitos de uns malvados,
Que contra o Céu voltaram os cajados.
Uns guardadores de ânimo danado
Daquele Grão Pastor, que do Governo
Do Tejo estende ao Ganges o cajado,
Como tigres cruéis enfurecidos
Contra seu Grão Pastor se conjuraram.
Que horror! Quem tal dissera! Fementidos
Os Pastores do Luso se mostraram.
Uma noite, em que a sombra mais escura
Tinha cheio de horrores a espessura,
Nos bosques o feroz vento bramava,
E lá na brava costa o Mar bradava;
As negras densas nuvens escondiam
Das Estrelas os frouxos resplandores;
Resolutos os ares já feriam
Com seus uivos os lobos roubadores;
E dos mochos os ecos pesarosos
Soavam pelos vales pavorosos,
Quando mesmo detrás do seu serrado
Os temerários dentre uns altos freixos
Desataram das fundas duros seixos
Contra o Grande Pastor, que descuidado
Se recolhia então para a cabana.
Oh prodígio! Da fúria desumana
O supremo poder a vida amada
Lhe salvou, mas em sangue já banhada,
O supremo poder, que os pastos cria,
Que estende a noite e nos acende o dia.
Ah! Se visses, Pastor, com que desgosto
Este desastre mísero se ouvia,
Aos velhos e aos meninos pelo rosto
Inconsolável pranto lhes caía.
Largos tempos as Ninfas desta selva

Nas suas frescas grutas não entraram;
Nem as flores colheram dentre a relva,
Que também de tristeza se murcharam.
Com as louras madeixas esparzidas
Pelas rosadas faces delicadas,
De lastimoso pranto humedecidas,
Sobre as pedras do sangue salpicadas
Com gemidos, com ais os Céus feriam.
Nestas selvas e montes só se ouviam
As maldições, as raivas, os clamores
Dos que chamavam cheios de lealdade
Bárbaros, aleivosos aos traidores.
De sentimento as vides sinais deram,
Como assustadas tanto se abraçaram
Com os robustos choupos, que estalaram,
E dolorosas lágrimas verteram.
Eu vi as mesmas rolas amorosas
Sem os caros consortes, solitárias
Gemendo nos ciprestes lastimosas;
As mansas ovelhinhas como várias
Pelos outeiros ásperos perdidas
A fria e branda relva não tocavam,
Balandando amargamente entristecidas,
Pelas medonhas grutas se embrenhavam.
Sim, amado Pastor, as Ninfas viram
Chorar os faunos tua desventura;
As mesmas feras o teu mal sentiram.

Sincero

Quem viu caso maior, mais desastrado!
O coração me chora de magoado;
Mas para mitigar-me a dor, Alcino,
Os brandos Versos canta que costumás;
Espalha os ecos do teu som divino;
Canta as graças da bela Galateia,
Ou OS loucos amores de Narciso,
Que para ouvir-te o vento se refreia,
E moverem-se os troncos já diviso.

Alcino

Uns versos, que eu cantei no feliz dia
Que o nosso Grão Pastor já restaurado
Veio encher estes campos de alegria,
Agora cantarei, Sincero amado.
Casta Deusa dos bosques e dos montes,
Em meus Versos inspira graça imensa,
Que de dois cervos as ramosas fronte
Nas tuas aras porei em recompensa.

Tu, Deus Pá, que proteges os Pastores,
Dá-me hoje Versos, dignos dos louvores
Deste Pastor, do Mundo maravilha,
Que os teus Sacros Altares respeitoso
C'o sangue tingirei de uma novilha
Mais branca do que o Cisne mais formoso.
Ninfas, deixai as águas, vinde à selva,
Descei, Pastoras, dos erguidos montes,
Colhei as belas flores dentre a relva,
Espalhai murtas, enramai as fontes,
Pendurai pelos troncos dos loureiros
Os festões de boninas e de rosas;
Pastores, vinde à sombra dos ulmeiros
Tocar as vossas frutas sonorasas.
A minha humilde gaita, que de amores
Só cantar sabe, um novo Canto emprenda,
Os novilhos ornados de mil flores
Nos terreiros em ríspida contenda
Levantem bravos antes da carreira
Com as mãos densas nuvens de poeira.
Os Sátiros co'as pontas enramadas
Movam leves dançando os pés caprinos,
De espadanas as Tágides c'roadas
Sobre as correntes cantem doces Hinos.
já tornam estes campos venturosos
A ver seu defensor, o seu amparo,
Por quem choraram tanto e tão saudosos;
Os mesmos campos cheios de alegria
Te oferecem gratos, ó Pastor piedoso
Dos carvalhos a sombra doce e fria,
Nas árvores o fruto saboroso,
O rosmaninho, os lírios, as boninas,
E nas fontes as águas cristalinas.
Assim como enche a Primavera os prados
De flores matizadas e cheirosas,
E o Estio de frutos sazoados
Enche os ramos das árvores frondosas;
Assim como de orvalho a relva fria
Enche a primeira e roxa luz do dia;
Assim, ó Grão Pastor, com vigilância
Nos encheste de paz e de abundância.
O cansado cultor sua gostoso,
Sem requear que as gentes inimigas
Venham roubar o fruto saboroso
Das suas grandes e ásperas fadigas.
Sem guardadores pelas espessuras
Pastam nossas ovelhas e novilhos,
As águas deste rio correm puras,
Sem que o sangue de nossos caros filhos
Lhe turbe o cristalino das correntes;

Enche-se o fresco vale de alegria,
Das frutas repetindo os sons cadentes,
Sem que o assuste a voz sempre espantosa
Da trombeta guerreira e pavorosa.
A branda chuva as verdes sementeiras,
Ao pasto o fresco orvalho, o vento às eiras
Não lhes é mais gostoso e favorável
Do que tu para nós, Pastor amável.
No lugar mais ameno da floresta
Um novo Altar de jaspe te ergueremos,
Onde todos os anos pela festa
Os teus justos louvores cantaremos;
E verás em teu nome glorioso
Arder ali a vítima mais pura
Entre o fogo do cedro mais cheiroso.
Enquanto nestes montes a verdura
Gostarem as pacíficas ovelhas,
E nestas tenras e cheirosas flores
Tocarem as solícitas abelhas,
Sempre nas suas frutas teus louvores
Os Pastores e Ninfas destas praias
Estarão desde a terra ao Céu erguendo.
Os lisos troncos destas altas faias,
Em que escrito teu nome se está lendo,
Sempre ornarão de rosas e boninas
As Pastoras gentis destas campinas.

Sincero

Alcino, o teu alegre e doce Canto
Me tem a grande mágoa suavizado,
Que sempre me fará horror, espanto;
Mas que concurso é este de Pastores,
Que lá vem para o Ménalo subindo
Coroados de louros e de flores?

Alcino

São da Arcádia os Pastores mais famosos,
Vamos ouvir seus cantos harmoniosos.

Linceia

Écloga V

Dorindo e Alcino

Dorindo

Sejas bem vindo, meu Alcino amado;
Que acaso te deteve, que inda agora
Conduzes para o pasto o manso gado?
Ainda antes que a luz da roxa Aurora
Afugentasse as sombras do alto monte,
já eu aqui debaixo do arvoredor
Escutava o murmúrio desta fonte,
Que sai daquele côncavo rochedo.

Alcino

Nunca acordei tão tarde: já subia
O louro Sol por cima do Horizonte,
Quando eu a porta da cabana abria.
Cansado de correr de monte em monte
Em busca de um novilho afugentado,
Ontem me recolhi já quando a Lua
Ia escondendo o rosto prateado;
E como são tão breves e apressadas
As noites de Verão, em doce sono
Um fatigado passa as madrugadas.

Dorindo

Pois a mim despertou-me um sonho estranho;
E já cansado de esperar o dia,
A cabana deixei, trouxe o rebanho,
Que já farto descansa à sombra fria.
E, como com agudo e sábio aviso,
Tu decifras os sonhos e os agouros
Melhor que Maliarda, e do que Anfriso,
Quero contar-te a maravilha rara,
O prodígio que a vaga fantasia
Me figurou, Pastor, quando dormia.
Vi um tenro leão recém-nascido
Fazer a cruéis lobos dura guerra;
Como já vigorosos embravecido
Tingiu de negro sangue toda a terra.
Depois à fresca sombra da frondosa,
E sagrada oliveira retirado,
Descansou da fadiga gloriosa.

Alcino

Tudo presságios são da alta ventura.
O tempo da maior felicidade
O teu sonho, Pastor, nos assegura.
Verás aquela desejada idade
Tornar ao Mundo. Oh como o Céu piedoso
Nossos votos e lágrimas premeia!
O suspirado fruto glorioso
Das fecundas entranhas de Linceia
É, que tão feliz tempo vem trazer-nos.
Com as Virtudes, que dos Pais famosos
Herdou este menino, vem reger-nos
Debaixo dos auspícios mais ditosos.

Dorindo

Basta, Alcino, meu sonho decifreste.
A nuvem, que os sentidos me cobria,
Com teu saber profundo dissipaste.
Oh quanto rude sou! Eu bem sabia
Que tanta glória o Tejo já gozava,
E a penetrar o fim misterioso
Deste feliz agouro não chegava.
Mas creio que o excesso da alegria,
Em que o meu coração anda embebido,
O acordo, Pastor, me confundia.
Ah, meu Alcino, já que nos convida
A sombra destes álamos frondosos,
Enredados com hera retorcida,
E tu és dos Pastores mais famosos
No cantar de improviso o Verso brando,
Canta agora em louvor deste Menino,
Enquanto a doce fruta eu vou tocando.
Canta alguma Cantiga, canta Alcino,
Assim dous estrelados bezerrinhos
Paira a tua morena de um só parto;
Assim tu de codesso e rosmaninhos
O teu rebanho vejas sempre farto.
Eu também Versos canto; já de louro
Vi nos bosques da Arcádia a fronte ornada;
E cantando, um Pastor venci do Douro;
Mas eu não sou tão néscio que me creia
Capaz dos brandos Versos cantar dignos
Do filho do Grão Piério e de Linceia.

Alcino

Toca a fruta, Pastor, que eu te obedeço.

Mas como cantarei tão altas cousas?
O teu favor, ó Musa, agora peço,
De Linceia me inspira digno Canto;
Ela é digna dos Versos do Grão Febo;
Mas se te não mereço favor tanto,
A c'roa me arrebate o vento irado,
E leve a fruta o rio despenhado.
Oh glória destes prados! Maravilha,
Que nos quiseram dar os Céus propícios.
Oh fecunda Linceia! Digna Filha
Daquele alto Pastor, cujos auspícios
Sempre espalhando estão com mão piedosa
Nestas largas campinas a abundância,
Como as nuvens a chuva proveitosa.
Oh fecunda Linceia! Restaurada
Neste ditoso dia por ti vemos
A geração dos Céus abençoada.
Tu, Menino feliz, do Tejo e Douro
O primeiro Pastor serás chamado,
E enquanto de amaranto e verde louro
As Ninfas tecem para ti capelas,
Teu nome em nossos Versos elevando
Da terra voará 'té às Estrelas.
Zéfiro brando, que entre as ramas giras,
Batendo as leves asas subtilmente,
Vem co' a viração fresca, que respiras,
Mitigar-lhe o ardor da calma ardente,
E com sussurro alegre e deleitoso
Vem convidá-lo ao sono saboroso.
Deixai, Ninfas das fontes cristalinas,
As limosas, as húmidas moradas,
Branco lírios colhei, colhei boninas;
Vinde de verde mirto coroadas
Ornar-lhe o berço de cheirosas flores.
Ali em doces Hinos alternando
De seus grandes Avós altos louvores,
O estareis docemente adormentando.
Assim como a novilha branca e loura
É sempre do rebanho a formosura,
E a seara dos campos, quando doura,
Ou quando cobre a terra de verdura,
Assim tu, ó Menino, dos Pastores
És a esperança, és toda a honra e glória.
Com nunca ouvido som de teus louvores
Contentes contarão a alegre História,
Seguindo o curvo arado os Lavradores.
O cansado cultor com Versos ledos,
Atando as tortas vides aos ulmeiros,
Fará soar teu Nome nos rochedos,
E o vento sussurrante entre as espigas

Também em teu louvor dirá Cantigas.
Para ti das solícitas abelhas
O saboroso favo crestaremos,
Do branco e doce leite das ovelhas
Para ti grandes tarros encheremos,
E de vermelhas rosas e tomilho
Para ti ornaremos o novilho.
A mesma Terra os frutos saborosos
O'frecendo-te está de prazer cheia,
Pendientes dos seus ramos graciosos
As roxas uvas, os medronhos belos,
Os camoeses rosados e amarelos.
Principia a conhecer com doce riso
A bela Mãe de gosto e de alegria;
Principia, ó Menino, que é preciso
Suavizar-lhe os gemidos e agonia,
Que lhe custou o dar-te à luz do dia.
Quando já Varão firme e vigoroso
Te fizer a viçosa flor dos anos,
Submeterás ao jugo valeroso
Os indomáveis tigres Africanos,
E os ferozes leões da Líbia ardente.
Passa à robusta idade felizmente,
Toma o cajado, com valor defende
Das inimigas feras o rebanho.
Grandes fadigas de alta glória emprende,
Voe teu Nome ao monte mais estranho,
Enche de nova fama a Pátria nossa,
Que se esta pobre vida durar tanto,
Que teus gloriosos feitos cantar possa,
Nem Orfeu mesmo vencerá meu Canto.

Dorindo

Nos sombrios ulmeiros as frondosas
Parreiras pelos troncos enredadas,
Guarnecidas das uvas graciosas;
Nos vales as correntes despenhadas,
De gotas borrifando o verde musgo,
De que as lapas estão sempre adornadas,
Não me são tão gostosas e agradáveis,
Como teus doces Versos admiráveis.
Nunca os sentidos com teu som divino,
Como agora encantados me deixaste.
Esta fruta te dou em prémio, Alcino,
Dos sonoros Versos, que cantaste:
Com ela venceu Títilo os Pastores,
E tu de Pã alcançarás vitória;
Se com ela cantares os louvores
Deste Menino, nosso amor e glória.

Mas ladra lá do vale o meu rafeiro,
Pode ser que na mata lobo sinta,
Rodeemos aqui por este outeiro,
Para o cercarmos, sem que nos pressinta.

Carvalho

Écloga VI

Alcino e Dorindo

Dorindo

Meu Alcino, que à sombra desta faia
Recostado com tua doce Avena
Desafias as Ninfas desta praia,
Como conservas a alma tão serena
Entre os duros espinhos do teu fado,
A todos nos faz mágoa, caro Alcino,
Ver que um Pastor da Arcádia tão gabado
Tenha tão má fortuna, que o destino
Lhe não conceda pastos, nem rebanho;
Como estás sem cuidado em mal tamanho
Aos outeiros, aos bosques ensinando
O nome de Carvalho em Verso brando?

Alcino

Ah quem de Cisne a digna voz tivera,
Que tão alto Pastor cantar pudera!
Deste Carvalho à sombra descansando

Estão do Tejo todos os Pastores;
As mais das horas passo aqui cantando
Com minha humilde fruta os seus louvores,
E sempre cantarei seu Nome e fama,
Enquanto O Céu quiser que na espessura
Goze a sombra, que espalha a crespas rama.
Se eu tivera cordeiros, os melhores
Lhos oferecera com vontade pura
Adornados das mais cheirosas flores.

Dorindo

Esse Pastor conheces decantado
Que tanto louvas? Dize, Alcino amado.

Alcino

Eu não cuidei que ele era semelhante,
Que louco fui! Aos nossos guardadores,
Que o gado antes que raie o Sol brilhante
Guiava para os ásperos outeiros,
Que os vigorosos membros guarnecia

Com as humildes peles dos cordeiros,
Que a nossa frauta rústica tangia.
Mas tanto este Pastor engrandecido
De nós outros Pastores se distingue,
Quanto o Cisne do corvo denegrado.

Dorindo

E como vistes já sua figura?
Tu à cidade fostes porventura?

Alcino

Por ir a ver os montes arruinados,
A que chamam Cidade de Lisboa,

Um dia me ausentei dos nossos prados.
O quanto ver estrago tal magoa!
Caro Dorindo, bem não sei dizer-te.
Qual a planta ficou, que o raio ardente
Em cinza a verde rama lhe converte.
Ah, Dorindo! Vi cousas portentosas;
Maravilhas soberbas e espantosas
Entre as ruínas ainda representa.
Aqui nas fraldas de um despenhadeiro
Um pedaço de um arco se sustenta
Em colunas niais altas que um sobreiro;
Ali para outra parte mais espanta
Uma torre de um Templo destroçado,
Que aberta e estalada se levanta
Como aquele distante e alto monte,
Que nas nuvens esconde a verde frente;
Ali sobre uma fonte colocado
Um Apoio se vê de jaspe duro
Com a lira na mão, mais bem lavrado,
Que os que Montano faz de cedro puro.

Dorindo

Se tu visses, quando eu lá levava
A vender os cabritos e as novilhas,
Que a mão de ouro pesado carregava,
Então verias grandes maravilhas,
Então cousas teus olhos lá veriam,
Que ali ficar pasmado te fariam;
Mas agora só lá se vêm mofinas,
Montes de cinza, montes de ruínas.

Alcino

Ah, Pastor, tu verás em breves dias
Lisboa renascer de cinzas frias,
Assim como dos troncos desfolhados
Vês renascer tia Primavera as flores;
Agora mais que nunca afortunados
Se chamarão os seus habitantes.
Ali naqueles montes vi o famoso
Carvalho, de quem hoje a Arcádia catita,
E aqui sempre seu nome glorioso,
Nas frutas ouvirás destes Pastores.
Ele me ouviu cantar, e ao meu canto
Humilde deu benigno mil louvores,
E me disse: «Pastor, torna aos teus montes,
Que eu te fio, que ainda com descanso
Sentado nas sombrias, frescas fontes
Apascentes cantando gado manso:
Não te temas da sorte desumana,
Que inda pastos terás, terás cabana».

Dorindo

Oh venturoso Alcino! Alto reparo
Conseguistes em forte segurança
Contra o fatal poder do fado avaro.
Em mais seguro arrimo não descansa
A vide que o robusto choupo abraça.
Ó venturoso Alcino, neste rio
Que murmurando as águas embaraça
Nas altas pedras, lá do ardente Estio
A calma passarás em paz gostosa,
Tocando a tua fruta sonora
Naquela fresca sombra dos rochedos,
Que pendem sobre a praia coroados
De heras e de frondosos arvoredos,
Os Versos ouvirás mal concertados
Dos cansados e rudes Pescadores,
Que ao som dos duros remos vão cantando.
As abelhas, que ali das tenras flores
Andam o mel gostoso fabricando,
Com seus brandos sussurros a corrente
Por entre os lisos seixos murmurando,
E os Zéfiros soprando levemente
Te estarão pela sesta adormentando.

Alcino

Ah! Que se tu falasses, meu Dorindo,
Ao Grão Carvalho, seu saber profundo
Verias no seu rosto reluzindo.
Não creio, que haja Homem cá no Mundo

De tão alto saber, de tanto aviso,
'Té sabe aqueles Versos, que cantava
O Pastor, que deteve o claro Anfriso,
E as sonoras cantigas, que entoava
O Pastor de Sicília antigamente.
Ninguém há tão ousado, que se atreva
A contender com ele: é tão ciente,
Que ao mais destro Pastor vantagem leva.
Se o Deus Pã c'os seus Sátiros caprinos
C'os humanos Pastores disputasse,
Só Pã com sua fruta e com seus Hinos
C'o Grão Carvalho contender podia,
E o mesmo Pã vencido ficaria.
Ele, melhor que o velho Nemoroso,
Sabe o tempo, em que a Terra as sementeiras
No amoroso e sulcado seio abraça,
Para depois encher de grão as eiras;
E conhece a nuvem, que ameaça
Lá da parte da serra a tempestade,
Para com tempo recolher o gado,
Sem que sinta da cheia a mortandade;
Ele os mais bravos touros tem domado,
Que faziam mugindo enfurecidos
Os vales retumbar espavoridos.
Ele sabe como há-de ser podada
A vide, que no choupo se segura,
Para vir de mais cachos carregada;
Ele sabe também de leme e remos,
E mil cousas enfim de grande altura,
Que nós outros Pastores não sabemos.

Dorindo

Ó Pastor, o saber é grão tesouro,
O saber deu a Liso imortal Nome,
E a douta fronte lhe cingiu de louro.
Sempre ouvi, que o saber levanta o Homem
Mais alto que as estreias: que louvores
Esse Maioral tão sábio) não merece?
Algum dia eram sábios os Pastores,
Que apascentam aqui nestes outeiros;
Porém, depois que lá do Manzanares
Cá passaram uns rudes estrangeiros,
Tanto no seu mau uso nos puseram,
Que das suaves frutas a pureza
Em feia e rouca trompa converteram,
A cujo som os Sátiros fugiam,
E nas águas as Ninfas se escondiam.
Graças aos altos Céus, que nos têm dado
Um sábio Maioral, por quem veremos

O nosso antigo Canto restaurado.

Alcino

Dos Carvalhos é muito antiga a fama;
Eles sempre Pastores governaram,
Sempre foram Maiores, e a sacra rama
Do verde louro muitos tem cingido;
Mas este mais que todos estendido
Tem pelo Mundo o Nome glorioso).
Os justos Céus lhe têm abençoado
Seus campos e rebanho numeroso;
Eles um tenro filho lhe têm dado,
Que mil bens nos promete, em que veremos
Reproduzida a sua fama e glória.
Ah bom Carvalho, quanto te devemos!
O teu Nome feliz, tua memória
Em pedra branca sempre escreveremos.
Aquele alto Pastor, que estende o mando
Do Tejo 'té às bárbaras campinas,
Que o dilatado Ganges vai regando,
Pelo grande saber o estima tanto,
Que grão parte do mando seu lhe entrega;
Mas este alto Pastor bem sabe, quanto
O bom Carvalho em nosso bem se emprega.
Novos campos agora, novo gado
Nas margens do Mondego e nas do Tejo
Em merecido prémio lhe tem dado.

Dorindo

Graças ao Céu, Alcino, que já vemos
Dado o prémio do bom merecimento;
Sempre, ó Alto Pastor, te louvaremos,
Pois sabes premiar o grão talento.
E tu, sábio Carvalho, o Céu estenda
Por largo tempo tua vida amada;
Do mau olho e do lobo te defenda
A formosa e pacífica manada.
Sempre os teus campos dêem louras espigas,
Sem que as afogue a importuna grama,
Malogrando tão ásperas fadigas:
Sempre vejas a inveja, que derrama
Mordaz veneno sobre os venturosos,
Debaixo dos teus pés atropelada,
Torcendo os feios olhos sanguinosos,
Mordendo a Terra já desesperada.

Alcino

Pastor, o Sol se ausenta já da selva,
E apenas lá por cima da montanha,
Daquela ali defronte doura a relva;
Já na Arcádia se dá princípio à festa,
Que ao famoso Carvalho se dedica,
A turba dos Pastores já se apresta,
Nenhum serrano pelo pasto fica,
Que não corra a cantar os seus louvores.

Dorindo

Pois vamos nós também c'os mais Pastores.

Alcino

Esperai meu Dorindo, antes que vamos
De rama de carvalho nos c'roemos,
Que até de Apoio já por estes ramos
O verde louro desprezado vemos;
E já todo o Pastor da Arcádia bela
De rama de carvalho traz capela.

Dedicatória

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo
Senhor Henrique José Maria Adão de Carvalho e Melo

Da Écloga que se segue

*Mimoso Henrique, que na tenra idade
O sábio Mundo vos respeita e preza;
Já em vós amanhece a claridade,
Com que os Heróis distingue a Nato reza;
Protegei com a vossa urbanidade
O Canto, que formou minha rudeza,
Ide-vos costumando, infante caro,
A ser dos desvalidos firme amparo.*

*Nos breves anos já virtude tanta
Vemos em vós, Senhor, resplandecendo;
Que em toda a parte a fama vos decanta,
De esperanças o Mundo estais enchendo;
Assim corno ao cultor a nova planta,
Que vê na Primavera ir florecendo,
Novo exemplo dareis à heroicidade,
Quando chegardes à madura idade.*

*Então conhecereis o Pastor raro,
De quem com rude som canto os louvores;
Aquele, em quem hoje tem seguro amparo
Do pátrio Tejo os míseros Pastores:
Aquele, de quem nasce o sangue claro,
Que vos enche de tantos resplandores;
E imitando-o fareis, que o Mundo veja
A si própria morder-se a negra inveja.*

*Já para vós estão as Ninfas belas
Nestes vales e praias arenosas
Fabricando de louro mil capelas.
Que em prémio vos darão de acções famosas:
É decreto inviolável das Estrelas,
Que veja a Pátria em vós as mais gloriosas
Façanhas, que nos Orbe decantado
A fama tem c'o altissonante brado.*

*Ide os primeiros passos hoje dando
Para o campo imortal, que a fama gira,
Ide já o vosso Nome eternizando
Na protecção da minha rude lira:
Ide os humildes versos aceitando,
Que o amor da Verdade só me inspira,*

*Seja a benignidade quem pregoe
Primeiro o Vosso Nome e vos coroe.*

Dalmido

Écloga VII

Pelas serras a neve branquejava,
O ribeiro gelado não corria,
O Sol, que já dos vaies se apartava,
Uma nuvem o mostrava, outra o cobria;
Os cordeiros atrás das mães balando
Se andavam pelas matas abrigando;
Os ventos tão furiosos assopravam,
Que as rochas parecia que abalavam;
Remavam para a praia os Pescadores,
Recolhiam-se às choças os Pastores;
Quando já na cabana de Dalmido
Uns vizinhos Pastores se ajuntavam;
Onde os serões do Inverno desabrido
Em saborosa prática passavam.
É Dalmido de idade em decadência,
Mas de ânimo robusto e esforçado,
Largamente ensinado da experiência,
E a climas mui diversos costumado.
Tem despovoado o alto da cabeça,
A barba quase branca, mas espessa,
É venerando, alegre de semblante,
E de antigas Histórias abundante.
Sentados os Pastores rodeavam
Uns secos troncos vivamente ardendo,
Côncavos tarros uns formando estavam,
E cestinhos de cana outros tecendo;
E o bom velho no seu usado assento
Todo entregue a seu sábio pensamento,
Na mão, em que o cajado sustentava,
A respeitável face reclinava;
Mas Sílvio não sofrendo que tardasse
A prática, que tanto desejava,
Cobiçoso pediu que lhe contasse
Algum conto dos que ele costumava.
Sem responder Dalmido um pouco esteve,
Qual se de um largo sono despertasse;
Porém depois que novo acordo teve,
Logo da mão desencostando a face,
O corpo endireitando, a voz erguendo,
Estas verdades puras foi dizendo:
«Que poderei contar-vos? (E ficaram
Para ele atentos todos logo olhando
Apenas estas vozes escutaram.)
Que poderei contar da Antiguidade
Tão justo, tão feliz e proveitoso,

Que a sorte iguale da presente idade?
Mais que nunca invejado e venturoso
O Povo Lusitano hoje se chama;
Acções de tanta glória e tanta fama
Inda até agora os Homens não fizeram;
De quantos justas Leis ao Mundo deram,
Merecedor se faz de fama eterna
Aquele alto Pastor, que nos governa,
Em ter para mandar-nos escolhido
Maioral tão sagaz, tão entendido.
Ah Pastores mancebos, todo é vosso
Todo o bem, que estou vendo; esta ventura
Já convosco gozar toda não posso,
Que enfim já perto estou da sepultura.
Vós o fruto comum ireis gozando,
Que inda agora em flor vem rebentando,
A tempo chegareis tão venturoso,
Que bebereis o leite saboroso,
Não pelos pobres tarros de cortiça,
Pelo metal que a todos faz cobiça.
Estes vales vereis, estes outeiros
Cobrir de vossas vacas e cordeiros,
E das vossas grandíssimas manadas
Vereis por arte nova as lãs pintadas
Com tão belas e tão diversas cores,
Quais pelo prado as matizadas flores,
Que a ser depois virão gala custosa
Dos Maiorais na Aldeia populosa.
O cultor no exercício trabalhoso
Banhando o rosto de suor copioso
Há-de gostosa achar sua fadiga,
Antes que o doce fruto lhe consiga
Seguro o merecido prémio, vendo
Na própria mão, que sábia dissipara
O vicioso tronco, a inútil vara,
Ou com agudo arado foi rompendo
Da frutífera terra o seio brando,
E as próvidas sementes espalhando.
Hoje vereis cobertos de verdura,
Do proveitoso trigo semeados
Os campos que, por falta de cultura,
Só de abrolhos se viam povoados.
Oh dos Homens descuido indesculpável!
Depois que pareceu mais agradável
Da vide, o ingrato fruto ver pendente,
Que ondear pelos campos as espigas,
Tem-se entregado a Portuguesa gente
Sem proveito às solícitas fadigas.
Estes montes, enfim, vemos sem gados,
Ferrugentos os ferros dos arados,

E o moço mais robusto e astucioso
Esquecido de toda a honesta lida
Dado do vinho ao vício vergonhoso,
Que nos meus tempos era com medida
Só aos cansados velhos concedido
Para alentar-lhe o sangue enfraquecido,
Tão atrasados vemos os Pastores,
Tão famintos os pobres Lavradores,
Que, por se alimentarem, aos estranhos
Vendem as mesmas lãs dos seus rebanhos:
Vendem as mesmas lãs, (oh, desamparo!)
Que eles precisam para seu reparo.
Nestes férteis distritos algum dia
(Ah, meu tempo, meu tempo) não havia
Pequeno Lavrador, que não colhesse
Frutos para viver muito abastado,
Que vacas e cordeiros não tivesse;
Eu conheci alguns em tal estado,
Tão poderosos, que de cem passavam
Os moços de soldada, que ocupavam.
O bom Alcimidonte, o bom Sileno,
O Avô de Vemeroso, Pai de Almeno,
E outros, que nesta fértil espessura
Gozaram de tão próspera ventura;
Mas só tinham em tão feliz bonança
Nas suas sementeiras a esperança,
Só das lãs de seus gados se adornavam,
E deste bom viver não se apartavam.
Mas hoje tornaram ao antigo estado
Estes campos, que foram tão famosos;
Este povo vereis todo ocupado
Somente em exercícios proveitosos;
já não vereis encher a Mocidade
Dos vícios, que produz a ociosidade.
Já não virão as gentes estrangeiras
A fazer tão frequentes sementeiras
Nos distritos das nossas mesmas terras;
E nas fraldas amenas destas serras
Famintos não vereis vossos rebanhos,
E de relva fartar gados estranhos.
Vede o bem que vos vem aparelhando
A boa ordem que tudo vai levando;
Usar não pode o Pastoril cajado
O que meneia o remo carregado;
Nem o que a vide c'o podão separa
Meter a curva fouce na seara.
Vede como o valor, a sábia ideia
Já se preza, se louva e se premeia:
Meneie valoroso na campanha
O soldado as pesadas armas de aço,

E sem o vil temor com força estranha
Rebata os golpes do inimigo braço,
Que mais certo que a coroa da vitória
Prémio terá igual a sua glória
Passe a cultivar, passe o entendido,
Do Mondego as campinas deleitosas;
Sagaz se faça, faça-se sabido,
Arranque espinhos, ervas viciosas,
Recolha o fruto, mostre-o sazonado,
E verá seu trabalho premiado.
Oh grande coração, copiosa fonte,
De onde tanto bem está nascendo,
Às Estrelas o Nome se remonte,
Que tão digno de inveja ides fazendo;
Qual o tronco, que a vide está amparando,
Estais à amada Pátria sustentando.
Com vosso grão saber tendes erguido
Este Povo ao mais alto da ventura
No tempo, em que se viu mais destruído:
Quando viu abalarem-se as montanhas,
Bramir a Terra toda nas entranhas,
Desfazerem-se os ásperos rochedos,
E gemerem debaixo dos penedos
Os míseros mortais despedaçados,
O rio levantar ondas tão grossas,
Que nos próprios currais levou os gados:
O fogo consumir Aldeias, choças,
Sementeiras, rebanhos, enfim tudo
Destruído ficar. Vós sois o escudo,
Que tendes reparado valoroso
Estrago tão fatal, tão horroroso.
Benigno o Céu vos tinha decretado
Para tanto mal vermos remediado.
Que mal conhece o bem que tendes feito,
O Vulgo errado e nunca satisfeito;
Porém, escurecer em vão pretende
A costumada inveja ou a ignorância,
A gloriosa luz que em vós se acende.
Vossa vida, Pastor, o Céu proteja,
Ele premeie quanto em vós conhece,
E caia sobre vós a torpe inveja,
Que entre as sombras a luz mais resplandece
Quando virem faltar ao pobre abrigo,
Prémio ao bom e ao malfeitor castigo;
Quando ficar sem Pai a Pátria virem,
Quando tão grande bem não possuírem,
E sem remédio enfim fores chorado,
Conhecido sereis, sereis louvado.»
Assim o sábio velho prosseguia,
Quando o canto dos galos anunciava

Que ao meio curso a noite já chegava;
Então depois de toda a companhia
Ter a Dalmido mil louvores dado,
À choça cada qual se recolhia
A gozar do repouso costumado.»

Écloga VIII

Alcino e Menalca

Menalca

Alcino, porque estás tão fatigado
Mudando o curso às águas desta fonte?
Já de suor o rosto tens banhado,
E pelo perigoso alpestre monte
Deixas errar sem guarda o pobre gado.

Alcino

Não vês a nova planta, que disposto
Eu tenho nesta fértil espessura?
Pois quero, que apesar do seco Agosto
Seja regada desta fonte pura.

Menalca

Vejo um novo Carvalho ali plantado:
Mas não sabes, Alcino, que dispor
Não se pode este tronco respeitado,
Se à memória de algum alto Pastor
Não for solenemente dedicado?

Alcino

Mas tu ignoras, que hoje a sacra teia
De Himeneu nesta seiva acesa brilha,
E que Melindo e Márcia, desta Aldeia
O suspirado amor, a maravilha,
Já em firmes e santos laços presos
Suspiram do mais terno amor acesos?
Pois aqui tenho em seu louvor plantado
Este tenro Carvalho, com que deixo
Um tão ditoso dia assinalado.
Cresce, cresce, sagrada e nova planta,
As nuvens toca c'os frondosos ramos,
Assombra os montes, os mortais espanta.
Em ti as doces aves em reclusos,
Melindo e Márcia, estejam repetindo;
Cresce, gloriosa planta, que chamada
A árvore serás do Grão Mel indo.
Quando de longe fores avistada,
Os Pastores dirão com alegria:
Aquela, aquela é a árvore sagrada

Aos dois ternos Esposos, por quem via
O grande Tejo a glória sustentada.
Nunca do raio sejas destruída,
Nunca das tempestades ofendida.
Abençoa esta planta, Deus da selva;
Ó cabras atrevidas, preservada
Seja do vosso dente a branda relva,
Que nascer de seus ramos amparada.
A hera respeitai, que vai crescendo,
Deixai que unia grinalda de verdura
Pelo delgado pé lhe vá tecendo.
Aqui sempre os Pastores e Napeias
A tão ditosa sombra o feliz dia
Celebraram com Versos e coreias.

Menalca

A tua sábia empresa invejo, Alcino:
De Melindo a memória imortaliza,
Um tal Pastor de imortal Nome é digno.
Mas já que tu és destro nas Canções,
Alternados cantemos seus louvores,
Que eu das Musas também tornei lições.
Sentemo-nos aqui sobre esta relva,
Que matizada está de várias flores,
As folhas brandamente agita a selva;
Aqui o doce fresco respiramos,
Que nos oferece a sombra destes ramos.
Daquela fria gruta, que morada
É das formosas Ninfas da espessura,
Sai murmurando a fonte prateada;
A rola suspirando entre a verdura
Espalha mil requebros namorada,
A suave e queixosa Filomena
Faz ao longe soar ternos acentos;
Tudo, Pastor, a doce Cantilena
Convida nestes verdes aposentos.
Tu de Melindo a gentileza canta,
Que eu te responderei cantando, Alcino,
Da bela Márcia as graças com que encanta.

Alcino

Sim, Menalca, eu começo sem demora,
E tu solta depois a voz sonora.
Se com vosso favor, Musas suaves,
Em minha fruta neste bosque umbroso
Os cantos imitei das doces aves,
Agora com o néctar melodioso
Perfumai minha boca, porque espanto

Hoje seja Melindo no meu Canto.

Menalca

Se à sombra destas árvores tangendo
Minhas canções, ó Febo, te agradaram,
Quando o famoso Tí tiro vencendo
De teus ramos as Ninfas me c'roaram,
Faze, que ainda mais que da alva a Estrela
Em meus Versos pareça Márcia bela.

Alcino

Amor, que dos vermelhos pomos belos
Tem no mimoso rosto a viva cor,
E tem inda mais louros os cabelos,
Que as espigas que corta o segador,
Tão formoso não é, tão engraçado,
Como o gentil Melindo desejado.

Menalca

De verdes folhas e cheirosas flores
A alegre Primavera ornando o prado,
Espalhando os brilhantes resplandores
Na serena manhã o Sol dourado,
Tão amáveis não são, tão deleitosos,
Como de Márcia os olhos luminosos.

Alcino

Olha a famosa Márcia por Melindo
Enchendo os belos olhos de ternura
Como lhe está no rosto reluzindo
Do mais ardente amor a chama pura.
Quem negará, Mancebo, teus louvores,
Vendo Márcia por ti morrer de amores!

Menalca

Olha corno Melindo, que inflamado
Na luz dos claros olhos esmorece,
Ansioso suspira namorado,
E enternecido o coração lhe ofrece,
Quem não louvará Márcia, se a beleza
Tem de Melindo a liberdade presa!

Alcino

Quando daquela rocha despenhadas

Duas cabras do pobre Aléxis viu,
Duas tirou das suas mais gabadas,
E com elas do triste o mal remiu:
Logo Melindo do Pastor queixoso
Reparou a desgraça generoso.

Menalca

Que mágoa, que piedade não mostrou
A bela Márcia, quando de Montano
A madura seara se abrasou?
Consola o infeliz no grave dano,
E logo de seu campo dilatado
Lhe manda dar do trigo já segado.

Alcino

Tenho um fiel cachorro, que o primeiro
É na destreza, novo e bem malhado,
Sabe da fruta ao som dançar ligeiro,
Por Fílis salta sobre o meu cajado:
Mas quero que um projecto novo emprenda,
Que a saltar por Melindo agora aprenda.

Menalca

De uns confusos silvados entre a rama
Apanhei uma pega inda pequena,
Mil cousas lhe ensinei, Filena chama,
Diz que o terno Menalca ama a Hiena;
Mas quero que a dizer aprenda agora:
Viva Márcia, que a Márcia o Tejo adora.

Alcino

Os dilatados campos não desejo,
Que o fértil Douro e Lima vão regando
Nem os rebanhos que sustenta o Tejo;
Feliz serei, se o meu Pastor cantando,
Repetirem comigo as penedias;
Sempre sejam dourados os teus dias.

Menalca

Não cobiço aquela árvore divina,
Que os pomos de ouro dá, nem as preciosas
Conchas que o licor tem, com que a lã fina
Tingem da viva cor das belas rosas,
Desejo que apesar das névoas frias
Sempre sejam dourados os teus dias.

Alcino

Sempre em teus largos campos deleitosos
Cheiroso mel distilem os rochedos,
E c'o peso dos frutos deliciosos
Vejas curvar os verdes arvoredos,
Fujam de ti cuidados e agonias;
Sempre sejam dourados os teus dias.

Menalca

Cedo vejas brincar sobre estas flores,
Sem que ofendidos sejam dos espinhos,
Do amor teu os caríssimos penhores,
Como ao redor da mãe os cordeirinhos;
Cerquem-te, bela Márcia, as alegrias;
Sempre sejam dourados os teus dias.

Alcino

Basta, Pastor que por detrás do monte
Vai o disperso gado já descendo.

Menalca

Pois tomemos o atalho ali defronte,
Que já também nos vai anoitecendo.

Violina

Écloga IX

Aulisa e Dafne

Dafne

Aulisa, donde corres, a quem levas
Estas grinaldas, e festões de flores?
Tu de purpúreas rosas coroada!
Adonde com ornatos tão festivos
Alegre moves apressada os passos?
Agora, que as cabeças inclinando
Estão com a calma ardente as dormideiras,
E à fresca sombra está dos arvoredos
O preguiçoso gado ruminando?

Aulisa

Para o bosque dos mirtos vou correndo,
E já cansada venho da campina.

Dafne

Pois um pouco descansa nesta selva;
Aqui do Sol os raios não penetram
Os verdes ramos dos copados freixos
Co'as frondosas parreiras enredados.
A Ninfa desta gruta, que parece
Estar saudosas lágrimas vertendo
Pelas musgosas fendas do rochedo,
Aumenta destas sombras a frescura.
Esta viçosa relva brando assento
Nos oferece, Pastora, aqui descansa.

Aulisa

Deter-me aqui não posso, que me esperam
Nas margens da ribeira as mais Pastoras.

Dafne

Ah maligna Pastora, sempre buscas
Subtis e novos modos de fugir-me;
Para que me enganaste aquele dia,
Que esperar-te no rio me mandaste,
Dizendo, que ali logo levarias
As brancas patas a banhar nas águas?

Ah maligna Pastora, facilmente
Meus vãos desejos enganar pudeste:
Ali passei a tarde suspirando,
'Té que as sombras caíram das montanhas.
Quantas vezes chamei Aulisa, Aulisa,
Mas só Aulisa os vales respondiam?
Ali para oferecer-te te levava
Um ramo de coral e ruivas conchas,
Que Agrário, Pescador, me tinha dado
Por lhe ensinar as pastoris Cantigas:
Também Versos levei para cantar-te,
Em que dos teus rigores me queixava,
E te pintava convertida em cana
A dura e bela Ninfa que os amores
Ingrata desprezou do deus Caprino.

Aulisa

Importuno Pastor, não me perturbes;
Quase me tem fugido dos sentidos
O doce e novo som de uma Cantiga,
Que há pouco me ensinou o sábio Elpino,
E vou cantar na festa celebrada
Em louvor da belíssima Violina;
Com tais Versos vencer cantando espero
A mesma Fílis, a invejosa Alcipe.

Dafne

Pois se te agrada, Aulisa, aqui sentar-te,
Debaixo deste freixo provaremos
Ao som da minha fruta o novo Verso:
E tu agora o Canto exercitando,
Mais na lembrança o levarás seguro.
Não te apresses, Pastora, que inda Febo
Do mais alto do Céu pouco declina;
Aqui passa cantando a quente sesta,
Até que a branda viração da tarde
Refresque os ares meneando as ramas.

Aulisa

Bem me advertes, ó Dafne; sim, vejamos,
Se a memória está pronta; eu princípio,
E tu me segue co'a delgada fruta.

Fiquem mansas no monte
As feras sanguinosas;
Prendei as bravas ondas,
Ó Tágides formosas.

Que o nome de Violina
Vai soar no meu Canto;
Suspende, ó Filomena,
Suspende o triste pranto.
Ó formosa Violina,
Por quem floresce o prado,
Por quem despreza a Flora
Zéfiro namorado.
Por verem de teus olhos
Os claros resplandores
Habitam nesta selva
As graças e os amores.
Por ti penhas e troncos
Respirando alegria
Cantam sonoros Versos
Neste ditoso dia.

Dafne

A tua voz sonora levantaram
As Náíades as fronte sobre as águas;
Os Sátiros por entre as verdes ramas
As agudas orelhas estenderam.
Tanto excedes cantando Alcipe e Fílis,
Quanto o suave Cisne o rouco ganso;
Mas se a meu puro amor sensível fosses,
Uma nova Cantiga te ensinara,
Com que certa a vitória ter podias,
Inda que contendesses com as Musas;
Mas tu, ingrata, meu amor desprezas;
Não prezas minhas dádivas e Versos.

Aulisa

Não é ingrata Aulisa injustamente;
De mim te queixas, desejado Dafne,
A suspeitosa mãe, que vigilante
Os meus passos observa, não consente,
Que ao vale, onde apascentas, leve o gado.
Ensina-me, Pastor, teus brandos Versos,
Os teus Versos já Títiro venceram,
E com eles louvar quero Violina;
Ensina-me teus Versos, ó meu Dafne,
E este meu coração em prémio aceita.

Dafne

Ó minha bela Aulisa, se te agrada,
A Violina dedico a minha frauta,
Nestes vales farei soar seu nome,

Por ti, dos bosques às estrelas altas,
Voarão seus louvores nos meus Versos.
Ó branca Galateia,
Deixa as limosas e salgadas grutas,
Foge ao som pavoroso,
Com que as ondas se quebram nos rochedos;
Vem à sombra dos verdes arvoredos
Ouvir na minha frauta
Soar o doce nome de Violina,
E julgarás o Canto
Grosseiro de Alcino; teu encanto
Vem cercado das húmidas Deidades
Celebrar este dia.
Aqui os bravos ventos não combatem
As altas plantas, porque fazem sombra
À formosa Violina.
Só Zéfiro brincando entre a verdura,
Colhe o perfume das cheirosas flores,
E sussurrando canta seus louvores.
As aves, os acentos
Com as sonoras fontes concertando,
Festejam o feliz e grande dia,
De que a bela Violina foi Aurora.
Ó branca Galateia,
Sai das águas e pisa a seca areia,
Vem ver a formosura
Do Tejo e Douro espanto,
Por quem de Aulisa o Canto
Há-de hoje triunfar.
O doce movimento
De seus graciosos olhos
Faz nos secos abrolhos
As flores rebentar.

Aulisa

Que agradável Cantiga! Facilmente
Me ficou a toada nos ouvidos,
Mas não tenho inda os Versos na memória.

Dafne

Espera um pouco, Aulisa, que encaminhe
Para as margens do Rio o meu rebanho,
E pelo vaie abaixo irei cantando,
Té que te fiquem presos no sentido.

Inveja

Écloga X

Meu rafeiro fiel, único resto
Dos bens que me entregou a avara sorte,
Fujamos desta selva, onde a desgraça
Me traz pelos cabelos arrastado;
Vem cá fiel Melampo, que amoroso
Me estás com mil afagos festejando,
Por me estar em meus males consolando,
Fujamos destes campos que a inveja
Tem com seu negro bafo envenenado.
Aqui as plantas fruto não produzem;
Aqui antes de abrir as flores murcham;
E se a semente o Lavrador derrama,
Morre afogada da importuna grama.
Adeus, praias do Tejo, adeus, campinas
Banhadas de meu sangue e de meu pranto,
Ficai pois dos despojos carregadas,
Que o fado me venceu sem resistência,
Que eu vou fugindo à bárbara inclemência,
Que tanto sem piedade me persegue.
Qual madeiro, que a rápida corrente
Arrebatado leva e entre as ondas
Ora escondido fica, ora aparece,
Aqui já se desprende de um penedo;
Ali noutra vai dar precipitado,
Até que sobre algum se despedaça,
Assim eu impelido da desgraça
Irei por vales, montes e desertos
Até perder a vida despenhado.
Ferinos corações, que a torpe Inveja
Estais c' o próprio sangue alimentando,
Vossas iras fartai em meus estragos;
Vós, que vos alegrais se o nédio gado
Do vizinho Pastor mata a gafeira,
Ou se a cheia lhe leva a sementeira.
Tudo enfim já perdi, já me não resta
Nem sequer unia sombra de esperança,
Com que este triste pensamento engane.
Vede nas garras do faminto lobo
As formosas, as únicas ovelhas,
Que o destino cruel me consentia.
Foi-se a minha Estrelada, que eu amava
Inda mais do que Títiro, Amarílis
Outra igual nestes montes não pastava
Vede, enfim, destas míseras colmeias
Uns enxames fugidos, outros mortos,

E de um raio abrasada a pobre choça.
Que mais pode ferir-me o duro fado?
Vós, ímpios corações, tanto pudestes,
Que em ódio a piedade convertestes,
Em que eu tão felizmente descansava.
Do nosso Maioral eu era amado,
Vós me fizestes dele aborrecido;
Fartai-vos já me vedes abatido,
Já, cruéis inimigos, me estais vendo
Tal como a débil vide, que lhe falta
O robusto, e alto tronco, a que se arrime.
Salvai, piedosos Céus, salvai dementes
Destes ímpios os tristes inocentes.
Sacudi altos montes os rochedos,
Lançai-os sobre gente tão malvada,
Para vós se converta o branco leite
Em terrível veneno de serpente:
Fontes, negai-lhe as águas saborosas,
Negai-lhe a sombra, ó arvores frondosas.
Oh tempo antigo! Venturoso tempo,
Se é verdade o que os sábios velhos contam
Inda então não soava o feio nome
Da denegrada Inveja: a vã cobiça
Não abrasava os campos assolando
O mísero sustento dos Pastores.
Ah, pervertido tempo! Então vivia
Nestas selvas a cândida inocência,
Amavam-se os Pastores ternamente,
Só cuidavam dos gados, e lavouras,
Doces» Versos contentes entoavam
Em louvor da paz santa, que gozavam,
Mas já tão bons costumes se perderam.
Agora o pobre gado desamparam,
Deixam do bosque a doce amenidade,
E se embranham no centro da Cidade.
Ali debaixo tios dourados tectos,
Ajoelhando ante seus habitantes,
Estão em tomes crimes insolentes
Culpando os miseráveis inocentes.
Adeus, formosas Ninfas, aqui deixo
No tronco deste fúnebre cipreste
A capela de louros» com que a fronte
Me honrastes quando aqui venci Palemo,
Vencedor me julgou o Mestre Elpino.
Adeus, formosas Ninfas, destes bosques
Parte chorando o infeliz Alcino,
Vou habitar para as geladas serras
Desertas de Pastores e de gado;
Adonde em vão do Sol os raios ferem
A fria neve; adonde não há planta,

Que fresca sombra faça aos encalmados;
Ali irei viver dos desgraçados,
Mas livre de tratar peitos fingidos,
Que com palavras brandas de amizade
Me despenhem do alio de uma rocha:
Ali verei se cansa de afligir-me
O terrível açoute da fortuna.
Mudou o tempo) o curso deste rio,
Que daquela serra a tu se despenha,
De um pimpolho este tronco fez robusto,
Rasgou o duro seio desta penha,
Mudou em fértil campo o mato agreste,
Só a minha desgraça se não muda,
Descei, Deuses do Céu, em minha ajuda.

Sileno

Écloga XI

Alcino e Sileno

Alcino

Cantemos, fruta, míseras Endechas,
Enquanto a verde relva pasta o gado;
Demos ao surdo vento tristes queixas,
Inútil refrigério de um magoado.
Ouvi, selvas, o som de um descontente,
Já que de nós Tirceia vive ausente.
Quando haveis de deixar, olhos saudosos,
De banhar-me com lágrimas o licito!
Quando vereis, ó fados rigorosos,
Vosso rigor comigo satisfeito!
Mas chorai, olhos meus, a ausência dura,
Chorai, já que nascestes sem ventura.
Esta espessura vede, onde já vistes
O bem, por quem chorais agora ausentes:
Quem dissera que havíeis de ver tristes
Este prado, que vistes tão contentes!
Ali se vê a relva inda pisada,
Onde Tirceia esteve reclinada.
Ali junto das margens da ribeira
À fresca sombra de um rocha dura
Foi o lugar, aonde a vez primeira
Me c'roou com seus mimos a ventura.
Estrelas, se já fostes tão piedosas,
Porque me sois agora rigorosas?
Tão modesta comigo aqui passava
A bela Ninfa em prática amorosa,
Que quando respeitosa lhe beijava
A delicada mão branca e formosa,
Vergonhosa ficava um breve espaço
Com os olhos caídos no regaço.
Quantas vezes dizendo que me amava,
No seu formoso rosto conhecia
Que cheia de ternura desejava
Inda dizer-me mais do que dizia?
Porém não lhe deixava o honesto pejo
De todo declarar o seu desejo.
Uma tarde me disse na floresta,
Que lá junto da praia eu a esperasse,
Que ali iria ver-me pela sesta,
Depois que das Serranas se apartasse;
Que sem guarda o rebanho deixaria

Só por estar na minha companhia.
O caminho da praia fui seguindo,
Sentei-me sobre uns côncavos rochedos,
Onde do prado estava descobrindo
Os verdes e frondosos arvoredos,
'Té que depois da sesta já passada
A vi ao longe vir muito apressada.
Vinha por entre as ramas tão airosa,
Que dava graça a tudo quanto via,
Com a pressa do andar a cor formosa
Nas belas faces mais se lhe acendia;
Os cabelos, que de ouro a cor mostravam,
Pelo nevado colo se espalhavam.

Sileno

Que deleitoso Canto, que harmonia
Soa nos vales deste oculto prado!
Quem será, que em lugar tão retirado
Espalha tão sonora melodia?
Mas quem havia ser, que solitário
Estivesse cantando docemente,
Senão o triste Alcino, que da gente
Anda sempre fugindo, como vario?
Meu desejado Alcino, caro amigo,
Dá-me os teus braços, que inda bem não posso
Explicar-te a alegria, o alvoroço,
Que sinto em encontrar-me hoje contigo.

Alcino

Aqui, Sileno, os tens; mas que gostosa
Te pode ser de um triste a companhia,
A quem persegue a dura Tirania
Da ventura cruel, e rigorosa?

Sileno

Aqui de teu queixoso e doce Canto
Me traz a suavidade arrebatado,
Que tinha todo o campo deste prado
Cheio de um novo assombro, um novo encanto.
Parece que estas penhas se moviam
Por te ouvirem, que os ventos se acalmavam,
Que de pasmo os cordeiros não pastavam,
Que estas águas também se suspendiam.

Alcino

Tais, meu Sileno, são as minhas mágoas,

Que tudo de me ouvir se compadece,
O mais duro penedo se entenece,
Suspendem a corrente as frias águas.

Sileno

Dize-me, meu Alcino, que desgosto
Te pode penetrar, de que te pesa,
Que pela sonolência da tristeza
A alegria trocaste de teu rosto?
Que loucura te traz preocupado
Sem acordo, sem uso e sem sentido,
Que de tudo te vemos esquecido,
Sem te lembrar ao menos do teu gado?
Faminto no redil, ou pelo estranho
Pasto o deixas andar com desatino;
Não sabes que não tem, amigo Alcino,
Um Pastor maior bem, que o seu rebanho?
Eu quando recolhendo ia o meu gado
Os dias da semana já passada,
Dons cordeiros perdidos da manada
Dos teus achei metidos num silvado.
Com OS meus os levei, e inda até agora
Para buscá-los não tiveste um dia?
Torna em ti, meu Pastor e essa agonia,
Que assim te traz mudado, lança fora,
Tu já não vás à Aldeia ver a festa,
Nem ao jogo da barra e forte luta,
Nem na serena tarde já se escuta
Soar a tua frauta na floresta.
Se te falam, não ouves, nem respondes,
E soltas sem acordo mil suspiros,
Fugindo andas tia gente, e nos retiros
Dos mais ocultos matos só te escondes.
Os olhos trazes sempre rasos de água,
Andas como assustado e vacilante,
Enfim nada se vê no teu semblante,
Que não seja sinal de dura mágoa.

Alcino

Padecendo da ausência as cruéis dores,
Que gosto posso ter, ou que alegria?
Já viste porventura alegre o dia,
Que a ver cio Sol não chega os resplandores?

Sileno

Pastor, faze do tempo confiança,
E não te entregues todo ao sentimento.

O remédio eficaz deste tormento
É desterrar a causa da lembrança.

Alcino

Oh, como facilmente o são aplica
Os inúteis remédios ao doente!
Sileno a tua cura não consente
O tormento, que assim me mortifica.
Qual duro marinheiro, que valente
Contra o poder das ondas remar vemos;
E pode mais, que a força de seus remos
A impetuosa fúria da corrente,
Assim para apartar da conjectura
A causa do tormento, em que me vejo,
Debalde me resolvo, em vão forcejo,
Que pode mais de amor a força dura.
Nem em um só instante separados
De mim meus pensamentos ver queria,
Que um saudoso não tem outra alegria
Mais que a contemplação de seus cuidados.
Anda-me sempre Amor acompanhando,
Mil glórias, e mil bens me representa,
Com doces esperanças me contenta,
Assim minhas saudades vou passando.
Das árvores os brandos movimentos,
O doce murmurar da fonte pura,
E do canto das aves a doçura
Me movem amorosos pensamentos.
Vou pelo prado, e entre as flores vejo
Andar brincando Amor; vou pelo monte,
Ou pela praia, e ele vai defronte
Mil tesouros mostrando a meu desejo.
Ora a meus olhos mostra ali presente
Toda cheia de agrado a bela Amada,
Ora à sombra das árvores sentada
Nos mesmos campos, donde vive ausente.
Tão terna ali a vejo, e tão ansiosa
Nos enganos, que Amor me vai tecendo,
Que por mim me parece, que a estou vendo
De quando em quando suspirar saudosa.
Aqui de sua estranha formosura
Me traz o doce gesto ao pensamento;
Ali o gracioso movimento
De seus formosos olhos me afigura,
Assim neste pesar de noite e dia
As mais das horas passo em tais lembranças;
Outras vezes em mil desconfianças
Enleado me traz a fantasia.
Quantas o cruel fogo do ciúme

Injustamente o coração me inflama!
Mas é pensão forçosa de quem ama
O sustentar receios por costume.
Como de um frio susto traspassado
O coração me deixa esta lembrança,
Porque basta qualquer desconfiança
Para assustar um peito namorado.
Viste turbar-se a fonte sossegada,
Que os seixinhos no fundo está mostrando,
Só com o movimento leve e brando
Da flor, que cai do ramo desfolhada?
Assim para ficar sobressaltado
De um peito amante o ânimo extremoso
Um pensamento basta duvidoso,
Basta um receio sem razão formado.

Sileno

Mas ai, Alcino, que uma rês malhada
Cair agora vi da ribanceira,
Vamos ver, se está salva da ribeira,
Não ma leve a corrente arrebatada.

Albano

Écloga XII

Num vale de frondosos arvoredos,
Onde a corrente de uma fontezinha
Por entre verdes juncos e penedos
Para as praias rio Tejo se encaminha;
Onde a relva se vê sempre viçosa,
O roxo lírio, a encarnada rosa.
Ali junto de unia árvore sombria
Sentado estava Albano sobre as flores,
E ao som de uma sanfona, que tangia,
Saudoso cantava seus amores;
E cantavam pendentes dos raminhos
Também os namorados passarinhos.
De uma grinalda a fronte enriquecia
De lírios e boninas fabricada,
Escrito no instrumento) se lhe via
O Nome da Pastora suspirada,
E no cajado as prendas excelentes
Como troféu de Amor tinha pendentes.
Desordenado andava pelo outeiro
Gostando a verde relva o manso gado,
Somente do solícito rafeiro
Pelo deserto monte acompanhado,
Enquanto o seu Pastor ao vento dava
As queixas, que saudoso assim cantava:
«Solitária campina,
Medonhos vales, rústica aspereza,
Fonte não tendes, árvore, ou bonina,
Que não encha meus olhos de tristeza.
Que diferentes são, que deleitosos
Os campos saudosos,
Onde a minha Pastora ausente assiste!
Nada ali se vê triste;
Não sei que nova graça
Estão aquelas plantas respirando!
Que suavemente a calma ali se passa
Ao movimento brando,
Que faz o fresco vento no arvoredado!
Não sei que maravilha ali me of'rece
Qualquer tosco penedo,
Que melhor que estas plantas me parece!
Aqui as mesmas flores a meus olhos
Se convertem em ásperos abrolhos;
Lá os espinhos duros
Em frutos saborosos e maduros.
Olhos, por quem de amor sempre suspiro,

Vinde ver-me, e vereis pelo meu rosto
As lágrimas correndo em largo giro;
Vereis o triste estado em que o desgosto
Me tem da larga ausência;
Com tanta violência
Os saudosos ais esta alma exala,
Que parece que estala
O triste coração de sentimento.
Vinde, olhos, consolar-me em tal tormento,
Eu creio que vos vira
Não só cheios de amor, mas de piedade;
Se me vísseis tias ânsias que conspira
Contra mim o rigor desta saudade.
É possível que lástimas não tenhas,
Fado injusto, de ver tão divididos
A quem Amor uniu tanto as vontades!
Como cruel te empenhas
Em que eu padeça os golpes repetidos
Do terrível tormento das saudades!
Mas segue o teu costume, dura sorte,
Que por mais que o rigor tirano e forte
Armes contra meu peito,
Não hás-de nunca o laço ver desfeito
Deste constante amor, desta fé pura;
Inda que em meus retiros
Não alcance outros mimos de ventura
Mais que lágrimas tristes e suspiros.»
Assim soltava Albano o triste pranto,
Com que a dor da saudade mitigava;
Mas a noite, que as sombras espalhava,
Renovando-lhe o mal deu fim ao Canto.

Alcino

Écloga XIII

Há nas margens do Tejo caudaloso
Um bosque tão sombrio e intricado,
Que dos raios de Febo luminoso
Jamais em tempo algum foi penetrado;
Um vaie tão) profundo e tão fragoso,
Tão estéril, medonho e inabitado,
Que parece que o fez a Natureza
Para horrível morada da tristeza,
As pardas sombras vinha o Sol rasgando,
Enchendo de alegria os Horizontes,
E com escassa luz vinha dourando
Os altos cumes, dos floridos montes;
Inda bem não se estava retratando
Nos undosos cristais das claras fontes,
E enxugava tias folhas das boninas
As lágrimas da Aurora cristalinas;
Quando do mais oculto do arvoredor
O desgraçado Alcino se assentava
Junto de um alto e rústico penedo,
Onde uma clara fonte rebentava;
Fazia ao mesmo vaie espanto e medo
Com os tristes suspiros que exalava,
E formava estas queixas descontente,
Como se a causa fosse ali presente:
«Falsíssima Pastora, a quem voltaste
Aqueles belos olhos, que algum dia
Tão cheios de piedade me mostraste?
Ali Serrana cruel! Ali fera ímpia!
Como depressa desse peito ingrato
Mostraste a desumana tirania!
És mais cruel, que as feras deste mato,
E inda mais fugitiva e inconstante
Do que as águas, que leva este regato.
É a tristeza em mim tão incessante
Depois que me negastes teus favores,
Que só sei suspirar a todo o instante.
Oh! Não uses comigo tais rigores,
Não me desprezes não, que é cousa feia
Desprezar quem por ti morre de amores.
Tal no desgosto estou, que deixo a Aldeia
Ainda antes que a luz do Sol aponte,
E a triste solidão só me recreia.
O gado deixo errante pelo monte,
E aqui passo chorando os mais dos dias
Sentado sobre as pedras desta fonte.

Aqui me lembra quanto me dizias,
E tudo o que entre nós então passava,
Quando tão enganado me trazias.
Lembra-me, quando as flores apanhava
Pela verde campina da floresta,
Com que os louros cabelos te toucava.
E lembra-me também, que junto a esta
Fresca fonte debaixo desta faia
Passávamos a calma pela sesta.
Lembra-me, quando andámos pela praia
As luzentes conchinhas apanhando,
Que o Mar lança na areia, quando espraia.
E também um serão me está lembrando,
Que na tua cabana e outros da serra
Em baile e canto estávamos passando.
Mas, como ao peito, a quem Amor faz guerra,
Nunca o viver alegre lhe consente,
Nos olhos se me via o que a alma encerra.
Eu sei que estava triste e descontente,
Mas não sei, se de Amor era o costume,
Ou se já receava o mal presente.
Sentia a alma abrasar-se em vivo lume,
Morder-me o coração também sentia
O áspide venenoso do ciúme.
Assim estava eu nesta agonia,
Quando tu me mandaste por Silvosa
A mágoa perguntar que padecia.
A mim chega a Serrana, e cautelosa
Com ternura me disse o quanto estavas
De ver-me descontente cuidadosa.
E que de novo enfim me seguravas
De ser sempre fiel, sempre constante
A fé, que no teu peito me guardavas.
Escuta qual fiquei naquele instante!
Encheu-Se de alegria de improviso
O coração, as vozes e o semblante.
Qual menino, que chora sem aviso,
A quem a Mãe com mimos afagando
Lhe faz trocar o pranto em doce riso;
Pois assim eu, que estava suspirando,
Ao escutar as vozes da Pastora
Em alegria as mágoas fui trocando.
Nunca nos meus ouvidos tão sonora
Foi a lira tocada no descante,
Como a voz de Silvosa aquela hora.
Nunca a hera do choupo tão amante
A mim me pareceu nesta espessura,
Como me pareceste aquele instante.
Oh como então soubeste na ternura
Ocultar os rigores desumanos

Da tua condição tirana e dura!
Julguei serem verdades teus enganos,
Que não cuidei que tanta falsidade
Usar pudessem corações humanos.
Oh Pastora sem fé e sem lealdade!
Oh coração de fera embravecida
Sem amor, sem ternura e sem piedade!
Como não te lastimas de uma vida
De tuas sem-razões tão desgostosa,
Das setas de amor cego tão ferida!
Ah! Não sejas ingrata e rigorosa,
De ser tão desumana não te prezes,
Que te faz parecer menos formosa.
E possível, ingrata, que desprezes
Um amante Pastor, a quem chamaste
O teu amado Alcino tantas vezes!
Depois que tu, cruel me desprezaste
Com tal rigor, com tanta tirania,
Ao mais mísero estado me entregaste.
Já não tenho prazei; nem alegria,
Já nada é agradável aos meus olhos
De quanto o Céu nos mostra, a Terra cria.
Os nevados jasmíns, tenros pimpolhos,
E as mais flores, que esmaltam este prado,
Me são agudos e ásperos abrolhos.
Contigo tudo vejo estar mudado,
Nem claras as Estrelas me parecem,
Nem o Sol, como dantes tão dourado.
Todos os do lugar me desconhecem;
E quando alguns me vêem, cheios de espanto
Com os olhos em mim mudos se esquecem.
Eu era o mais gabado em baile e Canto
Dos Pastores do Tejo; mas já agora
Só sei nos olhos enxugar o pranto.
Ao longo da ribeira a toda a hora
Sentado sobre a relva, e entre as flores
Tocava a minha citara sonora.
Suspensos me escutavam os Pastores,
E depois que os folgares se acabavam,
Me rogavam mil bens e mil louvores.
As Semanas, que a ouvir-me se ajuntavam
Para me coroarem, as capelas
De murtas e de flores concertavam,
Eu era desejado das mais belas,
Nenhum dos guardadores dia montanha
Merecia mais que eu nos olhos delas.
Mas oh terrível mal! Ó dor tamanha!
Tal me tem a agonia, em que estou posto,
Que quem então me viu, hoje me estranha.
Tu só a causa és deste desgosto,

Pois te fez por meu mal a Natureza
Tirano o coração, formoso o rosto.
De ver-me assim magoado não te pesa?
Ó chuto coração, tira tio e fero,
Incapaz de animar tanta beleza!
Deixa, falsa, o rigor duro e severo,
E vem aqui gozar, bela homicida,
De um terno coração, que dar-te quero.
Já que não vens de puro amor rendida,
Vem ao menos tias mágoas consolar-me
De meus aflitos ais compadecida.
Os teus formosos olhos vem mostrar-me:
Ah! Não fujas, cruel, de quem te adora,
Olha que amor ofendes em deixar-me.
Por que foges de mim, gentil Pastora?
Assim é que às finezas correspondeste
De um amante Pastor, que por ti chora?
Dize, cruel, por que de mim te escondes?
Já segues outro Amor, outra vontade?
Tirana, adonde estás, que não respondes?
Assim, falsa, com tanta crueldade
Às minhas queixas cerras os ouvidos?
Ah que para alguém guardas a piedade,
Que negas a meus ais e a meus gemidos!»
Assim o triste Alcino se queixava
Da causa do tormento que sentia,
Mas já mal seus pesares explicava,
Que o soluçar as vozes lhe impedia:
Com suspiros os montes abalava,
Com terníssimos ais os Céus feria;
E em cima de um penedo reclinado
Adormeceu de suspirar cansado.

IDÍLIOS

IDÍLIO I²

Tristes Mortais, que estrago lamentável
Faz em vós a mortífera Serpente!
Com boca famulenta a todos fere,
A Terra geme envolta em negro luto,
O pranto banha as faces descoradas.
Fugi, fugi do monstro; porém, onde
Podereis escapar a seus furores,
Se o terrível veneno que respira,
Todo o Universo tem contaminado,
A toda a parte o hálito corrupto
A dura morte leva sem refúgio?
Ó Serpente cruel! Ó fatal pomo!
Em que horrível desgraça, em qual abismo
Submergistes os míseros humanos!
Mas serenai, Mortais, o triste pranto,
Fujam do Mundo as ltuosas sombras;
Santos Profetas, Patriarcas Santos,
Que suspirando estais tio Limbo escuro,
Levantai as cabeças exultando,
Que a dissipar as trevas principia
A prometida luz; alegres Hinos
As Nações cantem, que chorando estavam.
Coroada de Estrelas cintilantes
Já do Líbano desce a Mulher forte,
A cuja nova luz fica assombrado
O claro Sol no poluto mais brilhante.
Como ao Divino aspecto se confunde
O funesto Dragão! Agora busca
Enroscado entre as selvas esconder-se,
Agora espavorido o colo erguendo
Fogo despede dos torcidos olhos;
Como vibrando a língua sibilante
Furibundo co'a cauda a Terra açouta!
Mas a vaticinada forte Virgem,
Desprezando os indómitos furores,
Acomete o raivoso e fatal Monstro,
Já valorosa com o pé lhe oprime
A medonha garganta, e resoluta
A escamosa cabeça lhe separa!
Já nos ares suspende a mão mimosa
O terrível triunfo envolto em sangue.
Assim Judite intrépida degola
O soberbo opressor da grão Betúlia,

² À Imaculada Conceição de Maria Santíssima.

E no meio de Povo desolado
Levanta pelos húmidos cabelos
A horrível cabeça ensanguentada.
Deixa o pranto, Israel, sacode as cinzas,
Rompe em Cantos de júbilo; os louvores
Canta da vitoriosa Virgem pura,
Que a indomável Serpente vencer pode,
Ficando ilesa do mortal veneno.
Ela só entre todos as humanos
Foi do comum contágio preservada;
Assim como uma única família
Ficou livre das chamas de Sodoma;
Assim uma só não salvar se pode
Das ondas vingadoras do Dilúvio;
Assim de Gedeão o seco velo
Entre o grosso chuva ileso fica,
Que as denegridas nuvens desatavam.
Ó Virgem Santa, Virgem Imaculada,
De entre as águas a frente levantando
O sagrado Jordão de prazer cheio,
Faz soar pelos vaies o teu Nome.
As seivas, os rochedos cantam Hinos:
«Viva, viva de Abraão a grande filha!»
Estão os altos montes repetindo.
Virgem pura de luzes adornada,
Fonte de graça, fonte de prodígios,
À tua incomparável formosura
Cedem as flores dos amenos prados.
A Lua cede, que as Estrelas vence,
E cede o mesmo Sol, que a Lua assombra.
Simples Pastores, em louvor da Virgem
Erguei Altares nas amenas selvas,
Coroai-os de folhas e de flores;
Entre o cheiroso fumo as chamas brilhem,
As vossas doces frutas às Estreias
Levantem de Maria o Nome Santo;
E logo vereis, como a Mão piedosa
Espalha em vossos campos a abundância;
Salva os rebanhos do mortal contágio,
E das feras rapaces os defende.
Sim, ó Virgem, tu és seguro escudo
Contra os golpes da morte e da fortuna.

IDÍLIO II

Como vem nos Horizonte descobrindo
A Aurora a rouxa fronte!
Oh corno alegre e bela se vem rindo!
Sobre o florido monte
Nova luz, novo orvalho hoje derrame,
Que a buliçosa rama
Como aljôfar guarnece,
E mais que o cristal pouco resplandece.
Que frondosos estão no Inverno frio
Os verdes arvoredos!
Como pura a corrente deste rio
Sobre os lisos penedos
Em branca e crespas escuma vai quebrando,
E as ondas espalhando
Em cristalinas veias
Lambe em remanso plácido as areias!
Agora que o Dezembro congelado
Com serenos semblante,
E não de inchadas nuvens carregado,
Nos mostra o Sol brilhante,
Gostai, gostai as húmidas ervinhas,
Mansas ovelhas minhas,
Que eu cheio de alegria
Cantarei os louvores deste dia.
Mas que vejo! Ó prodígio nunca usado!
Na rústica espessura
A sombra de um Carvalho alto e copado,
Que lá da grande altura
Os elevados ramos debruçando
Está sempre amparando
Benéfico e robusto
A hera humilde, o mais rasteiro arbusto.
A sombra venturosa vai buscando
Todo o coro das Musas,
Trás delas as Bacantes vão saltando
Em coreias confusas;
Uma Ninfa, que às outras se adianta,
Que nos ombros levanta
Duas asas brilhantes,
Que despede mil luzes cintilantes,
Entre seus braços leva reclinada
Uma tenra Donzela,
Que de cândidos lírios adornada
Lhe traz a fronte bela;
Já num trono de flores e verdura
A nova formosura,
Mais que todas graciosa,

Assenta reverente e respeitosa.
Densas nuvens os ramos mais cheirosos
De fumo estão lançando,
Que vai pelo ar com sopros vagarosos
O Zéfiro espalhando;
As Musas tocam doces instrumentos,
E com puros acentos
Sentadas sobre as flores
Assim vão alternando seus louvores.
Belas Ninfas, que as líquidas correntes
Cortais de Alfeu saudoso,
E vós, Pastores, que adornais as frentes
Do louro glorioso,
Que o Ménalo fecundo brota e cria,
Sabei que neste dia
De glórias todo cheio
Alumiar Tarcine ao Mundo veio.
Como brilha em seus olhos a grandeza!
Aquele alto talento
Dos peitos, em que a sábia Natureza
Gerou este portento
Daquele raro Herói, que em zelo acesos
Sustém da Pátria o peso;
Daquela ilustre filha,
Do Danúbio, do Tejo maravilha.
Nas vossas flautas soe o Nome amuado
Da famosa Tarcine,
A repeti-lo ao vaie, ao monte, ao prado
O vosso Canto ensine;
Cisnes do Alfeu, soltai doces acentos,
Ó sussurrantes ventos,
Ficai agora quedos,
Emudecei nos verdes arvoredos.
Zéfiros, que com sopros lisonjeiros
Respirais entre as flores,
As asas levantai, batei ligeiros,
E levai seus louvores
De Região em Região, de prado em prado,
Para que celebrado
Em toda a parte seja
Este Nome apesar da negra inveja.
Serranas destes montes, e campinas,
Vinde, vinde às florestas,
Colhei rosas, jasmims; colhei boninas,
Coroai as alvas testas;
De Tarcine em louvor cantai, Pastoras,
As Cantigas sonoras,
Com que à sombra contentes
Cantais nossos amores inocentes.
Não é mais bela a pudibunda rosa,

Quando entre os seus verdores
Principia a mostrar a cor formosa;
A luz dos resplandores,
Que o Sol mostra na fresca madrugada,
Não é mais engraçada;
Em sua gentileza
Mostrou quanto podia a Natureza.
Nas subtis redes lhe trazei, Pastores,
Os lindos passarinhos,
Medronhos lhe trazei; trazei-lhe flores
Nos seus próprios raminhos;
Dos verdes cedros deste vale umbroso
Colhei o humor cheiroso;
Lançai-o nestas chamas,
Que se alimentam nas fragrantas ramas.
Náiades, que habitais nas puras fontes,
Erguei sobre as correntes
Os húmidos cabelos e alvas fronte;
Os Versos excelentes
Cantai, silvestres Deuses, lá nas brenhas,
Retumbe nestas penhas
Com arte desusada
Do semicapro Pã a fruta amada.
Louvem todos a rara formosura,
Por quem hoje deixamos
Do sacro Pindo a luminosa altura,
Que dos gloriosos ramos,
Que o cristal rega da sagrada fonte,
Verão cingida a fronte;
Com som, que o Mundo espante,
Versos dignos de Apoio a Arcádia cante.
Estas coroas de louro Apoio of'rece
Aos sábios vencedores,
Ele a ser o Juiz do Pindo desce;
Vinde competidores,
Merecei este prémio tão glorioso;
Soe o Canto harmonioso,
Que as c'roas prometidas
Pelas irmãs de Febo são tecidas.

IDÍLIO III³

Sobre uma densa nuvem prateada,
Onde por entre globos resplandece
O rosado esplendor da madrugada,
Do mais alto do Céu Himeneu desce:
A seu lado conduz o Deus Menino,
E na dextra sustenta a sacra tocha,
Já nas margens cio Tejo cristalino
Entra no Bosque às Núpcias consagrado.
Pelo florido prado,
Largando aljava e setas,
Voa brincando a turba dos amores,
Tal como as esmaltadas borboletas
Batendo as leves asas sobre as flores.
Um pesado no tronco de um loureiro
Curva o flexível ramo forcejando,
Para se ver nas águas de um ribeiro.
Outros mil giros dando,
Disputa com o Zéfiro ligeiro Beijar a fresca rosa,
Que começa a mostrar a cor formosa;
Enquanto espalham flores no terreno
As Ninfas do sagrado bosque ameno.
Já uma preclaríssima Donzela,
Que na frente mimosa
De brancos lírios cinge uma capela,
Os olhos abaixando vergonhosa,
Lhe tinge as faces o virgíneo pejo;
Corno se lhe tocasse o belo rosto
A frouxa luz purpúrea cio Sol posto.
Vem pelas mãos das Graças conduzida,
Dentre os saudosos braços arrancada,
Da Mãe enternecida.
Vem de um Mancebo ilustre acompanhada,
Cuja modéstia, cujo grave gesto
Excede a sua juvenil idade.
O sagrado Himeneu com riso honesto
O Círio nupcial nas mãos de Amor
Põe ornado de flores ao redor,
E o branco Véu lançando
Sobre os ternos Esposos,
As castas, santas Leis está ditando.
As Graças os perfumes mais cheirosos
Lhe estão nas cabeças derramando.
Ali o Deus das selvas assentado
Num musgoso penedo coroadado
De verdes ramos de hera,

³ Aos felices desposórios do Ilustríssimo e Excelentíssimo Conde de Oeiras.

Em atenção profunda submergido,
Como quem suas mágoas considera,
Diz, soltando um gemido:
«Ah Mancebo feliz, feliz Esposo!
Quanto mais do que Rã tu és ditoso!
Uma ninfa não segues fugitiva,
Mas uma terna Esposa, que aos ardores
De teu peito responde compassiva.
E se para apurar-te nos amores
Risonha te fugir e desdenhosa,
Será como do Zéfiro lascivo
A namorada rosa,
Que a uma e outra parte vai fugindo,
E a cair-lhe entre os braços torna rindo.
O filho de Sémele acompanhado
Do coro das Bacantes
Vem de frondosas parras adornado.
Licores espumantes
Nos fundos e enramados copos lança,
Ao som de harmoniosos instrumentos,
Mudando os leves pés ligeiro dança.
Agora em compassados movimentos
As soltas flores pisa, agora pula;
Salta a rama, que a frente lhe circula.
O Coro a voz levanta
Suave e modularia,
E as Canções nupciais alegre canta,
Acende Himeneu santo a luz sagraria.
Mas já os dous ilustres Desposados
Para o Tálamo o Deus vendado guia
Em chamas amorosas abrasados,
E cheio de alegria
Mil exemplos de amor e de ternura
Lhes vai notando pelo bosque umbroso.
Aqui dous alvos pombos na verdura
Lhes mostra com sorriso malicioso,
Que as asas enlaçando,
Unindo os ternos bicos docemente,
Se estão com mil afagos namorando.
Ali lhes mostra a hera entre os braços
Do verde choupo preza em firmes laços.
Vedes, lhes diz, a plácida corrente,
Que murmurando pelo prado gira!
São de uma Ninfa lágrimas, que ausente
Do seu caro Pastor triste suspira.
Estas sombrias plantas, cine a espessura
Enchem de amenidade e formosura,
São Ninfas delicadas,
Por amores em troncos transformadas
Ouvís soltar a voz àquelas penhas,

Como para queixar-se aos fundos vaies?
É Eco, que inda chora pelas brenhas
Seus amorosos males,
Os ingratos desprezos de Narciso.
Mas não temas, lhe diz, bela Maria,
Por tão infausto aviso
Sofrer da ingratidão a tirania.
Nunca suspirarás enternecida
Sem logo ver-te com amor ardente
De mil doces afagos socorrida,
Sem que suspire Henrique juntamente.
Benignos, justos Céus, se os sacrifícios
Recebeis de meus Hinos numerosos,
Os meus rogos ouvi; olhai propícios
Os dous gentis, claríssimos Esposos,
Que já nos verdes anos respeitando
Como divino Oráculo os exemplos
Do grande Pai, que o Mundo está assombrando,
Pisando vão com ânimo sereno
Da Virtude os caminhos espinhosos.
Fazei que, como planta em campo ameno,
Que dos ramos frondosos
Brota fecunda os frutos graciosos,
Se vejam rodeados
De uma prole feliz, domando os fados.
Fazei que novos Meios e Menezes
Venham reproduzir a imortal glória
Dos famosos antigos Portugueses.
Brotai, Troncos ilustres, os Viçosos
Pimpolhos em tão casto amor gerados;
Como os não vereis logo vigorosos
Pelas mãos das Virtudes cultivados!
A cadeia renova Amor dourada,
Conserva Himeneu santo a luz sagrada.»

IDÍLIO IV

Ah, Fido! Amado Fido! Céus piedosos!
Aonde, em que lugar chamarei Fido,
Que aos tristes ecos de meus a is responda?
Ah Pastores da Arcádia, dizei onde
Fido dos tristes olhos meus se esconde?
Mas que mágoa, que dor vos emudece!
Dizei onde, ai die iii mi! Que o pranto amargo
Nos já cansados olhos vos rebenta,
As vozes oprimidas dos soluços
Afogais na garganta balbucientes
Ó Céus, que angústia o Ménalo respira!
Nestes ares um som funesto gira
De lamentáveis míseros gemidos.
Ah, Fido! Amado Fido! Céus piedosos!
Aonde, em que lugar chamarei Fido,
Que aos tristes ecos de meus ais responda?
Mas que vejo! Que tumulto horroroso
Entre um bosque de fúnebres ciprestes
Nas ribeiras do Alfeu se me apresenta!
As Ninfas desgrenhadas o rodeiam
E sobre ele os cabelos espalhando
Estão rios de pranto derramando;
Umhas letras gravadas lhe diviso...
Detém-te, Caminhante! Lê e chora:
Aqui jaz Fido, a glória dos Pastores.
Oh monstro inexorável morte dura!
De lágrimas e sangue nunca farta,
O gentil Fido na viçosa idade
Dos olhos nos roubaste sem piedade
Alfeu saudoso! Como não abalas
Em pesar tanto a gruta escura e fria?
Como não gemes, corno não soluças
Nas limosas areias estendido?
Como aos Céus não lançais, troncos rochedos,
Altas vozes de puro sentimento?
Contigo, Fido, nos roubou a morte
Destes amenos campos a alegria;
Contigo faleceu o doce Canto,
Que as indómitas feras amansava,
Movia o monte, os ventos refreava.
Ó Estrela cruel! Destino injusto!
A nossa glória, o nosso amado Fido
Nos restitui, senão verás em pranto
Desfazer nossas míseras entranhas,
Como o gelo, que desce das montanhas.
Nos verdes braços dos amados choupos
A tua eterna ausência as vides choram,

Eu lhes vejo lançar lágrimas tristes.
As rolas solitárias choram, gemem,
Como se a garra do gavião furioso
Lhes tivesse banhado os caros ninhos
Com o sangue dos míseros filhinhos,
Oh, que som lastimoso de ais saudosos
Deste bosque o silêncio está rompendo!
Todos choram perdida a suavidade,
Que nos laços da cândida Amizade
Benignamente os corações prendia.
Levai nossos gemidos, levai ventos,
Aos campos estrelados, onde Fido
C'roado de outro louro agora assiste.
Recebe, ó Fido! O sacrifício triste
Da saudade, em que o Ménalo deixaste.
Os Pastores da Arcádia, que tu vias
Cantar alegres Hinos, coroados
De verdes heras e cheirosas flores,
Agora cantam só tristes Endechas.
Pelos sombrios bosques tão sentidos,
Que os vales compassivos lhes respondem.
De nuvens pavorosas o ar coberto
Em sombras amortalha a luz do dia;
As flores se murcharam destes prados,
Como se o frio Inverno os pés gelados
Pelos fragosos montes já movesse.
O purpúreo jacinto, o branco lírio
Caíram sobre a terra amortecidos,
Os carvalhos largando as verde folhas
Sobre a mirrada relva, a fresca sombra
Aos armentios e Pastores negam.
As sanguinosas feras, de magoadas,
Não perseguem as mansas ovelhinhas;
E seus roucos bramidos horrorosos
Mudaram em gemidos pesarosos.
Oh belas Ninfas dos sombrios bosques,
Cingi as alvas testas de cipreste,
Ornai este sepulcro; cheiros, flores
Sempre sobre ele derramai saudosas.
Já que nos largos campos sempre amenos
Do cristalino Céu descansas, Fido,
Pisando as claras, nítidas Estrelas,
Este jaspe de ramas ornaremos,
Aqui chorosos Versos cantaremos.

IDÍLIO V

Ah Mirtilo, que mal te faz a Pátria?
Porque deixas a nossa companhia?
Porque dos nossos vales te separas?
Torna, Pastor, a estes campos, torna,
Todos te amam, todos te suspiram.
Que vais buscar às praias do alto Douro?
Olha que nesses campos a discórdia
Tem o ímpio veneno semeado;
Vê quantos males tem reproduzido.
Que vais buscar ao Douro? Porventura
Canta-se lá melhor que cá no Tejo?
Será mais fresca a sombra desses vales?
Ou são as suas Náíades mais belas?
Ah, não, não vás pisar estranhos montes;
Estes vales estão por ti chamando,
Os teus vales, os teus paternos campos.
Ah, Mirtilo, assim deixas os Pastores,
Que contigo nasceram e que foram
Nos inocentes brincos de menino
Teus companheiros, que contigo andaram
Montados nas pacíficas ovelhas!
Ou já correndo atrás dos cordeirinhos,
E outras vezes cortando as leves canas
Para colher maçãs dos altos ramos,
Ou roubando do ninho as novas aves
Para atar-lhes nos pés o longo fio!
Ah, Mirtilo, que puro amor não gera
O trato simples na primeira idade!
Enquanto à fresca sombra destas faias
Tocavas a sonora, doce fruta,
Contentamento tudo respirava;
Mas hoje tudo cheio de tristeza
Mirtilo com saudade está chamando.
O dia, em que de nós te separaste.
Cantou na madrugada o triste mocho,
Os rafeiros fugindo dos rebanhos
Uivaram pelos cumes das montanhas,
E com tristes balidos se queixaram
As ovelhas pasmadas pela serra.
Tu não sabes que mágoa, que desgosto
Sentem na tua ausência estes Pastores;
Juro-te que não vivo mais saudoso
Da formosa Tirceia separado.
Aqui já pela sesta as belas Ninfas
Não vêm gozar a sombra deste bosque,
Nem a colher as matizadas flores
Para os louros cabelos adornarem.

Aqui já na serena madrugada
Os rouxinóis não cantam nos loureiros;
Nem já fazem seus ninhos nestas grutas
As brancas pombas, as amantes rolas.
Mas mudou-se Mirtilo destas selvas,
Falta aqui a doçura do seu Canto;
Tudo falta; ele a fúria refreava
Da impetuosa corrente deste rio,
Que hoje leva consigo a mesma ponte;
Ele o raivoso vento suspendia,
Que hoje soprando com feroz zunido,
Faz gemer os carvalhos mais robustos,
Desfolha os ramos e as mimosas flores
Umás deixa por terra amortecidas,
Outras leva quebradas pelos ares.
Oh venturoso Douro, venturoso,
Que à sombra de frondosos arvoredos
Levantas dentre a plácida corrente
A cabeça c'roadada de espadanas
Para escutar a fruta de Mirtilo!
A fruta de Mirtilo, por quem dera
O brando Tejo o ouro das areias,
Por quem saudoso lágrimas derrama,
Ah, Mirtilo, contigo destes campos
Todo o bem se apartou, toda a alegria,
Anda entre nós a pálida tristeza
Espalhando suspiros e soluços;
Ninguém ouve teu Nome, sem que logo
Lhe rebentem as lágrimas nos olhos.
Que dó não faz o ver o teu rebanho
Ao desamparo em mãos de pegureiro,
Que a sono solto dorme sem cuidado?
Mil vezes no redil berram famintas
As tenras ovelhinhas; outras vagam
Sem guarda pelo espesso e agreste mato.
Quantas ali o sangue não derramam
Entre as garras do lobo carniceiro!
A tua ovelha branca e a malhada
Este fim desastrado já tiveram;
A branca era parida de dous dias,
E morreram à míngua os cordeirinhos.
Oh, que mágoa, que dor nos não causava
O vê-los pelas fraldas dos outeiros
Com balidos ainda mal formados
Chamados pela Mãe! Ali vem, Mirtilo,
Vem a cuidar ao menos no teu gado,
Vem encher estes montes de alegria.
Aquela lisa faia, em que deixaste
Os teus sonoros Versos entalhados,
Sempre está de mil Ninfas e Pastores

Rodeada, das flores mais cheirosas
Lhe tem os altos ramos adornado,
E de um tronco, onde escrito está teu Nome,
Uma capela de hera está pendente;
Vem, Mirtilo, que ali serás c'roadado;
As Napeias ali te estão formando
Um assento de mirtos e de rosas,
Vem, amado Mirtilo, vem depressa
Desterrar destes campos a saudade.

IDÍLIO VI

Já do seio das nuvens carregadas
Os rigores desata o frio Inverno;
Já nas seivas os Zéfiros suaves
Dos bravos Aquilões fogem medrosos;
Os Mares indignados se revolvem,
Eco já não responde ao som dia frauta
C'os bramidos dias ondas aturdida;
Aurora já não mostra os Horizontes
Da viva cor das rosas esmaltados,
Já dos prados sem folhas e sem flores
As alvas Ninfas e Pastores fogem.
À sombra deste bosque já despido,
E das floridas margens desta fonte,
Que agora se vêm nuas e escalvadas,
As formosas Napeias costumavam
Enlaçar os jasmims c'os verdes mirtos.
Junto àquela musgosa penedia,
Que divide a ribeira em dous regatos,
Vinha cantar à sombra dos salgueiros
O sábio Coridon⁴ sonoros Versos.
Cuidadasas as Dríades ornavam
O sagrado lugar de várias flores,
Os troncos enredados de grinaldas
Os pendentos festões de ramo a ramo
Com os sopros do vento balançando
A habitação das Musas figuravam.
Sempre terei presente na memória
Uma tarde a Pomona consagrada.
Em que ali Coridon co'a douta fronte
Coroadada de louro, ao som da lira
Cantou as graças da fecunda Deusa,
Os belos dons da sua mão propícia
O prado era coberto de Pastores,
E ao redor de um Altar, que estava ornado
De brancas flores e dourados frutos,
Formavam ligeiríssimas Coreias.
Aos ecos harmoniosos e festivos
Respondiam de longe os fundos vales;
Mas soltou Coridon a voz divina,
Difundiu-se um silêncio pelo bosque
Como das sombras da serena noite.
Dentre as Náiades ergueram
As limosas cabeças, suspendidos
Pelos ramos os Zéfiros ficaram,
E lá de quando em quando as leves asas

⁴ Pedro António Correia Garção.

Batiam brandamente, parecendo
Que os sonoros acentos aplaudiam.
Ó sação desabrida, que despojas
Com o hálito gelado os férteis campos
Dos tesouros da verde Primavera!
Que afugentas dos montes e dos vales
Os Pastores, os míseros rebanhos!
Como a nua espessura está deserta!
Como dos feros Aquilões fogosos
Tem o bafo crestado a branda relva!
Alveja pelos montes a geadas,
Estão os secos troncos goteando
Como as grutas dos húmidos rochedos.
Lá no vale da fonte se divisa
De Coridon a choça rodeada
De altos loureiros enredados de hera,
Que tu, Inverno, destruir não podes.
Por entre o colmo lança o fumo leve.
Ah, sábio Coridon, que em doce abrigo
Ao amigo calor de um brando fogo
Gozas da paz, que habita com o justo!
Talvez que ao lado da formosa Fílis
Tocando estejas em canora lira;
Enquanto a casta Ninfa uma capela
Fabricando-te está de louro e murta.
Ali quem pudesse, Coridon amado,
Ir gozar do teu Canto deleitoso!
Mas tu moras, Pastor, além do rio,
E cobre as pontes a invernososa enchente.
Foge apressado, carrancudo Inverno,
Deixa que venha a bela Primavera
Os prados matizar da relva e flores,
E ornar os troncos de viçosas folhas,
A cujas sombras correrão aos bandos
Os Pastores do Tejo, a quem costuma
Ensinar Coridon os sons da Lira.

IDÍLIO VII

Uma clara manhã do frio Inverno,
Em que alvejava a neve impenetrável,
Aos quentes raios, com que o Sol feria
No vermelho Horizonte levantado,
De uma gruta saiu o pobre Alcino
Para gozar na costa de um outeiro
Do calor dos benignos resplandores;
E ali sentado sobre a mole relva,
Lançando os olhos pelos altos montes,
E pelos campos do cerúleo Tejo,
Disse com rosto cheio de alegria:
«Salve, Supremos Deuses, que piedosos
No meio das nubladas tempestades
Me consolais na mísera pobreza
Com tão alegre, tão brilhante dia.
Que agradáveis estão os Horizontes,
Onde algumas ligeiras, brancas nuvens
Esmaltadas de cor de rosa e de ouro
A Primavera estão anunciando!
A luz do Sol do gelo reverbera,
Cintilam os rochedos e altos cumes
Como do rio a trémula corrente.
Do frio orvalho as cristalinas gotas
Pendentes pelos fios prateados,
Que se enleiam tios ramos dos arbustos,
O aljôfar parecem, com que enlaçam
Os cabelos as Tágides formosas.
Como ao calor dos amorosos raios
As douradas abelhas sussurrantes
Fazem mil giros sobres aquela fonte,
Onde o verde alecrim se vê florido
Apesar do rigor do frio Inverno!
Cruel fortuna, o Pastor prossegue,
Se me privas de pastos e manadas,
Se por habitação só me concedes
A escarpada caverna de um rochedo
Ornada de silvados espinhosos!
Tu do prazer não podes despojar-me,
Que sinto em contemplar as maravilhas,
Que a Natureza pródiga reparte.
Minha alma se gloria e se transporta,
Impressa vendo sobre tocha a terra
Dos benéficos Deuses a bondade.
Tu não podes privar-me, avara sorte,
Do gosto de cantar ao som da fruta

As brilhantes virtudes do bom Sílvio⁵
Daquele Sílvio, cujo doce Canto
E dos bosques da Arcádia a honra e glória.
As frias sombras do frondoso bosque,
Onde murmuram trémulos regatos,
Não são tão doces no ardor do Estio,
Nem a chama ateadada em secos troncos,
Quando a branca geada os montes cobre,
Como um sincero, virtuoso amigo.
A quem darei louvores, a quem Versos,
Senão a ti, Pastor, que o santo laço
Sabes ligar da cândida Amizade;
Que és das Musas amado e os Versos amas?
Tu, que habitando em levantado tecto,
A que rodeias os rosais corados
E os floridos pomares, não desprezas
Os míseros humildes, e te dignas
De visitar a minha pobre gruta.
A ti, sábio Pastor, a ti, bom Sílvio,
Que nas regras do Canto e da cultura
Por Mestre Coridon te reconhece.
Os grandes Deuses têm abençoado
Teus enxames, teus campos e rebanhos;
Os grandes Deuses, porque nunca deixam
Sem recompensa o justo. De teus prados
As puras fontes são o refrigério
Do sequioso e lasso caminhante.
As árvores copadas, que da calma
A porta da cabana te defendem,
Debaixo oferecem dos frondosos ramos
Uma propícia sombra aos infelices.
Goza, amado Pastor, em paz serena
Dos copiosos frutos de teus campos,
(Que de tuas virtudes são o prémio)
Ora na tarde do Verão calmoso
Tocando à sombra dos amenos vales
A desejada Avena, com que encantas,
Ora sentado à saborosa mesa,
Adornada de folhas e de flores
Com a verde grinalda sobre a fronte,
Gostando do cheiroso dom de Baco
Nos entalhados copos, que lavrara
A destra mão do grande Alcimedonte.
Eu não busco searas, nem rebanhos,
Nem que o meu Nome na futura idade
Admirado repita o pátrio Tejo:
Basta-me só que sejam, caro Sílvio,
A teus ouvidos gratos os meus Versos.»

⁵ Manuel Pereira de Faria.

Assim cantou alegre o pobre Alcino,
E depois reclinado sobre a relva
Gozou do quente Sol em doce sono.

IDÍLIO VIII

Amor gritando vaga pela selva,
Não armado de setas venenosas,
Nem do terrível arco, que costuma;
Uma grinalda de vermelhas flores
O cabelo lhe cinge crespo e louro,
Dos tenros ombros uma lira de ouro
Pender-lhe vejo em lugar de aljava,
E com voz apressaria vai dizendo:
«Ah, Pastores, Pastores, correi todos
À floresta dos mirtos, à floresta.
Consagrai vossos Versos, vosso Canto
À formosa, à belíssima Amarílis;
Celebrai suas graças e virtudes,
Amarílis louvai, que eu vos prometo,
Que o que levar a coroa em seus louvores
Doce emprego há-de ser de seus amores.
Ó prêmio nunca usado nas contendas!
Quem será tão feliz e tão ditoso,
Que alcançar possa tanto da ventura!
Ó semicapro Pã, inspira, inspira
Um desusado som na minha lira,
Faze-me vencedor, que em teus Altares
Sobre o fogo do cedro mais cheiroso
Te sacrificarei uma novilha
Mais formosa e mais branca do que a neve.
Faze que eu da contenda a palma leve.
Mas oh, que já diviso na floresta
A formosa Amarílis entre as graças!
Oh, que estranha, que rara maravilha!
Floridos ramos de cheirosas murtas
Lhe formam brando assento; um gentil bando
De Génios e de Ninfas a rodeia;
Um tememos juncam de espadanas,
Outras vão pelos troncos pendurando
Muitos festões de rosas e boninas,
E dos ares os Zéfiros voadores
Espalham novas e cheirosas flores.
Oh, como a todas vence a luz brilhante,
Que em seus preciosos olhos reverbera!
Assim a luz do Sol, quando amanhece,
Os raios das Estrelas escurece.
Mas Amor a seu lado já se assenta
Para ser o juiz, e já se escutam
Sonoras vozes, doces instrumentos.
Qual será o feliz, que leve a palma?
Mas ai, que Amor também tempera a lira,
E para contender já se prepara.

Ah, Pastores, fugi, que Amor tirano
Nos intenta tecer um novo engano.
Quem poderá fazer-lhe competência,
Sem que fique abatido e envergonhado?
Qual há-de ser a mão tão atrevida,
Que as cordas hoje fira sem que trema?
Qual de vós cantar pode de Amarilis,
Quando o mesmo Amor canta seus louvores?
Ali desumano Amor! Vede, Pastores,
Como de nós o ímpio se está rindo.
Ah, desumano Amor! Se tu querias
Contender pelo prêmio que ofrecestes,
Porque Orfeu não buscaste por contrário
Ou o louro Pastor cio claro Anfriso?
Que estranho, que subtil mono inventaste
De zombar dos Pastores inocentes!
Todos se escondem cheios de vergonha,
Lançando vão por terra as doces frautas.
Já das trémulas mãos me cai a lira;
Mas fica embora, inútil instrumento,
Exposto do desprezo à infame pena,
Já que o maligno Amor assim o ordena.

IDÍLIO IX

Já lá sinto rugir das aveleiras
As buliçosas folhas, já escuto
Um rumor leve de subtis pisadas;
Entre as confusas ramas já diviso
Mover-se um vulto; se virá Tirceia?
Por mais que afirmo a vista não distingo.
Ora lá se encobriu agora a Lua.
Mas, oh quanto o desejo vão me engana!
Uma ovelha é pedida da manada,
Lá vai balando pelo vale abaixo.
Mas eu deliro, ou sonho? Que pondero?
Oh quanto da saudade o golpe fero
Nos sentidos me oprime e me confunde!
Eu não julgava agora, que este vale
Era aquele feliz e deleitoso,
Onde a minha Pastora sempre espero?
Que esta Sonora fonte, que murmura
Entre cheirosas flores e verdura,
Coberta de sombrios arvoredos,
Era aquele lugar aonde a calma
Costumamos passar da ardente sesta?
Quem viu já fantasia mais confusa!
Ó poderoso Amor, quanto me enleias!
Oh quem pisara agora os venturosos
Campos, que os resplandores luminosos
Dos olhos de Tirceia estão gozando!
Quem vira agora o seu formoso rosto!
Oh quem sequer ao menos escutara
Os conhecidos ladinos, os balidos
De suas ovelhinhas e rafeiro!
Oh duras penhas, oh sombrios vales,
Que meus saudosos ais estais ouvindo,
Se agora aqueles belos olhos visseis,
Por quem meu coração tanto suspira,
Veríeis de repente a roxa Aurora
Verter o fresco orvalho sobre as flores,
Raiar o louro Sol nos Horizontes,
E enriquecer de luz os altos montes.
Parece-me, Tirceia, que te vejo
Deixar na fonte o cântaro vazio,
E na mais alta penha dessa praia
Subida estar os olhos estendendo,
Cheios de pranto para as altas serras,
Onde tão larga ausência estou chorando.
Que saudosa dali estás chamando:
«Alcino, Alcino, quem de mim te aparta?»
Parece-me que te ouço a voz magoada

Já de ingrato acusar-me, de esquecido;
Que vais depois ao vale suspirando,
E que ali muitas vezes estás lendo
Os amorosos Versos, que nos troncos
Eu escrevi na amarga despedida.
Ó Pastora mais firme do que os montes,
Mais amante, mais terna do que as rolas,
Mais perfeita, mais cândida e formosa,
Que a pura neve, que a vermelha rosa,
Só por ti, eu o juro a estas penhas;
Só por ti há-de amor dentro em meu peito
Cravar as setas, acender as chamas
Só por ti meus suspiros serão dados,
Só por ti chorarão de amor meus olhos;
Meus olhos, que por esses tão formosos
Agora estão chorando tão saudosos.

IDÍLIO X

Praias, que banha o Tejo caudaloso;
Ondas, que sobre a areia estais quebrando;
Ninfas, que ides escumas levantando;
Escutai os suspiros de um saudoso.
E vós também, ó côncavos rochedos,
Que dos ventos em vão sois combatidos,
Ouvi o triste som de meus gemidos,
Já que de Amor calais tantos segredos.
Ai, amada Tirceia, se eu pudera
Os tens formosos olhos ver agora;
Que depressa o pesar, que esta alma chora,
No gosto mais feliz se convertera!
Oh, como então ficaras conhecendo
Quanto te amo, se visses a violência,
Com que estão de meus olhos nesta ausência
Estas saudosas lágrimas correndo!
Tanto neste pesar, que estou sentindo,
O triste coração se desfalece,
E tanto me atormenta, que parece
Que ao sofrimento a alma vai fugindo.
Mas, ó qual há-de ser a crueldade
Deste terrível mal em que ando envolto,
Se a qualquer parte enfim que os olhos volto,
Imagens estou vendo de saudade!
Uma serena tarde já Sol posto
Te vi sobre esta penha estar sentada;
Ali naquela fonte prateada
Estiveste banhando o alvo rosto.
Dali de quando em quando os olhos belos
Movidos com tal gesto me voltavas,
Que em cada movimento asseguravas
Uma nova esperança a meus desvelos.
Ali na branca areia se estão vendo
Ainda, doce Bem, tuas pisadas,
Que entre as outras, que vejo assinaladas,
Estou distintamente conhecendo.
Vê, como vivamente andas impressa
Nesta alma, que por ti se abrasa amante;
Mas nem Amor ao meu há semelhante,
Nem outra, que contigo se pareça.
Por ti sempre dos olhos desatando
As lágrimas estou nestes retiros,
Entre soluços mil, e mil suspiros;
Em vão ando teu Nome derramando.
Nesta praia não há, nem pelo prado
Rústica penha, ou árvore sombria,
Tenra flor, duro tronco, ou fonte fria,

A quem por ti não tenha perguntado.
Talvez, se visses, quanto sinto ausente,
Tivesses dó de ver-me em tal tormento;
Mas que importa que vejas meu lamento,»
Se já teu peito ingrato amor não sente.
Vem colher (leste prado as belas flores,
Vem gozar destas sombras a frescura,
Mostra-me ao menos tua formosura,
Inda que amuada de cruéis rigores.
Qual a confusa névoa, que escurece
Na luz da madrugada os Horizontes,
Que logo dos floridos e altos montes
Com a vista cio Sol desaparece;
Assim eu neste mísero desgosto
O pranto, que desato pela terra,
De meus saudosos olhos se desterra,
Quando o Sol lhe aparece de teu rosto.
Ah, se pudesses ver, doce inimiga,
O estrago, que me causa esta saudade,
Pode ser que o impulso da piedade
Te obrigasse ao que o Amor te não obriga.

Licore

IDÍLIO XI

Licore Bela, que nos tenros anos
O fraudulento Amor não conhecia,
Uma fresca manhã, que solitária
Frutas colhia no pomar Paterno
[nu leve cesto de pintadas vergas,
Um alado Menino viu subido
Nos altos ramos apanhando Pomos;
Suspensa um pouco esteve contemplando
As graças de seu rosto encantadoras;
E temendo, inocente e compassiva,
Que se precipitasse o tenro Infante,
Debaixo da alta planta se prepara
Para tomá-lo ileso no regaço.
Ele, fingindo que cios curvos ramos
Lhe escapavam os pés e mãos mimosas,
Cair se deixa com doloso pranto.
A Pastora nos ares o suspende,
E apertando-o nos braços com afagos,
As copiosas lágrimas lhe enxuga.
Os olhos fuzilantes, tenras faces
A beijar-lhe começa carinhosa.
O Menino, mostrando um gesto ledo,
Na rubicunda boca de Licore
Ardentes beijos simulado imprime,
E despregando as asas foge rindo.
Com a súbita fuga alguns instantes
Sobressaltada fica, e pensativa,
E como se de um sonho despertasse,
A sincera Pastora assim dizia:
«Ó Céus! Este Menino será filho
De alguma Divindade da Espessura?
Com mais rápido voo que o das aves,
Quase invisível me fugiu dos braços.
Eu creio que sem dúvida procede
Do alígero Zéfiro e de Flora...
Mas ai de mim! Seus beijos mais doces
Que o saboroso Mel do novo enxame,
Mais suave seu hálito que as rosas,
E seus malignos beijos mais pungentes
Que o pungente ferrão da mordaz vespa.
Tocaria talvez, como inocente,
Com a boca algum pomo venenoso?
O cordeirinho, que me deu Amintas,
Ornado de um colar de jasmims alvos,
Tomo nos braços, e mil vezes beijo,

Sem que palpitar sinta o peito ansioso;
Sem que as tristes entranhas arder sinta,
Qual resinoso tronco em viva chama.
Cruel Menino ou Áspide aleivoso,
Com mortífera língua me tocastes!
Estranho mal o peito me devora,
Que não sei entender, que não conheço!...
Amintas! Onde estás? Tu que me segues
Pela Floresta os passos importuno,
Não vens quando te chamo, quando gemo?
Ah! Vem, gentil Pastor, talvez que saibas
(Como sabes curar o gado enfermo)
Curar o acerbo mal que me atormenta.
Eu me lembro que um dia me disseste,
Um dia em que me deste um branco Cisne,
Que em prémio de teus dons só me pedias,
Que tirar c'o a mão própria te deixasse
Uma rosa, que o peito me adornava;
Avara ta neguei; mas vem agora,
Vem agora e serás recompensado.
Estes dourados, saborosos Pomos,
Que tenho num cestinho que teceste,
Serão teus, louro Amintas, vem buscá-los...
Mas que louco delírio me ocupa!
Licore impaciente Amintas chama,
Quando na espessa mata muitas vezes
A seus olhos se esconde fugitiva,
Como Ninfa que Sátiro persegue...
Ó veneno mortal que me devoras!...»
E assim dizendo, sobre a mole relva
Se reclina com lânguida tristeza,
Desafogando o peito com suspiros.
Mas de novo o Menino fraudulento,
De aljava e setas lhe aparece armado,
E sorrindo lhe diz: «Simples Serrana,
Inda que sou Menino em aparência,
Mais velho sou que os enrugados anos.
Eu sou o astuto Amor; a mão conhece
Que te deu a beber com doce engano
O mágico veneno que te inflama.»
Isto disse, e a mísera Pastora
Só com tristes suspiros lhe responde.
Das asas sacudindo vivas chamas,
Qual ligeiro Falcão, Cupido voa,
E nos ares fugaz desaparece.

Menalca

IDÍLIO XII

Já no alto do Céu resplandecia
Partida pelo meio a branca Lua,
O nocturno silêncio difundia
O suave repouso coou que prende
A sonolenta e lassa Natureza.
A frouxa luz, que os densos ramos fende,
Enchia de uma plácida tristeza
A sossegaria, rústica espessura.
Apenas de um ribeiro vagaroso,
Se ouvia o som que gárrulo murmura,
Quando Menalca num Vergel umbroso,
Lutando com acérrimos cuidados,
Na mole relva lânguido jazia;
Debalde sobre os olhos seus cansados
O Sono as brancas asas sacudia.
O Mancebo Menalca, a quem dourava
Ainda um louro pêlo o alvo mosto,
Do fraudulento Amor exp'rimentava
O primeiro, porém cruel desgosto.
Ferindo o ar com míseros suspiros,
O magoado Pastor assim dizia:
«Sombrios, melancólicos retiros,
Doce asilo de um triste que procura
Aos olhos esconder-se da alegria!
Brandos Amores, filhos da ternura,
Consolar vinde as mágoas e os ardores
Do saudoso Menalca, que suspira
Pelos formosos olhos vencedores
De uma Ninfa cruel, da bela Emira!
Brandos amores, vinde lacrimosos
Enganar meus desejos inocentes,
Que só tristes objectos lastimosos
Agradam a meus olhos descontentes!
Quem me dera, que lá nos fundos vales,
Algum terno Pastor com doce Avena
De Amor cantasse agora brandos males!
Como o som da magoada Cantilena
Ferindo a ressonante penha dura,
Derramaria grato em meus pesares
Uma saudosa lânguida doçura!
Mas lá geme naquele vasto ulmeiro
A rola solitária! Talvez chora
A perda do querido companheiro.
Talvez que duro caçador avaro,
Tão desumano como a fera Emira,

A deixasse em tão triste desamparo!
Avezinha infeliz! Terna suspira,
E mistura teus lúgubres acentos
Com meus sentidos ais, com meus lamentos.
Como na espessa rama do arvoredado
Dormem os frios ventos sossegados!
Como dia noite o tenebroso medo
Tem nas brenhas os Sátiras fechados!
Nenhuma Ninfa pela escura selva
Pisa c'os alvas pés a mole relva,
Mas já por entre as folhas bocejando
Gira suave Zéfiro ligeiro,
C'os aromas das flores perfumando
Os aprazíveis ares lisonjeiro.
Lascivo amante da risonha Flora!
Dize, virás acaso do retiro
Da pampinosa gruta, aonde mora
A Napeia gentil por quem suspiro?
Sem dúvida gozaste o sono brando
Entre as louras madeixas respirando?
Ah! Dize-me se os sonhos fraudulentos,
Que em torno da alva testa lhe giravam,
A seus adormecidos pensamentos
O magoado Menalca apresentavam?
Se na doce ilusão o peito ansioso
Lânguido suspirava, ou proferia
O caro Nome do Pastor saudoso?...
Mas, ali triste Menalca! Que loucura
Os sentidos te enleia? A bela Emita,
Mais insensível que unia rocha dura,
Não se dói de que o peito Amor te fira,
Nem que a vida consumas descontente
Em gemidos mortais, em pranto ardente.
Triste de mim, que o próspero sossego
Perde dos inocentes verdes anos.
Enquanto do cruel Menino cego
Não conheci os pérfidos enganas,
Cantava alegre com sonora Avena
A cura da pacífica manada,
Os prazeres da umbrosa selva amena;
Das rosas coroaria a Madrugada
Rociando as suaves tenras flores,
Do rico Outono os frutos sazoados;
Os solícitos prósperos cultores
Eram na minha frauta celebrados;
Porém, depois que Emira, a crua Emira,
Viram meus tristes olhos rua espessura,
Brandos Versos não canto; só suspira
A voz queixosa, a pálida amargura
Me cobre o rosto em lágrimas banhado.

Que doce agitação? Que terno encanto
Senti no brando peito salteado,
Quando vi a cruel a vez primeira?
Dos verdes mirtos tua floresta umbrosa,
Que borda amena a plácida Ribeira,
Emira dormitava preguiçosa.
Um petulante Fauno, que se inflama
Por seus formosos olhos, lisonjeiro
Subtil ornava a buliçosa rama
Com grinaldas de acantos e de rosas,
Cuja sombra do sol, que intenso ardia,
Defende as faces alvas e mimosas.
Zéfiro então, que as árvores movia,
Um chuvaireto soltou de brancas flores;
Umas caem sobre o peito, outras voando
Pareciam os cândidos Amores
Da bela Ninfa em torno suspirando;
Eu que dentre uns salgueiros retirado,
Apascentava os olhos cobiçoso
No alvo colo e rosto delicado,
Um suspiro soltei. Ao som queixoso
A Ninfa despertou; com veloz giro
Sobressaltava fuge, mas quem sabe
Se foi do Fauno, se dom meu suspira?...
Sim foi de ti, Menalca, que não cabe
Ventura tanta em rústico ovelheiro;
Nem esperes colher de teus Amores,
Senão o fruto amargo que o cordeiro
Colhe dos cruéis lobos tragadores.»
Assim aos duros troncos e rochedos
O mísero Menalca se queixava,
Entre espessos, sombrios arvoredos.
Já da montanha o cume o Sol dourava
E no aprisco fechado o pobre armento
Pelo triste Pastor em vão balava.

À morte de Marília

IDÍLIO XIII

Um mísero Pastor, o triste Amintas
À solitária selva caminhava
Pelas sombras da noite pavorosa;
Amintas, que a recente dor sentia
De ver da cara Esposa dissipada
Na flor dos anos a ditosa viria,
E no seio do escuro e densa bosque
Assentado o Pastar a dor acerba
Com gemidos e pranto desafoga.
De Amintas o rebanho vagabundo
Pelas fraldas da serra sem abrigo
Com balidos feria o fundo vale;
Com pesarosos uivos o rafeiro
Às Míseras ovelhas respondia,
Que, parece, na dor acompanhavam
O Pastor que gemia inconsolável.
Medonhas formas as nocturnas sombras
Dos tortuosos troncos figuravam;
Pela triste espessura o som funesto
De quando em quando o mocho difundia;
Os Zéfiros sopranino vagarosas
Gemiam pelos ramos do arvoredo.
C'os prateadas raios inda a Lua
As densas trevas não alumiava;
Via-se apenas pelo escuro prado
Fuzilando romper as negras sombras
Os voláteis, ligeiros vagalumes,
Que em tão mortal tristeza pareciam
Os pequenos Amores, cicie piedosos
Nas mágoas consolar Amintas vinham,
Que, depois de ferir as duras penhas
Com dolorosos, lúgubres suspiras,
Estas sentirias vozes exprimia
«Sombrios bosques, hórridos desertos!
Se de Amintas aos olhos lacrimosos
Avaros escondeis Marília bela,
Tornai-me a cara Esposa; meus gemidos
Compassivos ouvi, ocultas brenhas.
Terna Marília, suspirada Esposa!
Ah! Delirante Amintas que em vão clamas!
Marília já não vive. Sim repousa
Em sono perenal na sepultura.
Coroai-vos de fúnebre cipreste,
Chorai comigo, cândidos Amores!
Da noite eterna as sonolentas sombras

Já cobriram teus olhos, cara Esposa;
Já os suaves musas, que brincavam
Sobre teus doces lábios rubicundos,
Se trocaram em pálidas angústias.
Minha alegria, tua doce vida
Mais ligeira passou que sombra leve.
Em gemidos o Canto mudai, Cisnes.
Com os soltos cabelos desparzidos,
Saí das grutas, Ninfas lacrimosas,
Repeti ecos tristes aos desertos.
Chorai, Pastaras, que morreu Marília.
Graças, ornai-vos de lutuosos ramos,
Chorai comigo, cândidos Amores.
Vós, que as suaves setas apontando
De seus formosos olhos, doces tiros
No brando coração me disparastes,
As lágrimas soltai, que à luz do dia
Libetina roubou Marília bela.
Nestas florestas, nestes frescos vales,
Já não ressoa sua voz canora,
Cujo som escutava emudecia
A mesma saudosa Filomena;
Um pesaroso fúnebre silêncio
Nas altas serras e nos bosques reina;
Só, pelo triste campo vagabundas,
As cândidas cordeiras de Marília
Sua Pastora com balidos chamam.
Chorai comigo, cândidos Amores!
Branças cordeiras, infeliz rebanho,
A quem Marília tão mimosas tinha,
Solitárias errai, que já não tendes
A Pastora benigna que extremosa
Convosco mil afagos dispendia.
Quem, vigilante os olhos e o cuidado,
Vos dará na Campina e verde Monte!
Ah, rebanho inocente sem abrigo,
Quem há-de na serena madrugada
Levar-te ao rociado, tenro pasto,
E à fonte fria na calmosa sesta?
Quem no gelado Inverno desabrido
Te há-de espalhar no aprisco o mole feno?
Marília já não vive! Chorai, Ninfas,
Chorai comigo, cândidos Amores.
Já de Marília emudeceu a lira,
A cujo som os Zéfiros e as Graças
Vinham formar harmónicas coreias.
Mirrou a Morte os dedos delicados,
Que rápidos ferindo as áureas cordas
Com sonora, mágica harmonia,
As indómitas feras encantavam.

Gelou-se o coração, e os belos olhos
Se fecharam da cândida Marília.
Chorai comigo, cândidos Amores.
Marília, lá de cima das Estrelas
Que pisas mais subtil que o vento leve,
Estende a branca mão ao terno Esposo,
Minhas perenes lágrimas consola.
Mas ai, que ouvir não podes meus gemidos,
Nem os Astros benéficos consentem,
Que dos Mortais os míseros clamores
Vão turbar o feliz descanso eterno.
Coroai-vos de fúnebre cipreste.
Chorai comigo, cândidos Amores!»
Depois de assim queixar-se o triste Amintas,
Emudeceu da mágoa sufocado,
E foi sobre o sepulcro de Marília
Derramar ternas lágrimas e flores.

Amizade

IDÍLIO XIV

Musa de Alcinoque, no bosque umbroso,
Cantas alegre com suave Avena,
Agora as alvas Ninfas dos regatos
Assombrados de canas e salgueiros;
Agora na campina e serra alpestre
Os prazeres dos rústicos Pastores;
Outras vezes, saindo da espessura,
A grave cena trágica passeias
Com purpúreo, terrífico coturno;
As fadigas deixemos costumadas,
E com toante lira celebremos,
Nas sombras aprazíveis da floresta,
Os doutos Cidadãos que o santo laço
A nós liga da cândida Amizade.
Tesouro raro são os bons Amigos!
Das mãos dos Deuses dádivas escassas!
E devemos aos Séculos futuros
Em nosso Verso transmitir seus Nomes.
Alunos de Minerva, cujos peitos
Da negra inveja as víboras não mordem,
Que a fronte, onde a luz brilha da Justiça
Ornais c'os brancos lírios das Virtudes,
Fugi dos altos Pórticos soberbos,
Do tumulto da Corte lisonjeira,
E repousar comigo à sombra vinde
Do verde prado e pampinosos vales,
Onde habitam no seio da inocência
Os prazeres com paz inalterável.
Não são estas ribeiras infestadas
De petulantes Sátiros e Faunos;
Com dardo agudo, da Sagrada Seiva
Diana essa vil turba lançou fora.
Portento raro de saber profundo,
Vem Pedegache, tu, que a frente cinges
Com os louros de Apoio e de Belona,
Que de Minerva as sábias Disciplinas
Compreendeste com agudo engenho;
Tu, Saraiva, que as flores da Hipocrene,
De Témis co'a sagrada venda enlaças;
Valadares, do Pindo imortal glória,
Que do Sábio [origino a vara empunhas,
Por ti clamo, do Tagro deixa os montes;
Tu, Avelar, e tu, Pereira O egrégio,
Que na fronte cingis da Arcádia o louro;
Tu, sábio Betancourt, que os Versos amas,

E tu, recto Darnásio, que a balança
Equilibras de Astreia justo;
Cantor da bela Olaia, brando Matos
Que do imortal Camões os passos segues,
Tu, facundo Dinis, de Érato filho,
A quem Píndaro deu toante Lira;
Meu Benfeitor e amigo, egrégio Tara
Na ciência Hipocrática famoso;
Carneiro, que na Língua Portuguesa
As belezas de Alcira conservaste;
Tu, Sousa do Faial, a quem as Musas
As correntes flanqueiam do Parnaso.
Vem, douto Evangelista, abre os tesouros
Dos Podres de Sião e os áureos diques;
Solta a corrente universal do Historio:
Vós, Sales, Fóios que as perenes fontes
Da eloquência tendes esgotado,
Da Crítica o farol acender vinde.
E tu, Freire elegante, que triunfas
Com as suaves setas da Verdade
Do feroz monstro das paixões humanas,
Vós sois os meus Heróis, amigos caros:
Vinde, que neste bosque me acompanham
O divino Garção, o meu Faria,
Que são da minha Lira inseparáveis.

IDÍLIO XV

Junto às margens do Tejo cristalino,
À fria sombra de uma selva amena,
Ovelhas guarda o vigilante Alcino.
Ora alegre tocando a doce Avena,
Ora com doce Verso memorando
A Ninfa tutelar do verde prado.
Unia clara manhã, que encaminhando
Ao fértil campo vinha o manso gado,
Um Menino viu nu, que se metia
De um rosa] entre as ramas espinhosas,
E aqui e ali ligeiro se volvia,
Corno abelha tocando as frescos rosas.
O sincero Pastor enternecido
Lhe diz: «Menino! Para que te enleios
Por entre as matas do Vergel florido?
Nesses espinhos duros não receias
Rasgar as alvas carnes e mimosas?
Deixa os abrolhos e ásperos arbustos,
Vai brincar nas ribeiras arenosas,
Que ali conchinhas tens de várias cores,
Que inda mais brilham que as vermelhas flores.»

Mas sorrindo o Menino lhe responde:
 «Olá Pastor! Tu já me desconheces?
 Não é este o 1 rigor, Alcino, aonde
 (Se de tanta ventura não te esqueces)
 Os meus louros cabelos coroavas,
 E a minha aljava de purpúreas flores?
 Aqui as minhas setas não beijavas,
 Por mitigar dos íntimos ardores,
 As minhas setas com teu sangue tintas?»
 Mas Alcino, que já de Amor as chamas
 De todo via dentro da Alma extintas,
 Lhe tornou com sereno gesto ledó:
 «Que és o cruel Amor, conheço agora.
 Porém, graças ao Céu que, já sem medo,
 O Monstro vejo que os Mortais devoro;
 Já corno de antes palpitar no peito
 Não sinto o coração sobressaltado.
 Ah! Foge desta selva que suspeito,
 Se aqui te encontra Márcia, que açoitado
 Serás com duras varas rigorosas.
 Senhora desta plácida floresta,
 Destas largos Campinos deleitosas,
 É Márcia bela, Márcia que detesta
 Teu nome e tuas ímpias travessuras;
 E se aqui te apanhar, em mil pedaços
 Te fará resoluto as setas duros,
 Teu Arco formidável e teus laços.
 Foge apressado! Foge, Deus tirano;
 Deste sagrado Bosque o paz ditoso
 Não venhas perturbar, cruel e insano;
 Aqui, nas mãos de Márcia generosa
 Acham os perseguidos da ventura
 Remédio pronto a seus cruentos males;
 Aqui, só o Virtude bela e pura
 Habita nestes pampinosos vales,
 Cujo sagrado Altar o toda a hora
 A casta Ninfa, com sincero voto
 E mil ofrendas, reverente adora.»
 «Bem sei (Amor responde confiado),
 Bem sei que Márcia com rebelde peito
 Destruir minhas armas tem jurado:
 A cruel meus prazeres escarnece;
 E de ser implacável inimiga,
 De minhas justas Leis se desvanece;
 Como delito, rígida castiga
 As ofrendas dos mais gentis Pastores,
 Os ternos ais que derramar obriga
 C'os luminosos olhos vencedores;
 Mas se, austera e sagaz, tem resistido
 A meus farpões agudos e triunfantes,

Hoje o severo coração ferido
Sentirá nas entranhas palpitantes;
Hoje espero vingar-me e, com suspiros,
Virá sacrificar-me a liberdade;
Suaves achará meus cruéis tiros,
Pois nem a pertinaz austeridade,
Nem seu talento agudo e penetrante,
Salvá-la podem da subtil cilada,
Que armado aqui lhe tenho vigilante.
Deste rosal as rociadas flores,
Com mágico veneno contaminao,
Que esconde entre odoríferos vapores
Contágio mais voraz que o serpentino,
Aqui, Márcia virá colher as rosas,
E ficará de vê-las namorada,
C’o doloso prestígio mais cheirosas;
E depois que o regaço tiver cheio,
C’os suaves perfumes, ao sentido
Dará gostosa plácido recreio;
E logo dentro da alma difundido
Sentirá da ternura o vivo fogo.
Mil gemidos e lágrimas, queixosa,
Do peito soltará sem desafogo,
Que para castigar esta orgulhosa,
Por vingar-me de cruas esquivanças,
Farei que só desprezos, desenganos
Sejam prémio de suas esperanças.»
«Em vão te cansas (o Pastor prossegue);
Nunca da bela Márcia a liberdade
A teu jugo cruel verás entregue.
Márcia é discreta, e sabe acautelado
Guardar do voraz lobo carniceiro,
A formosa, riquíssima manada.
Fiel e casta a seu amor primeiro,
Às frias cinzas do adorado Esposo,
Consagra eterno pranto doloroso.»
Assim dizia Alcino, mas do intento
Não desiste o tenaz Amor tirano;
E, escondido entre a rama, espera atento
O fruto recolher do astuto engano.
Para colher as rosas orvalhadas,
Chegou a gentil Márcia à verde selva;
Mas, de Amor vendo impressas as pisadas,
O pé suspende, como se entre a relva
Visse enroscada a cobra venenosa.
Então, de prazer cheio um alto riso
Solta o Pastor que a vê parar medrosa,
E como só de Márcia o sábio aviso,
O coração sincero lhe namora,
Lhe descobre a mortífera cilada,

Que de Amor tinha armado a mão traidora;
E, logo a casta Ninfa denodada
Manda que as tragadoras vivas chamas
Devorem, reduzindo a cinza fria
Do infestado rosal as verdes ramas.
O Deus frecheiro, vendo que subia
A roxa labareda crepitando,
As asas despregou, e num rochedo
Os agudos farpões rompeu bramando.

IDÍLIO XVI

Albino Cidadão destro na lira,
De perjuros Amores maltratado,
As amenas florestas se retira,
Por fugir a seu triste e (Juro Fado.
Ali busca entre os rústicos Pastores,
Com prazeres e egos inocentes,
Do peito suavizar as cruas dores.
Ora com duras farpas estridentes,
As feras perseguia na espessura,
Ora às ligeiras aves, que sequiosos
Refrigerar-se vão na fonte pura,
Arma subtil as redes cavilosas,
Ali as maravilhas contemplando,
Que a Natureza pródiga e fecundo
Está nos férteis campos debuxando,
Como encantado exclama o triste Albino:
«Cidade populosa! Vãs grandezas!
Áureos, duros grilhões, com que o Destino
Tem dos cegos Mortais as almas presas!
Centro de vis astúcias, vis enganos,
Inimigos da Paz e da inocência,
Que me feriam com tão graves danos!
Fugi falsas imagens dia opulência!
Fugi de experimentados pensamentos,
Sumptuosos, soberbos frontispícios,
Eternos e marmóreos Monumentos,
Amas de atropelados sacrifícios!
O cobiçoso em pompas engolfado,
Contente vos habite, que eu procuro
O rústico tugúrio, o ameno Prado.
Aqui, de vis insídias me asseguro
Que a fé sincera, a cândida virtude
Foge dos áureos tectos, e tranquila
Mora em pobre choupana, em peito rude.
Adeus, ingrato Laura, os duros laços,
Em que gemia a liberdade presa,
Quebrei, desenganado, em mil pedaços.

Ostenta embora a bárbara fereza,
Quebranto a prometida fé dolosa,
Pisa c'os pés os santos juramentos,
Que a silvestre Amarílis tão formosa,
Como no Prado a rociada rosa,
E tão fiel nos ternos sentimentos,
Como o cândida Pomba temerosa,
Com as flores, que o brando Amor cultiva,
Coroa meus desejos compassiva.
Seus undosos cabelos, que adornados
De campestre grinalda o vento leve,
Espalha em soltos caracóis dourados,
Pelo formoso colo de alva neve,
Vale mais que os rubins com que adereços
As madeixas, que destra mão te enlaça;
Por mais subtil que em tela rica teças,
A verde Primavera, a simples graça
Não iguala da rústica floresta.
A branda lira, em que soava Laura,
Quebrei nestes rochedos, não infesta
Do Bosque ameno a vegetável aura.
Dado à lição da Pastoril Camena
Só Amarílis e Amateia canto,
Modulando a sonora e doce Aveno.
Que selvoso espectáculo, que encanto,
Desta ribeira as margens apresentam?
Dentre as grutas alpestres e musgosas
As fugitivas Náíades rebentam,
Banhando as tenras flores buliçosas,
E pelo Prado murmurando amenas
C'os níveos braços em remanso lento,
Cortando as frescas águas vão serenas.
As Napeias, nos verdes arvoredos
C'os Zéfiro lascivos sussurrando,
De Amor praticam lânguidos segredos,
Ora os frondosos troncos maneando,
Ora co'as alvas mãos tecendo enredos
Das Heras que viçosas vão trepando.
Dos olmeiros e Plátanos a rama,
Sobre o colmo das choças debruçada,
Co'a lisonjeira sombra que derrama,
A repouso convida os lavradores,
Quando do Etéreo Cã a estiva chama
A relva cresta e moribundas flores.
Os rebanhos lanígeros errantes
Pelos verdes outeiros; os Pastores
Acompanhando as tímidas Serranas,
Em rústicos labores se exercitam
Entre frescos salgueiros, leves canas.
Outros nos fundos e sombrios vales

Com suaves Canções, sonoras frutas
Cantam brandos queixumes, brandos males.
Aqui não tecem pérfidos enganos
Os voláteis Amores simulados,
Nem em frágua voraz forjam Tiranos
Agudas setas, ou grilhões pesados.
Filtrados pomos encantadas flores
São os seus mais acerbos passadores.»
Assim dizia Albino, nos prazeres
Da frugal vida rústica embebido,
E à corada Pomona, à loura Ceres,
Sacras aras consagra e voto fido.
Vastos campos, manadas numerosas
Co'ouro compra da paterno herança,
E no seio das selvas deleitosas
Com Amarílis grata em paz descansa.

Ao Sereníssimo D. Gaspar, Arcebispo de Braga

IDÍLIO XVII

Celebremos cantando, rude Avena,
O Grão-Pastor do Cávado frondoso,
Que também na sombrio selva amena
Soa canoro o Verso numeroso.
Cantemos o Pastor que, vigilante,
Nos férteis vales de Sião Sagrado
Apascenta o feliz rebanho errante,
Que foi nas águas do Jordão banhado.
Com grinaldas de lírios e de rosas
A venerável Fronte lhe c'roemos,
E nos troncos das árvores frondosas
Seu venturoso Nome sinalemos.
Zéfiros que brincais no Tejo undoso!
As leves asas despregai ligeiras,
Levai de Alcino o Canto sonoro
Do Cávado às frondíferas ribeiras.
Este Sacro Pastor, fonte perene
De altas Virtudes, é do incenso dino
Que destilam os cedros do Hipocrene
Demos Verses ao grande Gasparino.
A ti, Pastor, que os olhos e o cuidado
Dás ao manso rebanho noite e dia,
Na serra alpestre, no viçoso prado,
Sofrendo a calma ardente, a neve fria.
O voraz lobo com faminto dente
Não persegue as ovelhas na floresta,
Nem a mordaz letífera serpente
Entre a relva escondida o ar infesta.

O profundo silêncio não profana
Dos Sacros Bosques a palreira gralha;
Destes monstros cruéis a turba insana,
Quais secas folhas que a tormenta espalha,
Fugiram de teus campos deleitosos
Do recurvo Cajado temerosos,
Nunca de lago imundo, ou turvo Rio.
As águas toca sequioso o Gado
De Gasparino o próspero Armentio
Pasta em fértil campina, a sede apaga
Em clara salutífera corrente;
E, quando a cristalina fonte alaga
Do tormentoso Inverno a grosso enchente,
Com fadiga o Pastor do Iodo imundo
Lhe purifica a maculada veia;
Até que alvejem no sereno fundo
Os lisos seixos, a miúda areia.
Quantas vezes, com passos já cansados,
Rompe as trevas da noite pavorosas,
Ora subindo montes levantados,
Ora batendo as matas espinhosas
Porque a rês vagabunda e desgarrada
Não caia dos rochedos despenhada.
Alumiando a noite se levanta
No santo aprisco de inocentes Pombas,
Incêndio tragador que a vista espanta;
Gasparino, por entre a labareda
Que no Sagrado Colmo acesa brilha,
Com ânimo sereno e fronte leda
Corre zeloso, precipícios trilha,
E das chamas, que impávido despreza,
A turba espavorida salva ilesa.
Se o contágio mortífero e nefando
Na mísera Manada se propaga,
O saudável bálsamo aplicando,
Atalha pronto a perigosa chaga,
Quantas vezes a ovelha, que bolando
Enferma jaz caída na espessura,
Nos ombros toma, e do funesto risco
Resgatá-la solícito procura,
Curvado a leva ao abrigado aprisco.
A cura das Ovelhas, a fadiga,
Pastores, aprendei de Gasparino;
Ele, severo e rígido, castiga
O Pegureiro avaro que, ferino,
Do velo as despe no gelado Inverno,
E que dos lácteos úberes esgota
Dos cordeirinhos o sustento terno.
Se a voraz seca a verde relva cresta,
Deixando os férteis campos escalvados,

Manda comprar piedoso pasto estranho
A pingues montes e abundantes prados,
Porque faminto o mísero Rebanho
Nas áridas campinas não faleça,
Como, no seco Outono, as débeis folhas,
Que o vento abate lia floresta espessa.
Guardar fiel, imitador zeloso
Do Pastor cio Jordão que os Céus choveram
Em saudiável orvalho portentoso,
Gasparino as Ovelhas caras guia
Por caminhos de flores semeados
À fonte incorruptível da Alegria.
Aos sempre verdes e floridos prados,
Montanha de Sião! Sacra Montanha
Celebra teu Pastor; a selva amena
A viçosa, odorífera campanha
Exalando perfumes, razoando
Sonoro Canto, alegre melodia
Repita o grande Nome, memorando
Dos anos seus o venturoso dia.

À manhã

IDÍLIO XVIII

A rosada Manhã, serena desce
Sobre as asas do Zéfiro orvalhadas,
Um cristalino aljôfar resplandece
Pelas serras de flores marchetadas;
Fugindo as lentas sombras dissipadas
Vão em subtil vapor, que se converte
Em transparentes nuvens prateadas.
Saúdam, com sonora melodia,
As doces aves na frondosa selva
O Astro que benéfico alumeia
Dos altos montes a florida relva:
Uma a Cantiga exprime modulada
Com suave gorjeio, outra responde
C'os brandos silvos da garganta inflada;
Como os raios partindo do Horizonte
Ferem brilhando com diversas cores
As claras águas da serena fonte.
Salvé, benigna luz, que os resplendores,
Qual perene corrente cristalina,
Que do viçoso Prado anima as flores
Difundes da celeste azul Campina
Vivificando a lassa Natureza,
Que no seio da noite tenebrosa
O moribundo Sono tinha presa;

Corno alegre desperta e radiosa,
De encantos mil ornada se levanta,
Qual do festivo leito a nova Esposa?
A mesma anosa, carcomida planta
C' o matutino orvalho reverdece.
A húmida cabeça ergue viçosa
A flor que rociada resplandece,
E risonha perfumes vaporando
Embolsam ando vai o ar sereno.
De mil insectos um volátil bando
Errando gira pelo prado ameno,
E com brando sussurro de alegria
O Astro louva do nascente dia.
Um, verdejando, voa e reverbera
Da Esmeralda o reflexo cintilante;
Noutro brilha da estrelada Esfera
A bela cor azul; outro douradas
Mostra as ligeiras asas delicadas.
A formosa plumagem sacudindo
O soberbo Pavão do bosque espesso,
Respirando alegria, vem saindo.
Da luz, os novos raios vai buscando;
Do Íris representa as várias cores,
Da longa cauda um círculo formando;
Volta a cabeça de um e de outro lado,
Por ver brilhar os trémulos reflexos,
Que nas penas lhe acende o Sol dourado.
Resplandecente Aurora, mãe do dia,
Que vens de frescas rosa coroada,
Encher o vasto Mundo de alegria!
Sol luminoso, que raiando brilhas
Às Leis do Criador obediente,
Vens fecundar da Terra as maravilhas,
Obras da sábia Mão Omnipotente,
Sombra triste do Sono tenebroso,
Dos olhos dos Mortais foge ligeira.
Deixa que o esplendor maravilhoso
Possam vir contemplar da luz primeira,
E que à vista dos raios matutinos,
Que uma cena descubrem de portentos,
De prazer cheios, mil Sagrados Hinos
Mandem nas asas dos ligeiros ventos,
Porque soem por toda a Redondeza
Os louvores do Autor da Natureza.

IDÍLIO XIX

Sábio Pastor, que os campos deleitosos
Que de mimoso berço te serviram,
Fizeste com teu Canto tão famosos,
Que os estranhos Pastores te admiram,
Não escutaram mais suave Avena
Os do frondoso Lis e claro Lena;
Não foram com mais graça celebrados,
Os que o plácido Lima fertiliza;
Não mereceram ser mais afamados
Esses campos que a Grega gente pisa:
Não deve o Tejo a Liso maior glória,
Que essas que tu vês dando a larga História,
Ditoso tu, que após os teus cordeiros,
Ou à sombra dos freixos descansando,
Estás vendo dos teus Pátrios outeiros
Teu nome pelo Mundo andar voando.
Sem ver, riem conheces gente enganosa,
Onde reina a cautela maliciosa.
'Té nos corações simplices que trata,
Menos astúcia a simulada inveja
Só vês as feras das ocultas matas,
Com os fortes rafeiros em peleja;
Só escutas as vozes dos Pastores,
Que em desafio cantam seus Amores.
Os maliciosos Ecos não escutas
Do vil murmurador, ou mentiroso,
O ânimo não alteras, nem disputas
Na contenda; como forte vaidoso
Vives lá nos teus campos retirado,
Porém contente, livre e sossegado.
Mas cá entre os Pastores deste prado
Ainda o coração de mais rudeza
Sabe encobrir o ânimo malvado
Com o véu da fingida singeleza;
Tudo é lisonja, tudo fingimentos;
Aqui não há sinceros pensamentos.
Não sei de que isto vem; talvez que seja
Porque sempre lhe está do povoado
Soprando o bafo da maligna Inveja,
E tanto se adianta este uso errado,
Que se aqui algum há sem ser fingido,
Dos outros é em menos conta tido.
Feliz tu, que por entre os arvoredos
Só vês do rio as águas cristalinas,
Que retratando estão altos rochedos,
Guarnecidos de musgos e boninas,
E as vides, que aos choupos enlaçadas,

Estão de roxos cachos carregadas.
Escuta na manhã fresca e serena
Quando o rebanho leva para o monte,
Cantar a namorada Filomena
Ao som com que murmura a clara fonte.
Os passarinhos vêm na sesta ardente,
Banharem-se na líquida corrente.
Se eu pudesse gozar da sombra amena,
Onde sempre repousas tão contente;
Se te ouvisse tocar a doce Avena,
Que em toda a parte admira a sábia gente?
Se a teu som meus ouvidos costumasse?
Pode ser que meu Canto se admirasse.
Aquele som, que admira o Mundo tanto,
Q mie os Pastores e Ninfas destas Praias
Só entoam as vozes do teu Canto
À sombra dos loureiros e altas alfaias;
E os ecos, que dos vales estão vindo,
Só vêm teus doces Versos repetindo
Detido sobre a plácida corrente,
Todo o Coro das Tágides formosas;
Teus brandos Versos cantam docemente
Ao som das suaves liras sonorosos.
Para escutá-las, Zéfiro ligeiro
Os cabelos lhe enxuga lisonjeiro.
Os pescadores ledos bracejando
Os duros remos, com que as ondas fendem
Contra o impulso (ia corrente, ou quando
As crespas redes pela praia estendem,
Entoando os teus Versos sonorosos,
A dura vida passam mais gostosos.
Tu, que a tanto saber enfim chegaste,
Que aos sábios desta fértil espessura
Foste o primeiro Mestre, que ensinaste
Novas regras do Canto e da cultura,
E conhecer fizeste o quanto erravam
Os mais destros que a Cítara tocavam,
Aqueles, que o estilo não seguiam
Dos Mestres, que cantaram noutra idade
Por tal Arte, que tudo suspendiam,
Que foram pela estranha suavidade
Tão célebres e amados, que inda agora
Por eles tristemente o Tejo chora.
Tu de quem já nos louros gloriosos,
Que às Musas frescas sombras estão fazendo,
Entre os dos mais antigos e famosos,
Escrito o grande Nome se está vendo,
E ali do mesmo tronco está pendente
A coroa, que te há-de ornar a frente.
Tu, que até ser mereces admirado

De um Pastor tão ilustre e entendido,
Que igual outro não tem o nosso Prado
De Ansberto, aquele tão esclarecido
E bom Pastor, que os seus Avós invictos
Sempre foram Maiores destes distritos.
Ele à sombra dos troncos mais frondosos
Ao som da sua Lira de ouro canta,
Mil vezes os teus Versos deliciosos,
Com tal graça, que o Prado todo encanta,
Neles achou tal gosto, tanta glória,
Que logo entregou todos à memória;
Ansberto, que não sabe outras Cantigas
Mais que as do bom Lerenó e as cio selecto
Liso, e outras tão suaves, tão antigas,
Que eu julgo foram do Pastor Admeto
Aquele Ansberto, cuja alta bondade
De exemplo há-de servir em toda a Idade;
Pois como sendo tu tão sábio em tudo,
Um zoupeiro tão simples e tão tudo,
Que apenas tocar sabe a gaita agreste,
Para cantar as graças e os amores
De Sílvio e Eugénia, mimo dos Pastores.
Não, Pastor sábio, eu não me atrevo a tanto;
Cante somente a tua voz sonora,
Mas se também saber queres o quanto,
Todo o Tejo os respeita, escuta agora
Os brandos Versos com que são louvados
Pelos sábios Pastores destes Prados.
Correi à praia, Ninfas e Pastores,
Que já espalha a Aurora a luz rosada,
Vinde ver como a Deusa dos Amores
Vem fazendo mais bela a madrugada;
Que raras maravilhas vem mostrando,
Oh que sonoras vozes vêm soando!
Movendo o freio de purpúreas rosas,
Já Vénus as nevadas pombas guia
Ao longo destas praias arenosas;
O gracioso Coro que rodeia
O Menino da bela Citereia
Vêm todos docemente repetindo
De Eugénia e Sílvio os Nomes celebrados;
Dous corações Amor vêm oprimindo
De uma dourada seta traspassados,
Que nos peitos adonde faz emprego,
Só doce união gera sossego.
Sobre eles vêm mil génios derramando
O espírito das flores mais cheirosas;
Vai-lhes a mesma ventura apresentando
De seu tesouro as jóias mais preciosas,
E seguindo de longe a turba bela,

A Discórdia os cabelos arrepela.
Felices corações em que o Deus cego
Inspira tão suavíssima ternura,
Tanto bem, tanto Amor, tanto sossego;
Em chama mais ardente, em fé mais pura,
Dous amantes jamais arder se viram.
Nunca dous firmes peitos mais se uniram.
Nunca a hera se uniu tão fixa e grata
Com o robusto tronco em que se enreda;
Nunca no leve feno, ou seca mata,
Ardeu tão viva a roxa lavareda;
Nunca no doce ninho que formaram,
Tão amantes as rolas suspiraram.
A vós, discreto Sílvia e Eugénia bela,
Oferecemos os tenros cordeirinhos;
Oferece cada Ninfa uma capela,
As serranas medronhos e mortinhos,
E se quiseres teres nossas manadas,
Logo todas também vos serão dadas.
Vossos grandes Avós já nos antigos
Tempos bem nomeados se fizeram,
Quantas vezes das mãos dos inimigos
Co'os cajados e fundas defenderam
As cabanas, os gados, as colmeias
Das nossas famosíssimas Aldeias.
Ainda nestas serras, nestes prados
Em muitas brancas pedras se estão lendo
Dos bons Silvas os Nomes decantados;
Eles, na luta a todos excedendo,
Se fizeram no Mundo tão famosos
Que não se contam feitos mais gloriosos.
Inda as liras e frautas se veneram
Penduradas nos ramos dos loureiros;
Que eles com tão suave som tangeram,
Que moveram as penhas e os outeiros;
Inda se lêem seus Verses modulados,
Pelos troncos das faias entalhados.
Mas canta tu, Pastor, nestes Pastores
O valor, o saber e a gentileza:
Coroas de novo louro e novas flores
Alcançarás das Musas nesta empresa;
Pois, com seus imortais merecimentos
Mais sonoros farás os teus acentos.

ODES

ODE I

À Sereníssima Princesa do Brasil

Estrofe I

Angélicas Virtudes, que áureo berço
Tivestes sobre os Astros
Ouvi os sons da lira, que afinaria
Pela Mão, que teceu imortais C'roas
Ao vencedor da Olímpica Palestra
Vai nas asas dos Euros
Visitar as Esferas estreladas,
O Sacro Templo vosso.

Antístrofe

Tu, sublime Clemência, que derrogas
O terrível Decreto
No trono da Vingança promulgado;
Ardente Caridade, que rebates
Da implacável desgraça as cruéis setas
Com rutilante escudo;
Que alimentas a teus virgíneos peitos
A mísera indignação.

Epodo I

Mas porque voas, Cítara sonora,
Qual Águia remontada,
A explorar os lúcidos Planetas,
Procurando dos Céus as castas filhas,
Se habitam todas juntas
No peito Augusto da Real Maria?

Estrofe II

Que brilhante espectáculo investigo
De maravilhas raras!
Os resolutos olhos se confundem,
O transportado espírito vacila.
Que dos despenhados? Que altos Montes?
Que refulgentes pedras?
Que turbilhão de eternos resplandores
Em torno me cintila.

Antístrofe II

Mas solte a tempestade as negras asas!
Que as velas desferindo,
A vasto golfo impávido me entrego;
Que só Piloto inerte de altos Mares
Os caminhos não surca procelosos.
Vamos, Sagrado Nume,
Os cabelos ornar da Augusta fronte
C'os louros da Hipocrene.

Epodo II

Calem no fundo Império de Neptuno
Ao brado de meus Hinos
Os nus Tritões as retorcidas trompas;
E disponham a bárbara fereza
De meu Canto atraídos
O Cáucaso arrogante, o Tauro insano.

Estrofe III

Sim, divino furor, o Simulacro,
A quem toante lira
Do Pindo tributar o incenso deve,
É a Bela, Magnânima Princesa,
Que a horrível cerviz do torpe engano
Com firme planta oprime,
Que severa detesta da lisonja
Os profanos Altares.

Antístrofe III

Tu, Vergônteo sublime do alto Tronco,
Em Heróis tão fecundo,
Do claro Tronco da imortal Bragança,
Que rege com benigno, áureo Ceptro
O rico Império das Sagradas Quinas,
Em cuja excelsa Rama
Sempre as brilhantes flores rebentaram
Das cândidas virtudes.

Epodo III

Vibrem troando as cordas sonorosos
Relâmpagos, que imprimam
Tão alta reverência no Universo,
Que para ouvir teu Nome respeitoso
Levante fora da água
O Idaspe soberbo a fronte hirsuta.

Estrofe IV

Já, venturosa Lísia, já cessaram
Os fervorosos votos,
Que ansiosa levantaste ao Céu propício.
Já da Real Estirpe restaurada
Vês a preclara heróica descendência;
Já vês nos ternos braços
O suspirado Filho, que promete
A glória dilatar-te.

Antístrofe IV

Verás surdir de novo subjugado
Na foz do flavo Tejo
O belicoso, bárbaro Africano;
O Persa tributário o pé beijar-te
Virá submisso, paz e Leis pedindo.
Tornarás vencedora
A ver o fulminante Luso braço
Abrir de Meca as portas.

Epodo IV

Acolhidas verás em áureo Templo
As fecundas Cometias
Alta glória de mente iluminada,
E ludíbrio da estúpida ignorância,
Que cega não distingue
Do altissonante cisne o rouco Ganso.

Estrofe V

Tu és, Senhora, a luminosa Estrela,
Que próspera designa
Do Trono Lusitano a nova glória;
Assim como a fecunda Primavera
Coroadada de folhas e de flores,
De alegres esperanças
Enche o pobre Cultor, que o Céu fatiga
Com súplicas e votos.

Antístrofe V

Assim c'o suspirado tenro fruto,
Que deste à Pátria cara,
Da fortuna os Tesouros nos abriste;
Este Filho de Heróis, recente Alcides,
Que já no berço as víboras oprime

Do implacável orgulho;
Que a Piedade e a justiça à sombra criam
Das benéficas asas.

Epodo V

Mas de arco frouxo a despedida seta
De Júpiter a Águia,
Que veloz se remonta, não alcança.
Fica em silêncio, Lira, que as virtudes
Da singular Princesa
São tão inacessíveis, como os Astros.

ODE II

*A sua alteza Conde Reinante de Schaumbourg Lippe ,
no princípio do Ajuste da Paz.*

Em vão para afrontar do Sol os raios
O Etna das entranhas abrasarias
Vomita escuras, crepitantes chamas
Entre nuvens de fumo.
Se o bravo Eolo os furacões raivosos
Da profunda caverna soltar manda?
Cruzam os altos ares sibilando,
Tudo se desvanece.
Em vão, soberba Espanha! Em vão pretendes
De guerreiros cobrir nossas fronteiras;
Nunca Leis imporão ao Luso Império
Teus esquadrões armados.
Inimiga implacável, volta os olhos;
Vê diante do grande e forte Nuno,
Fugir a multidão de teus soldados,
Quais tímidos cordeiros.
O campo Marcial deixa coberto
De lacerados corpos moribundos;
Olha a formosa Lísia sacudindo
Teu jugo insuportável.
Vê, como a solta Mão tinge no sangue
De teus Tiranos, ávidos Ministros;
Como os leões soberbos precipita
Do alto de seus Muros.
Mas a teus numerosos combatentes
De estranhas forças o socorro ajunta;
Exala em arrogantes impropérios
O inextinguível ódio,
E sobre as nossas cinzas, inda quentes,
Sobre nossos reparos destroçados
Vem lançar de teus bronzes retumbantes

O raio sanguinoso.
Vem que o famoso Alcides da Germânia,
De intrepidez e de prudência armado,
Da tua audácia vai, de teus furores
Destruir os projectos.
Como um Astro brilhante, de improviso
A teus irados olhos aparece;
E ao relâmpago só da sua espada
Desmaiam teus guerreiros.
A multidão, que rápida inundava,
Qual despenhada enchente, nossos campos,
O furioso, temerário curso
Já tímida suspende.
Para escapam aos golpes de seu braço
Cede a Vitória que te prometia
E debaixo das asas luminosas
Da santa Paz se abriga.
Ó minha Lira! O Nome de Guilherme
Acima das Estrelas levantemos.
Seu augusto esplendor, suas Virtudes
Altos Hinos me inspiram.
São as virtudes, Astro luminoso,
Que aos grandes Deuses os mortais igualam,
Que a seus olhos as sombras lhes dissipa
Dos arcanos futuros.
Aqueles, em quem brilha esta luz pura,
Sabem temer os rígidos suplícios,
Que a sofrer os malévolos condena
Minos severo e justo.
Sabem equilibrar com firme braço
A pesada balança da justiça.
Os seus ruas nas trevas não se envolvem,
Sempre o Sob os rodeio.
Assim, Herói magnânimo! Cingindo
De louros imortais a ilustre frente,
Pela mão de Minerva conduzido
Moves constante os passos.
Com douta prevenção nos conservaste
Do Pátrio Luso a antiga glória ileisa,
Os profundos segredos decifrando
Das artes de Belona,
Assim os inimigos tremer fazes;
Vendo erigir-te a Mão da imortal glória
O arco triunfal sobre as colunas
Do vencedor do Averno.
Com altos feitos o Universo espanta!
Que pela minha voz o Deus da Lísia
Anunciará aos Séculos futuros
Tuas raras virtudes.

ODE III

Dize, ó Conde imortal, que força insólita
Move em giro perene a esfera rápida
De teus mil pensamentos,
Que excedem os mortais atrevimentos?

Larga o Ceptro Trifulco o undoso Júpiter,
E busca no alto pego o Leito plácido;
O mesmo Nilo vago
Procura inerte sonolento lago.

A Terra nas tarefas se é solícita,
Tem para descansar firmes períodos,
E sempre que as sazona,
Ceres a Flora cede, a Lieu Pomona.

Se Febo cansa, rege o Império Cíntia;
Se dorme Cíntia, gira Febo rápido;
Só tu, Astro admirável,
No teu giro perene és incansável.

De imensas luzes aos mortais incógnitos
Passas a outras, dilatando os círculos,
E da esfera profunda
O centro oculto noutros mil abunda.

Julgas que as obras desse estranho espírito,
Assim que acabas de fazê-las pródigo,
Ingrato esquecimento
Logo as apaga em nosso entendimento?

Ou pensa acaso esse incansável ânimo,
Que nada obrado tem digno dos Séculos,
E que não perpetua
Sua fama, se a obrar não continua?

Se ele tal pensa, o sentimento público
Oh quanto agrava com estranho escândalo!
E descansando deve
Desmentir o conceito, a que se atreve.

Nós não dissemos, que em teus ombros válidos,
Mais que animados de vigor Hercúleo,
Novo globo descansa,
Que os longos braços de outro Nereu cansa?

Este Galeão, que põem na onda Atlântica
A firme proa, a popa audaz na Índica,

Não dizemos, que experto
Reges tu só com portentoso acerto?

Não aclamamos do alto assombro estáticos
Por bocas mil o teu talento insólito,
Capaz de emprender tudo,
E encobri-lo sagaz com raro estudo?

Não confessamos, que Neptuno pávido
Teme as que fundas Oficinas Náuticas,
E Palas desprezada
Domina aos seus dous Tronos elevada?

Se a nós não crês, atende ao Mundo atónito:
Eu ouço há muito, que ele diz verídico:
«Ó cine imenso Talento,
Dos Orbes Lusos novo movimento!»

Se em honra de Licurgo, o Grego Oráculo
A preferir chegou da sacra Trípole,
Que dúbio não sabia,
Se Númen, ou Mortal o chamaria:

A respeito de ti, Ministro heróico,
Se ouvirá à Lusa gente a mesma dúvida;
Sem vacilar alçará
A teu Nome imortal e terna ara.

Pois se o Mundo, se nós, Conde magnânimo,
Todos cantamos teus excelsos méritos;
Se és no louvor mais justo,
Melhor Mecenas de melhor Augusto;

Descansa enfim, respira o doce Zéfiro,
Que gira em torno a ti nos prados áulicos;
E já a trabalho tanto
Ouve da Fama o sonoro Canto.

Mas oh que néscio sou! Se o Astro Déléfco
Nunca descanso tem no curso Eclíptico;
Se um Hemisfério deixa,
De outro consola a saudoso queixa.

Como descansar pode a tocha lúcida
Da Lusa esfera? Gira, ó Sol benéfico,
Teus influxos derrama;
Cresce mais fruto em nós, em ti mais fama.

ODE IV

Vinde batendo as asas luminosas,
Espíritos Celestes;
A minha alma acendei de rim santo fogo,
Regei o minha lira,
Sobre ela derramai alegres Hinos.
Espíritos Celestes,
Fazei que minha humilde voz terrena
Com som, que mova as penhas,
O Nome do Senhor exalte e louve;
Do Senhor, que piedoso
Muda os terríveis, tempestuosos ventos
Em viração suave,
E os bramidos das ondas arrogantes
Em plácido silêncio;
Que, tendo sobre os Astros alto trono,
Em cuja augusta face
Baixam os olhos tímidos os Anjos,
Vem, como humilde servo,
Habitar unia tosco e pobre lapa
Na morada terrestre.
Tu, ó Jerusalém, a vasta fronte
Levantarás cingida
De torres de rubins e de esmeraldas,
Hoje verás teus muros
De pórfido e diamantes refulgentes.
Vem, Aquilão benigno,
E derrama os teus sopros sobre as flores;
Espalha os teus aromas.
Povo da Redenção, ó gente santa,
Já de furor armado
Não vereis o Senhor, que formidável
Sobre os ombros sustido
Dos Querubins, cercado de medonhas,
E fuzilantes nuvens
Submergia as Nações mais arrogantes.
Já sua voz não soa
Como espantosa, horrível tempestade;
A cujo som se arrancam
Os pesados rochedos, as montou lias,
E derretidos correm
Como as grossas correntes despenhadas.
Já o soberbo Monstro
Lá no profundo abismo irado geme;
Assim como o furioso
Euro agita as ondas do Oceano,
Que irritadas bramando
Cobrem de crespo escuma o veloz carro,
Ora afrontando os ares,
Ora batendo na deserta praia,

E diz com voz horrenda:
«Do Tártaro profundo habitadores,
Já o Antigo de dias
Mandou à Terra o prometido Filho;
Chegou nossa ruína.
Já choveram os altos Céus o justo,
Já o grande Prodígio
Vaticinado há tanto dos Profetas,
Em Belém se começa.
Gemerá nosso Império destruído.
Já soam as pisadas
Do Príncipe que a paz evangeliza.
Ai de mim! Que faremos!
De Israel as Relíquias se salvaram!
O Mundo se gloria,
Ouvindo a voz terrível e impaciente
Do Monstro enfurecido.
Entoai doces Hinos, gente santa;
Vede, vede os despojos
Do braço do Senhor, que vem remir-nos.
De Cizon a corrente
Os cadáveres leva arrebatados
Dos soberbos Tiranos.
Minha alma se enche de prazer imenso,
Vendo os novos triunfos.
O Senhor destruiu seus inimigos;
Eles desaparecem,
Como aos sopros do vento as secas folhas.
Já vês, Jerusalém,
Cidade do Senhor, o suspirado
Príncipe de Israel;
Já nos teus montes soa a voz confusa
Da multidão amiga.
São os Reis ruas Nações, que reverentes
Vêm beijar tuas plantas,
E já de teus Altares sobe o fumo
Ao Senhor agradável.
Invocai, invocai seu grande Nome,
Oh gentes venturosas!
Porém, que portentosa luz me cerca!
Que escondidos Mistérios!
A fraca vista já sofrer não pode
Tão luminosos raios.
Tudo louve o Senhor, que a resgatar-nos
Desce da sua Glória;
Que vem quebrar as ásperas cadeias
Da escravidão da culpa.

ODE V

Espírito Divino,
Que para anunciar altas Verdades,
Sobre os fracos mortais chover fizeste
Línguas de vivo fogo,
Com um raio de luz minha alma acende,
Dissipa as negras sombras, que me cercam,
Que a minha rude lira
Vai celebrar do Altíssimo a grande obra.
Sião, Monte Sagrado,
Todo cheio de glória, onde a grandeza
O Senhor das batalhas manifesta,
Ao pé de seus Altares
Prostrado inclina a fronte respeitosa;
Os ares rompe com alegres Cantos,
Que já os campos do ermo
O suspirado fruto produziram.
Sinai inacessível,
Jamais não tremerás de pavor cheio,
Ouvindo retumbar nas fundas brenhas
Espantosas trombetas.
Já cercada de nuvens fuzilantes
Não verás a terrível Majestade,
De cuja irada visto
Fugiram derretidos os rochedos.
Exultai, ó Nações,
Que já nasceu o Príncipe Supremo,
Tão suspirado das escravas gentes.
Já da calamidade
Os infelices tempos acabaram,
Já do Mundo fugiram os delitos,
Raiar a Luz já viram
Os que as medonhas trevas habitavam.
Já brilha aquela Estrela
Do constante Jacob vaticinaria;
O prometido orvalho derramaram
Os piedosos Céus.
A Terra produziu o Redentor,
No meio do deserto se levanta
Espantando as Nações
Nova Jerusalém de luzes cheia.
Ergue, Cidade Santa,
Ergue a fronte das cinzas sacudida,
Olha, como assombrado o Universo
Tua glória contempla.
Da multidão estranha o tropel soa
Ao redor de teus muros levantados;
Olha como a teus Pés
Os poderosos Príncipes se prostra rui.
Vê, como de Israel

Os Tiranos, soberbos opressores
Confundidos caíram de seus Tronos.
Cessaram nossos gritos.
Reina a paz e o silêncio sobre a Terra;
O Senhor lhes quebrou o fatal Ceptro,
Cujo peso oprimia
Os miseráveis, os escravos Povos.
Eis aqui, gente santa,
Eis aqui o pacífico Cordeiro,
Que vem dos Sacerdotes as Estolas
Tingir de vivo sangue.
Eis aqui o Senhor, a cuja vista
O Inferno treme; treme o Firmamento,
Que desce de seu Trono
Para habitar das lágrimas o vale.
Uma tosca caverna
É a moraria deste Rei Supremo,
Que fez sair do caos o Sol e a Lua;
Umhas humildes palhas
São o dourado berço em que descansa,
Dous brutos o acompanham reverentes;
São vis trajes de servo
A Púrpura brilhante, em que se envolve.
Aonde estás, soberbo,
Aonde estás, Tirano, infernal Monstro,
Que presumias ser igual ao Etenor,
Dizendo que alto Trono
Sobre o Sol e as Estrelas erguerias?
O Senhor abateu o teu orgulho.
Já os Mortais não gemem
Em teus indignos ferros manietados.
Sim, audaz inimigo,
Tu desapareceste da sua vista
Como do macio vento o leve fumo.
De teu fatal destroço
'Té do Líbano os cedros se gloriam,
Nos abismos caíste despenhado.
A teu aspecto horrível
O Tártaro tremeu espavorido.
Este Divino Infante,
Que sustenta a seus peitos uma Virgem,
Destruir veio o teu funesto Império.
Senhor; teu Nome seja
De um Século a outro Século bendito;
E lá desde o Oriente até o Ocaso.
Louvem-te os altos montes,
Os Saltérios, as cítaras te louvem.

ODE VI

O Santo amor da Pátria, que ultrajado
Com tristes queixas a minha alma fere,
Soltar me manda o soou desentoadado,
Ansioso o coração vozes prefere;
É o grande José, a luz divina,
Que meus Versos inspira, que me acende,
Que me enche de furor, que me ilumina.
Vós, Soberano Rei, que defendido
Por esse braço sois tão invencível,
Que se os olhos só move enfurecido,
Derreter os rochedos lhe é possível.
Oh monstros de cruel atrocidade!
Em vão levantareis o braço infame,
Em vão contra a Sagrada Majestade.
Os pesados sepulcros abalando
As cinzas dos antigos Portugueses,
Impacientes vingança estão clamando;
Vós, Nunos, Albuquerque, vós, Menezes,
Erguei as testas frias e mirradas,
Inda tintas de sangue em triste pranto
Do rosto banhareis as cãs honradas.
Levantai os intrépidos semblantes,
Que mostrastes na mais guerreira empresa,
Cheios de pó, de fúrias arrogantes,
Vede a fidelidade Portuguesa
Gemer envolta em hórridos desdouros;
Sim, vede a mão da infame rebeldia
Arrancar-lhe da frente os Sacros louros.
Oh! Que Matrona bela, agigantada,
De altas torres a vasto fronte c'roa,
Vertendo triste pranto desgrenhada,
Com gemidos, com ais os Céus atroa?
É Lísia, é Lísia; e como geme aflita,
Ora brama impaciente, ora se espanta,
Os olhos põem no Céu, justiça grita.
Horror fatal! Abominável erro!
Cruel ingratidão do filho enorme,
Que no paterno sangue tinge o ferro!
Que espessa nuvem com trovão disforme
A uma e outra parte raios lança!
Já se rasga, e no seio ardente mostra
Com mão armada a rígida vingança.
Ela faz levantar um som terrível
De gemidos e gritos espantosos,
Já descarrega irada o golpe horrível,
Despedaça os rebeldes horrorosos;
Já os devora a chama enfurecida;

O amor se implora 4 já batendo as praias
Vem a sorver a cinza fementida.
Para as limosas grutas vão fugindo
As Tágides de susto e pavor cheias,
O Tejo as bravas ondas impelindo,
Ao ar levanta tímido as areias;
Já bate nos rochedos escabrosos,
Já rasga o fundo abismo, ao Letes manda
Os vestígios dos Monstros Horrorosos.
Príncipe Soberano, Dom glorioso,
Que para augusto amparo o Céu nos deu,
Ao vosso Povo vinde, que amoroso
Por vós tão fiéis lágrimas verteu;
Ele cheio de alvoroço vos espera,
Vossa presença lhe é mais agradável,
Do que a verde e florida Primavera.
Vede-o Senhor, enchendo os altos ares
De alegres Canitos com prazer imenso,
Fazendo levantar sobre os Altares
Espessas nuvens de devoto incenso,
Erguendo aos Céus o vosso Nome Augusto
Entre as vozes dos Hinos sacrossantos.
Ó Pai da Pátria, o mais piedoso e justo!
Vós não levais rompendo os crepitantes
Incêndios entre nuvens de poeira
Vossos vassalos a morrer constantes;
Coroados de pacífica oliveira
Já pelo Templo entrais da imortal glória,
Que os Afonsos, os Sanchos escreveram
Com o sangue dos Povos a memória.
Já triunfante, já desagradada
Vejo a fidelidade, que a luzente
Frente de brancos lírios traz ornaria;
Sobre unia roupa ondosa e transparente
Cinge uma banda de purpúreas rosas,
Ao vosso Trono sobe, a Mão vos beija;
Oh, como rompe em vozes amorosas!
Ela vos diz, Senhor, que o desgraçado
Sangue, que profanou os seus Altares,
É todo finalmente derramado,
Que jamais estes hórridos desares
Não receeis, e que esta atrocidade
Mais acendeu nos vossos bons vassalos
As invioláveis chamas de lealdade.
Sim, crede, todos querem impacientes
Ilustrar os seus nomes, derramando
O fiel sangue por vós. Que combatentes
Ou que Monstros farão no maior dano
Temer os Portugueses, quando devem
Defender seu Augusto Soberano?

Oh, que vozes de júbilo saídas
Do interior da alma os ares vão rompendo!
As donzelas de gosto enternecidas,
Os meninos as tenras mãos batendo
Repetem vivas. Ah, cantai louvores
Do braço que salvou o nosso Augusto
De entre as mãos de tão bárbaros traidores.

ODE VII

Lusitânia feliz! Que venturoso
Século te c'roou de maravilhas,
Que todo o Universo está espantado
Do esplendor glorioso, com que brilhas
Em voo levantado?
A cabeça cingida de altas torres
Erguendo vás das cinzas sacudida,
Os dilatados membros já guarneces
Das galas de lavor, que prevenida
Pela mão própria teces.
Vês descansar à sombra das Leis santas
As cândidas Virtudes luminosas,
Sem que os assuste a bárbara injustiça;
Vês cortar as gargantas venenosas
Da Hidra da cobiça.
O sangue infame pisa já vingada,
O sangue da execranda rebeldia,
Que levantando o braço sedicioso,
Quis manchar com sacrílega ousadia
Teu Nome glorioso.
Já sobre os áureos Tronos resplandecem
Tuas Artes, que longo tempo viste
Gemer sem reverência, amortalhadas
Nas feias trevas de uma noite triste
Dos louros despojadas.
Que poderosa Mão, que Braço forte
Do seio te arrancou da sombra escura,
E pode levantar-te a tanta glória,
Que um troféu tão sublime te pendura
No Templo da memória?
Tu és, excelso Conde! A Pátria cara
Fizeste assombro das Nações estranhas;
Parece que alterado o Luso clima
Os Tesouros produz, que nas entranhas
O Ganges rico anima!
Ah Povos, que sofreis da dura guerra
As ímpias, as fatais calam idades,
Que do ferro inumano devastadas
Vedes vossas campinas e Cidades

Em chamas abrasadas!
Se vivêsseis debaixo dos auspícios
Deste alto Herói, o fruto delicioso
Gozareis da feliz tranquilidade.
Nós vivemos no seio venturoso
Do amor e da piedade.
Vós, Talentos, a quem do Pindo o coro
Altos Versos inspira, do famoso
Vencedor dos obstáculos terríveis,
Eternizai o Nome glorioso
Com Hinos aprazíveis.
Oh magnânimo Rei! De vós recebe
Este peito incansável e constante,
Este espírito grande a luz que o guia,
Assim como o Universo o Sol brilhante
C'os raios alumia.
A vossa Augusta Mão lhe cinja a fronte
Com o louro devido a seu talento,
Ilustrei deste Herói a nobre História,
Que em premiar o seu merecimento
Aumentais vossa glória.
Sagrada Providência, que piedosa
Lá de cima dos pólos estrelados
Espalhais sobre os Povos a abundância,
E protegeis os Remos dilatados
Com pronta vigilância,
Estendei, estendei as asas de ouro
Sobre o Conde sublime, que zeloso
No amor da Pátria o coração acende.
Muito o nosso descanso venturoso
Da sua vida pende.

ODE VIII

Musa, em favor da cândida verdade
Em meu seio os tesouros deposita
Do alto furor, que vai a toda a idade
Levando a fama escrita
Dos Gamas, dos Eneias, dos Ulisses
Os progressos felices
Do Ilustre Mendonça decantado
Devo cantar em Verso levantado.
O primeiro, que exposto ao rijo vento,
Foi cortando com proa acelerada
Os desertos do líquido Elemento,
Ou com a dextra armada
Da ardente facha da terrível guerra
Lançou muros por terra,
As Cidades levando horror e espanto,

Não é mais digno do sublime Canto.
Aonde levarei, Mendonça claro,
Primeiro as minhas vozes reverentes?
Cantarei o esplendor sempre preclaro
Dos vossos Ascendentes,
Cujas virtudes juntas se estão vendo
Em vós resplandecendo,
Assim como se mostra mais luzido
De muitas luzes o cristal ferido?
Cantarei as Estátuas, que a Sapiência
Já vos tem nos seus Templos erigido?
Ou o santo temor, a reverência,
Que tributais rendido
Nos sagrados Altares da justiça;
Aonde a vã cobiça
Entre duras cadeias manietada
Geme por vós, Senhor, atropelada?
Cantarei o valor infatigável,
Com que por vastos montes, por desertos,
Por ermos e por mato inexpugnável,
Por caminhos incertos,
Por entre brutos Povos que domaste,
A ver quase chegastes
De espadanas o Grão Pará c'roado
Lá na urna limosa recostado?
Entre tantas Virtudes me estou vendo
Qual caçador mal destro e negligente,
Que as intrincadas selvas vai rompendo;
Quando vê de repente
O desejado bando levantar-se,
E sem determinar-se
À qual aponte a farpa represada,
Do arco não dispara a seta armada.
Agora, agora, Povos venturosos
Das vastas Regiões, férteis campinas,
Por onde vai com passos furiosos
As águas cristalinas
O Grão Pará levando ao Mar salgado;
Agora coroadado
Sobre seu carro de rubins e de ouro,
O Comércio vos abre seu tesouro.
Como vedes por Terra destroçado
Da triste escravidão o vulto horrendo,
Que a crueldade tinha levantado!
Oh, quantos vão correndo
Com os soltos grilhões das mãos pendentes,
Publicando contentes,
Que aquelas prisões duras e pesadas
Por vós, Senhor, Só foram desatadas!
As cadeias, o jugo rigoroso

No Templo pendurai da liberdade,
Que este alto Herói vos erigiu piedoso,
Apesar da impiedade,
Sobre as prostradas aras da cobiça;
Esfinge que, submissa
E debaixo do véu de um zelo ardente,
Vos devorava com faminto dente.
Este monstro insaciável, que roubando
Dos olhos da Justiça a santa venda,
Faz que o delito as Leis atropelando
As cadeias desprenda;
E que o suplício tinja sem demência
O sangue da inocência,
Que chore e gema a mísera Orfandade
Arrastada da vil necessidade; Faz que
Marte entre os bronzes retumbantes
Do soberbo cavalo mova os passos
Sobre corpos humanos palpitantes,
E feitos em pedaços.
Quantos Ceptros usurpa ensanguentando,
Os Tronos assolando,
Os infelices Povos e Cidades
Com ímpias, com fatais calamidades.
Quantos do seio do repouso tira,
E leva c'os Tesouros preciosos
A submergir pela implacável ira
Dos Mares tempestuosos.
Não teme outro Poder mais formidável
Que o da fortuna instável,
Um seu revés lhe faz maior desmaio,
Que à tímida donzela o fatal raio.
Oh Mendonça, oh Herói sábio e prudente!
Vós deste Monstro horrível e espantoso
A soberba cerviz do mais valente.
O vosso generoso
Coração é o puro defensivo
Contra o veneno activo,
Que seu terrível hálito respira.
Ah quem de vós tivera a digna lira!
A inveja brame, morde-se raivosa,
Os cabelos eriça, a vista acende,
O pesado carcás arma furiosa;
Do curvo arco desprende
Com ligeireza a seta penetrante.
Mas, oh que vacilante
Já cai por terra, perde os seus furores
À voz dos vossos públicos louvores!
Sofra na escura noite a tempestade
Com os Mares lutando o navegante,
Já vendo o fundo abismo à claridade

Do raio crepitante;
Já nos ombros das ondas empoladas
Toque as nuvens inchadas,
Para trazer contente à Pátria Terra
Os tesouros, que o Ganges rico encerra;
Ou rompa com seus braços das montanhas
Os seios de rochedos defendidos,
Para arrancar-lhes o ouro das entranhas
Rios enfurecidos
Faça subir, ou de seu curso mude,
Que a cândida Virtude,
Que nos grandes espíritos respira,
Só cantarei ao som da minha lira.

ELEGIA

Pastores, que do campo dilatado,
Que banha o Lima claro e deleitoso,
Cuidadosos guardais o manso gado,
Ouvi todos o Canto pesaroso,
Que entoa a triste voz desta Elegia,
Vereis de Olivo o caso lastimoso.
Olivo, aquele Olivo, que algum dia
Os vossos frescos vales habitava,
Servindo-vos de doce companhia;
Aquele Olivo meu, que tanto amava,
Por quem em vão com triste pranto rego
Esta areia, que o brando Tejo lava;
Aquele que deixando o rude emprego.
A ser por outros mestres ensinado,
Passou aos férteis campos do Mondego;
Aquele que, por sábio respeitado
Foi naquela Cidade antiga e forte,
Por onde o Tejo passa já salgado;
Este vosso Pastor o fatal corte
Na mais perfeita flor da breve idade
Exp'rimentou da feia e dura morte
Tal mágoa nos deixou tanta piedade
Que nem nas praias Ninfa sem lamento,
Nem Pastor há nos campos sem saudade.
Porém vós neste golpe tão violento,
Que nós choramos todos tristemente,
Poupastes grande parte ao sentimento.
Ele entre nós morreu, de vós ausente,
E a mágoa, de que a vista não se informa,
Também no coração menos se sente.
Veríeis em que a vida se transforma,
Se vísseis como a grande enfermidade
Lhe pode horrorizar a gentil forma.
Que coração a tanta adversidade
Pode ver ao amado Olivo exposto
Que impulsos não sentisse de piedade?
Macilenta, perdida a cor do rosto,
Já dos olhos a luz amortecida,
O respirar sem tempo e descomposto
A fala na garganta reprimida,
O alento de todo quebrantado,
Da boca toda a graça enfim perdida.
Assim o triste Olivo neste estado
Conforme, e num feliz conhecimento,
A vida deu, a quem lha tinha dado.
E sempre o seu eterno apartamento
Celebrado será com triste pranto,

Enquanto houver no Mundo sentimento.
Quem viverá sem mágoa em pesar tanto?
Roubar-nos pode a morte resoluta
Um Pastor, que foi sempre em tudo espanto.
Vencia os mais sagazes na disputa,
O mais destro Pastor também vencia
Em baile, canto, fruta, barra e luta.
Quando a sonora fruta ele tangia,
Parece que estes montes abalava,
Que deste rio as águas suspendia.
Tinha um agrado tal, quando falava,
Que a vontade da mais livre Pastora
De amor aos doces laços sujeitava.
Nesta praia, no vale a toda a hora
Estava brandos Versos espalhando
Ao doce som da citara sonora.
Inda agora se estão sempre escutando,
Que os Sátiros lascivos seus amores
Com tão suaves Versos vão cantando.
Suspendei, ó Selvagens amadores,
Suspendei vosso Canto namorado;
Não dobreis o tormento a nossas dores.
Ele por seu saber era estimado
Dos nossos Maiorais, como entendido,
Não como guardador do pobre gado.
De todos era tão apetecido
Este Pastor famoso, que perdemos,
Que na perda por todos é sentido.
Na maior mágoa enfim todos vivemos
Depois que por decreto das Estrelas
De tanto bem a falta conhecemos.
Já nenhuma Pastora das mais belas,
Nem Serrano das alvas peles veste,
Nem já tecem de rosas as capelas;
Só c'roados de ramos de cipreste
Andam amargamente suspirando
Pelo deserto monte e mato agreste.
Famintas no curral estão berrando
Algumas das ovelhas e cordeiros,
Outras os semeados vão pastando.
Balandando pelas fraldas dos outeiros
Andam outros das mães desamparados,
Sós, expostos aos lobos carniceiros.
É tal a confusão por estes prados,
Que andam de mágoa os tristes guardadores
Esquecidos de si e de seus gados,
Sem remédio senti, chorai, Pastores,
(Que fostes noutro tempo tão ditosos)
De tanto bem perdido as cruéis dores.
E vós, Alma gentil, por quem saudosos

Os tristes olhos meus estão chorando,
Do feliz bem de ver-vos desejosos;
Vós, que a luz de outro Sol estais gozando,
E sobre outra verdura, outras boninas,
À sombra de outros freixos descansando;
Vós, que pisais ditosa outras campinas,
Outros montes e vales, e estais vendo
De outras fontes as águas cristalinas;
Vós, que numa paz santa estais vivendo
Lá onde eternamente o bem se goza,
Sem mudanças da sorte estar temendo;
Vivei lá sem nos ver, Alma ditosa,
Enquanto o certo) fim se não apressa
Da nossa vida triste e trabalhosa.
Pastores, se quereis que se conheça
Todo o bem que perdeste, toda a glória,
Com vosso amargo) pranto o Lima cresça.
E porque tão funesta e triste História
Sempre seja de lágrimas motivo,
Nos troncos escrevei para memória
Um letreiro que diga: *É morto Olivo.*

CANÇÃO

Ao pensamento vinde, meus cuidados;
Vinde, minha gostosa companhia,
Tão amáveis que, quando mais lembrados,
Mais minha glória sois, minha alegria.
Doce emprego, recreio delicioso
Das largas horas em que vivo ausente
Da soberana luz, por quem ansioso
Ora suspiro triste, ora contente.
Doces, doces cuidados, que à memória
Me trazeis num momento tanta glória.
Que vivamente estou na conjectura
Aqueles graciosos olhos vendo,
Que movendo-se cheios de ternura,
Mil segredos de amor me estão dizendo.
Os dourados cabelos, que voando
Representam do Sol os resplandores,
Aquele gentil boca, que calando
Me diz um só suspiro mil amores,
Aquele formosura incomparável
Mais que tudo a meus olhos agradável.
Para quem vive ausente suspirando
Não há glória maior, não há ventura,
Como estar solitário recordando
Do bem amado a graça, a formosura,
As promessas, a fé, os juramentos,
A ternura, as finezas e os agrados.
Oh causa de tão doces pensamentos!
Oh motivo gentil de meus cuidados!
Glória não tem, e gosto não respira,
Quem de amor por teus olhos não suspira.
Nunca depois da noite tenebrosa
A manhã orvalhando as tenras flores
Me foi tão bela, como a luz formosa
Me é sempre de teus claros resplandores.
Nunca na tempestade o navegante
Tanto suspira pelo porto amigo,
Como eu, ó bela Ninfa, a todo o instante
Suspiro por te ver e estar contigo.
Oh mal haja o poder do injusto fado,
Que me traz de teus olhos separado.
Vem ver-me no) deserto desta praia,
Aonde por ti vivo suspirando,
Vem, Tirceia, que à sombra desta faia
Em amor estaremos praticando.
Aqui verás o Sol na água esconder-se,
Esmaltando de roxo os Horizontes,
Cintilar as Estrelas, e só ver-se

A mal distinta luz nos altos montes;
Tronco aqui não verás, nem branca areia,
Em que o teu doce Nome se não leia.
E logo a minha citara tangendo,
E tu a sonora voz soltando,
Verás as belas Tágides erguendo
As douradas cabeças goteando;
Virão as brancas ondas dividindo
Até na branda areia pé tomarem,
Os Delfins as virão logo seguindo,
Para nossos acentos escutarem;
Aqui verás Amor colhendo flores
Só para nos ouvir cantar de amores.
Ó graça de meu Canto e minha lira,
Esperança, ventura, luz e glória,
Por quem meu coração tanto suspira,
Sempre te trago impressa na memória;
E se acaso algum leve esquecimento
Me tece a inconstante fantasia,
Logo torna a buscar-te o entendimento,
Assim como o sequioso a fonte fria;
Ver-te do pensamento separada
Um instante não posso, Ninfa amada.
Quantas vezes entre estes arvoredos
Proferindo o teu Nome a voz levanto
A chamar-te; estes ásperos rochedos
Me ajudam condoídos de meu pranto!
E quantas entre ideias enganosas
Se me está vivamente figurando
Que te digo mil queixas amorosas,
Que me estás com branduras consolando,
Que me juras de ser sempre constante,
Que eu te afirmo de ser eterno amante!
Voa, Canção, aos olhos que eu adoro),
Dize-lhes, Canção, dize que te leiam;
E que prémio não quero do que choro
Mais do que por verdade só te creiam.

EPÍSTOLA

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo

CONDE DE OEIRAS

Socorrei-me, Senhor, com mão paterna,
Do iníquo Fado a Hidra me devora,
Mais feroz, mais faminta que a de Lema.
O vosso braço, que triunfante arvora
Da fortuna o aurífero Estendarte,
A garganta lhe corte tragadora.
Um instante, Senhor, ponde de parte
A pesada balança, e dai piedoso
Ouvidos ao clamor que da alma parte.
Já dez vezes c'o rosto ao Mar ondoso
Vazio desceu Delia, e de luz pura
Subiu cheia outras dez ao Céu formoso.
Depois, que unida à minha sorte escura,
A fria mão da pálida Doença
Dispara contra mim a frecha dura.
Aberto já me tinha a chaga intensa.
Já sobre os turvos olhos me corria,
Da fea e negra morte a nuvem densa.
Em pavorosas trevas já veria
Trocada a luz do Sol, se a Providência
Me não salvasse da morada fria.
Mas ponderai a bárbara inclemência,
Com que pelos cabelos arrastado
Me traz a triste, sórdida Indigência.
A penosa lavoura, o curvo arado,
Há longo tempo em desamparo posto,
O rebanho do lobo degolado.
Mostrou-me a Desventura irado o rosto,
E a mil misérias e fatais perigos,
Desabrida a cruel me tem exposto.
E já tão implacáveis inimigos,
Tragado me teriam, se a piedade
Me não salvasse dos fiéis amigos.
Já nem ir a fatal necessidade
Não podem com fadiga os membros lassos
Quebrados da cruel enfermidade.
Com vacilantes, mal seguros passos,
Movo apenas o corpo enfraquecido,
Que em vão para o trabalho agita os braços.
Qual passarinho implume, que perdido
Tem os providos Pais e, sem sustento,
Geme no ninho) já desfalecido.
Tal me vejo no mísero tormento,

Que me ordena a Suprema Divindade,
Lá do terrível, majestoso assento.
Pois como a singular benignidade,
Com que dos infelices sois amparo),
Me deixa sufocar da adversidade?
Eu os crimes detesto, o peito raro,
Que adora das virtudes os Altares,
Sempre amável me foi, e sempre caro
Não) tenho desonrado os pátrios Lares
Com meu sonoro plectro, e o vosso Nome
Em meus Versos levanto aos altos ares.
O tempo, que voraz bronzes consome,
Não risca de Camões a triste História,
Que não há dela quem pesar não tome.
Não ousara subir a tanta glória,
Se vós, Senhor, não fosseis o primeiro,
Que me concede a palma da vitória.
E se não dais louvores lisonjeiro),
Não convém, que de engenhos desprezados,
Me veja a Pátria desvalido Herdeiro.
Vós, Senhor, cujos ombros carregados,
Com o peso dos Lusos Senhorios,
Nunca se viram curvos, nem cansados.
De valor tanto os claros elogios,
Faz cheia de alvoroço a Monarquia
Voar do pólo adusto aos Climas frios.
Mas se de Herói sublime alta Talia
Não eterniza o Nome sepultado,
Nas mudas trevas jaz da campa fria.
Vós, que as Ciências tendes restaurado,
E do profundo abismo da ignorância,
A luminosos Tronos levantado.
Quem não admira a incansável ânsia,
Com que as Artes criais, que em breves dias
As vê Matronas quem as viu na infância.
Vós, que das Literárias Monarquias
Exterminando pérfidos falsários
Desterrastes fanáticas porfias.
Que da verdade abristes os Erários,
Que ferrolhados tinham com enganos
Incultos e soberbos adversários.
Da Religião despóticos Tiranos
Navegam com Moral supersticiosa
O Supremo Poder dos Soberanos.
Empunhastes a espada justaçosa,
E a Serpente, que as Cortes infestava
Desaparece fêrvida e raivosa.
Tão ilustre façanha não contava
O forte Alcides, que a oprimida Terra
De monstros ferocíssimos purgava.

Vigilante atalaia em alta serra.
Os triunfos cantaste, a vitória
De mais famosa, formidável guerra.
As víboras pisando da vanglória
Só consagrais os suspirados dias
A ornar a Pátria de mais alta glória.
Fundais Museus às Nobres Gerarquias,
E já sobre as espáduas de Pégaso
Fostes ouvir de Pindo as melodias.
Asilo dai às filhas do Parnaso,
Que inda Luso Patrono não tiveram;
Tomai, Senhor, nas mãos o estranho caso.
As Musas brutais paixões venceram
De feririas Nações, Povo nefando;
Vós sabeis, que alta glória à Grécia deram.
Coturno em cena trágica calçando,
Ensinam como a cândida Amizade
Segue no perigo Orestes miserando.
E como da geral calamidade
Édipo salva o Povo lacrimoso,
Os olhos arrancando sem piedade.
Como sobre o Sacrílego orgulhoso
A poderosa Mão da Divindade,
Lança o sulfúreo raio justicioso.
Ou com humilde soco, da verdade
Ridículos costumes distinguindo,
Mostram do vício a vil deformidade.
Acolhei, que no Tejo vem surgindo
As facundas Camenas, da rudeza
A sombra dissipada irá fugindo.
Pois não vereis, que a Cena Portuguesa
As máximas ensine verdadeiras
Se não lançardes mão da nobre empresa.
Mas atendei às vozes derradeiras,
Que levanto, qual Cisne moribundo,
Que nas desertas, plácidas ribeiras,
Anuncia cantando o mal profundo.

EPITÁLAMIO

Já do áureo berço levantava o dia
A fronte entre fogosos resplandores;
A roxa Aurora já não sacudia
Os húmidos cabelos sobre as flores;
Mas inda dos celestes Horizontes
A luz rosada avermelhava as fontes;
As correntes do líquido) Elemento
Viam-se adormecer, como encantadas.
Com estranho sussurro o fresco vento
Respirava nas árvores copadas;
E as verdes heras c'os frondosos braços
Formavam pelos troncos novos laços;
Quando Cupido triste se assentava
Sobre as margens do Tejo caudaloso,
E estas vozes aflito articulava:
«Mãe, soberana Mãe, que nesse undoso
Império no mais íntimo aposento
Tens poder, e tiveste nascimento;
Por que dos altos Deuses me geraste?
Já não creio ser filho de Vulcano.
Por que o império das setas me entregaste?
Vê todo o meu poder tão soberano,
Que até dos próprios Deuses é temido,
Pelos fracos Mortais escarnecido.
As duras frechas, a dourada aljava
Lançava sobre a areia enfurecido,
A venda já dos olhos arrancava,
O arco, que no braço traz metido,
Em pedaços partiu por desafogo;
Dos olhos cintilava vivo fogo.
Seu ansioso clamor no centro frio
Ouviu a bela Mãe, a quem cercavam
As alvas Ninfas do sereno rio;
Doces queixas de Amor umas cantavam,
Outras teciam de ouro a lã preciosa
De Adónis toda a História lastimosa.
Ergueu o claro Tejo de repente
Sobre as águas, que unidas resplandecem,
Uma nuvem de escumas transparentes;
Em círculos as ondas estremecem,
E apenas foi aos ares levantada,
Se viu de um brando vento dissipada.
Sobre uma concha Vénus aparece
Seguida de mil Ninfas delicadas,
O dourado cabelo, que lhe desce
Pelos ombros em ondas encrespadas,
Em partes os gentis membros lhe cobre,

A que um véu transparente mal encobre.
Chegou Vénus à praia, e de improviso
Nos braços toma o Filho lacrimoso,
Fazer-lhe mil afagos foi preciso
Para abrandar-lhe o pranto lastimoso,
E nos braços da Mãe, que o afagava,
Assim entre soluços se queixava:
«Que destino cruel, que astro inimigo
Conspira contra nós a Daun formosa,
Que por mais que me esforço não consigo
Ferir-lhe o coração, antes vaidosa
Ri de meu fogo, a meu poder resiste,
De mim triunfa, em liberdade existe?
E se enquanto o verdor da tenra idade
No cândido semblante lhe floresce,
Não entrega gostosa a liberdade
Aos puros laços, que esta mão lhe tece,
Quem poderá domar-lhe a resistência,
Quando o gosto reger pela prudência?
É possível que esta alma não suspire
Das nossas puras chamas inflamada,
Que lágrimas não verta, e não delire
De unia doce ternura penetrada,
Quando vejo que os Deuses suspiraram,
E que as nossas cadeias arrastaram?
Os Heróis mais guerreiros vendo estamos
Com os louros de Marte ensanguentados
Dos nossos mirtos enlaçar os ramos,
E escrever nos escudos os amados
Nomes, por quem de puro amor suspiram,
Co'as altas plumas, que dos elmos tiram.
Até seu grande Pai, aquele raro,
E portentoso Herói, que nesta idade
Tem merecido o Trono mais preclaro
No templo da imortal Heroicidade;
Aquele Braço forte, em que descansa
Da justiça a rectíssima balança;
Aquele coração todo inflamado
No santo amor da Pátria e da Verdade,
Que se anima daquele sangue honrado
Do Ilustre Egas, que à morte com lealdade
Leva os filhos e a esposa, destemido,
Só para não faltar ao prometido;
Do excelso Coelho, bravo Cavaleiro,
Que a vida foi perder na Líbia ardente,
Sendo do grande Almeida companheiro;
E outros altos Heróis, que dignamente
Serão por todo o Orbe celebrados,
Enquanto a Fama levantar os brados;
Até deste Varão tão portentoso

Feri com meus farpões o ilustre peito,
Nos santos laços de Himeneu glorioso
Goze de um puro amor o doce efeito;
E Leonor quem em vivo ardor lhe acende
O coração, que amante ele lhe rende.
Leonor, aquele singular Portento,
Em cujas veias pulas o sangue claro
Do Herói, que pôs em triste abatimento
Do terrível Prussiano o esforço raro,
Que inda lhe corre da fadiga honrosa
O suor pela fronte valerosa.
Se não vejo da Daun a altivez fera
Gemer entre meus laços oprimida;
Se não lhe vejo da esquivança austera
A pertinácia imóvel abatida,
Certamente verei com este exemplo
Destruído o nosso Reino e o nosso Templo.
Jamais não banhará nossos Altares
O fiel sangue em correntes denegridas
Dos corações humanos, que a milhares
Nos votam, como vítimas devidas,
Nem jamais nos serão sacrificados
Os suspiros, os prantos e os cuidados.»
E num penoso excesso suspirando
Amor banhou com lágrimas o rosto,
Ora com ânsias, ora soluçando
Mostrava mil sinais de seu desgosto,
Entregue ao sentimento de seus danos
Chorava o que chorar faz os humanos.
Estas queixas do amado Filho ouvia
A suspirada Esposa de Vulcano;
E sorrindo-se, como quem sabia
O remédio infalível de seu dano),
Logo assim consolou o Deus frecheiro,
Enxugando-lhe as lágrimas primeiro:
«Refreia, ó Filho, o teu pesar refreia,
Modera o mal fundado sentimento,
Que o poderoso coração te anseia;
Tu hás-de conseguir o vencimento,
Há-de a tua absoluta Potestade
Triunfar da sua isenta liberdade.
Tu, que abates os bárbaros Gigantes,
E fazes que o teu jugo suportando
Suspirem como lânguidos amantes;
Que do Tonante os raios desprezando
Fizestes que ele em touro transformado
Por Europa mugisse namorado.
Se pretendes em tão excelso peito
Abrir a chaga que produz suspiros,
Busca um farpão mais nobre e mais perfeito,

Do que esse, com que em vão tens feito tiros;
Se lhes queres domar a isenção dura,
Uma prisão ilustre lhe procura.
Voa apressado ao Templo portentoso,
Que de colunas em festões pendentes
Lhe brilham, como adorno majestoso,
Lanças, escudos, elmos refulgentes,
Onde ornada de louro ensanguentado
Levanta a altiva frente Marte irado.
Ali entre os Heróis mais admiráveis
Um Mancebo verás de esforço raro,
Que unir sabe as virtudes mais amáveis
Ao sangue mais antigo e mais preclaro
Da ilustre Prole dos Sampaio fortes,
Que o Nome mereceram de Mavortes.
A seu lado verás os Lusitanos
Mais guerreiros e mais esclarecidos,
O grande Lopo Vaz, que os Mauritanos
Estandartes deixou tão abatidos,
Que da cabeça do soberbo Ganges
As palmas arrancou entre os alfanjes.
O invencível e triunfante Diogo,
Que à custa de seu braço e seus tesouros
O Espanhol devastou a ferro e fogo;
E outros muitos Heróis, que sacros louros
De Marte cingem na terrível frente,
Que de seu sangue são ilustre fonte.
Este é o grande António, cujo nome
Há-de ler a imortal Posteridade
Sobre os Padrões, que o tempo não consome;
Este exemplo de rara heroicidade
E só o digno Amante, que em seus braços
A Daun há-de ver presa em doces laços.
Esta beleza ilustre, que mistura
Uma afabilidade majestosa
C'o sublime esplendor da formosura,
Que em virtudes se ostenta portentosa,
Arder não pode num amante affecto
Senão por tão preclaro e digno objecto.
De Himeneu aos Altares te remonta,
E no lume imortal da Sacra Pira
Abrasa de uma seta a aguda ponta,
Empunha o arco, ao coração lhe atira,
E logo verás, como estima e ama
O santo fogo desta pura chama.»
Assim Vénus lhe disse, e Amor batendo
As asas, viva luz nos ares deixa,
Como uma exalação, que vai correndo);
No fogo de Himeneu acende a frecha,
Já voando da Daun a António passa,

E seus corações nobres lhe traspassa.
Já torna à bela Deusa o Deus vendado
Do glorioso triunfo satisfeito,
Ora se encosta à Mãe, como cansado;
Ora sobre o seu arco inclina o peito.
Ela risonha o toma no regaço,
E gostosa lhe dá um doce abraço.
Debaixo de uma antiga e verde faia,
Que os seus copados ramos estendia
Sobre as areias da dourada praia,
Ela gozando estava a sombra fria
Num assento de murta e de rosas,
Que as Ninfas lhe formaram cuidadosas.
Ali os Cupidinhos entretidos
Em mil brincos se andavam recreando,
Uns nas pontas dos ramos suspendidos
Se estavam levemente balançando,
Outros em doces risos e altos brados
Nos Cisnes pela praia andam montados.
O curvo arco, os agudos passadores
Outro lança apressado sobre a areia,
E vai ao prado a aljava encher de flores,
Que traz contente à bela Citereia,
Que alvoroçada num afecto ansioso
Beijando estava o Filho vitorioso.
E com ele no colo caminhando
Se tornou para a concha refulgente,
Logo as nevadas pombas foi guiando
Pelas águas do Tejo transparente,
'Té às fraldas chegar de uma montanha,
Por cujo roto seio o Mar se entranha.
As aves mais harmónicas, deixando
Os sombrios raminhos da espessura,
A bela Deusa vão acompanhando.
Muitas Ninfas de estranha formosura
Sobre as nuas espáduas dos Tritões
Entoavam sonoras mil Canções.
Dos Cupidos o bando se adianta
As cristalinas ondas dividindo,
Qual se mergulha ali, qual se levanta
A molhada cabeça sacudindo,
E dos louros cabelos despedia
Mil gotas de cristal, que o Sol feria.
Sobre as asas os Zéfiros librados
Lançavam sobre a Deusa dos amores
Ramos de minto, cheiros destilados,
E soltas folhas das viçosas flores;
Com os hálitos doces, que sopravam,
Os dourados cabelos lhe ondeavam,
Por uma funda gruta se meteram,

Cujos antigos portais estão ornando
 Verdes heras, que os ventos desprenderam
 Dos troncos, que o rochedo está c'roando;
 Os mariscos nas conchas reluzindo,
 Que ora se estão fechando, e ora abrindo.
 Já do calor do Sol amortecidas
 As flores para a terra se inclinavam,
 As águas pela gruta enfurecidas
 Bramando ora saíam, ora entravam,
 Levantando nas rápidas correntes
 Entre as penhas escumas transparentes.
 As Focas encalmadas respirando
 A abóbada escarpada borrifavam,
 Outras à fresca sombra descansando
 Sobre as líquidas ondas se libravam
 Uns penedos ali se vêm erguidos
 De espadanas e musgos guarnecidos,
 Onde Proteu, da calma retirado,
 Pela undosa campanha descobria
 O Copioso rebanho de seu gado.
 De alvas conchas a frente guarnecia,
 E cobria as espáduas vigorosas
 Com um surrão de peles escamosas.
 Contando estava os casos admiráveis,
 Que as Parcas escreveram nos diamantes,
 Altos presságios sempre impenetráveis
 Aos discursos humanos sempre errantes.
 Viu a Deusa, ergueu-se alvoroçado,
 E Vénus logo assim levanta o brado:
 «Tu, ó sábio Proteu, que dos futuros
 Compreendes inda os casos não pensados,
 E explicas os segredos mais escuros;
 Do) alto consórcio, a que os supremos Fados
 Têm prometido os triunfos mais gloriosos,
 Nos declara os presságios portentosos.»
 E Proteu respeitoso a voz erguendo
 Não consentiu que a Deusa mais dissesse,
 Que de mui longe está sempre sabendo
 O que há-de acontecer e o que acontece;
 E sem que se transforme em monstro), ou fogo,
 Em fatídicas vozes rompe logo):
 «Que nova produção de Heróis famosos
 Sobre o Luso terreno se levanta!
 Que vitórias, que feitos gloriosos!
 O Universo se espanta.
 Os bravos Mares sulca um novo Gama;
 Vejo os Nunos, os Castros renascidos,
 O Manzanares treme, o Idaspe brama.
 Medrosos e abatidos.
 Destroçar vejo em guerra sanguinosa

As soberbas muralhas Africanas;
A pisar torna Lísia vitoriosa
As Luas Otomanas.
Combatendo entre o fogo furibundo
Domam Povos incógnitos e insanos.
Que imortais Nomes voam pelo Mundo
Sobre as asas dos anos!»
Assim cantou Proteu, e já cercavam
As filhas de Nereu a Citereia,
Que para a Daun formosa lhe ofertavam
Nas conchas, que o mar gera entre a areia,
As pérolas, rubins, aljôfar fino,
O diamante mais puro e cristalino.
Muitos lobos marítimos nadando
Formavam vários giros com porfias,
Como se a deusa andassem festejando;
Ela torna a cortar as ondas frias,
E aos Consortes se vai, porque narrado
Lhe seja o que Proteu tem declarado.
Entre os braços da cara Mãe chorando
Achou a bela Daun, e não sabia
Dentre eles apartar-se suspirando,
Nem conhecer as chamas, em que ardia;
Ela se via presa em outros laços,
Mas só da Mãe amava os ternos braços.
Assim das prisões doces e amorosas
Do caçador o simples passarinho,
Por mais que elas lhe sejam venturosas
Sempre suspira pelo pátrio ninho;
Mas Vénus dentre os braços da Mãe cara
Logo com mil afagos a separa.
As belas Ninfas uma lhe ofertava
As conchinhas do Tejo cristalino,
Outra de brancos lírios lhe adornava
Os formosos cabelos de ouro fino),
O pomo de ouro ti nua à Mãe roubado
Amor, e lhe of'recia acautelado.
E pela branca mão ao caro Esposo
A foi logo o Deus cego conduzindo,
Que suspirava num ardor ansioso,
E seus ilustres corações cingindo
C'os doces laços de união mais puna,
Suspirar os faz cheios de ternura.

POEMA

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo

MARTINHO DE MELO E CASTRO

Secretário de Estado dos Negócios Ultramarinos,
à sua vinda de Londres.

Sentada na fulgente e ruiva areia
Lísia formosa com amargo pranto
Do Tejo enriquecia a salsa veia;
De um filho caro a perda lamentava,
De um filho caro em cujo ardente zelo
Da fadiga dos Mares descansava.
Eis que vê de improviso o Grande Melo
Surgir na larga foz, que o Deus das águas
Os cerúleos cavalos instigando
Para lhe suavizar as duras mágoas
Pronto conduz do Tamisa gelado
No carro azul de conchas marchetado.
Lísia apesar do pranto que vertia,
Ao ilustre Varão com leda fronte
Os braços abre cheia de alegria;
A Febo não recebe do Horizonte
Com mais risonha face a branca Tétis
Serenos o Tejo, plácido corria
Qual o dormente, vagaroso Letes.
Das Esferas a provida harmonia
Que a mão da Natureza temperava
C'o júbilo perene concordava;
E depois de um suspiro, Lísia Augusta
Estas vozes profere: «Filho amado!
Doce consolação do triste pranto,
Que tenho nestas margens derramado,
Em cujos ombros ínclitos levanto
Sólida base à dilatada glória,
Com que me fez dos Orbes novo espanto
O Conde excelso de imortal memória.
Tu, que de esclarecidos Ascendentes
C'a sublime virtude o Ilustre Sangue
Pulsar no peito generoso sentes;
O sangue derivado dos Fornelos,
Dos Castros, que Melgaço tanto preza,
De altos Menezes, de preclaros Melos;
De ti depende a glória Portuguesa;
Pois qual o Irmão, cujo firme braço
A Transtagana espada pôs guerreira,
Atento moves o seguro passo

Dos Heróis na estelífera carneira,
O peito, que magnânimo despreza
Da sórdida ambição o vil tesouro,
Manda à Posteridade a fama ileza
Da honrosa tradição nas asas do ouro
Aquele em quem o público descansa,
Pai da orfandade, da inocência abrigo,
E que despende com igual balança
O justo prémio, o rígido castigo,
Que da Nação, membrudo e firme Atlante,
Graves cuidados, ásperas fadigas
Lhe consagra zeloso e vigilante,
No coração da Pátria o Nome amado
Com saudade imortal deixa gravado.
Assim amado Filho! Assim prossegue
O caminho, que trilhas animoso
Que a sólida grandeza se consegue
No campo das Virtudes espinhoso.
Tu distingues com vista penetrante
Na púrpura escondida a vil baixeza
Do orgulhoso Mortal, que o Vulgo errante
Com torpe adulação estulto preza.
Os triunfos de Alcides não se empreendem
Com as armas da sórdida avareza.
Alexandre, que em fêrvidos combates
Destrói, submete o Cita belicoso,
Que atravessando as Regiões, que Eufrates
Corre soberbo, banha caudaloso,
Conduz altivo intrépidas Falanges
Por nuas plagas, áridos desertos
As áureas margens do guerreiro Ganges.
De vitória, em vitória ousado voa,
Pune Tiranos; bárbaros subjuga.
De seu Nome o terror o Mundo atroa.
Mas que importa, se avaro, se orgulhoso
Os impulsos não sente da piedade;
E debaixo de um jugo sanguinoso
Faz gemer desolada a Humanidade.
A Virtude no seio da Vitória
Com mão severa da soberba fronte
Lhe arranca os louros da brilhante glória.
Tu que de alto esplendor a luz eterna
Magnânimo investigas, a ventura
Das Regiões auríferas governa.
Manda aos Sertões a próspera cultura.
Chame-te um dia o Povo Americano
Da Idade de ouro Criador fecundo;
E glorie-se o Luso Soberano
De um Vassalo, que rege o novo Mundo.
Tu soubeste com próspera fadiga

Renovar da Amizade a fé sincera,
Que à Grã-Bretanha, cândida me liga.
Da santa paz os vínculos sagrados
No seio augusto da famosa glória
Por ti com alta glória vi atados.
Nos campos da política Farsa lia
Entra seguro do Troféu glorioso
No escudo das Virtudes confiado;
Que nos bosques do Rindo luminoso
Serás com alta Lira decantado».
A majestosa Lísia assim dizendo
Pela mão toma o Filho, e vai risonha
Pelos Augustos Montes discorrendo,
Mostrando-lhe os marmóreos Edifícios,
Os entalhados Pórticos pomposos,
Que debaixo de prósperos auspícios
Das ruínas surgiram sumptuosos.

HINOS DEVOTOS

A S. Antimo Mártir

O Peito ofrecendo
Aos golpes atrozes
Dos ímpios algozes
Com santo valor.

Aos ímpios blasfemos
Da turba arrogante
Ditavas constante
A Lei do Senhor.

Ó Mártir glorioso,
Por quem os humanos
Não temem os danos
Do ardente fulgor.

Se brama o sulfúreo
Trovão espantoso,
Antimo piedoso,
Clama o pecador.

E o raio, que exala
O Céu fulminante
Nos ares errante
Conforme o furor.

Da fonte inexausta
Da graça clemente
Nos abre a corrente,
Fiel protector.

A S. MAGNO ABADE

A 6 de Setembro

Se as forças denodadas
Dos furacões bramando,
Se as nuvens inflamadas
Coriscos desatando;

Com espantosa guerra
Vingando um Deus irado,
Não confundem a terra
Asilo do pecado;

É porque te invocamos
Magno propício e Santo;
É porque celebramos
Teu nome em nosso canto.

Tu surcaste do Mundo
O golfo tempestuoso,
Sem tocar esse imundo
Escolho perigoso.

Qual rochedo açoutado
Das ondas arrogantes,
Triunfaste esforçado
Das paixões repugnantes.

Socorre o pecador,
Que teme em paroxismos,
Que o braço vingador
Abra os negros abismos.

A S. DOMINGOS SORIANO

Confessor

A 1 de Setembro

Treine o Mundo, o Céu Supremo
Lhe declara fatal guerra,
O trovão feroz e horrendo
Estala abalando a serra.

Ao relâmpago Improvise
Entre nuvens tenebrosas
As ígneas caudas esgrimem
Sulfúreas serpes tortuosas.

Os clamores se levantam
Dos mortais espavoridos:
Soriano, Soriano Santo
Articulam seus gemidos.

Bendito mil vezes sejas,
Oh benéfico Patrono,
Que rogando desarmaste
Do castigo o justo trono.

Já do Eterno a mão clemente
Da Paz a bandeira arvora.
Já brilha nos Horizontes

A rosada luz da aurora.

Os cegos humanos guia
Pelas seguras pisadas,
Que deixaste no caminho
Da virtude assinaladas.

A S. NICOLAU TOLENTINO

Confessor

A 10 de Setembro

Ó Tolentino, fido guerreiro,
Que ao estandarte foste alistado,
Por quem o mundo viu sacudindo
Da feia culpa o jugo pesado.

Tu, que a grande alma tendo envolvida
No maculado limo terrestre
Soar ouviste pura harmonia
Do portentoso canto celeste.

Com penitentes duros flagelos
Tu a rebelde carne domaste;
No Céu os olhos pondo suspenso
As vãs grandezas firme pisaste.

Porque dos vícios forte venceste
O dissoluto monstro orgulhoso,
A teu mandado vês submetido
O furibundo raio espantoso.

O espavorido frágil humano,
Patrono ilustre, pio socorre,
Que na medonha negra procela
A teu abrigo trémulo corre.

Os fervorosos rogos espalha
Ante o temido sólio do Eterno,
Para que os homens vejam piedoso
O formidável braço Superno.

NO LAMENTÁVEL TERREMOTO

Do primeiro de Novembro de 1755, em Lisboa

SILVA

Ó soberano Autor da Luz Eterna,
Por quem a redondeza se governa
Da variável Máquina do Mundo,
Que dessa imensa altura, e do mais fundo
Lá do abismo os segredos só compreendes,
E a toda a parte o imenso braço estendes,
Da tua Sempiterna Omnipotência
Despendendo os tesouros da demência,
Ou o raio vibrando do castigo,
Assisti-me no empenho, em que prossigo;
Aos pesarosos ecos do meu Canto
O alto furor da tua graça inspira,
Para que eu cantar possa ao som do pranto
O misterioso efeito da tua ira,
Que se em meu favor és, ó Deus Soberano,
Farei mais do que pode um peito humano;
Farei, que de temor fique sentindo
Sustos o coração mais obstinado,
O espectáculo mais horrendo ouvindo,
Que até agora os humanos têm chorado.
Quanto, á mortais, vos ponho aqw Patente,
Não é informação da vaga gente:
Nem notícia também da antiga História,
Escrita para assombro da memória:
Eu no perigo ainda me suponho
Do lamentável caso, que proponho,
Do susto macilentos os semblantes,
Os juízos incertos, vacilantes;
Inda os quebrados olhos rasos de água
Mostram a dor de tão terrível mágoa.
Doirava o Sol nas Terras do Ocidente
As montanhas da parte do Nascente,
E nos profundos vales inda as flores
Não gozavam seus belos resplendores
Naquele grande dia, em que festeja
Os Santos todos a Romana Igreja:
Quando a Terra as entranhas revolvendo,
Com forte impulso, com estrondo horrendo
Dentro em seus próprios âmbitos se abala;
E em medonhas gargantas toda estala;
Move-se o monte, move-se a Cidade,
Como as ondas na grande tempestade,
Da iminência da Terra se despenha

Em pedaços desfeita a tosca penha;
Rodam uns para o vale, e vão matando
O rebanho, que andava ali pastando,
Ficam outros abertos, e estalados
Na destroçada rocha debruçados;
Precipita-se a torre, e faz a ruína
Maior do edifício, em que se inclina;
Caem os Templos, os Pórticos se abatem,
Os muros com os muros se combatem;
O edifício, que foi mais levantado,
Mais horroroso acaba destroçado,
E aos Homens este estrago, esta desgraça
A uns sepulta, a outros despedaça.
O pó se espalha em nuvens denegridas,
Ficam do Sol as luzes confundidas,
Toda a região do ar se desfigura,
Troca-se o dia claro em noite escura,
Que a todos pareceu nesta estranheza
Se tinha pervertido a natureza.
Em confusos túmulos levantados
Andam todos de sustos trespassados,
Quebrantam dos Divinos Exercícios
Os mesmos Sacerdotes os preceitos,
Deixando os Sacrossantos Sacrificios
Nos Sagrados Altares imperfeitos.
Qual se vê sem acordo, e sem sentido
Correndo pelas ruas revestido,
Qual sai do Coro tímido, e absorto,
Qual sobre as mesmas Aras fica morto.
Que coração por forte, ou resolutivo
Pode aqui conservar o rosto enxuto?
Braços, pernas se vêem despedaçadas,
E cabeças dos corpos separadas,
De alguns se ouvem os míseros acentos,
Já exalando os últimos alentos;
E destes miseráveis os gemidos
Ferem o coração pelos ouvidos;
Ao mimoso filhinho nos seus braços
Conserva a morta Mãe feito em pedaços:
Ali outro se vê bebendo exangue
As lágrimas envoltas no seu sangue.
Correm muitos gritando alvoraçados
Duvidosos, confusos, espantados.
Aquele, que assustado vai correndo,
Os olhos, e as mãos aos Céus erguendo
De seus erros perdão a Deus implora,
Vendo chegada aquela horrível hora,
Em que o peso da culpa com violência
Carrega a compreendida consciência;
E alguns em pesarosos, e altos gritos

Aturdidos confessam seus delitos.
Ainda os olhos bem não se informavam
Da causa por que as lágrimas choravam,
Quando na confusão dos alaridos
Correndo ainda mais espavoridos
Fujam, fujam, gritando vêm da praia,
Que já pela Cidade o Mar se espraia;
Aqui de novos sustos» combatido,
Confuso cada um perde o sentido,
O coração de todo se esmorece,
O sangue gela, o alento desfalece;
Qual o rebanho, que em chuvoso dia
Nas margens da ribeira anda pastando,
Que a relva deixa saborosa, e fria,
E a toda a pressa os montes procurando
Tímido foge da impetuosa enchente;
Tal a confusa, e lastimada gente
Para os cumes dos montes vai subindo,
Ao ímpeto feroz do Mar fugindo.
Este quase nu, outro mal composto,
Sem que atrás volte o desmaiado rosto,
Vai fugindo veloz, que em mal tão forte
Só sente atrás de si correr a morte.
Debaixo das ruínas vê gemendo
O Marido a Esposa, e vai correndo;
Deixa em tanto perigo sem cautela
O forte Pai a tímida Donzela;
Deixa a Mãe o filhinho tenro, e caro,
Desampara o tesouro o mais avaro,
As fortes armas deixa o valoroso,
E os lúcidos ornatos o vaidoso.
Com apressados passos os que errantes
Refúgio para a vida andam buscando,
Aos cadáveres inda palpitantes,
Como insensíveis, vão atropelando,
Esquecidos da natural piedade:
(Oh! Poder da fatal calamidade!)
O que a alma não tinha inda exalado,
Gemendo entre as ruínas sepultado,
Ao que vai livre roga que lhe acudia,
Em vão lhe clama, em vão lhe pede ajuda,
Que este só na aflição de tanta lida
Ao largo campo vai salvar a vida.
Alguns, em quem» mais pode o impulso terno
Do afecto conjugal, e amor paterno
Das ruínas as pedras levantando,
Muitas vidas ainda iam salvando.
Quando o hórrido fogo a chama ateia,
E da Cidade os âmbitos rodeia.
Vistes o seco mato em monte unido,

Em que o violento lume se derrama,
Que num instante se vê todo incendiado
No rigoroso ardor de uma só chama.
Assim logo se acende, assim se enreda
Por toda a parte a horrenda lavareda;
O Pai já de salvar ao filho a vida
A esperança de todo vê perdida,
Vendo do fogo ali ser consumido,
Sem que dele ser possa socorrido:
Todos fogem, e tudo desamparam;
Somente para a morte se preparam.
Qual Lavrador, que da alta serra vendo
A própria seara estar no campo ardendo
(Prémio feliz do rústico exercício)
Que em tanto dano, em tanto desperdício
A vista emprega atónito, e pasmado
Sem esperar já vê-lo remediado
Assim os moradores infelices
Da antiga fundação do Grego Ulisses
Aturdidos estão sem desafogo,
A amada Pátria vendo entregue ao fogo.
Toda a pompa acabou, foi transitória,
Já não há mais que a fúnebre memória
Da famosa Cidade, que algum dia
Tanto os cristais do Tejo enriquecia;
Agora só de horror a vista atroa
O largo campo, aonde foi Lisboa.
Nada se vê, que fosse portentoso,
Que não seja espectáculo horroroso:
Não se distingue o mármore talhado
Da aspereza do rústico penedo,
O tosco muro, o pórtico lavrado,
O mesmo assombro causa, o mesmo medo.
O Palácio, que em ricos pavimentos
Sustentava luzidos ornamentos,
Desfeito em cinzas já se não descobre
Se acaso foi Palácio, ou casa pobre.
As ruas, em que a multidão da gente
Se via sem cessar continuamente,
Agora se vêem tristes, e desertas,
De funestas ruínas só cobertas:
Não se oferecem à vista outros objectos
Mais, que horrendos, medonhos esqueletos.
Não há torre, muralha, alto colosso,
Que dano não sentisse em tal destroço;
Nem pedra, que em seu próprio desconcerto
Não dê de tanto estrago indício certo.
Vêem-se os campos, e os montes povoados
De feridos, aflitos, e magoados:
Aqui falam, abraçam-se os amigos,

E também já sem ódio os inimigos;
Os Irmãos uns aos outros aparecem
Em tal estado, que se não conhecem
Incerta a Esposa ali busca o Marido,
Que por mais certo o julga já perdido;
Aqui outra o encontra, e mais se cansa
Na ânsia, com que ao Esposo os braços lança.
E para lhe explicar de vê-lo o gosto,
Neles o aperta unindo rosto a rosto,
Que explicar inda mais não pode a boca
Que os soluços do pranto, que a sufoca;
E nisto se demora alguns espaços,
Que inda não crê, que o tem entre seus braços.
Com ansioso clamor, com desatino
Pela perdida Mãe chora o menino;
Para a Mulher, que ao longe lhe aparece
Correndo vai, a mesma» lhe parece;
Mas quanto alento cobra neste engano
Lhe troca em dura mágoa o desengano.
Outro, que a idade faz mais inocente
Pergunta pela Mãe a toda a gente.
Chorosa ali se vê vagando errada
A donzela do Pai desamparada.
Andam outras descalças, mal vesti das,
Ao acaso as madeixas esparzidas
Lhe pendem sobre os olhos lagrimosos;
Feridos tratem já os pés mimosos
Das destroçadas pedras, dos espinhos,
Que pisam pelos ásperos caminhos;
Correm também a mesma desventura
As Esposas de Cristo sem clausura.
Ai, imenso Senhor, se bem reparo
No perigo de tanto desamparo,
Confundo-me, desmaio, pasmo, tremo,
Que da tua ira um novo impulso temo:
Temo, Senhor, que a ocasião tão pronta
Mais esforço dê a tua afronta;
Inda os olhos do pranto dão indício,
E o coração já segue o torpe vício.
Mas, ó Deus infinito, ó Deus piedoso!
Que castigo darás tão rigoroso,
Que possa ser inteira recompensa
Da nossa culpa atroz, da nossa ofensa?
Só tua clementíssima bondade
É maior do que a nossa atrocidade:
Olha, Senhor, que pelo mais culpado
De Cristo foi o Sangue derramado.

SONETOS

SONETO I

Por castigar, Senhor, nossos insultos
Os gloriosos Templos destruístes;
Como a tão grande estrago reduziste
Dos próprios Santos os Sagrados Vultos?

Que é isto, Imenso Deus, deixas sem cultos
A Hóstia, em que teu puro Corpo existe?
Mas, oh que em nossas culpas só consiste
A causa de segredos tão ocultos!

Para melhor ficarmos advertidos
De nossos atrocíssimos pecados,
Deixaste teus Altares destruídos;

Pois quiseste, por ver-nos castigados,
Antes vê-los a cinzas reduzidos,
Que por nossas ofensas profanados.

SONETO II⁶

Caminhante, se queres resistência
Fazer às ímpias forças do pecado,
Entra aqui, que este bosque é consagrado
À Imagem da escamada Penitência.

Este é seu santo vulto, que a abstinência
Tem com doce união junto a seu lado,
Que de ásperos cilícios rodeado
Sofre de mil flagelos a violência.

Vê como roto está, corno ferido
O Santo Cristo, que na dextra arvora!
Hoje os olhos levanta arrependido.

Mas se inda de piedade te não chora
O coração na culpa submergido,
Volta os errados passos, vai-te embora.

⁶ Feito na Serra da Arrábida.

SONETO III⁷

Contra Lisboa António glorioso
A Omnipotente Mão viu levantada,
E correu a livrar a Pátria amada
Do terrível estrago pavoroso.

Levanta os rogos, antes que furioso
O Senhor descarregue a justa espada;
Tanto enfim lhe suplica, tanto brada,
Que logo um Deus irado viu piedoso.

Por seu ardente zelo suspendido
Vemos ser o castigo mais horrendo,
Que tantos Homens tinham merecido.

Oh quanto a tal Patrono estão devendo!
De um Deus tão justamente enfurecido
Está o fatal raio suspendendo.

⁷ A Santo António pelo Terramoto do primeiro de Novembro de 1755.

SONETO IV⁸

Lá no Templo imortal da honrosa Fama
Se vai um novo Busto levantando,
Vão-se os Deuses nos sólios assentando,
Um portentoso Herói hoje se aclama.

A mão da mesma glória acende a chama,
Que o suavíssimo incenso está queimando;
Astreia a verde palma lhe está dando,
E Minerva lhe cinge a sacra rama.

Quem será este Herói esclarecido,
Que o Mármore figura? O Nome Augusto
Na majestosa base está esculpido.

Ao grande Sebastião, o sábio, o justo,
Mandou Jove imortal fosse erigido
Em prémio de virtudes este Busto.

⁸ Ao ilustríssimo e Excelentíssimo Conde de Oeiras.

SONETO V⁹

Rompentes quilhas, que do Tejo undoso
As cristalinas águas dividindo
Ides tanta riqueza conduzindo,
Ao porto mais feliz, mais proveitoso,

Tomai ao Comerciante, que gostoso
Da seca praia vos está seguindo,
Sem que as côncavas velas impelindo
Vão os sopros do vento tormentoso.

Chegai pois às correntes do selecto
Grão Pará, consegui toda a vitória,
Sem ver da desventura o horrendo aspecto.

Novo assunto dareis à larga História,
Se render tanto fruto este projecto,
Quanto a seu Fundador rende de glória.

⁹ Ao mesmo Senhor na partida dos primeiros navios da Companhia do Maranhão.

SONETO VI¹⁰

Ilustre Conde, a Fama em toda a idade
Vos nomeará com brado reverente,
Que o nosso resplendor mais excelente
É das Virtudes, não da dignidade.

Vós sabeis prevenir a variedade
Dos sucessos futuros, do presente
A tumultuosa e rápida torrente
Sabeis reger com pronta actividade.

Vós, Senhor, sempre imóvel na constância
Este Povo fazeis afortunado,
Espalhando os tesouros da abundância.

Em os vossos desígnios elevado
Cada dia aumentais com vigilância
A glória do Monarca, o bem do Estado.

¹⁰ Ao mesmo Senhor.

SONETO VII¹¹

Aquele braço forte, que de Astreia
A pesada balança igual sustenta,
Que piedoso as Virtudes alimenta,
Que o rancor dos malévolos refreia;

O peito, em que a sublime luz se ateia,
Que da ignorância as sombras afugenta;
A este Herói cantar a Lira intenta.
Mas como formarei tão alta ideia?

Sois vós, Ilustre Conde, o Herói preclaro;
E que direi de vós, que sois do
Trono Firme coluna, sólido reparo?

Não; para vosso glorioso abono
Direi que dos humildes sois amparo,
E que dos desvalidos sois Patrono.

¹¹ Ao mesmo Senhor.

SONETO VIII¹²

É possível, Senhor, que o inimigo fado,
Para mim sempre imóvel na crueldade
Ceder não há-de a sua atrocidade
Ao vosso braço em meu favor armado?

Que desvalido em vós busca humilhado
Asilo contra a fera adversidade,
Que debaixo do escudo da piedade
Senão veja dos golpes amparado?

Pois, Senhor, cada dia mais se apura
Esta infeliz tribulação, que passo
Entre os golpes fatais da sorte dura.

Salvai-me deste mísero fracasso,
Não consentais que a minha desventura
Triunfe do poder do vosso braço.

¹² Ao mesmo Senhor.

SONETO IX¹³

Lira, hoje mais que nunca sonora
Sublimes Versos a cantar me ensina,
Com desusado som meu Canto afira,
Se queres uma vez ser venturosa

Não como dantes rouca e pesarosa
Me ensinavas na rústica campina;
De um grato som e de uma voz divina
Preciso nesta empresa gloriosa.

Mas impossível é que possa tanto,
Que de Pedro imortal cante os louvores,
Que tem o Mundo cheio de alto espanto.

Vamos, Lira, a cantam entre os Pastores,
Que não é digno meu agreste Canto
De virtudes cantam tão superiores.

¹³ A Sua Alteza Real o Sereníssimo Infante Dom Pedro.

SONETO X¹⁴

De sangue e pó coberto, desarmado
Nas margens do Moldava caudaloso
Vencido cai o peito valoroso,
Que a triunfam foi sempre costumado.

Hoje deixaste, oh Conde, destroçado
Um Alexandre, um Cipião famoso;
Vê-se tremer o campo vitorioso
De mortos e despojos carregado.

Não soa mais que o fúnebre alarido
Dos que perdem a vida transitória
Nas vozes dos aplausos confundido.

Cinge na fronte o louro da vitória,
Que a Frederico venceste, e que o vencido
Do forte Vencedor publica a glória.

¹⁴ Ao General Datin vencendo El-Rei de Prússia.

SONETO XI¹⁵

São estes os loureiros gloriosos,
Que do Alfeu banha o pranto cristalino,
É este Coridon¹⁶, aquele Elpino¹⁷,
Bosques da Arcádia, bosques venturosos.

Ó petulantes Faunos invejosos,
Fugi, fugi do Ménalo divino;
Já do Deus semicapro o Verso dino
Retumba nestes vales deleitosos.

E já de novo a santa Paz respira,
Que a discórdia roubou, soltando o freio
À venturosa, à implacável Ira.

Mas aos bosques da Arcádia Elpino veio,
Soou de Córídon a doce lira,
Fugiu, não aparece o Monstro feio

¹⁵ Na Restauração da Arcádia.

¹⁶ Pedro António Garção.

¹⁷ António Dinis da Cruz e Silva.

SONETO XII

Murchou da morte a mão mirrada e fria
A mais viçosa flor da formosura,
Morreu Filis! Mudou-se em sombra escura
A luz, que à das Estrelas excedia.

Emudeceu do Canto a melodia,
Secou-se a doce fonte da ternura!
Chorai, Ninfas, de fúnebre verdura
Coroai as alvas testas neste dia.

E vós, cedros, que os ramos debruçando
Parece que com voto reverente
Sobre esta urna estais sombra espalhando,

Não consintais, que nunca o Sol ardente
Venha secar o pranto, que chorando
Sobre este jaspe estou tão descontente.

SONETO XIII¹⁸

Que alegre dia! Os ventos rugidores
Adormeceram pelo bosque umbroso,
Soar ouço o teu Nome, caro Esposo,
Nas frautas dos Arcádios Pastores.

Como ornado das mais cheirosas flores
Nos tem Cupido o tálamo ditoso!
Como ao som de tua lira deleitoso
Dançam as belas Graças e os Amores!

Tudo, Esposo, à ternura nos convida,
A minha alma se vê como encantada
Em tão doces prazeres embebida.

Renovemos do laço a fé sagrada,
Tu co'a fronte de mirtos guarnecida,
Eu de cândidos lírios coroadada.

¹⁸ A Pedro António Garção, Sócio da Arcádia, em dia de seus anos, oferecido por sua Mulher D. Maria Ana Xavier de Sande e Salema.

SONETO XIV¹⁹

De verde tirso a fronte Amor cingindo
Deixou a aljava «os farpões dourados
Para estar entre os risos e os agrados
Às vossas santas Núpcias presidindo.

Ora cantando amores, ora rindo,
Dissipa os melancólicos cuidados,
E nos copos de flores enramados
O espumoso licor está esparzindo.

Eu os louros deixei da Cabalina,
Pois Amor imitando no exercício,
Só me c'roa de Baco a mão divina.

E para dar-vos do prazer indício
Vos faço com a taça cristalina
Nas aras da Alegria o sacrificio.

¹⁹ Bebendo à saúde de urna noiva.

SONETO XV²⁰

Desesperada, e contra Amor bramindo
Desgrenhando os cabelos impaciente,
A Discórdia terrível e insolente
Destes alegres campos vai fugindo.

Ali Cupido à sombra está dormindo,
Naquele tronco a aljava tem pendente,
Vão pelo prado as Ninfas docemente
Amarílis e Tirce repetindo.

Mas que letreiro é este, que gravado
Vejo no pé desta árvore frondosa,
Em que está o Deus cego reclinado?

O amante Tirce já contente goza
A sua bela Amarílis; deste prado
Não perturbe ninguém a paz ditosa.

²⁰ Aplaudindo as Bodas do Doutor José Gavazzi.

SONETO XVI²¹

Gentis Graças, as fronte delicadas
Ornai de brancas e purpúreas flores,
Deixai a bela Deusa dos Amores,
Vinde do Deus menino acompanhadas.

Vinde do Tejo às margens dilatadas
Ver outros mais brilhantes resplandores,
Cantai hoje comigo seus louvores
À sombra destas árvores copadas.

Inflamai-me de harmónica doçura,
Para que eu possa celebrar o dia
Consagrado a tão rara Formosura.

Dos bosques de Citera a sombra fria
Deixai, Filhas de Jove, que mais pura
Vénus tereis na singular Maria.

²¹ Aos anos de urna Senhora.

SONETO XVII

Aquele gesto, que em teus olhos via
De amorosa piedade e doce agrado,
Já não está naquele mesmo estado,
Naquele puro extremo de algum dia.

Não sei que vejo em ti, que numa fria
Incerteza desmaia o meu cuidado;
Parece que em teu rosto retratado
Vejo quanto receia a fantasia.

Não sei como cruel, menos amante
Se me afigura teu rosto formoso,
Que em mil receios ando vacilante.

O coração palpita duvidoso,
E só dizer-te sei que o teu semblante
Não era assim enquanto eu fui ditoso.

SONETO XVIII

Nesta praia algum dia me esperava
A formosa Tirceia c'os Amores,
E as conchinhas pintadas de mil cores
Para ornar-me o surrão colhendo) andava.

Mas eu, que só por vê-la então deixava
O gado exposto aos lobos roubadores,
Do prado lhe trazia as belas flores,
Com que os louros cabelos concertava.

Oh que mimos Amor me concedia!
Mas já me não espera aqui Tirceia,
Antes foge de mim, quem tal diria!

Só eu deixo o rebanho, e me recreia
Inda vir pela glória de algum dia
Desta praia beijar a nua areia.

SONETO XIX

Debaixo daquela árvore sombria
Do rebanho pacífico cercada
Vi a bela Tirceia retirada:
Que venturoso foi aquele dia!

Sentei-me junto dela, que dormia
Sobre a florida relva reclinada,
Beijei-lhe a mão formosa e delicada
Sem turbar-lhe o sossego, em que jazia.

O meu nome escrevi no seu cajado,
E esperei entre uns mirtos escondido,
Que saísse de sono sossegado.

Acordou, pôs nas letras o sentido,
E com o rosto depois sobressaltado
O leteiro beijou, dando um gemido.

SONETO XX

Finalmente outra vez vejo perdida
Às mãos do Amor a doce liberdade,
Que já livrei da sua crueldade,
Como quem de um naufrágio salva a vida.

Já no meu coração nova ferida
Abrem os duros golpes da saudade;
E já vive outra vez minha vontade
De esperanças aéreas revestida.

Nunca cuidei que visse, Amor tirano,
Tão depressa quebrado o juramento,
Que fiz no puro altar do Desengano.

Mas quem pode viver de Amor isento,
Vendo naquele rosto) soberano
De tais olhos o doce movimento?

SONETO XXI

Junto daquela fonte um triste dia
Me queixava do meu injusto fado,
Em dolorosas lágrimas banhado
Suspirava, ansiava-me, gemia:

«Ah, tirano Destino, (eu proferia)
Que contra mim tão fero vens armado!
Quando estarás, cruel, quando cansado
De afligir-me com tanta tirania?

Se me negas o bem, por que saudoso
As lágrimas derramo de contino,
Tira-me a vida, Fado rigoroso.

Consola-te, não temas, caro Alcino,
Me disse Amor com mostras de piedoso,
Que eu posso muito mais que o teu destino.»

SONETO XXII

Uma tarde, já quando se escondia
Por detrás da montanha o Sol dourado,
A bela causa vi do meu cuidado
Fugindo de uma fera que a seguia.

Tão perturbada de temor corria,
Que lhe gritei, e não me ouviu o brado;
Mas logo na cerviz do monstro irado
De uma seta cravei a ponta fria.

Caiu a fera morta, e a Ninfa amada
Estendeu o seu corpo cristalino
Sobre o terreno agreste desmaiada,

E disse, apenas teve acordo e tino,
Sem cuidar que eu lhe ouvia a voz magoada:
«Vem valer-me, ai de mim! Amado Alcino.»

SONETO XXIII

Pelo campo cantando vai contente
O Lavrador seguindo o curvo arado;
E canta na prisão o desgraçado
Ao triste som de ùa áspera corrente.

Aquele canta alegre e docemente
Nas suaves pensões de seu Estado,
Este só por vingar-se de seu fado,
Com o Canto disfarça o mal que sente.

Eu também já em doces alegrias,
Qual Lavrador cantei nesta espessura,
Sem conhecer do Fado as tiranias;

Porém hoje de Amor na prisão dura
Com o Canto disfarço as agonias,
Por vingar-me de minha desventura.

SONETO XXIV

Tudo cheio de horror e sentimento
Mostra o rigor do Inverno congelado,
O ar de densas nuvens carregado
Furiosas desatando chuva e vento.

Despojada do verde luzimento
Se vê toda a campina deste prado,
O rio corre turvo e despenhado,
Tudo parece igual a meu tormento!

Mas passado o rigor do Inverno frio,
O nublado ar se vê resplandecente,
Florece o campo, e claro corre o rio.

Tudo de triste passa a ser contente,
Só nos meus olhos nunca têm desvio
As lágrimas que choro tristemente.

SONETO XXV

Serena, bela ingrata, o injusto enfado,
Ah não me aflijas mais, não me atormentes;
E se alguma piedade por mim sentes,
Torna a mostrar-me aquele antigo agrado.

Vendo cruel que tenho derramado
Tantos ais, tantas lágrimas ardentes,
Inda irada te mostras, e consentes
Que eu viva tão aflito, tão magoado?

Mostra-me um leve indício de piedade,
Logo as ânsias verás de meu lamento
Mudadas na maior tranquilidade.

Mas como hás-de seguir o meu intento,
Se a fereza da tua crueldade
Se alimenta da dor do meu tormento?

SONETO XXVI

Viu-me Amor suspirar tão docemente
Junto da bela Nise, que invejoso
Do estado mais alegre e deleitoso,
Me lançou no mais triste e descontente.

Toda a risonha glória de repente
Se mudou no tormento mais penoso;
O tigre mais cruel farão piedoso
As duras mágoas, que este peito sente.

Já te não lembra, Amor, quando de flores,
E de cheiroso mirto nos c'roavas,
Enquanto suspirávamos de amores.

Tu mil vezes com ambos suspiravas:
«Quem dissera, cruel, que os teus rigores
Entre tantas doçuras disfarçavas?»

SONETO XXVII

Outro alívio minha alma não procura
Mais que a solidão a todo o instante,
Ali as horas passo vacilante
No roto seio de uma penha dura.

Ali do horror a pálida figura
Sempre meus tristes olhos tem diante,
E vejo por um campo lá distante
Fugir de mim a bárbara Ventura.

Eu lhe grito: «Cruel, leva as grandezas,
E deixa este infeliz, que desamparas,
Lutando com as míseras tristezas.»

Em vão, ímpia Fortuna, me negaras
De teus grandes tesouros as riquezas,
Se um mais precioso bem me não levaras.

SONETO XXVIII

Que forçosa prisão, que mão ardente
O coração me está sempre oprimindo?
Que violento punhal me está ferindo?
Que estrago é este, que meu peito sente?

Das lágrimas a mísera corrente
Pelo rosto mortal me está caindo,
Em suspiros o alento vem saindo,
A dor a vida já me não consente.

Mas viver em tormentos é forçoso,
Que as entranhas me está despedaçando
De Amor o cruel braço venenoso.

Mas oh quanta piedade estão mostrando
Os olhos, por quem vivo tão ansioso!
Feliz prémio do mal, que estou chorando.

SONETO XXIX

Benigno Amor, os ímpios, que te ofendem,
E contra teus decretos se conspiram,
É porque os laços ainda não sentiram
Destas doces cadeias que me prendem.

Os peitos, que a teu jugo se não rendem,
E cheios de ternura não suspiram,
É porque os resplandores nunca viram,
Que em viva chama o coração me acendem.

Vinde ver, desgraçados e queixosos,
O bem, por que suspiro de contino,
E sereis um instante venturosos.

Mas nunca mudareis vosso destino,
Nunca, que aqueles olhos tão formosos
Outra luz não vêem mais que o seu Alcino.

SONETO XXX

À sombra de um rochedo cavernoso
Sentado um infeliz Pastor gemia,
Tão triste, e tão) magoado, que fazia
Suspirar de piedade o vale umbroso.

O pranto pelo rosto desgostoso
Em lágrimas ardentes lhe caía,
E estas aflitas vozes proferia
Com som desconcertado e pesaroso;

Duras penhas, que os ais, com que lamento
Nesta amarga e penosa soledade,
Comigo repetis ao surdo vento,

Se tendes dó da minha saudade,
A Tirceia contai o meu tormento,
Dizei-lhe que de mim tenha piedade.

SONETO XXXI

Quando em meu desvelado pensamento
O teu formoso gesto se afigura,
Não sei que afecto sinto, ou que ternura,
Que a toda esta alma dá contentamento.

Ali fico num largo esquecimento,
Contemplando na minha conjectura
De teu sereno rosto a graça pura,
De teus olhos o doce movimento.

Porém logo a inconstante fantasia
Me acorda o entendimento arrebatado,
E desfaz todo o bem que me fingia,

Sendo tal este gosto) imaginado,
Que de Amor outra glória eu não queria
Mais que trazer-te sempre em meu cuidado.

SONETO XXXII

Entre sombras o dia luminoso
Já se desmaia, já se desfigura,
Já vai por toda a Terra a noite escura
Espalhando o descanso deleitoso.

Já não se escuta mais que o som gostoso
Desta sonora fonte, que murmura,
E já vai pouco a pouco a mágoa dura
Fugindo deste coração saudoso.

Já o feliz instante vem chegando,
Já me vejo nos braços da alegria,
Que estou há tantas horas suspirando.

Agora zombarei da tirania,
Do martírio, que estive suportando:
Mas ai que já lá vem o claro dia!

SONETO XXXIII

Ao longo de uma praia um triste dia,
Já quando a luz do Sol se desmaiava,
O saudoso Alcino caminhava
Com seus cuidados só por companhia.

Os olhos pelas águas estendia,
Porque alívio a seu mal nelas buscava,
E entre os tristes suspiros que exalava,
Em lágrimas banhado assim dizia:

«Os suspiros, as lágrimas, que choro,
Levai, ondas, levai, ligeiro vento,
Para onde me levastes quem adoro.

Oh se podeis ter dó do meu tormento,
Que me tomeis o bem, só vos imploro,
Que pusestes em longo apartamento.»

SONETO XXXIV

Não tenho, Amor tirano, a sede ímpia
Satisfeita em meu pranto lastimoso,
Seu rigor com estrago o mais furioso
Em meu sangue, ai de mim! Fartar queria.

Sobre um funesto Altar, que se escondia
Entre as sombras de um bosque pavoroso,
Já da Mão do Ministro rigoroso
Sobre a garganta o golpe me pendia.

Quando grita Tirceia suspirando:
«Suspende, Amor, suspende o golpe fero».
Mil lágrimas dos olhos derramando.

Encheu-se de piedade o juiz severo,
E prostrado a meus pés beijou chorando
Estes grilhões que eu sempre arrastar quero.

SONETO XXXV

Com a primeira luz da formosura
Mostraste da razão os resplandores,
Assim da nova rosa as vivas cores
Brilham por entre as fendas da verdura.

As belas Musas cheias de ternura
Teu berço ornaram de cheirosas flores,
E em seus benignos braços com os licores
Te alimentaram da Castália pura.

Exercita teu ânimo inocente
Nos encantos dos métricos cuidados,
E cinge o louro na mimosa frente,

Mas se um menino vires, que vendados
Traz os olhos e aljava tem pendente,
Ah não lhe brinques c'os farpões dourados.

SONETO XXXVI

Salve dos Anjos ínclita Princesa!
Salve piedosa Mãe, por quem bradamos
Os tristes degradados que arrastamos
As cadeias, de quem triunfastes ilesa!

A nós os olhos volve, aonde acesa
Brilha a Misericórdia, em que esperamos;
As lágrimas consola, que choramos
No vale de amarguras e torpeza.

Virgem Pura, das Virgens Soberana!
Ouve os ais, os gemidos alivia
Da frágil Geração da culpa insana.

Eia pois, oh Santíssima Maria!
Do mísero desterro a turba Humana
Clemente à prometida Pátria guia.

SONETO XXXVII

Não, facundo Garção! Vulgo profano
Nunca do Pindo entrou no casto Império;
Apoio deu a poucos o saltério
Do Cantor Venusino e do Tebano.

Despreza o louco estúpido, que ufano
Julga, que usurpar o Sacro Magistério
Cego que das Irmãs do coro etéreo
Investigar não pode o fundo arcano.

Da invejosa fanática vaidade,
Que astuta compra os louros da vitória,
O nome escuro a fama não pregoa;

Que a severa imortal Posteridade,
Incorruptível arbitra da glória,
Só Horácios e Píndaros coroa.

SONETO XXXVIII²²

Frondífera Queluz mudaste as flores
Em novos astros, em festões ardentes,
O brando murmúrio das correntes
Em Angélicos sons encantadores.

Imitando do Sol os resplandores,
Giram volúveis rodas estridentes,
Ígneos Cometas voam refulgentes,
Do festivo prazer anunciadores.

Da Majestosa cena envergonhado
Caia o soberbo vanglorioso busto
Do latino aparato decantado.

A mente pára com assombro e susto;
A vista em toda a parte lê gravado
De Pedro o grande peito, o Nome Augusto.

²² Ao Sereníssimo Infante D. Pedro no dia de seu glorioso Nome.

SONETO XXXIX

Ah, bárbaro Espanhol! Que mão ímpia
Pode haver, que soberba se enfüreça
Contra um Reino infeliz, que da cabeça
A sacudir as cinzas principia?

Animou tua audácia e cobardia
O desterro fatal, a nuve espessa,
Que tantas tempestades arremessa
Sobre a famosa Lusa Monarquia!

Inumano, que intentas? A vitória,
Com que tão orgulhoso te alucinas,
Te infamaria na futura História.

Acomete feroz, que estas ruínas
Servirão de padrão à nossa glória,
Ilesas sustentando as Sacras Quinas.

SONETO XL²³

Alexandre, que em tálamo ditoso
Entre os braços dos cândidos Amores
Teus ansiosos cuidados muda em flores
O Destino risonho e venturoso.

Himeneu venerando e respeitoso
Com altos vaticínios, com clamores
Dos belos olhos de Ana vencedores,
Canta alegre o triunfo glorioso.

Os Cupidinhos com sussurro grato,
Em torno do áureo tálamo girando,
Te despertam com prósperos agouros.

Mas coitado do pobre Celibato,
Que seus olhos entrega ao sono brando,
E despertam mosquitos e besouros.

²³ A Alexandre José no dia do seu noivado.

SONETO XLI²⁴

Vinde, suaves cândidos Amores,
Cantar o nascimento glorioso
Da formosa Macarti, e o caro Esposo
Coroar de mirtos e purpúreas flores.

Para que alegre veja os resplandores
Da Consorte triunfar do tempo iroso;
Em branca pedra um dia tão ditoso
Assinalai c'os ferros passadores.

O voraz Pai dos anos apressados,
Namorado da rara Formosura,
Ordena com solenes altos brados,

Que da enrugada Idade a sombra escura
Nunca dos dous amantes enlaçados
Apague a doce chama da ternura.

²⁴ A D. Ana Macarti no dia de seus anos.

SONETO XLII²⁵

No fogo imundo do Pecado horrendo
Abrasada gemia a Redondeza;
Brota triunfando da mortal torpeza,
Verde Garça entre as chamas florecendo.

Dos estrelados Átrios vem descendo,
Namorada da angélica Pureza
Mística Pomba, que na rama ileza
Descansa de alvoroço o Mundo enchendo.

Os Serafins ardentes aclamaram
Da pura Mãe do verbo o Nome Santo;
As montanhas de júbilo saltaram.

Tremeu o negro Inferno, e com espanto
De Adão os tristes filhos alternaram
No lagrimoso Limbo alegre Canto.

²⁵ A Nossa Senhora.

SONETO XLIII

Frondosos vales, Montes levantados,
Risonhas Fontes, fértil Espessura,
Adeus, que me desterra a sorte dura
Para distantes e desertos Prados.

Verdes Bosques às Ninfas consagrados,
Onde me vi nos braços da ventura!
Quantas vezes na triste conjectura
Me sereis com saudade debuxados.

Ainda que por Mares tempestuosos
Me leve a mão do meu Destino,
Nunca me esqueceréis, Campos ditosos.

Lá no cruel desterro, de contino
A vós os olhos voltará saudosos,
Os olhos voltará chorando Alcino.

SONETO XLIV

Enquanto treme o mísero Atalaia
Em perigoso posto vigilante,
De mortais sustos o Pastor distante
À sombra dorme da frondosa faia.

Enquanto absorto e tímido desmaia
Na horrísona tormenta o navegante,
Seguro e sem temor o caminhante
As ondas vê quebrar na seca praia.

Mas quem de risco em risco vai correndo
Não cerra os tristes olhos sossegado,
Nem vê sem perigo as ondas combatendo.

Que esperar posso do inimigo fado,
Se apenas salvo do naufrágio horrendo)
Me vejo em sanguinoso campo armado.

SONETO XLV

Despenhado de horrível precipício
Me vejo de infortúnios rodeado,
Levanto o débil corpo, grito, brado;
Mas não há nos Mortais de amparo indício.

Estende-me unia vez a Mão propício,
Vem socorrer-me inexorável Fado,
Mas como! Se nas aras humilhado
Te não voto sincero sacrifício.

Defende só dos golpes da indigência
Aqueles, que a riqueza idolatrando
Beijam teus pés com torpe reverência;

Que para socorrer um miserando
Tesouros tem a santa Providência,
Com Mão inexaurível espalhando.

SONETO XLVI

Tudo prazer respira, o Tejo undoso
Adormece nas praias sossegado
Na profunda caverna encarcerado,
Brama oprimido o vento tormentoso.

De Antera ilustre o dia venturoso
Com mil portentos vem assinalado,
Da cruel Mão a negra Irmã do Fado
Deixa cair o ferro sanguinoso.

Amor, largando a frecha fementida
Adorna coro grinalda de verdura
Do voraz tempo a fronte encanecida.

E o velho estragador protesta e jura
Que nunca de seus danos ofendida
Será de Antera ilustre a formosura.

SONETO XLVII

Em métricos preceitos não repares,
Contraste não te faças de Talia!
Se outras regras não sabes da Poesia
Mais que Simulcidentes e Lunares.

Em que Horácios, ou puros Exemplares
Fundas a tua errada fantasia!
Soantes sem toantes, são mania
De talentos incultos e vulgares.

Estas regras, que Antigos desprezaram,
De que sábios modernos se estão rindo
Só rançosos Pedantes praticaram.

Estuda os Aristóteles abrindo;
Queima as Artes, que a tinha te pegaram,
Ou de absurdo em absurdo irás caindo.

SONETO XLVIII

Qual Astro refulgente, que áurea chama
Girando ascende pelo Céu formoso,
Seu espírito grande e generoso
Da cândida Amizade a luz derrama.

Assim como do bosque a cressa rama
Ao caminhante dá refúgio umbroso;
Assim pronto, com ânimo piedoso
Socorres o infeliz, que triste clama.

Fuja assombrada a mísera Indigência,
Que do sábio Faria o braço armado
Moveu em meu favor a Providência.

já debaixo das asas amparado
Me vejo da imortal Benevolência,
Como à sombra dos bosques o encalmado.

SONETO XLIX

Uma noite acordei sobressaltado
C'o sinistro sussurro de um Besouro,
E me vejo depois do infausto agouro
De Aguazis do Parnaso rodeado.

Um deles, circunspecto ergue o brado,
E me diz, que o)fundido Febo louro
De sem licença sua trazer ouro,
Me tem a duro fisco condenado.

As algibeiras um me basculhava;
Outro a chave me pede enfurecido
De um velho contador que ao canto estava.

Mas pouco me tomaram por perdido;
Vieram tarde, tudo já se achava
Em presunto e galinhas consumido.

SONETO L

A bela Alcipe, por quem Fido ardia,
Pagava com desprezos seu cuidado;
Uma fresca manhã no verde prado
Suaves rosas com prazer colhia.

Vi que apressada a branca Mão desvia,
E deixa a flor cair, que tem cortado;
Mas julga em duro espinho haver rasgado
O dedo, de que o sangue lhe corria.

Quando dos olhos despedindo flamas,
Não causa agudo espinho acerbos dores?
Lhe diz Amor saindo dentre as ramas.

Dos mortais venenosos passadores,
Que vingaram de Fido as puras chamas,
Sente Alcipe cruel, sente os ardores.

SONETO LI

Fecundo imitador da Natureza,
Tu, Vieira imortal, com vivas cores
Crias em novo prado tenras flores,
Verdes plantas em rústica aspereza.

Parece que a celeste luz acesa
Nos encanta c'os puros resplendores,
Quando nas Mãos dos Anjos protectores
Representas das Virgens a Princesa.

Se um Astro queres ver iluminado,
Ao astuto pincel a Mão aplicas,
E brilha de improviso o Sol dourado;

Assim da Pátria a glória multiplicas;
À tua fama e Nome decantado
Eternos monumentos edificas.

SONETO LII

Sagradas Musas, que as brilhantes flores
Colheis nas margens da Castália fonte
Para tecer grinaldas, com que a fronte
Ornais dos sábios métricos cantores;

Vós, que Versos gravais encantadores
No Templo do imortal Belorofonte,
E Coridon do Ménalo no Monte
Coroastes c'os louros vencedores;

Este Cantor, que ao bipartido cume
Voou nas vossas mãos, e ao Deus luzente
Roubou, qual Prometeu, Divino lume.

Se à minha Lira glória se consente,
Sabei, castas Irmãs do louro Nu me!
Que o Vate me tocou c'o raio ardente.

SONETO LIII

Cisne do Tejo, a quem toante Lira
Deram Argivas imortais Camenas,
A cujo som canoro, que respira,
Saltam na praia as Tágides amenas.

Zéfiro, que as frondosas selvas gira,
As leves asas suspendeu serenas;
Mover espera a Ninfa, que suspira
O sacro Pã com tuas cantilenas.

Oh Ninfas da Hipocrene, que tecestes
Gloriosa capela ao Vate amado,
De quem dignos os Versos meus fizestes,

Se Alcino quereis ver eternizado,
O meu Nome escrevei, onde escrevestes
O Nome do meu Sílvio decantado.

SONETO LIV

Depois de longo tempo) haver pisado
Medonhos vales, serras cavernosas,
Ora fugindo a serpes espantosas,
Ora de altos rochedos despenhado;

Surco de bravo golfo dilatado
As desertas Campinas procelosas.
O vento silva, as ondas escumosas
Me combatem de um lado e de outro lado.

Sem Piloto, que destro leme reja,
Contra a negra tormenta denodada,
A rota débil quilha em vão forceja.

Mas lá descubro Terra levantada!
Oh, queira o Céu, que amigo Porto seja:
Ai, que é de Cila a hórrida morada.

SONETO LV

Entre os salgueiros da ribeira umbrosa,
Que banha o flavo Tejo murmurando,
Alcino modulava o Verso brando
Com Avena suave e lacrimosa.

Ao triste som a rola saudosa
Estava o morto esposo lamentando;
C'os delicados braços vêm cortando
As Ninfas a corrente caudalosa.

Ah! Consolai-me, Tágides amenas,
Diz o infeliz Pastor, se doce encanto
Achais em tão magoadas Cantilenas.

Ouvi meu rude, doloroso Canto,
Como a terna Sirene ouvia as penas
Que Aristeu lhe contava solto em pranto.

SONETO LVI

Amor cruel, que astuto procurava
Ver-me a seu fatal jugo submetido,
Ora insensível, ora enternecido
Nos olhos da Marfida se mostrava.

Risonho o vil traidor lisonjeava
Com doces esperanças meu sentido;
Mas sempre do Tesouro prometido
Com dura mão as portas me cerrava.

Disfarçando a maligna crueldade,
Roubou do peito, que suspira e chora,
Com enganos a cara liberdade.

Mas se da Ninfa, em cujos olhos mora,
Sentisse o fero coração piedade,
Tão ímpio o Deus Menino nunca fora.

SONETO LVII

Sem piedade de minhas mortais dores,
De mim ligeira foges mais que o vento,
Depois de enlouquecer-me o pensamento,
C'os belos olhos teus encantadores.

Para que com desprezos e rigores
Pagas os tristes ais, com que lamento;
Se os espinhos cruéis de meu tormento
Mudar podias em suaves flores.

Vem, crua Ninfa, aonde Amor te chama,
Vem consolar um peito que suspira,
Que em vão ardentes lágrimas derrama.

Um instante sereno o rosto vira!
Que a Tigre seu Consorte terno brama,
Muda em afagos a terrível ira.

SONETO LVIII

Se de teus olhos os acerbos tiros,
Dispara Amor com os duros passadores,
Para que foges surda a meus clamores,
A meus saudosos ais, a meus suspiros?

Suspende, ó ninfa, os apressados giros,
Vem ouvir brandas queixas, brandas dores;
Vem, que os suaves cândidos Amores
Te esperam nestes plácidos retiros.

Aqui ternura inspira a selva umbrosa;
Aqui, se a meus gemidos correspondes,
Mudarás meu tormento em paz ditosa.

Mas, ah cruel Marfida, não respondes,
Deste triste Pastor à voz queixosa!
Onde de mim fugiste, onde te escondes?

SONETO LIX

Em sonoros chuveiros desatado
Desça o frígido Inverno tormentoso,
Que Aristo satisfeito e venturoso,
Descansa em tecto rústico abrigado.

Alegre come o novo grão dourado,
De seu trabalho fruto deleitoso,
Vê no curvo tonel ferver cheiroso
O roxo mosto a Baco consagrado.

Só tu, mísero Alcino, nada alcanças,
Em teu rebanho o lobo o dente ceva,
E debaixo do colmo não descansas.

Mas cerca-te da sorte a escura treva:
Sempre o fruto de tuas esperanças
Ligeiras folhas são, que o vento leva.

SONETO LX

No cristal de um ribeiro, que dourava
O Sol c'os cintilantes resplandores,
Incauta Alcipe com purpúreas flores
As douradas madeixas enlaçava.

Fingindo Amor, que simples rede armava,
Dos Bosques aos alígeros Cantores,
Dous corações das setas vencedores
Vencer com laço astuto procurava.

A Ninfa da cadeia o duro peso
Sente no tenro pé, e gritos dando
O peito lhe palpita em fogo aceso,

Aléxis inocente, que voando
A socorrê-la vem, ali cai preso,
E se abraçaram ambos suspirando.

SONETO LXI

O Louro Febo com ardor estivo
Muda a viçosa relva em seco feno,
E de Flora no árido terreno
Já não respira Zéfiro lascivo.

Latindo o fulgurante cão) nocivo,
Dos Céus difunde cálido veneno;
Busca em vão no sombrio Bosque ameno
O lasso Caminhante lenitivo.

Cheio da lua o rosto luminoso,
No vermelho Horizonte os resplendores
Levanta com incêndio pavoroso.

A seca Terra igníferos vapores
Por mil bocas exala, e do calmoso
Conjugal leito fogem os Amores.

SONETO LXII

Enquanto de Alicuto saudoso
Co'a tormenta encalhada a barca estava:
«Aglaura! Aglaura!» O Pescador bradava
De cima de um rochedo cavernoso.

«Não desejo de lanço cobiçoso
Que serenes do peço a fúria brava,
Ver-te um instante, Ninfa, me bastava
E depois brama o vento proceloso.»

Disse, e brilhou nos ares a bonança;
Aglaura sobre as ondas aparece.
Alicuto nadando ao Mar se lança.

Toca a neve, que nua resplandece,
A Ninfa de mergulho se abalança,
E das ávidas Mãos desaparece.

SONETO LXIII

Ao cego Deus das setas disse um dia
O terno Alcino, em lágrimas banhado,
Que lhe ferisse o peito delicado
De crua Ninfa, por quem louco ardia.

Amor, que brando já se condoía
Dos tristes rogos do Pastor magoado,
Dispara destro o arco represado,
Cortando o ar a farpa retinia.

A bela Ninfa com velozes passos
Foge assustada do selvoso enredo,
Rompendo os verdes, espinhosos laços.

De quando em quando o rosto volta a medo,
E gemendo ferida cai nos braços
Do Pastor, que esperava no arvored.

SONETO LXIV

Cíntia c'os frouxos raios prateados
Feria de um remanso a veia pura,
Endimião com lânguida ternura
Suspenso olhava os Orbes estrelados.

Os olhos abaixando já cansados
Viu tio fundo a celeste Formosura:
Quer lançar-se nas águas; conjectura
Que vai cair dos braços delicados.

Quando uma densa nuvem de repente
Lhe rouba o rosto caro e luminoso,
Por quem arder o brando peito sente.

Com mil suspiros o Pastor saudoso
Délia! Délia! Bradou; e ao descontente
Só responde de longe o vale umbroso.

SONETO LXV

Quem não pisou Argiva selva amena;
Ou do Míncio as ribeiras deleitosas;
Tape as duras orelhas escabrosas
Ao som campestre da suave Avena.

A rã, que entre pestífera verbena
Se pasce nas Campinas paludosas;
Não gosta as frescas águas saborosas,
Em que se banha a Pastoril Camena.

Quem não sente os encantos da inocência,
Que a serra alpestre, que a Floresta inspira,
Não tem do Sacro Pindo inteligência.

Só leia a minha Musa, quem respira
Da Natureza a simples influência,
E c'os Amores rústicos suspira.

SONETO LXVI

Aonde, Amor cruel, onde me guias?
São estes os teus bosques consagrados,
Onde só vejo peitos lacerados,
Corações em extremas agonias.

Só respondem as duras penedias
A míseros gemidos em vão dados;
Olhos formosos, rostos delicados
São Ministros de tuas tiranias.

Já me rasgam o peito em mil pedaços,
Márcia me disparou acerbos tiros;
Lá vai fugindo com velozes passos.

Suspende, oh Ninfa! Os apressados giros,
Deixa cruel ao menos, que em teus braços
Amintas lance os últimos suspiros.

SONETO LXVII

Em nobres peitos Árvore fecunda,
Família por virtudes venturosa,
Quem de tua benigna sombra goza,
Não teme a Mão da sorte furibunda.

Dos troncos teus a rama se difunda,
Tocando a clara esfera luminosa;
A hera da indigência lastimosa
Amparando benéfica e jucunda.

O fruto, que dos ramos tens pendente,
Vencendo o Fado em próspera vitória,
Nunca saraiva creste, ou Noto ardente;

Conservando dos Cruzes a memória,
Em ti virá colher estranha gente
As flores das virtudes e da glória.

SONETO LXVIII

Assim como das hórridas tormentas
As sibilantes asas sacudidas
Atribulam, revolvem desabridas
As ondas, que jaziam sonolentas.

Assim aos Ímpios, feras famulentas,
No sangue dos Humanos embebidas,
As vingadoras Fúrias insofridas
Atormentam com mãos sanguinolentas.

Estridentes cadeias arrastrando
Do crime os vis escravos, espinhosos
E medonhos caminhos vão pisando;

Dormem sobre os delitos horrorosos,
Mas desperta o remorso, e o sono brando
Se converte em temores espantosos.

SONETO LXIX

Na Ilha das delícias aportavam
Já cansados os Lusos navegantes;
Os prazeres, as taças espumantes
Em magnífica mesa preparavam.

Os Amores de mirtos enramavam
Douradas serpentinas rutilantes,
E c'os gestos convulsos as Bacantes
Lascivos Ditirambos alternavam.

Eis que o trovão do bronze rompe os ares,
O vitorioso Gama se apresenta
À bela Deusa, que nasceu dos Mares.

Mas o Herói, que de ardores se alimenta,
Sem que toque os vivíficos manjares,
Só em Vénus os olhos apascenta.

SONETO LXX

Com os raios da Lua prateados
De cristal parecia o Tejo brando,
Nas sonolentas ondas retratando
De Lísia Augusta os montes habitados.

Por suavizar acérrimos cuidados,
Alcino a lira estava modulando
Em Buenos Aires, onde a vista errando
Se vai perder nos Mares dilatados.

«Amada Pátria!» – o mísero dizia –
«Se grata ouvisses meu canoro Metro,
As Estrelas teu Nome levaria».

Quando da vil miséria, o feio Espectro,
Lhe toca a doce boca co' a mão fria,
E lhe quebra iracundo o áureo plectro.

SONETO LXXI

Zéfiro brando, que na selva umbrosa
Sacudindo as sonoras leves penas,
Soltas as brancas filhas das Alfenas
Sobre as águas da fonte buliçosa;

Que beijando lascivo a fresca rosa,
Suspiras entre as Árvores amenas;
Ouve suspenso as ternas Cantilenas
Da minha triste fruta lacrimosa.

Tu, que sentes de Amor a seta ervada,
Tem compaixão de mim, com veloz giro
Voa das Graças à feliz morada:

Dize à Ninfa gentil, por quem suspiro,
Que o Sol é posto, e desde a madrugada
Espera Alcino em vão neste retiro.

SONETO LXXII

Amor cruel com mágico artifício
Meus ardentes desejos enganava;
O Templo majestoso me mostrava
De um destino benéfico e propício.

No centro de magnífico Edifício,
Da urna de ouro o júbilo emanava,
No Sacro Altar a chama crepitava
De agradável jucundo Sacrifício.

O desengano súbito aparece;
Vibra rígida vara, e o falso encanto,
Como sonho veloz se desvanece.

Soam gemidos e funestos prantos,
O coração, que pávido estremece,
Cai num abismo de terror e espanto.

SONETO LXXIII

Já toucada de folhas e de flores
Passeia a Primavera o verde Monte;
No solto gelo da serena Fonte
Se mergulham Favónios Voadores.

A Aurora c'os purpúreos resplendores
As nuvens afugenta do Horizonte;
De novos mirtos a nevada fronte,
Orna risonha a Deusa dos Amores.

Ali junto daquela Faia umbrosa
Com as primeiras flores da espessura,
Me c'roava de Alcipe a Mão mimosa;

Mas a Ninfa cruel fugiu perjura,
Para que tornas Estação ditosa,
Se de Alcino não trazes a ventura.

SONETO LXXIV

Márcia bela, teus olhos vencedores
Dos claros raios da virtude armados,
Ao carro levam do triunfo atados
Os alígeros anos tragadores.

Assim como renova as tenras flores
A Primavera pelos verdes prados,
Dos venturosos dias teus dourados,
Renascem os brilhantes resplandores.

Com mente experta, peito generoso
Vences do tempo o Nume devorante;
Vences de Amor o Monstro sanguinoso;

Que as filhas imortais do Deus tonante
De um esplendor celeste, e luminoso
Ornaram teu angélico semblante.

SONETO LXXV

Dormindo vi a cândida Poesia,
Junto do Tejo aurífero sentada;
Virgíneo tinha o rosto, e adornada
De verde louro a fronte se lhe via.

Um alvo cisne junto dela erguia,
A grata voz, tão doce e concertada,
Que com terna saudade fez lembrada
Do teu Alcino, Arcádia, a melodia.

Já a Déléfica Virgem sem demora,
O louro descingindo o mais glorioso,
Coroava esta feliz Ave canora;

Quando um Zuniga, insecto paludoso,
Gritou das verdes águas, onde mora,
E me acordou do sono deleitoso.

SONETO LXXVI

Frandoso Louro! Imortal Cipreste!
Sempre perene a plácida verdura
Conservais apesar da força dura
Do Outono fatal, do Inverno agreste.

Que importa, que estes freixos a celeste
Esfera toquem com imensa altura,
Se Esqueletos parecem da espessura,
Enquanto a Primavera os não reveste?

Gala eterna do ameno bosque umbrosa!
Em vão a curva foice cortadora,
Afia contra vós o tempo iroso.

Nunca vos negue orvalho a branca Aurora:
Abrigai, consolai um desditoso,
Que foge ao cruel Fado, que o devora.

SONETO LXXVII

Penhor primeiro, fruto delicioso,
De um puro Amor e vínculo sagrado,
Caro, gentil José, sempre doirado
Te amanheça este dia venturoso.

Da terna Mãe em o rosto luminoso
Veja em perene júbilo banhado
De teus anos o curso, sem que o fado
Te mostre o turvo aspecto pavoroso.

Nas aras da Virtude te assegura
Da voraz mão do tempo tragador,
Que inexorável vibra a foice dura.

E se queres triunfar de seu furor,
Desvelado e solícito procura
Ser do paterno Vate imitador.

SONETO LXXVIII

Se dos viventes já desamparado
Na mais deserta praia, eu hoje me vira,
E onde de um que então somente ouvira
O terrível clamor de um monstro irado;

Se ali de repente, ali me quedo
E um soberbo leão me perseguira;
Se fugir eu quisera à sua ira;
Me cercassem as Ondas de outro lado,

Se o Céu de negras sombras se vestisse,
Ameaçando ao inundo de viva guerra
E um raio e outro raio desperdice;

Se comigo, por fim, se abrisse a Terra,
Talvez nesse abismo não sentisse
A Cruel aflição que o peito encerra.

SONETO LXXIX

Quando vejo o meu bom suspiro ansioso
Suspiro quando ausente vivo encontro;
Mas, quem diverso, quem: que diferente,
Aquele deste suspirar saudoso:

Quando será o instante venturoso,
Em que eu a suspirar torne constante
Quando amor chegarei a ter presente
A Luz daquele resplendor precioso.

Ah! Deixa-me antes que esta mágoa dura
Os laços rompa deste peito amante,
Em que a alma já sem forças se segura.

Deixa-me suspirar um só instante
Junto daqueles olhos da Luz pura
Por quem suspiro agora tão distante.

Licore

DRAMA PASTORIL

INTERLOCUTORES

Licore.

Silvano, Pai de Licore.

Amintas, Amante de Licore.

Palemo, Pai de Amintas.

Um Sacerdote de Diana.

Dameta.

Um Mensageiro.

Turba de Pastores e Pastoras.

A Cena representa um bosque, um altar, e no fundo o vestibulo do templo de Diana.

ACTO I

CENA I

Amintas e Palemo

Palemo

Ah, meu filho, que alegre madrugada!
Como de Vénus o astro luminoso
Brilha, rompendo as fugitivas sombras!
De rosas coroada a branca Aurora,
Vermelhas chamas no Horizonte acende,
Com que os montes e prados alumia;
Como vem a risonha Primavera,
De branda relva e matizadas flores,
Ornando os campos da frondosa Arcádia!
Que formoso espectáculo figuram
Estas floridas árvores, que cercam
O Sacro Templo da imortal Diana!
Salve, Deusa dos bosques, Protectora
Das Campinas do Alfeu. Oh grande Deusa!
Hoje prostrados ante os teus Altares,
Da Arcádia os oprimidos habitantes
Teu socorro implorar virão aflitos,
Ouve propícia seus ardentes rogos.
Destes amenos bosques longe afasta
A cruel Fera, o devorante Monstro,
Que desolado tem os nossos campos.

Amintas

Ah, meu Pai! Eu me vejo arrebatado
À vista do prazer e maravilhas,
Que nos oferece a verde Primavera.
Que feliz, que aprazível variedade!
Os lírios, as boninas amarelas,
Co'as vermelhas papoilas misturadas,
Matizam a floresta: a nova rosa,
Que entre o verde botão se mostra rindo,
De suaves perfumes enche os ares;
As árvores floridas representam
Um das neve a cândida brancura,
Outras a cor purpúrea do Sol posto.
Como as aves harmónicas cantando
Pelos verdes raminhos do arvoredado
Espalham mil requebros namoradas,
Assim, nas tardes do Verão calmoso,

Pelas sombrias margens dos regatos,
Com a bela Licore as brandas queixas
Cantei do terno Amor. Com que alegria
Renascer a sazão das flores vejo!
Como se vão copando as altas faias,
Que estão cobrindo aquela clara fonte!
Ditosos vales, do prazer morada,
Adornai-vos de sombras e verdura.

Palemo

Os verdes prados, as umbrosas selvas
São, caro filho, habitação dos Deuses.
Neles a paz e a inocência vive;
Mas um Deus, inimigo a nossos campos,
Sem dúvida mandou da inculta Líbia
Um tão estranho, sanguinoso Monstro
Perturbar a feliz tranquilidade;
Tão indómita Fera nunca viram
Do brando Alfeu as margens deleitosas.
Absortos nossos míseros Pastores,
Uns choram as searas e rebanhos,
Outros os tenros «filhos devorados;
E, de tão duros males oprimidos,
Mal podemos gozar da paz serena
Que nos of'recem as amenas selvas.
Ninguém se atreve, cheio de temores,
A sair da cabana: o pobre gado
Emagrece encerrado nos apriscos.

Amintas

Pois, como a dar-lhe a morte não corremos?
Armando-lhe subtil seguro laço,
Tal como aprisionar as outras feras
Costumamos nas brenhas solitárias?
Ou armados em bando numeroso
A não vamos cercar no mato espesso?
Se há valor nos Pastares destes vales,
Seguir me venham dos agudos dardos,
Que eu serei o primeiro que acometa
O feroz Monstro co'a nodosa dava.
O combater nas intrincadas selvas
Rapaces lobos, javalis cerdosos,
São os meus passatempos costumados.

Palemo

De tudo zomba o furioso Monstro;
Rompe ciladas, cercos desbarata,

Seu vasto e enorme corpo defendido,
De impedrenidas e escabrosas conchas
Impenetrável é ao dardo agudo.
A seus longos bramidos mais horríveis,
Que espantoso trovão os montes tremem.
Abrindo a cavernosa, horrenda boca,
Vomita das goelas inflamadas
Corrupto fumo que envenena os ares.
E já desenganados os Pastares,
De que não bastam só humanas forças,
Hoje vêm com solene Sacrificio,
O socorro implorar da casta Deusa;
As Virgens coroadas de alvos lírios
Trarão das novas flores as ofrendas,
E dos cândidos veios os Pastares
Juntamente virão, nas mãos trazendo
Das fervorosas súplicas os ramos.
Silvano, cuja idade veneranda
E copiosos gados destes montes
O tem feito o Pastor mais respeitado,
Obedecendo ao grande Sacerdote,
Ao Templo deve conduzir a turba.
Aquele Altar verás em breve tempo
Da suplicante multidão cercado.

Amintas

Assim, meu Pai, também ornar devemos
De Capelas a frente, a mão de ramos?

Palemo

Sim, Amintas, ao grande Sacrificio
Devemos vir submissos e devotos.
Então, depois que as Virgens espalharem
Sobre os Altares as mimosas flores,
E depois que soar o Sacro Templo
Com altos Cantos, com ardentes rogos,
Então o justo intérprete da Deusa
Consultar deve o Oráculo Divino,
Que propício esperamos nos declare
De nossos grandes males o remédio.

Amintas

Os ramos vou cortar, colher as flores,
De que ornar nos devemos. Que impaciente
Desejo, que o feliz instante chegue,
Em que entre as Virgens hei-de ver Licore,
Como não brilharão dos brancos lírios

Seus undosos cabelos enlaçados!
Como à vista de sua formosura
Tudo nuvens serão, e tudo sombras!
Será inda mais bela entre as Pastoras,
Que a Lua entre as Estreias, ou que a rosa
Entre a pálida flor do agreste cardo.

Palemo

Se o teu repouso amas, se não queres
Turbar a paz de meus cansados anos,
Deste amoroso Pai segue o conselho,
Risca, Filho, Licore da lembrança.

Amintas

Meu pai, que me aconselhas, que mudança
Improvisa fizeram teus projectos?
Tu não me prometias mil venturas,
Se Himeneu a Licore me ligasse?
Não me dizias tu, que alta cabana
Me havias de formar de espesso colmo,
Junto do novo, levantado freixo,
Com que o meu nascimento assinalaste?
E que me davas para meu rebanho,
Dous capros e seis cabras todas prenhes,
Outras tantas ovelhas já paridas,
E três malhadas vacas c'os bezerros?

Palemo

Tu do pobre Palemo és filho, Amintas,
E a formosa Licore de Silvano,
Que de manadas estes montes cobre.
Assim, despreza o louco Amor inútil,
De quem o cruel jugo em vão sustentas.
Emprega teu cuidado na cultura
De nosso estreito campo e nossas plantas,
Pois inda atado c'o delgado junco
Não tens as tortas vides aos ulmeiros,
Nem arrancado as ervas importunas,
Que afogam a nascente sementeira.

Amintas

Oh, desgraçado Amintas! Despenhado
Foste de uma alta rocha... bem conheço,
Que teu paterno Amor com sãos conselhos
As minhas mágoas evitar procura.
Há tempos que eu diviso que me ocultas

Um segredo contrário a meus desejos;
Pois, quando de Licore te falava
Alegre não te achava, e satisfeito
Como de antes te via; mas sisudo,
Sem responder gemias em silêncio.
Mas já bem claro vejo o meu destino.
Sim, meu Pai, já entendo. Enfim Silvano
Me nega a bela filha, porque a sorte
Me não concede dilatados campos,
Nem soberbas corníferas manadas.

Palemo

Sim, filho, e dar Licore determina
Ao Mancebo Menalca, único Filho
Desse opulento Mopso, que nas margens
Dalém do Alfeu os gados apascenta.

Amintas

Justos Céus! A Menalca! Um Pastor rude,
Que duas vezes já venci cantando
Em as festas de Pã, sendo Juízes
O sábio Coridon, o Mestre Elpino?
Triste Licore, desditoso Amintas,
Cruel fortuna, bárbaro Silvano.
Ah desumano Amor! A que amarguras,
A que duros tormentos me entregaste?
Meu triste coração entre agonias
Se vê desfalecer, como se fosse
Mordido pela boca venenosa
De assanhada serpente.

Palemo

Amado filho,
Não te deixes vencer da paixão cega,
Tão perigosa à louca mocidade.
Se perdes a Licore, outra mais bela
Para Esposa acharás: teus verdes anos
A florescer agora principiam.
Esse ramoso Cedro, que assombrando
Está o verde monte, foi primeiro
Débil e tenra planta, escarneçada
Dos rijos ventos e das tempestades.
Confia no poder dos justos Deuses,
Eles são quem, benéficos, repartem
A fortuna aos mortais; agora cuida,
Enquanto o Sacrifício não se apresta,
Em colher as amargas tamargueiras

Com o cheiroso trevo e brandas ervas,
Que ao gado retesar as tetas fazem,
Que eu vou tirar das mães os cordeirinhos,
Antes que o doce leite todo esgotem.

CENA II

Amintas

Ai de mim! Que farei? Bela Licore,
Sem ti viver não pode o triste Amintas...
Sem ti do vale ameno as frias sombras
Mais quentes me serão, que a viva chama
Nos resinosos troncos ateadada.
Da cristalina fonte as doces águas
Me serão mais amargas que os agraços.
Ai amada Pastara! Hão-de meus olhos
Unida ver-te ao rústico Menalca?
Que não sabe cantar em brando Verso
As ternas mágoas de um Amor suave,
Nem as mimosas graças, os encantos
De tua incomparável formosura...
Ah não, não há-de ver o aflito Amintas
Rir Menalca da sua infeliz sorte.
No retiro das mais desertas brenhas
irei passar os meus amargos dias,
Onde aos humanos olhos escondido
Em gemidos e lágrimas exale
O coração magoado. A infeliz Eco
Repetirá meus ais e meus suspiros
Aos prados e às florestas, porque sejam
Da bela causa de meu mal ouvidos...
Mas lá vem entre aquelas aveleiras
Uma Pastara os passas apressando...
Licore me parece... Céus, que vejo!
É a bela Licore, não me engano.

CENA III

Licore e Amintas

Licore

Ah, meu caro Pastor.

Amintas

Adeus, Licore.
Adeus, em paz te fica, alegre goza

Da tua feliz sorte; o triste Amintas
Parte a chorar a sua desventura.

Licore

Ah! Tu foges de mim, ingrato Amintas?

Amintas

Sim, a teus belos olhos esconder-me
Vou nas escuras, solitárias grutas,
Onde venha o furioso e fatal Monstro
Devorar-me c'os dentes carnicieiros.
As piedosas Ninfas brevemente
Repetirão, chorando pelos vales:
Perdeu a vida, quem perdeu Licore.

Licore

Que mortal aflição, que desatino
Se apoderou de ti? Suspende os passos;
Suspende os passos, sim, Licore é tua:
Não fujas de quem te ama. Esta grinalda,
De mirtos com giestas enlaçada,
Meu puro Amor de novo te assegura;
Cuidadosa a tecer, para que a fronte
Te cinja neste dia tão solene,
E depois de acabá-la, alegre disse:
«Venturosa grinalda, que de Amintas
Hás-de ornar o cabelo crespo e louro.»
Deixa gentil Pastor, deixa, que eu mesma
Tenha a satisfação de c'roar-te.

Amintas

Não, formosa Pastora, se o Destino
Me faz sentir a dor intolerável
De ver roubar-me o bem mais suspirado,
Jamais hão-de cercar a minha fronte
As capelas de flores e verdura;
Nem meus olhos verão jamais o rosto
Da risonha alegria, a meu semblante
Cobrirá sempre a pálida tristeza.
Será por estas mãos despedaçada
A sonora fruta; as tenras flores,
Que ao redor da cabana cultivava,
Pisarei com os pés; o pobre gado
Vagará sem Pastor exposto às feras.
Ah pastora extremosa, essa grinalda,
Que tuas delicadas mãos teceram,

Ao sem ventura Amintas não compete,
De tão precioso dom Menalca é digno,
Com ela coroar a fronte debes
De um Pastor tão ditoso.

Licore

Caro Amintas,
Ao suave repouso e prazer torna,
Com que à sombra dos verdes arvoredos
Me costumás cantar as doces mágoas,
A ternura inocente, que nos olhos
Corno ateados lume te chameja,
Da sorte não te queixes, se Licore
É quem pode fazer-te venturoso.
Na sua fé confia, que mudados
Verás em flores os espinhos duros,
Com que te fere Amor o brando peito;
A dor, de que te vejo penetrado,
Os tormentos cruéis que te magoam,
Esta alma me traspassam, como seta,
Que da tímida corça o lado fere.
Não foi Endimião tão caro a Cíntia,
Nem Adónis formoso, a Vénus bela,
Como o Pastor Amintas a Licore.
E mais me enoja o rústico Menalca,
Que o falcão atrevido à terna pomba,
Ou que o lagarto às míseras abelhas.

Amintas

Amorosa Pastara, teus agrados
Dissiparam desta alma as amarguras,
Como a luz da manhã as negras sombras;
Mas que importa, que amante só desejes
Ser esposa de Amintas, se te vires
Dos paternos preceitos obrigada
A dar a mão ao Filho do grão Mopso?

Licore

O bom Silvano preza a cara Filha
Mais que os dons da fortuna, e mais quisera
Perder seus grandes campos e rebanhos,
Que ver meus tenros dias perturbadas
Com duras mágoas, com mortais pesares.
Em Menalca me fala, porém venda
Que o meu rosto se cobre de amargura,
Com suaves palavras me consola.
Caro Amintas, descansa, não te entregues

A vós desconfianças, que primeiro
As heras deixarão de amar o choupo;
Primeiro se unirá no casto ninho
Com o hediondo corvo a terna rola,
Que meu constante amor mudável seja.

Amintas

Fugi de mim temores e receios;
Entraí, doces prazeres, em minha alma;
A nupcial cabana ornai, Pastoras,
Com sacros mirtos e festões de flores.
Vem, Himeneu, acende o santo lume,
Que Licore há-de ser a terna Esposa
Do venturoso, desvelado Amintas.
Deixa, fiel pastora, que rendido
Esta grinalda beije, que formarão
As tuas mãos mais alvas que açucenas.
Aqui tens a cabeça que ornar queres,
Coroa este Pastar de glória cheio.

Licore

Sim, Amintas amado, e sem demora
Juntar nos vamos com os mais Pastares,
Que já do Sacrifício a hora chega.

Amintas

Vamos, bela Licore, oh grande Deusa!
Nossas deprecações ouve propícia:
Restitui o repouso a nossos campos;
Traspassa com tuas frechas as entranhas
Do indómito Monstro, que não possa
Turbar a santa paz que gozar deve
O venturosa Amintas com Licore.

Licore

Mas lá vem um pastar com lentos passos
Pela vereda o bosque atravessando...
Amintas, é meu Pai, aqui o espero,
Para nosso Himeneu certificar-lhe,
Tu com ele me deixa em liberdade.

CENA IV

Silvano e Licore

Silvano

És tu, Filha adorada? Que alegria,
O coração me banha! Cuidadoso
Te vinha procurando pela selva,
Pois acordando vi que o Sol rompia,
E que saído tinhas já da choça,
Julguei terias ido ao vergel nossa,
Colher as novas rosas orvalhadas;
Ali me encaminhei e, não te vendo,
Dentro do peito o susto me figura,
Que da ligeira caça cobiçosa,
Incauta vagarias pelo mato,
E que a terrível fera... Que amarguras
Estas lembranças tristes me custaram!
E que a terrível Fera poderia
Lacerar as teus membros delicadas;
Porém, graças aos Deuses que a meus olhos
Aqui te mostram de perigo salva.

Licore

Ah, meu Pai, que extremoso e vigilante
Teu amor sempre vejo! O Céu permita
Alongar a tua idade tão cansada.
Eu saí da cabana, quando a Aurora
Vinha as vermelhos raias espalhando,
E fui colher as flores, com que tenho
Três festivas capelas já tecido.

Silvano

Que piedoso e solícito cuidado!
Se propícia a teus rogos, cara Filha,
Quiseres sempre achar a imortal Délia,
Com fervoroso zelo lhe prepara
As agradáveis, cândidas ofrendas,
Que nunca os Altos, Soberanos Deuses
Deixam sem recompensa quem os honra.

Licore

Ûa ti destinei para adornar-te
No Sacrificio a fronte respeitável,
E pendente a deixei do vasto ulmeiro,
A cuja sombra descansar costumás;

E com outra, de mirtos fabricada,
A cabeça cingi do terno Amintas.

Silvano

Qual, Amintas, o Filho de Palemo?

Licore

Sim, meu Pai, o gentil, louro Mancebo,
Amor e glória das silvestres Musas,
Que ensinada me tem co'a doce frauta
Aqueles brandas, pastoris Cantigas,
Que tanto de me ouvir cantar te agradas;
Sim, o formoso Amintas, o mais belo
De todos os Pastares destes campos:
Seu ânimo inocente é tão sereno,
Como ribeiro em plácido remanso.
Ele conhece as saudáveis ervas,
Que do rebanho enferma os males curam:
Ele na frecha e no cajado destro,
Valoroso combate as bravas feras;
E se a fortuna os bens lhe nega avara,
Encheu-o liberal a Natureza
De mil raras virtudes, de mil graças.
Enfim, se ternamente amas Licore,
Se uma ditosa vida lhe desejas,
Permite, que de Amintas seja Esposa.

Silvano

Já tenha oitenta vezes visto, Filha,
Colher o Lavrador os dons de Ceres,
E sabe o Céu, se meus quebrados olhos
Tornarão na viçosa Primavera
A ver cobrir os troncos de verdura.
Tu és, Licore, o fruto derradeiro
Da minha sepultada e cara Sílvia;
És deste tronco a única vergôntea,
Que não tem decepado a mão da morte,
Os benéficos Deuses te conservam
Para recreio de meus longos anos;
Mas agora, que o corpo lasso e curva,
Já mal firmada no bordão nodoso,
Caminha para a fria sepultura,
Dar-te seguro arrimo determino;
Pois qual hera sem tronco a que se enlace,
É sem marido a mísera Donzela,
E tu já sabes, que elegido tenho
Do rica Mapso o Filho para genro.

Licore

Ah! não, meu caro Pai, antes quisera
Meus dias consumir, sem que me ligue
Do risonho Himeneu o doce laça,
Que ao agreste Menalca unida ver-me;
Nem o Mancebo Aléxis, nem o mesmo
Gentil Méris no Canto tão gabado,
Que cem vezes coroada já de mirtos
Viu a cabeça pelas alvas Ninfas,
Farão mudável meu amor constante.

Silvano

Amada Filha, não é tempo agora
De tratarmos de Núpcias, só devemos
Chorar a lastimosa adversidade,
Em que gemem do Alfeu as tristes margens.
Imploremos da Deusa o grande auxílio
Com fervorosas súplicas e votas,
E vamos, Filha, que a devota turba,
Sem dúvida impaciente já me espera,
Para virmos sobre estas santas Aras
Princípio dar ao público Holocausto.

ACTO II

CENA I

Turba de Pastores, e Pastoras, coroadas de flores, com ramos verdes nas mãos, aos quais precederá Silvano, Amintas, Palemo e Licore; virá depois saindo do Templo o Sacerdote.

Silvano

Afligidos Pastares, sossegai-vos,
Que nossos rogos ouvirá piedosa
A benéfica deusa, e a tantos males
Dará pronta o socorro desejado.
Rodeai esse Altar, que a receber-nos
Já vem do Templo o pio Sacerdote...
Grão Ministro da Filha de Latona.
Eis aqui os aflitos» habitantes
Do desolado Ménalo: estes seguem
Das castas Virgens o inocente bando,
Outros em várias turbas divididas,
Adornados de ramos e capelas,
Estão prostrados ante as Santas Aras,

Que neste Sacro Bosque se veneram.
Tu a nossa desgraça não ignoras,
Tu sabes a geral calamidade,
Que devora estas miseráveis campinas.

Sacerdote

Deploráveis Pastores, aos gemidos,
Que soam neste Bosque venerado,
As mesmas duras pedras se enternecem.
Ao mais penoso estado reduzido
Vos tem da Fera os horríveis estragos;
Porém, não duvideis que a tantos males
E clamores a Deusa compassiva
O terrível flagelo não abrande;
Que talvez indignada vos castiga,
Por não ver-vos submissos e obedientes
À voz de seus Oráculos Sagrados,
Porque vós esquecidos os seus cultos.
Há longo tempo que não tinge o sangue
De Vítima inocente estes Altares,
Nem de puro Holocausto o fogo brilha.

Silvano

Tem piedade de nós, que a ti corremos
Cama ovelhas do lobo perseguidas;
O remédio procura a nossos danos;
Examina as entranhas palpitantes
Da temerosa, destinada corça;
Das aves o presságio voos observa,
E os Divinos Oráculos consulta.
Tu só consolar podes nossas mágoas,
E dos Céus aplacar as justas iras;
Pois, nós te respeitamos como aquele
Que tem comércio com os Altos Deuses,
Que os enigmas compreendes e decifras,
Com que os designios revelar se digna
Aos humildes Mortais a casta Déia;
A Suprema Vontade nos declara,
Que eu em nome de todos os Pastores,
Sabre este Sacro Altar protesto e juro,
De cumprir o celeste mandamento,
Inda que um sacrifício de cem touros
Peça a benigna Deusa, e todo aquele
Que perjuro faltar ao que prometo,
Veja rebelde a Terra a seu trabalho
Produzir em lugar do louro trigo
A inútil grama, veja de contágio
O rebanho expirar, e os próprios Filhos.

Sacerdote

Vós invioláveis, cândidas Donzelas,
A quem só ver a face é concedido.
Do puro Simulacro, entrai no Templo,
Ide entoar os Cânticos Sagrados,
E à casta Deusa apresentar devotas
As ofrendas humildes e sinceras.
E tu, prudente ancião, co'os mais Pastores
Este Sagrado Altar fica cercando...
Sobre ele ponde os consagrados ramos,
Que por estas Donzelas inocentes,
Mandarei brevemente declarar-vos,
Do Soberano Oráculo os desígnios.

CENA II

Silvano e os mais Pastores

Silvano

Deusa dos bosques! Compassiva escuta
Nossas queixosas, míseras clamores;
Consola com algum anúncio fausto
O lamentável mal que nos oprime.
Nossos cansados braços, nossos peitos
Atribulados com pavor e sustos,
Em vão se esforçam contra o fatal Monstra;
Se tu, piedosa Deusa, não socorres
Tão infelices, destroçados campos,
Acabarão os seus habitantes
Pelos ferozes dentes devoradas.

Palemo

Venerando Silvano, dos Céus altos
A indignação caiu sobre estes montes
Como grossa chuva; a paz ditosa
Fugiu de nossos deleitosos vales.
Já das floridas margens dos regatas,
Onde os doces Cantores costumavam
A vinda celebrar da Primavera,
Com suaves Canções, a melodia
Da sonora frauta não se escuta.
O Pastor assustado não se atreve
A gostar, no rafeira confiado,
O leve sana sobre a mole relva,
Junta da clara fonte que murmura
Precipitada pelo fundo vale;

Nem pelo verde outeiro alegre pasce
O manso gado as saborosas ervas;
E balando faminto nos apriscos,
Dos úberes vazios vê pependes
Desfalecer à míngua as tenras 1 filhos.

Amintas

Anciãos respeitáveis, permiti-me,
Que tão sábios discursos interrompa:
Veja um Pastor, que aflito vem correndo,
E seu enfiado rasto nas segura
Algum novo desastre.

CENA II

Dameta e os mesmos

Dameta

Céus, valei-me.
Socorrei-me, Pastares!

Silvano

Que te assusta,
Que infortúnio, Dameta te acontece?

Dameta

Pastares... ai de mim!... Apenas possa
Ainda respirar... o pouco gado
Me roubaram, de que me alimentava.

Silvano

E que mão insolente e roubadora
Te deixou em miséria tão extrema?

Dameta

Uma pobre novilha e cinco ovelhas
Eram, Silvano, toda o meu rebanho;
Com seus velas os membros defendia
Dos frios sopras do gelada Inverno,
E com seu parco, saborosa leite
O precioso sustenta ao carpo dava;
Mas, vendo consumir de dia em dia
No curral triste a mísera manada,

A pascer a levei à mole relva,
Às verdes fraldas do vizinho outeiro.
Oh quanto fui incauto! Não cuidando,
Que tão perto da Aldeia andasse a Fera!
Tinha apenas descido para o vale,
Tosando as tenras e viçosas ervas,
Quando de entre uma balsa funda e densa,
Com ruído espantoso o Monstro salta;
A tão horrível vista o frio susto
A língua me entorpece e prende os passas;
Em um momento degolada veja
A formosa novilha e três cordeiras;
Eu, recobrando alento, gritos lança,
A sanguinosa Fera a mim se volta,
E sem dúvida já despedaçada
Pelas medonhas garras me veria,
Se com velozes passos lhe não fujo.

Silvano

Acudi, justos Deuses! Estes prados
Salvai de tão fatal calamidade,
Pobre Dameta! Quanto me lastima
Da perda de teu mísera rebanho;
Mas dá graças ao Céu, que brevemente
Verás tua desgraça reparada:
Uma gorda novilha e cinco ovelhas
Logo te manda dar de meus armentos.

Dameta

Generoso Silvano, o Céu premeie
De teu peito benéfico a piedade,
Com que meu desampara remedeias;
Sempre em tua cabana a paz habite;
Nunca maligna Estrela turbar passa
O repousa de teus cansados anos;
Sempre tua cabeça encanecida
Coroe de flores a risonha sorte.

Amintas

Ali! Silvano, saindo já do templo
Vem o Coro das Virgens.

Silvano

Céus, que vejo!
Chorasas e assustadas as Donzelas!
Filhas amadas, que sucesso infausto

Nos anuncia vosso amargo pranto?

CENA IV

As Virgens e os mesmos

Licore

Ah meu pai! Tu não sabes a desgraça,
O perigo fatal, em que nos vemos!

Silvano

Que imprevisto terror vos sobressalta?
Como bando de pombas temerosas
Das inimigas aves assaltado?

Licore

A sanguinosa morte, que se lança
Sobre nós, levantando a curva fouce.

Silvano

Que expiação funesta pede a Deusa?

Licore

O sangue de uma Virgem.

Amintas

Céus, que escuto!

Silvano

O sangue de uma Virgem! Justo Nume!
E de qual Virgem deve o puro sangue
Banhar o Altar Sagrado? Dize, Filha,

Licore

Ai de mim! Caro Pai, atento escuta
A Sacra voz do Oráculo terrível:
Tristes Pastores, responde a Deusa,
Quando debaixo do Sagrado Ferro
A garganta puser ãa Donzela,
Então vereis do Monstro decepada
A medonha cabeça.

Amintas

Gelo e tremor.

Dameta

Que nova tempestade se levanta!

Palemo

Ó Deuses! Que remédio abominável
Dais a nossas desgraças!

Silvano

Filha amada,
E que resolve o rígido Ministro?

Licore

Na fatal urna fica recolhendo,
Conforme o costumado, antigo rito,
Os tristes Nomes das aflitas Virgens,
E aquela, sobre quem a irada Cíntia
Fizer cair a lutuosa sorte,
Sem remédio será sacrificada.

Amintas

O coração em sustos me palpita
Como as folhas do Zéfiro agitadas.

Palemo

Que duro, que cruento Sacrificio!

Da meta

Ah, míseras Donzelas!

Silvano

Ah, Pastores!
Vós feridos estais de mágoa e susto;
Mas, quanto mais que as vossas lamentáveis
São minhas dolorosas agonias!
Que além de ver-me, como vós, exposto
A perder a inocente e amada Filha,
Consolação extrema, doce abrigo

De meus cansados e abatidos anos,
Me vejo pela dura primazia,
Que sobre estes Distritos me concede
A opulenta fortuna e longa idade,
Constrangido a tirar da fatal urna
A deplorável sorte. Justos Deuses!
Triste emprego, funesta preeminência!
E que será de ti, infeliz velho,
Se metendo a Mão trémula tirares
O Nome amado da querida Filha?
Ah não, piedosos Céus, salvai dementes,
Salvai a minha mísera velhice
De tão amarga, tão mortal angústia.
Minha Filha, entre aquela densa mata
Um Santo Altar se oculta, ali prostrado
Vou suplicar aos Deuses te preservem
Do terrível, cruento Sacrifício.

Licore

Sim, meu pai, as Supremas Divindades
Aos clamores do justo são sensíveis.

CENA V

Os mesmos excepto Silvano

Amintas

Ah, triste Amintas, de que aguda seta
Sentes o terno peito traspassado!
Que terrível desastre te figuram
Dentro da alma os receios e temores!
Ah formosa Licore! Em mais angústias
Se não vê aquela ave, que no ninho
Tem os implumes filhos, vendo a serpe
Enroscada no tronco que o sustenta,
Silvar vibrando a venenosa língua.

Licore

Ah, Pastor, os suspiros amorosos,
Com que lamentas meu destino incerto,
Farão suaves minhas agonias,
Se a justa Deusa tem determinado,
Que meu infeliz sangue as Aras banhe;
Mas não consumas com mortais cuidados
O terno coração, meu caro Amintas;
Não te entregues a sustos e temores,
Que inda os irados Céus não decidiram

De minha desgraçada, ou feliz sorte;
Pode ser que, sensíveis e dementes,
Aos fervorosos rogos e gemidos,
Que por mim lhes dirige um Pai magoado,
Ou talvez que escutando compassivos
Os suspiros e lágrimas queixosas,
Que exalam nossos inocentes peitos,
Do sanguinoso golpe me preservem.
Sinto de quando em quando ùa esperança
Vir alentar minha alma atribulada,
Como viração fresca, que os ardores
Mitiga dos ansiosos encalmados.

Amintas

Ah Pastora fiel! Quanto engenhoso
É sempre o teu amor, em consolar-me
Nos meus receios e mortais tormentos!
Como esconder intentas a meus olhos
De tua alma as acerbias agonias?
Se as rosas de teu rosto desmaiadas,
A branca testa pálida, e coberta
De um suor semelhante ao frio orvalho,
Teu doloroso estado estão mostrando?

Licore

Ai de mim! Eu confesso que me sinto
Quase sem movimento: o frio susto
Me tem no coração gelado o sangue;
Mas não devo assustar-me, quando vejo
Uma inocente, mísera Donzela,
Exposta nos alegres, verdes anos
A cair pela sacra mão ferida
Como viçosa flor que arado corta?
Uma de nós sobre este Altar Sagrado
Imolada será em breve tempo,
E qualquer destas tristes companheiras,
Que o Destino a ser Vítima condene,
Sentir me fará tanto o horror da morte,
Como se eu mesma o golpe suportasse;
Mas entre as amarguras me parece
Que ouço falar Amor dentro no peito,
Dizendo-me: «Não temas, que Licore
Ditosa viverá do terno Amintas.»

Amintas

Talvez que a dura sorte comovida
De tua formosura e minhas mágoas

Dentro da urna infausta te confunda.
Mas, que esperança vã me lisonjeia!
Se a inflexível, ávida desgraça
Nunca do menos belo se contenta.
O lobo roubador não tinge as garras,
Senão no sangue da melhor ovelha;
A negra tempestade não arranca
Os agrestes silvados, mas abate
A formosa, frutífera oliveira.
Ah! Que bem receei que a desventura
Contra meu puro amor se conjurava,
Quando vi, de repente um triste dia,
A roseira secar-se e a nova murta,
Que junto da corrente de uma fonte,
Eu mesmo tinha consagrado a Vénus;
A fatídica gralha à parte esquerda
Com rouco som também meu mal predisse.

Licore

Quantas vezes, Pastor, no pensamento
Debuxando mil bens e mil venturas,
Esperava que os cândidos Amores,
A nossos puros votos favoráveis,
Em laço indissolúvel nos unissem;
Porém, zombando os Deuses poderosos
Dos vãos projectos dos Mortais humildes,
Mudam em sustos minhas esperanças.
Mas, se para aplacar as justas iras
Determinam que meus chorosos olhos
Vejam luzir em vez da nupcial tocha
O fogo horrível da funesta Pira,
Ofrecer a garganta ao duro golpe,
Qual Vítima paciente irei submissa.

Amintas

Ó Céus! E sereis tão inexoráveis,
Que condeneis à morte sem piedade
Tanta Virtude, tanta Formosura?
Inocente Pastora, se o Destino
De extinguir os teus dias tem jurado,
Sem mim não passarás o turvo Letes.
Entre as garras lançar-me irei correndo
Do carniceiro Monstro e, destemido,
A duros golpes da pesada massa
Vingarei tua morte, antes que acabe
Contaminado pelo seu veneno.

Uma Pastora

Ah! Fugamos, fugamos, companheiras,
Que já lá vem do templo o Sacerdote
Nas mãos trazendo a formidável urna.

Licore

Sim fugamos, Pastoras, não sejamos
Testemunhas da nossa triste sorte.

Amintas

Ah, Licore, eu te sigo; justos Deuses!
Salvai-a do evidente precipício.

CENA VI

A Turba dos Pastores, Palemo, Dameta, o Sacerdote e depois Silvano

Sacerdote

Enfim, Pastores, a benigna Cíntia
Escutou vossos míseros clamores,
E sensível ao estrago lamentável...
Mas onde está Silvano?

Palemo

Está prostrado
Ao pé do Altar, que aquela mata oculta;
Mas ei-lo vem saindo dentre a rama.

Sacerdote

Vem, Ancião prudente, e respeitável,
Que cessar a geral calamidade
Brevemente veremos.

Silvano

Céu clemente!
Porque tão indignado nos oprimes!
Piedoso sacerdote... Ai de mim! Quando
Contentes esperávamos que a Deusa
Refúgio desse a nossos infortúnios,
Então em novo abismo nos despenha?

Sacerdote

Não, Silvano, Diana compassiva
Pronto remédio a tanto mal promete.

Silvano

Que funesto remédio! O Sacro Nume
As vingadoras iras não abranda,
Se de inocente, lastimosa Virgem
A garganta não rasga o duro ferro?

Sacerdote

Sim, Pastor; mas adverte, que os Arcanos
Das poderosas, altas Divindades,
São ao juízo humano inacessíveis,
E adorar seus Oráculos devemos
A fronte reverentes, inclinando;
E tu, de cujo exemplo estão pendentos
Os Pastores do Ménalo Sagrado,
Tu, que por mi solene juramento,
De imprecações horríveis carregaste
Aquele, que sacrílego e perjuro
O celeste Decreto não cumprisse,
És o primeiro que impugná-lo intentas?
Teme, Silvano teme, que vingança
De tão ímpia ousadia a Deusa tome.

Silvano

Não, Supremo Ministro, não presumas,
Que Silvano sacrílego pretenda
Atropelar os puros, santos votos;
Aos Divinos mandados submetido,
Das iras Celestiais o raio adoro.
Se com meus dons a Deusa se contenta,
Lhe oferecerei devoto sobre as Aras
De meus currais o numeroso gado,
E nos troncos das árvores fecundas,
Que me enriquecem de abundante fruto,
As chamas se alimentem do Holocausto;
Mas tremo à vista dessa fatal urna,
A desgraça lamento de uma Virgem,
Que vítima infeliz, o tenro colo
Ofreecer ao cruento golpe deve,
Corno inocente, temerosa ovelha.

Sacerdote

Um só instante mais se não dilate
A pia execução das Leis Divinas;

Obedece Silvano, os olhos cerra
Ao supremo Decreto do alto Nume:
Eis aqui o depósito terrível
Que da pedida, vítima placável
O triste fado oculta, e a ti compete
Animoso tirar a fatal sorte;
Não vaciles, Pastor, a mão estende,
Toca a Urna Sagrada.

Silvano

Céus, valei-me!
Oh cara Filha! Oh míseras donzelas!
Oh Deuses! Ai de mim! Que infeliz Pai!
Amparai-me, Pastores, que não posso
Firmar os fracos pés entorpecidos.

Palemo

Que mortal agonia te perturba?

Silvano

Que infeliz Pai! Que desgraçada Filha!...
Que ofensa, irados Céus..., vede, Pastores.
Ai de mim: respirar apenas posso.

Palemo

Ó Deuses! É a vítima Licore.
Ah, pobre Amintas!

Dameta

Misero Silvano,
Que nuvem carregada de pesares
Vem perturbar o Inverno de teus anos!

Sacerdote

Silvano, se aplacar do Céu as iras
Desejas, e salvar os pátrios campos,
Da terrível, geral calamidade,
Ofertar voluntário a Cíntia debes
Com ânimo constante a cara Filha;
E não queiras com míseros lamentos
Manchar a Expição Sagrada e pura.
Ide, pastores, publicar na Aldeia
O formidável, cândido holocausto.
Levai estes Sagrados, verdes ramos,

Que Diana propícia a vossos rogos
Vos promete salvar do Horrível Monstro:
Sim, ide, e sem demora conduzida
Ao templo seja a Vítima agradável,
Para conforme o costumado Rito,
Ser no banho lustral purificada,
Antes que sobre o Altar o colo estenda.

CENA VII

Silvano e Palemo

Silvano

Deusa dos bosques, formidável Deusa!
A tuas santas leis a fronte inclino.
Mas que enorme delito em mim castigas?
Acaso profanei os teus Altares,
A consagrada Vítima arrancando
Das puras mãos do pio Sacerdote?
Ou qual outro Actéon no fresco banho
Fui ofender-te com impuros olhos
O virginal pudor da castidade?
Não gastei o vigor dos verdes anos,
Em cultivar o teu Sagrado Bosque?
Os antigos loureiros, que plantados
Estão à roda do marmóreo Templo,
Não foram destas mãos sincera ofrenda?
Da copiosa fonte, que rebenta
No penhasco daquele verde outeiro,
O curso não mudei, porque a corrente
Banhasse em giros a Divina Selva?
Quantas vezes na lida trabalhosa
A ti contente a voz ergui, dizendo:
«Se as penosas fadigas, casta Deusa,
Que te consagro, são de prémio dignas,
Abençoa benéfica a cabana
Do piedoso Silvano, porque Veja
Crescer os tenros Filhos, como planta
Disposta em fresca margem de ribeiro;
Que a ser venham com teu feliz auspício
Estas vergôntes árvores frondosas,
A cuja sombra possa recrear-me
Na já cansada, trémula velhice.»
E assim premeias meus ardentes votos?
De seis Filhos, que o Céu me concedera,
Só me restava a mísera Licore,
Doce abrigo de um Pai encanecido,
E mandas arrancar-ma de entre os braços

Para vê-la expirar em morte crua?

Palemo

Teu doloroso estado, bom Silvano,
Pode mover as feras à piedade;
Mas não te entregues a mortais tormentos,
Perigosos a teus enfermos anos:
No seco Outono qualquer vento abate
As já crestadas, moribundas folhas;
Mas, nada menos eu ferido sinto
O coração paterno de agonias:
Se tu choras a perda de Licore,
Eu a cega paixão de Amintas temo.

Silvano

Ai de mim! Céus piedosos, socorrei-me!
Ou dai já fina a meus pesados anos!
Corre, Palemo, a prevenir teu Filho,
Que eu à minha cabana me retiro,
A dar um curso livre a tantas mágoas.

ACTO III

CENA I

Silvano e Palemo

Palemo

Sim, amigo Silvano, pela porta,
Que dá entrada aos raios de Sol posto,
Ao Sacerdote já mandei aviso:
Aqui virá buscar-te. Livrementemente
Lhe declara o legítimo motivo,
Que suspender o Sacrificio deve.
Licore tem jurado com Amintas
Amantes Desposórios, e não pode
Ser a Diana vítima agradável.

Silvano

Algum celeste Deus, Palemo amigo,
Te inspirou, condoído de meus males,
Tão benigno recurso, tu me a lentas
O desolado, moribundo peito.
Eu sinto renascer as esperanças
Dentro desta alma, como se estivesse

No vigor da enganada mocidade...
Mas ah louco! Que espero? O Amor paterno
Faz que vacilem, crédulos e incautos,
Meus experimentados, longos anos.
Ah, Palemo, se atrás os olhos volto,
E contemplo de meus viçosos dias
A vaga e tumultuosa variedade,
Vejo que as mais risonhas esperanças
De mim fugiram, como veloz ave,
O caçador avaro presentindo.
Ah correi, correi, lágrimas funestas,
Banhai as minhas enrugadas faces.

Palemo

Silvano, as amarguras, que combatem
Teu coração absorto, não te deixam
Ver mais que os infortúnios que te cercam.

Silvano

Eu bem sinto, Pastor, que a dor violenta
Faz delirar minha alma atribulada,
Pois os Supremos Deuses muitas vezes,
Se lhes agrada, salvam do perigo
Aquele, que vai já precipitado;
Mas, creio que do fado a lei terrível
Já tinha resolvido, que meus olhos
Vissem cortar na flor da bela idade
A tenra vida dos amados filhos.

Palemo

A pureza da Virgem destinada
Arde em desejos de amorosas núpcias,
E bem sabes que a Lei da casta Deusa
Do Altar exclui a Vítima, que impura
De Himeneu o profano Templo adora,
Nem seu Nome devia ser exposto
À fatal sorte, como os das mais Virgens.

Silvano

Quanto mais vou na mente revolvendo
Os presentes sucessos, mais a perda
De Licore infalível me parece.
Ah, Silvano infeliz, da cara Filha
Verás passar o peito delicado,
Se com portento raro os altos Deuses
A não salvarem do iminente» golpe.

Não, Palemo, excluída não devia
A triste Filha ser da fatal Urna,
Pois a Lei formidável exceptua
Só aquela, que tenha contraído
Solenes desposórios, confirmados
Com as festivas e usadas cerimónias;
E bem sabes que Amintas e Licore
Inda com paternal consentimento
As Capelas de mirto não trocaram.

Palemo

Pastor, não desesperes, não te deixes
Vencer, irresoluto e temeroso,
Da mortal aflição que te atribula;
O Lavrador, que tímido esmorece
Vendo atear-se o fogo na seara,
De seu duro trabalho perde o fruto.
Porque a salvá-lo impávido não corre;
Não desmaies, Silvano, não vaciles,
Segue, segue o projecto meditado;
Tu não ignoras quanto escrupuloso
Na pureza dos pios Sacrificios
É de Diana o casto Sacerdote,
E poderá, sabendo que se abrasa
Em amorosas chamas a Donzela,
Achar impura a Vítima e profana;
E de novo fará volver as sortes
Na formidável Urna.

Silvano

Em vão, Palemo,
Confiado em tão frívolo pretexto,
Esperar devo a tanto mal refúgio;
Porém, tua piedade e a mágoa minha
A paterna ternura me convencem,
Que deixar-se enganar deseja ansiosa.
Sim, Pastor, vamos, estes passos demos
Por suave caminho, inda que errado.

Palemo

Pois aqui vem o intérprete da Deusa
Os passos para nós encaminhando,
Reverente lhe expõe a justa causa.

CENA II

Sacerdote e os mesmos

Sacerdote

Importunos Pastores, que profano
A perturbar se atreve os Santos Ritos?
Porque mandais ao íntimo do Templo
Apressados chamar-me? Quando vedes
Que o Sagrado aparato estou dispondo
Do público, tremendo Sacrifício.
Está já pronta a Vítima placável?

Silvano

Venerando Ministro, se indiscretos
Teu religioso emprego interrompemos,
Desculpa nosso arrojo temerário;
Mas, constringido de importunos rogos,
Venho fazer-te com sincero zelo
Um talvez importante e justo aviso.

Sacerdote

É pertencente ao fúnebre Holocausto?

Silvano

Sim.

Sacerdote

Então livre fala, sem que ocultes
A menor circunstância.

Silvano

Alguns afirmam,
Que é maculada a Vítima, e que à Deusa
Agradável e grata ser não pode.

Sacerdote

Que dizes? E quais são as feias manchas,
Que a farão detestável? Porventura
Foi de lascivo Sátiro violada?

Silvano

Não.

Sacerdote

Pois o virginal e casto pejo
Tem profanado com ocultas núpcias?

Silvano

Nem ao menos brilhar o santo lume
Inda viu do Himeneu, mas por Amintas
De Amor suporta as venenosas setas.

Sacerdote

E terra com paternal consentimento
Algum solene ajuste celebrado?

Silvano

Ai de mim! Não, Supremo Sacerdote,
Antes minha vontade sempre oposta
Achou a seus desejos.

Sacerdote

Temerários!
Só dignos de castigo e não de amparo.
Que intentais com tão louco e vão pretexto?
Perturbar as Sagradas Cerimónias,
E a Vítima roubar das Santas Aras?
De uma simples donzela o puro sangue
Pede a triforme Deusa, e não de austero
Virginal coração, que Amor deteste.
Palemo, as minhas ordens executa
Fervoroso e submisso; a toda a pressa
Vai conduzir a Vítima Sagrada:
Obedece, Pastor e aqui te espero.

CENA III

Silvano e o Sacerdote

Silvano

Não julgueis que imprudente, e sem respeito
Aos Divinos Mistérios intentasse
Suspende o votivo Sacrificio
Para salvar da morte a Filha cara.

Sacerdote

Pastor, se austero e rígido executo
O Divino Decreto inalterável,
Não sou tão inflexível e inumano
Que teu Destino infausto não lamente;
Mas, se agora com dor o pranto soltas,
Chorarás de alegria, quando vires
Em venerando túmulo encerradas
As cinzas de Licore, quando leres
Escrito o brando Verso, que publique:
Aqui descansa em paz a bela Virgem,
Por quem da horrível Fera resgatada
Foi a oprimida Arcádia; a fria campa
Será em dia alegre e assinalado,
Ornada de cheirosas e alvas flores.
Pelas silvestres Ninfas, as Donzelas,
Em festivas e rápidas coreias,
Em torno cantarão sonoros Hinos.

Silvano

Grande Deusa, submisso e voluntário,
De Licore te ofereço a doce vida,
Benigna aceita meu sincero voto.
Mas, oh Délia imortal, a dor desculpa,
Que ver sem pranto derramar o sangue
Da suspirada Filha, Céus piedosos!
Não o permite a fraca Natureza.

CENA IV

Licore, a turba das Pastoras e Pastores, Palemo e os mesmos

Palemo

Eis aqui, Soberano Sacerdote,
A Donzela infeliz, cujo destino
Nas grutas chorarão as brandas Ninfas,
E soltarão gemidos os outeiros,
De inconsolável dor enternecidos.

Silvano

Ó Deuses, socorrei um Pai aflito!

Sacerdote

Vem, oh Virgem ditosa, a quem os Deuses
Dos Céus a clara entrada estão abrindo,
Vem receber no Templo as religiosas,
Sagradas Libações.

Licore

Ah, triste velho!
Deixa, fiel Ministro, que primeiro,
Em tanta dor console um Pai magoado.
Amado Pai, debaixo de que estrela
Me deste a frágil, desgraçada vida?...
Mas ai de mim! Que digo? Onde me lançam
As acerbos, extremas amarguras?
Quer a Deusa o meu sangue; e tu juraste
De observar seu Oráculo terrível.
Sim, meu Pai, é feliz a minha morte,
Pois te alivia do funesto peso
Das horríveis, fatais imprecações,
Com que o solene voto confirmaste.
Oh Céus! A voz me falta... Pai aflito,
Deste lugar odioso te separa,
Não acrescentes minhas agonias...
Ali! Não vejam meus olhos lacrimosos
Ao levantar do ferro a ferir pronto
Teu rosto desmaiar, e solto em pranto,
Gemidos exalar de angústias cheio.
Foge, velho infeliz, eu to suplico
Por aquele suave amor paterno,
Que o desolado coração te abrasa.
Adeus, meu pai, adeus, em paz te fica,
Pela última vez os braços abre
A esta amada, moribunda Filha.

Silvano

Enfim chegastes, mísero Silvano,
Ao doloroso, fúnebre momento,
De ver sacrificar ,a Filha amacia,
Qual paciente corça, ou mansa ovelha,
Seu inocente peito traspassado,
As Aras tingirá de vivo sangue?
Ah! Que já do cruento ferro sinto,
Nesta alma aflita o golpe... Imortal Deusa,
O duro Sacrifício em mim começa...
Ai de mim, cara Filha, digno objecto
De meus ternos cuidados... Sim, recebe
Em meus braços os últimos afagos...
Adeus, querida Filha, único abrigo
De minha triste e lânguida velhice...

Ah queira o Céu clemente em recompensa
Da nossa submissão cobrir-nos ambos
Com a fria Terra neste mesmo dia...
Adeus, em paz expira, Filha amada,
Eu resoluto parto, e tu humilde
Sobre o Sagrado Altar o colo estende.

CENA V

Os mesmos, excepto Silvano

Licore

Que horrorosas angústias, justos Deuses,
No terrível instante me rodeiam
Da suspirada morte! Partir vejo
De mortal aflição já quase exangue
O desgraçado Pai, o terno Amintas,
De compaixão, de puro amor ferido,
Acusa de cruéis os altos Deuses,
E com queixosos ais inconsolável,
Faz retumbar os vales e os outeiros.
Oh tormentos mais duros que os da morte!
Compassivo Palemo, a teu cuidado
Amintas recomendo, e o Pai aflito
Vai na dor perigosa consolá-los:
Dize-lhes, que fiel às suas mágoas,
Vou derramar os últimos suspiros,
E que meu inocente e puro sangue
A paz restituirá aos verdes campos
Do lacrimoso Alfeu; que os armentios
Tornarão a gozar do brando pasto,
Sem temerem da Fera as cruéis garras,
E que os Pastores em feliz repouso
Nos bosques cantarão ao som das frutas,
O lastimoso caso de Licore.

Sacerdote

Entra no Templo, Vítima obediente,
Vem ofrecer-te à Deusa, que te espera
Com plácido semblante, não dilates
A pia execução de seu Decreto.

Licore

Sim, vamos. Vós, oh caras companheiras,
Ornai de flores este Altar Sagrado,
Que meu sangue inocente banhar deve.

Quanto me é doce em tão fatal instante
Associadas ver-vos a meus males!

CENA VI

Palemo, a turba das Donzelas e Pastores e depois um Mensageiro

Palemo

Ah Pastores, que tristes, que espantosos
São nossos deploráveis infortúnios!
Haverá peito bárbaro, ou ferino,
Que de Licore o fado não lamente?
Conter não podem meus aflitos olhos
A corrente das lágrimas piedosas.

Mensageiro

Ah, Palemo infeliz, quantos desastres
Em um momento os irritados Deuses
Cair sobre nós fazem! Ó Pastores,
Que inesperado, que espantoso caso!
Ai de mim! Que mancebo miserando!

Palemo

Pastor aflito, que desgraça horrível
De novo ajunta o Céu a nossos males?

Mensageiro

Ai de mim!... Referi-lo apenas posso:
É de Amimas a morte inevitável,

Palemo

Ah mísero Palemo! Caro Filho!
Pastor, e que improviso, veloz raio
Sobre seus dias lança a dura sorte?
Talvez seu louco amor desatinado
O despenhou de levantada rocha?
Ou comia agudo dardo o brando peito
Traspassou em frenético delírio?

Mensageiro

Inda em raia is evidente e fatal risco
A sua vida está, se acaso vive,
Que eu julgo, que seus membros palpitantes,

Já com famintas iras lacerados,
A selva banharam de negro sangue.

Palemo

Ena que lago profundo, duros fados,
Palemo submergis?... Valei-me, oh Deuses?
Dize, Pastor, que mãos sanguinolentas
A tão funesto estado o reduziram?

Mensageiro

A desesperação, amor insano.

Palemo

Oh indómito Monstro, que devoras
A mocidade incauta.

Mensageiro

O triste Amintas
Vendo que sem remédio sobre as aras
Vai exalar a tenra e doce vida,
Licore amada de seu peito alento,
Gemendo sobre a Terra reclinado,
Com insofrível dor jazia enfermo,
Eu e Dameta, mia mortal angústia,
Em consolá-lo em vão nos esforçamos,
Quando o lânguido corpo levantando,
De improviso da mágoa ao furor passa;
A festiva capela irado arranca,
Que no chão em pedaços arremessa,
O lanoso surrão bramando rasga.

Palemo

Que furioso, que cego desatino!

Mensageiro

E depois, exalando um ai profundo,
Entra na choça o magoado Amintas;
Nós julgámos, que oculto a nossos olhos
Ia desafogar a dor c' o pranto;
Mas, aparece armado em um momento
De agudo dardo e de nodosa massa,
E como veloz cervo o denso Bosque
Correndo atravessava; nós ligeiros
Após ele voando nos lançámos;

Mas, já quando Dameta estava perto
De suspender-lhe os passos com mão firme,
Como feroz leão a nós se volta,
E diz, atrás o pé firmando destro,
Como quem se dispõe para o combate:
«Fugi, Pastores, de um desesperado,
Deixai-me em paz seguir o meu destino;
E se intentais o passo embaraçar-me,
Os primeiros sereis, que os duros golpes
Destas funestas armas experimentem.
Li core vai morrer, e o triste Amintas,
Fiel a seu amor, nas cruéis garras
Vai expirar da Fera juntamente,
Ou vingar com o seu total destroço
O sangue amado da infeliz Pastora.»

Palemo

Acudi, justos Deuses, defendei-o
Do formidável, iminente estrago.

Mensageiro

Nós imóveis ficámos, e assustados,
E com brandas palavras de amizade
Aplacar procurámos seus furores;
Mas a nossos saudáveis rogos surdo,
O louco Amintas a vereda segue,
Que ao vale dos loureiros encaminha;
Nós bradando o seguimos afastados»,
Quando junto da mata divisámos
O Monstro horrendo, que cevava os dentes
Nas carnes do rebanho degolado.
Assombrados ficámos e suspensos;
Mas Amintas, furioso e resolutos,
Na forte mão o dardo sopesando,
Para o fatal assalto se prepara.
Eu cheio de pavor os olhos cerro,
E por não ver o seu estrago horrível,
Atrás os passos volto e veloz fujo,
Dameta sobe em levantado freixo,
Em vão gritando: «Foge, foge, Amintas»,
Que sem dúvida já despedaçado,
Exalaria os últimos suspiros.

Palemo

Ai de mim! Fugir simato a luz dos olhos,
E cercar-me da morte a negra sombra.

Uma Pastora

Ó Deuses imortais, Amor tirano,
E vedes sem piedade nestas selvas
Dos Humanos correr, como regatos,
As dolorosas lágrimas, o sangue?

Palemo

Temerário mancebo!... Céus, valei-me!...
Adeus, Pastores.

Mensageiro

Onde vais, Palemo?

Palemo

Vou socorrer o desgraçado Filho.

Mensageiro

Tu deliras, Pastor? Que perigoso,
E que inútil projecto premeditas!

Palemo

Vou consolar ao menos minhas mágoas,
Abraçando seu mísero cadáver.

Mensageiro

Palemo, a que desastre vais expor-te?
Ah, segui-me, correi, Pastores, vamos
Os temerários passos suspender-lhe.

CENA VII

As Donzelas e depois o Sacerdote, Licore e Sacrificadores

Uma Pastora

Que chuva fatal de agudas setas
Desatam sobre nós os Céus irados!

Outra Pastora

Ah, tristes companheiras, vede, como
Ao lado de Licore o Sacro Ferro

Brilha nas mãos do rígido Ministro!
A dor me rasga as míseras entranhas.

Sacerdote

Olá, Donzelas, com semblante alegre
A vítima aplaudi, um só suspiro
A mágoa não derrame, tão jucundo
Holocausto os altares nunca viram.

Licore

Compassivas Donzelas, companheiras
De meus alegres, doces passatempos,
Os derradeiros, fúnebres suspiros
Recebem entre meus amantes braços...
Já nos sombrios vales e florestas
Soltar não me ouvireis a voz sonora,
A cujo som as aves se calavam,
Nem me vereis nas rápidas coreias
O destro pé mover em leve salto...
Adeus, caras, adeus, fiéis amigas...
E tu, que foste sempre, terna Alcipe,
Da minha sociedade inseparável,
Vem atar-me a funesta, mortal venda
Nos já turvados olhos: não me negues
Esta piedade no momento extremo.

Sacerdote

Sim, piedosa Pastora, o rosto aflito
C'o sacro véu lhe cobre.

A Pastora

Que amargura!

Licore

Ah, desgraçado Pai! Ó triste Amintas!

Sacerdote

Propícia aceita a», Soberana Deusa,
Da voluntária Vítima placável...

CENA VIII

Dameta e os mesmos

Dameta

Ah! Suspende, benigno Sacerdote,
Suspende o Sacrificio doloroso.

Sacerdote

Que profano, sacrílego interrompe
O sagrado holocausto?

Dameta

Atento escuta,
O mais raro prodígio, que Diana
Nestas Divinas Selvas tem obrado.

Sacerdote

Que dizes, imprudente?

Dameta

O feroz Monstro
A vida já rendeu a duros golpes.

Sacerdote

Que escuto, imortal Deusa!... Tu deliras,
Ou intentas, Pastor, alucinar-me?

Dameta

Não, supremo Ministro, ena vão não falo.

Sacerdote

E que mão destemida e valorosa
Dar pode a morte a tão cruenta Fera?

Dameta

O vigoroso Amintas.

Sacerdote

Como expor-se

Foi ousado um mancebo a tal perigo?

Dameta

Enfim entregue o namorado Amintas,
À desesperação, à dor violenta,
Determina dar fim a seus pesares,
Morrendo juntamente com Licore,
Ou vingá-la, matando a brava Fera.
As duras armas toma, e pelas selvas
Se lança como tigre, que arremete
O caçador, que a farpa lhe cravara.
As matas bate, as grutas investiga;
Avista o Bruto enorme, e resoluta
Acometê-lo vai com braço armado;
Mais audaz, e terrível não se pinta
O valoroso Alcides, combatendo
A formidável Hidra: o feroz Monstro
As medonhas goelas lhe apresenta,
E já para tragá-lo se avançava»;
Porém, com destra mão o dardo agudo
O Pastor lhe arremessa, e pela boca
Nas vorazes entranhas lho sepulta.
A cruel fera sufocada brama,
Vomita em borbulhões o sangue imundo;
Arrasta o corpo horrível, com as garras
Os troncos arrancando, o bravo Amintas
Levanta o forte braço, e na cabeça
Lhe descarrega repetidos golpes
Com a pesada dava;» ao estampido,
Com que as ásperas conchas estalavam,
As cavernas em torno respondiam;
Exala o Bruto os últimos arrancos,
Amintas a cabeça lhe separa,
E carregado c'o fatal despojo
O verá brevemente.

Sacerdote

Que portento!
Olá, Donzelas, a funesta venda
Desatai a Licore.

Uma Pastora

Ah companheiras,
Vede o triunfante Amintas, que a» seus ombros
Traz a cabeça da espantosa Fera.

CENA IX

Amintas, Palemo, a turba dos Pastores e os mesmos

Amintas

Inda vive Licore?

Dameta

Sim, Amintas.

Sacerdote

Vem, glorioso Pastor: esse despojo
Ofrece sobre aquele Altar Sagrado.
Que impenetráveis são dos grandes Deuses
Os ocultos juízos! Quanto errada
É dos fracos Mortais a mente cega!
Já compreendo, alto Nume, já dos olhos
Me dissipaste a sombra, que a luz pura
De teu Santo Mistério me encobria.
Vive, inocente e cândida Donzela.
A Deusa não pedia sangue Humano,
Só queria, Pastores, na constância,
E na pronta obediência experimentar-vos.

CENA ÚLTIMA

Silvano e os mesmos

Silvano

Vem a meus braços, valoroso Filho,
Libertador feliz dos pátrios campos.
Vem, digno Esposo de Licore amada,
Tu me arrancas da fria sepultura...
Ah deixa, Filha minha, que te banhe
Com as suaves lágrimas, que solto
De prazer, de alvoroço transportado...
Tua piedade enfim, clemente Délia,
Consola um triste Pai! A cara Filha
Restituindo a seus amantes braços!
Sempre bendita sejas... Ah Pastores,
Eu sinto remoçar-me, o vigor torna
A meus cansados, vacilantes membros.

Dameta

Viva o triunfante Amintas.

Toda a turba

Viva, viva.

Amintas

Enfim, Licore bela, nossas mágoas
Em júbilos mudou o Céu piedoso.

Licore

Sim, extremoso Amintas, tu me salvas
Das cruéis mãos da sanguinosa morte.

Silvano

Vinde, meus Filhos, adornar as fronte
Co'as nupciais capelas.

Sacerdote

Não, primeiro
Vinde por tão imenso benefício
Cantar os Hinos das devidas graças,
Pois, em tão fausto, memorável dia
Franquear as sagradas portas mando
Do Templo inacessível: vinde todos.

Silvano

Sim, Ministro adorável, os louvores
Da benéfica Deusa cantar vamos.

APÊNDICES

Em louvor do Autor em sua vida

SONETO

Mimoso Alcino, teu melífluo Canto
Faz esconder à Morte a foice ímpia;
Faz renascer da sepultura fria
O Século doirado e sacrossanto.

Eu vejo submergidas em espanto
As veneradas Deusas da Poesia.
Nossa Pátria de glória e de alegria
Os bons Guerreiros não c'roaram tanto.

Ah! Se Ulisseia em seu regaço visse
Fértil cópia de frutas tão amenas,
Talvez que a idade bela não carpisse!

As mais glórias teria por pequenas;
Que ainda que de todas se despisse,
Seria mais ditosa do que Atenas.

Alcino

ÉCLOGA

À morte do autor,

Por Domingos Maximiano Torres.

Alfeno

Salve, caro Pastor, meu doce Amigo,
Único amparo deste desditoso,
Como é à tenra planta o denso abrigo.
Que fortuna, ou que fado venturoso
As margens visitar do Tejo ameno
Agora te conduz, gentil Frondoso?

Frondoso

Vem a meus braços, vem, querido Alfeno,
Mais grato aos olhos meus, do que à manada
O cheiroso tomilho e o mole feno.
Sentemo-nos na relva matizada
De mil flores à sombra da parreira,
Com estes verdes choupos enredada.
Vê, como a aura branda e lisonjeira
Sussurra lá no Plátano frondente,
Cujas raízes lambe esta ribeira.
Ontem caiu-me o Capro da semente
Lá no Rio da Aldeia tão sem tino,
Que se afogou na rápida corrente.
Assim venho escolher um Capro, dino
De me guiar o gado petulante,
Nos copiosos fatos de Falcino.
Parti quando nascia o Sol brilhante;
Eis aqui, meu Pastor, a causa ouviste
De eu cometer caminho tão distante.
Mas tu que tens, que assim te vejo triste
C'os olhos lagrimosos e pisados,
Que creio toda a noite não dormiste?
Levou-te acaso a cheia os semeados?
Ou as tuas ovelhas engafecem,
Mal que também nos traz amofinados?

Alfeno

Oxalá que as searas percessem,
E o rebanho que eu tenho tão mimoso,
Do que desgraças tais me acontecessem!

Mor dano, irreparável, lastimoso,
Vexa esta vida mísera e mesquinha.
Ah, querido Pastor, quanto és ditoso!

Frondoso

Aclara já esta alma triste minha,
Que não sei que funesta desventura
O coração pressago me divinha!

Alfeno

Frondoso, aquela luz serena, e pura,
Mais alma que a do Nume matutino,
Que ilustrou tanto nossa terra escura.
Aquele espírito enfim alto e divino,
Das nove Irmãs esteio ilustre e forte,
A morte nos roubou: é morto Alcino.

Frondoso

Alcino é morto! Alcino! E pôde a Morte
Com ser cruel, fazer tal crueldade?
Corre tudo no Mundo assim por sorte!
Derriba o alto cedro a tempestade,
Agrestes urzes, ríspidos silvados
Salva só com injusta piedade.
Louco, que dizes tu! Nossos pecados
Aos Santos Céus clamaram tal castigo;
Não vem de errada sorte, ou cegos fados.
Aquela santa paz do tempo antigo,
Singeleza, verdade e a inocência,
Contra as iras do Céu seguro abrigo,
De nós fugiram à feroz violência,
Com que os vícios cruéis as saltaram,
Vendo-nos sujeitar sem resistência;
No puro coração se agasalharam
Do defunto Pastor, do nosso Alcino,
Onde em doce união sempre moraram.
Mas dos Céus o conselho alto e Divino,
Querendo dar-lhe a justa recompensa,
O levou deste Mundo baixo e indino.
Que nuvem de infortúnios turva e densa,
Campos do Tejo, cobre os vossos ares,
Que mais e mais medonha se condensa!
Vesti-vos de tristezas e pesares,
Vales amenos, verdes serranias;
Chorai, Pastores, lágrimas a mares.
Quão justamente, Alfeno, me dizias
Que era a tua perda incomparável

Pois mais, que outrem, senti-lo assim devias!
Perdeste um Mestre sábio e amável,
Cuja Doutrina clara e virtuosa,
Te fez para com todos estimável.
Eia! Honra a memória gloriosa
De um tal Amigo, em verso terno e brando,
Com tua voz suave e sonora.
Eu te irei com a frauta acompanhando:
Vê, como esta ribeira te convida,
Por entre os brancos seixos murmurando.

Alfeno

Nada podias tu, por minha vida,
De mais gosto pedir-me, inda que tenho
A voz de suspirar enrouquecida;
Mas se o caso cruel a contar venho,
Temo que me sufoque o triste pranto,
Que em meus cansados olhos mal sustenho.
Tempera a doce frauta, Amigo, enquanto)
O loiro Deus de mim é invocado,
Que me inspire um suave e terno Canto,
Digno de Alcino, dele sempre amado.

I

Correi, lágrimas minhas, manso, e manso
Banhai-me sem cessar o triste rosto,
Movendo as feras da montanha dura,
E os peixes deste plácido remanso
A sentirem também o desgosto,
E a minha irreparável desventura.
Ah que lei tão iníqua da Natura!
Nas campinas amenas,
As brancas açucenas
Perecem e renascem de contínuo,
E só (com mágoa nossa e mil pesares)
Vemos que tu, Alcino,
Nos deixas para nunca mais tornares!

II

Ah que bem agoiravam tua morte
Mil sinais e portentos inauditos!
Arde de noite em chamas luminosas,
E com sanguíneas manchas todo o Norte.
Cercam a Aldeia espectros infinitos,
Em formas gigantescas espantosas,
Dando roncões e vozes pavorosas.
E unia gralha agoireira

Sobre aquela oliveira
Na véspera daquele fatal dia
Grasnou co'a rouca voz tão aturada,
Até que em tal porfia
Sem alento caiu arrebetada.

III

Ceava um dia (dia desgraçado)
Dos seus frutos alegre o brando Alcino,
Aos Céus dando mil graças e louvores;
Come um pomo, talvez envenenado
De pestilente bafo viperino.
Súbito o saltaram cruéis dores,
Ânsias mortais e frígidos suores.
Como pode a Natura
Criar nesta espessura
Tão activo veneno que, tocando
Esses teus doces lábios num momento,
Se não fosse mudando
Em suave salutífero sustento!

IV

Jaz trabalhado do mortal veneno,
Fitas os olhos, fitas as pestanas
No Céu resplandecente e cristalino,
Com o semblante angélico e sereno;
Ao redor os Pastores e Serranas
Suspiram tristemente de contínuo.
Até que vendo enfim o pobre Alcino
Ledo, constante e forte
Chegar-se a feia Morte,
Aos Pastores estende os frouxos braços,
Despedindo-se cheio de alegria
Com mil ternos abraços;
Aos quais com débil voz assim dizia:

V

«Ficai em santa paz, meus bons Amigos.
Queira o Céu preservar-vos as manadas
Dos maus lobos, dos olhos venenosos,
Nem lhes faltem jamais férteis pascigos,
Segui em vossos cantos as pisadas,
Que, à custa de trabalhos gloriosos,
Vos deixam em seus versos numerosos
Cândido, e o grande Elpino,
E Coridon Divino.
E sobretudo honrai, oh meus Pastores,

Com Pio Culto os Deuses Soberanos;
Honrai vossos Maiores,
E o Grão-Pastor dos campos Lusitanos.»

VI

Não pode mais dizer. Eis logo corre
C'os olhos a buscar a luz do dia
Três vezes, e gemeu de tê-la achado;
Levanta as mãos ao Céu, suspira e morre.
Em tanto em toda a choça não se ouvia
Um só gemido, um pranto magoado,
Ficando cada qual, como embaçado;
'Té que o pesar violento,
Não tendo sofrimento
De mais estar no peito comprimido,
Pelos olhos rebenta em larga veia
Com tão forte alarido,
Como se ardesse em chamas toda a Aldeia.

VII

As Ninfas, como doidas gritos dando,
Arrancam as madeixas de oiro fino,
Torcendo para o Céu as mãos formosas;
Mil lágrimas dos olhos derramando,
Exclamam, sem cessar, «Alcino! Alcino!»
Ouvindo o Tejo as vozes lastimosas,
Que davam as gentis Ninfas queixosas
Na limosa caverna
Foi tal a dor interna,
Que pelo seu Pastor no peito sente,
Que atónito lhe cai das mãos preclaras
A urna refulgente,
Alagando as campinas e as searas.

VIII

Naquele dia infausto não se viam
Nos pastos as lanígeras manadas,
Nem gostaram as límpidas correntes.
Nossas cabras, que apenas se buliam
Com as tetas de leite retesadas,
Hoje matam à míngua os seus neixentes.
Já debalde lançamos as sementes
Dos grãos de melhor casta,
Nesta Terra madrasta;
Pois, em lugar de gradas sementeiras,
Prémio de nossas vidas trabalhosas,
Só negrejam nas eiras

O joio e as ervilhacas amargosas.

IX

Depois que nos deixaste, caro Alcino,
Um denso nevoeiro nos destrói
Os frutos mal vingados da oliveira,
A frígida saraiva de contino
As vinhas c' o pulgão nos cresta e rói.
O nobre loiro e a triunfal palmeira,
Que antes ornavam tanto esta ribeira,
(Oh sucesso estupendo!)
Se foram convertendo
Em rudes tamargueiras e carrascos;
Já boninas o prado em si não cria,
Quando até nos penhascos
Noutro tempo brotavam à porfia.

X

Tristes de nós, Pastores, que perdemos
Nossos dias mais ledos e ditosos!
Tudo jaz com Alcino sepultado;
Nem mais na doce fruta lhe ouviremos
Entoar-nos os Versos numerosos,
Deixando a cada qual, como encantado,
Dos seus sonoros lábios pendurado.
Choremos, pois, contino
Nosso infeliz destino,
E das Parcas cruéis o cruel corte;
Pois todo o nosso bem, nossa ventura
Encerra a fria Morte
Numa triste e breve sepultura.

Frondoso

Depois de noite escura e tempestuosa,
De relâmpagos mil alumiada,
Com breve luz, medonha e ruidosa;
Quando do húmido Sul a fúria irada
As negras nuvens pluviais rasgando,
Deixa a Terra das cheias alagada;
Não é tão grato ver o Sol raiando
Lá no Oriente, plácido e sereno,
Os saudosos campos alegrando;
Como agora me foram, caro Alfeno,
As graças dos teus Versos peregrinas,
E o teu sonoro canto, doce e ameno.
De hera, nardo, e odoríferas boninas,
Em prémio de tão rara melodia,

Te c'roe Febo co'as Irmãs Divinas.
Já lá no verde Ménalo te cria
O claro Délio um loiro florecente,
Para cingir-te a fronte em algum dia.
Agora, meu Pastor, também consente
Que me exprima esta minha alma saudosa,
Quanto do morto Alcino alegre sente.
Afina a tua fruta sonora;
Que quero em minha Musa agreste e rude,
Mostrar-te a recompensa gloriosa,
Que os Deuses dão à cândida Virtude.

I

Do despojo mortal já livre Alcino
Vai entrando suspenso e arrebatado,
Na região do Olimpo clara e pura;
Já pisa ufano o Sólido cristalino
De inextinguíveis lumes marchetado,
C'os olhos em mais alta formosura.
E olhando às vezes lá da suma altura
Ao Mundo com espanto
Vê o forçoso encanto,
Com que nos alucinam mil sereias
Trocando frágeis bens, falsas riquezas,
De mil misérias cheias,
Por sempiternas celestiais belezas.

II

Noutros bosques mais verdes, mais viçosos,
Noutras fontes mais claras, mais amenas,
Discorre o brando Alcino praticando
C'os Espíritos gratos e mimosos
De Febo, e das dulcíssimas Camenas,
Que a nossa Lusitânia estão honrando;
Um Divino Camões, suave e brando,
Por quem ainda agora
O Padre Tejo chora;
Os Sás, Ferreira, e os dous que tanto afamam
O doce Liz e o prateado Lima;
E outros mil, que se aclamam
Mestres subtis da Portuguesa rima.

III

Oh Pastores, lançai, lançai cad'ano
No seu sepulcro flores às mãos cheias;
Celebrai-o nas frutas ressonantes;
O nosso Ménis dançará ufano,

Imitando nas rápidas coreias
Os caprípedos Sátiros saltantes.
Virão também as Tágides galantes,
Para honrar este dia
Com festas de alegria,
Umhas sonoras cítaras tocando;
Outras na doce voz os seus louvores
Acordes modulando
Com Vénus, com as Graças, c'os Amores.

IV

Sê propício aos teus, amado Alcino:
Nem tanto a glória imortal te eleve,
Que te esqueças do Tejo desgraçado,
Que saudoso chora de contínuo.
Seja aos teus ossos sempre a terra leve;
E se os meus votos ouve o Céu Sagrado,
Cedo terás um túmulo elevado,
Onde se leia escrito:
«Memória sou que grito
Para testemunhar eternamente
No Século presente e no vindouro,
De um Pastor excelente,
Que entre nós renovou a idade do ouro.»

Alfeno

Quão eficaz, e doce medicina
Nesta chaga profunda derramaste
Com teu celeste Canto e voz Divina!
Minhas lágrimas tristes enxugaste,
E o pobre coração atribulado
De torrentes de júbilos banhaste.
Mas vamos conduzir o manso gado,
Que junto daquela árvore sombria
Se vê quietamente rebanhado.
Vem honrar-me co'a tua companhia,
Caro Frondoso, à minha pobre choça;
Vamos, que é posto o Sol, e a noite fria
As negras sombras à porfia engrossa.

SONETO

À morte do autor

Pelo mesmo

Alma feliz, que para o Céu voaste,
Livre desta prisão e cárcer cego,
Onde gozas em plácido sossego
Do Sumo Bem, que tanto, Alcino, amaste.

As procelas horríficas domaste
Deste empolado e furibundo pego;
Melhor, que as evitou o sábio Grego,
As pérfidas sereias evitaste.

Se nessas regiões sempre ditosas,
Imensa plenidão do prazer puro,
Escutas minhas vozes saudosas,

De lá me mostra neste vale escuro,
Com as tuas virtudes luminosas,
Por onde subirei a ti seguro.

Poema de Nicolau Tolentino.

Aconselhando um cabeleireiro que não continuasse a fazer versos

Pois que o talento inquieto
Até em poesias provas,
E queres às mais desgraças
Ajuntar desgraças novas;

Pois que em galantes cantigas
Teu rival puseste raso,
E coroado de trovas
Vás entrando no Parnaso;

Quero em trovas avisar-te,
Que há baixios nesta barra;
Vou ser pregador trovista,
Vou ser um novo Bandarra.

A ocupação de poeta
É nobre por natureza;
Mas todo o officio tem ossos,
E os deste são a pobreza.

Os dentes do bom Camões
Sejam fiéis testemunhas;
Muitas vezes esfaimados
Não acharam senão unhas.

Depois que seus frios olhos
Se fecharam no hospital,
Logo as filhas da Memória,
Lhe ergueram busto imortal.

De que serve honra tardia?
Bem sei que o rifão vem torto,
Mas faz lembrar a cevada
Que se deu ao asno morto.

Só as Musas o choraram;
E o enterro devia ser
Como hoje nos pinta o Lobo
O de João Xavier.

Homero, o divino Homero,
Honra de antigas idades,
Por cujos inúteis ossos
Brigavam sete cidades;

Doces versos recitando,
Pela Grécia discorria;
Tinha os tesouros de Apolo,
E esmola aos homens pedia.

Mas se de autores antigos
Tens tido pouco exercício,
Eu te aponto um bem moderno,
E até do teu mesmo ofício:

Foi este o famoso Quita,
A quem triste fado ordena,
Que a fome lhe traga o pente
E da mão lhe tire a pena.

Enquanto na suja banca
Pobre tarefa tecia,
Seu espírito sublime
Sobre o Parnaso se erguia.

Cosendo sobre os joelhos
Em dura, falsa caveira,
A sua alma conversava
Com Bernardes e Ferreira.

Mil vezes travessas Musas
Da baixa obra o desviam,
E mostrando-lhe o tinteiro
Pós e banha lhe escondiam.

Mas de que servem talentos
A quem nasceu sem ventura?
Vale mais que cem sonetos,
A pior penteadura.

*Com versos nada se compra:
O inexorável tendeiro
Só lhe aceitava papéis
Se tinham dentro dinheiro.*

Amigo, vamos errados;
Escolhemos muito mal;
É o fado dos poetas
Não professarem real.

Pega no pardo baralho,
E sobre a cama assentado,
Fisga as biscas conhecidas,
Ao parceiro descuidado.

Matando boçais tafuis
Vai mexendo os papelinhos;
Nem poupes no cadafalso
As gargantas dos sobrinhos.

Em lhe vendo uma de seis,
Arma-lhe os laços viscosos,
Antes que lhe caia *a china*
Na seira dos laparosos.

*Aborda venal xaveco
Que capeaste de dia,
Paga-lhe em falsa soa lha
E pede-lhe a demasia.*

Imita ondados cabelos,
Com rubro lápis na mão;
Estas pinturas dão *china*,
As da poesia não.

Se em roda de loiras Ninfas
Giram em torno teus ais,
Enquanto *lhe* deres versos,
Acharás sempre Vestais.

Falo como exp'rimentado;
Falo com peito sincero;
Pode uma vara de fita,
Mais que a *Iliada* de Homero.

No sonoro bandolim
Fortuna as armas te deu;
Não há Dama que resista,
À moda do Melibeu.

Toca-lhe mil contradanças;
Mas se não tiverem *Dom*,
Entre elas não sevandijes
O *fidalgo* Cotilhom.

Nestas coisas é que eu creio;
Poesia é *malfadada*;
Assenta, amigo Luís,
Que nunca serviu de nada.

Poucas damas a conhecem;
Se a pedem, e se a festejam,
Gostam do que não entendem,
Pedem o que não desejam.

Inda que por moda querem,
Que lhes repitam versinhos,
Têm por modas de mais gosto
Convulsões e josezinhos.

Uma Vénus me pediu,
Por quem inda eu hoje peno,
Que lhe fizesse um soneto
Inda que fosse pequeno.

Dinheiro, invicto dinheiro,
Só em ti é que eu me fundo;
Tens o direito da força,
És o tirano do mundo.

Amigo, escolhe um paralta,
Corpo esbelto, perna tesa,
O chapéu tocando as nuvens,
As fivelas à maltesa.

Ornem-lhe loiros canudos,
Pendientes com igualdade,
Tenras faces, onde moram
A saúde e a mocidade;

Chegue à boca rubicunda
Cheiroso lenço anilado;
Dê bilhetinho discreto,
De uma novela furtado.

Mas põe da outra parte um ginja,
Fivela de ouro no pé,
Bom vestido de lemiste,
Boa meia grudifé,

Com óculos no nariz,
Mas com a pena na mão.
Assinando vinte letras
Para Londres e Amesterdão;

E dize-me qual assentas
Que será o mais querido?
Aposto que as damas todas
Cuidam que o velho é Cupido?

Amigo tenho acabado
O meu comprido sermão;
Preguei-te as altas verdades
Que trago no coração.

Abre mão das poesias,
Que nenhum préstimo têm;
E cuida em sólidos meios
De ganhar algum vintém.

Se dizes que contra os versos
Em verso uma carta ordeno,
E aqui me contradigo,
Praticando o que condeno,

A teu forçoso argumento
Respondo com frei Tomás:
Faze o que o pregador diz,
Não faças o que ele faz.

Transcrição de José Barbosa Machado a partir das edições de 1781 (*Obras de Domingos dos Reis Quita*, Lisboa, Tipografia Rollandiana) e de 1831 (*Obras de Domingos dos Reis Quita*, Lisboa, Tipografia Rollandiana), comparada com a edição de 1766 (*Obras Poéticas*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa).

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
